

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

FELIPE MOURA DE OLIVEIRA

**Produção da notícia e movimentos sociais:**  
**PROCESSOS DE SEMIOSE NO JORNALISMO**

São Leopoldo  
2012

FELIPE MOURA DE OLIVEIRA

**Produção da notícia e movimentos sociais:  
PROCESSOS DE SEMIOSE NO JORNALISMO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Ronaldo Cesar Henn.

São Leopoldo  
2012

O48p

Oliveira, Felipe Moura de.

Produção da notícia e movimentos sociais : processos de semiose no jornalismo / Felipe Moura de Oliveira. – 2012.  
286 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2012.

"Orientador: Profº Dr. Ronaldo Cesar Henn."

1. Jornalismo. 2. Semiótica. 3. Movimentos sociais – Cobertura jornalística. 4. Zero Hora (Jornal). 5. Correio do Povo (Jornal : RS). I. Título.

CDD 070.4

CDU 070

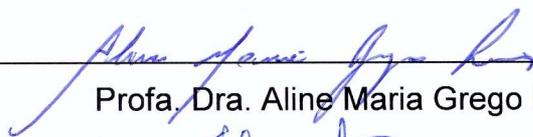
FELIPE MOURA DE OLIVEIRA

“PRODUÇÃO DA NOTÍCIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: PROCESSOS DE SEMIOSE NO JORNALISMO”

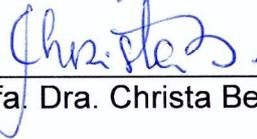
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 04 de abril de 2012

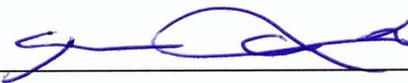
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aline Maria Grego Lins – UNICAP



Profa. Dra. Christa Berger – UNISINOS



Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – UNISINOS

*Aos que acreditam em uma sociedade mais justa e fraterna;  
Aos que fazem, na singeleza das suas relações pessoais, profissionais, ou no altruísmo da  
dedicação aos movimentos sociais, a sua parte para outro mundo possível.*

## AGRADECIMENTOS

Reservo-me o direito, e peço licença ao leitor para tanto, de me estender um pouco nos agradecimentos. Não posso deixar de citar professores, colegas, amigos, a família. Pessoas que contribuíram para que esta conquista se concretizasse. Além do mais, é uma seção prazerosa de escrever. É escrita quando tudo parece que vai dar certo. Se der certo, é por força da colaboração destes estimados, com quem aprendi. E aprendi muito.

É inegável a satisfação pessoal, muito particular, por chegar ao final de um curso de mestrado. Ver materializada uma dissertação que atingiu os objetivos a que me propunha quando entrei nessa empreitada: nada mais do que promover o debate sobre um tema que para mim é caro. O que mais sair deste esforço é resultado do que fora possível apreender da experiência que a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e, em especial, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) me proporcionaram. A estas instituições, obrigado!

Uma referência mais formal, porém muito importante, faço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal (Capes), que viabilizou esta pesquisa. Apoio determinante e que só se foi possível pela confiança que me fora depositada pelos professores Beatriz Marocco, Christa Berger e Ronaldo Henn, da Linha de Pesquisa de Linguagem e Práticas Jornalísticas (LP2), da qual tenho a honra, hoje, de fazer parte como aluno, que acreditaram na minha proposta. Na sinceridade da relação que construí com estes doutores, de capacidade intelectual e sensibilidade incomparáveis, quero manifestar meu agradecimento. E em nome deles, e do professor José Luiz Braga, que me emprestara sua sabedoria com uma leitura dedicada e contribuições generosas na banca de qualificação, ao lado da professora Christa – que voltaria a contribuir na banca de defesa –, estendo aos demais professores do PPGCCOM da Unisinos. À professora Aline Grego Lins, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), pela disposição de vir de longe, para a banca de defesa, trazendo seu olhar único sobre a relação que proponho entre Jornalismo e Semiótica.

No que diz respeito às experiências que se somam ao produto que é fruto do meu processo de formação, cito ainda os profissionais dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*, por terem me acolhido no movimento etnográfico que empreendi. Citando-os, agradeço também às direções do Grupo Record e do Grupo RBS.

Chego, então, a quem é, sem o receio do exagero, um dos principais responsáveis por esta dissertação: o professor Ronaldo Henn. As palavras têm suas limitações para definir o que seja reconhecimento. Com aquelas que consigo lidar, expresso a minha imensa gratidão.

Quando da conclusão da monografia, no final do curso de Jornalismo, também sob sua orientação, já fora possível conviver com um professor que, de fato, quer ver o conhecimento avançar; um professor que não tem o receio de dividir a experiência que alcançou ao longo de uma trajetória que lhe conferiu o título de doutor. Da conclusão da graduação até aqui foram quatro anos. E esse mesmo professor que me ensinou a olhar para a pesquisa como possibilidade de contribuir para uma sociedade melhor, ajuda a formar mais um mestre, que segue seu exemplo; que continuará tentando encontrar soluções para os problemas do Jornalismo. Talvez não as encontre. Mas enquanto houver pesquisadores como o professor Ronaldo, haverá tentativas. Ronaldo, o amigo: muito obrigado!

Fiz amigos na turma de mestrado da qual participei que, confesso, não esperava. Não em tão pouco tempo. Em dois anos, pelo menos enquanto a rotina alucinante a que acabamos por nos submeter, permitiu, estivemos juntos: contribuindo com indicações de leituras, discutindo os objetos de pesquisa – independentemente da relação com os nossos –, tensionando as teorias. E isso, absolutamente, não é comum. Aos colegas, todos, obrigado pela oportunidade de conviver, de trocar experiências! Aos amigos Adriana Garcia, Lara Nasi, Giovanni Rocha, Marlon Lesnieski, Robert Thieme, Maria Luiza Soares, Tabita Strassburger, Júlia Capovilla, Márcia Bernardes, Marina de Albuquerque, Alciane Baccin, Dadylla Rabelo, Bianca Alighieri... E tantos outros. Companheiros que fizeram essa trajetória mais feliz!

Há, ainda, outras duas colegas que gostaria de fazer menção. Marcia Veiga, que, aliás, compõe formalmente esta dissertação ao ter sua pesquisa citada: colega da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Poderíamos não ter cruzadas nossas caminhadas enquanto pesquisador e pesquisadora. Tivemos no Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) do PPGCCOM da Unisinos, o que me proporcionou, pela sensibilidade que lhe é peculiar, a chance de pensar estratégias para a minha pesquisa de campo. E a colega Vanessa Hauser, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Uma história de amizade que começou por acaso, em um congresso de comunicação, em São Paulo, no grupo de trabalho que nem ela nem eu deveríamos estar. Pois não é que estávamos? Foi o que bastou para trocarmos experiências muito semelhantes. Quem mais apostaria numa inspiração marxista em pleno Século 21? O marxismo avança; se atualiza. No gesto de se dispor a ler o que pude produzir, no processo de produção mesmo, com a expectativa de ensinar e aprender, ao mesmo tempo, identifico um ato de solidariedade. Cumplicidade é um valor que trago à tona.

E os amigos que me acompanham desde a época em que pesquisar não era a minha rotina, mas que tem, também por isso, contribuição fundamental. Porto seguro. Citando Gilvan Müller e Juliana Vestfahl, Allin Lopes e Fernanda Rodrigues, Gustavo Lorscheiter e

Kamila Hugentobler, Ivan Müller, espero estar representando a todos. Agradeço a cada um! À minha mãe, Maria Regina de Moura, na simplicidade do carinho, no colo; e ao pai, Adão Carlos Costa de Oliveira, na força, na confiança. Aos irmãos, Julia Mattos de Oliveira e Gustavo Moura de Oliveira. À Jussara Bassani, a sogra. A estes queridos, peço: sintam orgulho de vocês mesmos, que fazem parte desta conquista!

Não sei como definir Fernanda Bassani senão companheira. Qualquer outra definição não representaria o apoio irrestrito para que esta dissertação, e que projetos de futuro, se concretizem. Tem sido assim há nove anos. Uma relação de amor, acima de tudo, mas de respeito, de inspiração para novos desafios. Resumo meu agradecimento a uma palavra, simples assim: amor!

## RESUMO

Esta dissertação dedica-se a refletir acerca da construção da notícia sobre os movimentos sociais. Trata-se de uma análise das rotinas produtivas que elege como ambiente para a investigação as redações de dois jornais de Porto Alegre (RS): *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Inspirado na etnografia, o método consiste na observação das práticas de jornalistas no seu cotidiano – sete dias em cada redação –, e na produção, à luz das teorias mobilizadas, de inferências que contribuam à compreensão do problema: quanto da complexidade dos movimentos sociais o Jornalismo pode representar? E mais: que fatores da ordem das relações políticas, econômicas e sociais incidem nesse processo? A discussão é iluminada pela Teoria Geral dos Signos, de C.S. Peirce, em especial no conceito de semiose. Portanto, a notícia é entendida como signo, constituído por lógicas diversas, que alimentam complexos processos de semiose, e fator de mediação entre os acontecimentos e o público/leitor. Alia-se a isso a definição de acontecimento em Louis Quéré, dotado de um *poder hermenêutico* que revela campos problemáticos representados como objeto semiótico do signo/notícia. Propõem-se um exercício dialético de definição dos conceitos-base, seguido da ida ao campo, para, então, na abstração, no cotejamento entre teoria e prática, estabelecer uma síntese razoável. E o resultado se mostrou revelador. Em meio a uma sociedade marcada pelo “consenso neoliberal”, um Jornalismo que preserva convenções fortemente redutoras da complexidade semiótica de organizações que não alinham-se à essa perspectiva e ao Jornalismo tratado como negócio no capitalismo, há, sim, espaços alternativos de produção de sentido pelos quais se processa uma semiose da notícia que constrói um signo capaz de dar a ver mais das demandas dos movimentos sociais na condição de campo problemático enquanto objeto. O desafio é saber ocupá-los.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Jornalismo; Semiótica; rotinas de produção; notícia; movimentos sociais.

## ABSTRACT

This dissertation is designed to reflect on how the news about social movements is made. The paper analyses productive routines whose research environment are two newspapers' newsrooms in Porto Alegre, Rio Grande do Sul: *Correio do Povo* and *Zero Hora*. Inspired by ethnography, this method consists of observing journalists in their daily practice – for seven days in each newsroom – and, based on theories applied to this matter, making inferences which lead to the understanding of the problems: how much of the complexity of social movements journalism is able to represent; and, what factors concerning political, economic and social relations affect this process. The discussion is enlightened by the General Theory of Signs, by Charles Sanders Peirce, especially in relation to the semiosis concept. Therefore, the piece of news is understood as a sign, made up of several mechanisms which feed complex semiosis processes and it is the interface between events and the public/reader. In addition to this, there is the concept of event by Louis Quéré, which is embedded with considerable hermeneutic approach, revealing problematic areas represented as a semiotic object of the sign/piece of news. A dialectical exercise of defining basic concepts followed by field work is proposed. Thus, by linking theory and practice, a reasonable synthesis is reached. The outcome has been shown revealing. Among a society marked by the 'new liberal consensus', a kind of journalism keeping reductionist conventions of the complexity of organizations which do not fit this perspective and the journalism treated as business in the capitalism, there are, definitely, alternative spaces for producing meaning. Through these alternative spaces, a kind of semiosis of the news is processed, building a sign which sees better and offers more in relation to the social movements needs under the condition of a problematic field as an object. The challenge is to make use of them.

### KEYWORDS:

Journalism; Semiotics; production routines; the news; social movements.

## SUMÁRIO

<b>PREÂMBULO.....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<i>TENSIONANDO O JORNALISMO.....</i>	<i>18</i>
<b>1 INSPIRAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>22</b>
<i>1.1 O JORNALISMO PRODUZINDO SENTIDO.....</i>	<i>23</i>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
<i>2.1 PESQUISA DE CAMPO.....</i>	<i>30</i>
<b>2.1.1 A aproximação com o ambiente de pesquisa.....</b>	<b>31</b>
<i>2.2 A ETNOGRAFIA: DO LADO DE DENTRO.....</i>	<i>33</i>
<b>2.2.1 A observação.....</b>	<b>35</b>
<i>2.3 EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO.....</i>	<i>37</i>
<b>3 CORREIO DO POVO E ZERO HORA: O AMBIENTE DE PESQUISA .....</b>	<b>39</b>
<i>3.1 CORREIO DO POVO.....</i>	<i>39</i>
<b>3.1.1 A editoria de Geral.....</b>	<b>40</b>
<i>3.2 ZERO HORA.....</i>	<i>41</i>
<b>3.2.1 A editoria de Geral.....</b>	<b>43</b>
<i>3.3 PRIMEIRAS ANÁLISES.....</i>	<i>44</i>
<b>3.3.1 Correio do Povo e o movimento estudantil.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3.2 Zero Hora e o movimento sindical.....</b>	<b>47</b>
<b>4 NEOLIBERALISMO: O AMBIENTE SEMIÓTICO.....</b>	<b>51</b>
<i>4.1 A CONSTITUIÇÃO DO SISTEMA.....</i>	<i>51</i>
<b>4.1.1 Globalização e alienação.....</b>	<b>53</b>
<i>4.2 A COMPOSIÇÃO DOS LEGI-SIGNOS.....</i>	<i>56</i>
<b>5 MOVIMENTOS SOCIAIS: O OBJETO SEMIÓTICO.....</b>	<b>58</b>
<i>5.1 OBJETO SEMIÓTICO E CAMPO PROBLEMÁTICO.....</i>	<i>61</i>
<b>5.1.1 O acesso ao espaço público.....</b>	<b>63</b>
<b>5.1.2 Por que acontecer.....</b>	<b>66</b>

<b>6 QUANDO A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA É UMA SEMIOSE.....</b>	<b>70</b>
<i>6.1 A NOTÍCIA COMO SIGNO.....</i>	<i>70</i>
<i>6.2 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS COMO LEGI-SIGNOS.....</i>	<i>75</i>
<b>6.2.1 Recurso às Teorias do Jornalismo.....</b>	<b>77</b>
<i>6.3 SIGNOS/NOTÍCIA.....</i>	<i>79</i>
<b>6.3.1 Contando a história do presente.....</b>	<b>81</b>
<i>6.4 UMA QUESTÃO DE OBSERVAÇÃO.....</i>	<i>89</i>
<b>7 CORREIO DO POVO E ZERO HORA OPERANDO SIGNOS.....</b>	<b>90</b>
<i>7.1 CORREIO DO POVO.....</i>	<i>90</i>
<b>7.1.1 Empresa Jornalística Caldas Junior Ltda. ....</b>	<b>91</b>
<b>7.1.2 Do lado de dentro do Correio do Povo.....</b>	<b>92</b>
<i>7.2 ZERO HORA.....</i>	<i>112</i>
<b>7.2.1 Zero Hora Editora Jornalística S.A. ....</b>	<b>113</b>
<b>7.2.2 Do lado de dentro de Zero Hora.....</b>	<b>116</b>
<b>8 QUE LEGI-SIGNOS SÃO ESSES.....</b>	<b>141</b>
<i>8.1 DO NEOLIBERALISMO COMO AMBIENTE SEMIÓTICO.....</i>	<i>143</i>
<i>8.2 DO JORNALISMO COMO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE SENTIDO.....</i>	<i>146</i>
<i>8.3 DOS JORNAIS COMO EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO.....</i>	<i>152</i>
<b>8.3.1 Correio do Povo, a empresa que produz sentido.....</b>	<b>153</b>
<b>8.3.2 Zero Hora, a empresa que produz sentido.....</b>	<b>155</b>
<i>8.4 DOS JORNALISTAS COMO OPERADORES SÍGNICOS.....</i>	<i>158</i>
<b>9 SIGNOS/NOTÍCIA NO CORREIO DO POVO E EM ZERO HORA.....</b>	<b>162</b>
<i>9.1 CORREIO DO POVO.....</i>	<i>162</i>
<i>9.2 ZERO HORA.....</i>	<i>168</i>
<i>9.3 SILÊNCIO QUE PRODUZ SENTIDO.....</i>	<i>177</i>
<b>SEMIOSES POSSÍVEIS.....</b>	<b>180</b>
<i>ENTRE A NORMA E A TRANSGRESSÃO.....</i>	<i>183</i>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>188</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>193</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>196</b>

*Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.*

**Bertold Brecht (1898-1956)**

## PREÂMBULO

Mobilizado pelo espírito contestador que apreendo do poema de Bertold Brecht, chego ao final do curso de mestrado. E ofereço como contribuição epistemológica a dissertação que segue. Uma convicção, entre as tantas que eu mesmo fui pondo em xeque no cotejamento da condição de militante social com a de jornalista e pesquisador, mantenho: é preciso desconfiar, sempre, do que parece habitual. A reflexão que faço, contudo, a partir de um movimento dialético a que me propus nos últimos dois anos, leva-me a conclusão de que convicções existem, também, para que aja sobre elas o poder da desconfiança. É o que as faz andar. Faz delas combustível para avançar; não empecilho.

Cheguei ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (PPGCOM), em 2010, certo de que havia um problema a ser compreendido na relação entre o Jornalismo e os movimentos sociais. Um problema complexo, perpassado por campos sociais e de produção do conhecimento distintos: Política, Economia, Ideologia, Cultura... Interessava-me mais a Comunicação, logicamente. O que é que há nessa relação que impede uma representação mais fidedigna dos movimentos sociais pelo Jornalismo? Era a pergunta a ser respondida. Pergunta e premissa, ao mesmo tempo, na medida em que na sua formulação é possível identificar um ponto de vista, um lugar de fala. Chego a 2012 com algumas respostas. Nem todas. Mas respostas que entendo que contribuem na direção da compreensão do problema. Avançam. São capazes de oferecer base para novas reflexões. Qualquer que fosse a resposta, se o propósito fosse reduzir o debate, se restringiria ao que é habitual; natural numa sociedade capitalista.

O desafio de falar sobre esse tema se constituiu como anseio meu há bastante tempo. Antes mesmo da mais remota ideia de que viraria uma pesquisa de mestrado. Nasce com a

militância nos movimentos sociais. E a história começa com a Pastoral da Juventude da Igreja Católica, de onde decorrem os primeiros contatos com o movimento estudantil e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em atividades de solidariedade e organização de fóruns de discussão comuns. Na sequência, uma formação político-partidária de esquerda, calcada no marxismo como referência, intensifica o desejo de saber mais sobre como se dá a representação dos movimentos sociais na mídia hegemônica. Veio, então, o afastamento da Pastoral da Juventude em razão da incompatibilidade ideológica com a Igreja, como instituição – e mesmo como manifestação de fé –, e o movimento estudantil assume protagonismo. Primeiro no ensino médio, mas formalmente no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Unisinos, onde militei durante a graduação, inclusive com cargos na direção-executiva. Uma experiência importante, avalio, no meu processo de formação e da qual saíram, também, relações mais sólidas com o MST e com o movimento sindical – inclusive profissionais: mais tarde passaria a editar o periódico bimestral do Sindicato dos Bancários de Novo Hamburgo e Região (RS), entidade para a qual prestei consultoria em comunicação.

De nada informações de caráter notadamente pessoal contribuíram à dissertação senão para introduzir uma ressalva: é parte do esforço que empreendo a lucidez de trabalhar com as convicções ideológicas das quais não abro mão. É preciso separar o que é ciência e o que é política, admitindo que a ideologia está presente no fazer pesquisa, inevitavelmente, como ensina Roland Barthes (1973)<sup>1</sup>. Sem nenhum constrangimento, entendi que, por uma questão de transparência, seria importante falar sobre esses assuntos, em primeira pessoa mesmo. É uma forma que encontrei de exercitar, ainda mais, as limitações que durante a investigação me acompanharam. E somam-se à trajetória como militante social, ainda, as experiências profissionais como jornalista: nas redações, como agente do processo de construção da notícia, sempre me intrigou a naturalidade com que o ideário dominante, na relação com os movimentos sociais, se impunha entre os colegas. Foram passagens por jornal diário no Interior do Rio Grande do Sul, televisão pública, revista, jornalismo on-line, assessoria de imprensa e, mais recentemente, no jornal *Correio do Povo*<sup>2</sup>, da Capital.

No que diz respeito à formação acadêmica, explicações para a escolha do tema também não faltam. A mais evidente é a própria graduação em Jornalismo, concluída no

---

<sup>1</sup> BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.

<sup>2</sup> Avaliei como importante citar a empresa, neste caso, por tratar-se de um jornal que fez parte do meu objeto de pesquisa e, sobretudo, pela oportunidade de atuar como repórter correspondente na região do Vale do Sinos (RS) ter se concretizado durante o processo investigativo, mais especificamente, na observação das rotinas de produção da redação, em setembro de 2011.

início de 2008, na Unisinos. Dois anos antes, o ingresso no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – que ainda frequento – contribuiria significativamente. Em 2007, no trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, também sob a orientação do professor Ronaldo Henn, estudei a comunicação do MST como estratégia de sobrevivência na sociedade midiaticizada. Um breve movimento de observação em um acampamento sem-terra que existia, à época, em Nova Santa Rita, Região Metropolitana de Porto Alegre. A intenção era entender as ferramentas utilizadas pelo movimento para reagir ao que se postulava ser o emprego da mídia hegemônica pelo neoliberalismo à deslegitimação do MST como instituição capaz de promover justiça social – consideradas as restrições de uma primeira incursão na pesquisa científica.

Agora, no mestrado, a proposta foi dedicar-me à construção da notícia sobre os movimentos sociais. Olhar para as redações. Foi com essa intenção que ingressei no PPGCOM da Unisinos. Não com a clareza que parece estar presente neste momento. O anteprojeto apresentado à banca de seleção previa objetivos muito ousados para uma dissertação. Além de entender o processo de construção da notícia, também pretendia investigar como as práticas jornalísticas, da forma como são, incidem na interpretação que faz a sociedade. Não é um objetivo que tenha se afastado do meu interesse, mas que, neste momento, só será alcançado pelo que for possível apreender da pesquisa no lado da produção. A recepção ficará para um próximo passo na caminhada como pesquisador.

Com a definição do professor Ronaldo Henn para orientar-me novamente, delimitamos as primeiras diretrizes teórico-metodológicas. As teorias que iluminam a pesquisa são fruto dos debates que se desencadearam a partir das disciplinas cursadas, aliadas às orientações, como não poderia deixar de ser. Confesso que a inspiração no conceito de semiose, de Charles Sanders Peirce, por exemplo, que me entusiasmou ao longo do curso, foi incorporada depois do ingresso. Era cara para mim, antes, a vontade de trabalhar com as rotinas de produção – e por isso filio-me à Linha de Pesquisa que estuda Linguagem e Práticas Jornalísticas (LP2) –, além das Teorias da Notícia que envolvem o *newsmaking*. Havia, também, a certeza de que um movimento etnográfico seria o mais produtivo diante dos objetivos que se almejava. Não fosse por essa justificativa, outra poderia ser a minha preferência, como pesquisador, em ver os processos em curso, para, a partir da observação, produzir inferências capazes de estimular a reflexão teórica.

Ainda na relação com a LP2, a convivência com a professora Christa Berger foi fundamental para a elucidação de questões que envolviam diretamente a relação entre Jornalismo e movimentos sociais. Trata-se de uma pesquisadora com vasta produção sobre o

tema e sensibilidade única, capaz de chamar a atenção a nuances que um olhar mais duro não revelaria. Com a professora Beatriz Marocco, embora as escolhas teóricas que foram me conduzindo não proporcionassem uma proximidade maior, a oportunidade de debater foi determinante para a proposta de entender o Jornalismo como formação discursiva, de controle, enquanto exercício de deslocamento do lugar comum em relação ao campo.

Se o momento é de retrospectiva, é conveniente dizer que as escolhas que fiz mostraram-se, a rigor, acertadas, pensando a evolução pessoal e acadêmica. É o balanço que faço; a autocrítica. No método, a observação, com a apropriação de ferramentas etnográficas, reside uma das provas. Consigo, hoje, olhar para a relação que se constitui como objeto do meu interesse de pesquisa, entre Jornalismo e movimentos sociais, sem os preconceitos, digamos assim, que as convicções políticas que me motivam acabavam por impor. E isso só foi possível indo às redações, observando os processos, desvendando o que mesmo leva jornalistas – seres humanos – a escolherem os signos que escolhem para representar essa ou aquela organização. Tivesse optado pela Análise do Discurso, por exemplo, que também conta com ferramentas para o desvendamento das condições de produção, esse movimento, dialético, talvez fosse bem mais difícil. O próprio conceito de movimentos sociais, que revisitei a partir de diferentes pontos de partida incitados durante o curso, avançou. Ainda é uma questão a se discutir, é verdade – e sempre será dada a sua complexidade. Sigo apostando, porém, que o entendimento marxista de sociedade, à luz de uma atualização, é claro, proporciona avanços à explicação das contradições da contemporaneidade. A contribuição que teve a obra da professora Ilse Scherer-Warren foi de grande valia nesse processo. Não gostaria de deixar de citá-la aqui.

Por fim, a Semiótica Peirceana como inspiração teórica, ao lado da qual me propus a pensar sobre o problema, foi, também, uma estratégia de aprofundamento da discussão: refletir sobre os processos de produção da notícia com a atenção especialmente voltada à forma como se constrói a representação dos movimentos sociais. Veja que, agora, depois da pesquisa, parece ser uma das explicações para essa opção. Uma tentativa de, a partir de uma teoria consagrada nos estudos de Comunicação, que desperta o interesse de um pesquisador, tensionar o Jornalismo para além das questões determinadas apenas pelas condições políticas, econômicas e sociais. Seria, talvez, menos dispendioso o caminho do distanciamento em relação às questões ideológicas, simplesmente, e a adoção de teorias mais presentes nas investigações sobre as práticas jornalísticas. Entretanto, não estariam contemplados os questionamentos que me levaram a pesquisar.

Evidentemente, neste movimento que decidi fazer, algumas barreiras, que se configuram até mesmo pela trajetória que constitui a minha experiência de vida, se mantêm. Superá-las é um desafio no meu horizonte. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades que o tema oferece, é claro, mas com a certeza de que é preciso saber mais sobre a relação entre Jornalismo e movimentos sociais. Assim, proponho continuar a estudá-la. A partir de novas experiências, aprofundando as reflexões, questionando convicções. E começo esse exercício, naturalmente, depois do cumprimento da etapa que se encaminha para o final, ainda em 2012, com a seleção para ingresso no curso de doutorado no PPGCOM da Unisinos. O anteprojeto submetido, a exemplo do mestrado, à Linha de Pesquisa de Linguagem e Práticas Jornalísticas, prevê agora o fechamento do ciclo que se iniciara com a monografia, na graduação em Jornalismo: uma investigação sobre o processo que transforma o acontecimento em acontecimento jornalístico, ainda no âmbito das redações, e, por outro lado, uma tentativa de compreensão sobre como os movimentos sociais apreendem as lógicas desse processo para orientar suas ações a partir do acontecimento como ferramenta de acesso ao espaço público. A Semiótica segue como inspiração, com o acréscimo do conceito de acontecimento, em Louis Quéré. Acontecimento que revela campos problemáticos a partir do *poder hermenêutico* de que é dotado. Um conceito, aliás, que já permeia a dissertação, entretanto, sem uma discussão mais ontológica, ainda como uma espécie de contexto teórico.

Como sempre defendi, do ingresso no mestrado aos fóruns dos quais participei nesse período, a razão de estar aqui, para além das questões que envolvem a formação acadêmica, profissional – pessoal, quem sabe? – é a esperança de que este trabalho contribua, com o que é possível, a dois objetivos, pelo menos, muito subjetivos, diga-se de passagem: que o Jornalismo reflita sobre como representa os movimentos sociais; que os movimentos sociais se apropriem das lógicas que orientam a produção da notícia através da qual são representados, de modo a pensar estratégias ante a sociedade midiaticizada. Afinal, Bertold Brecht diria: nada é impossível de mudar.

## INTRODUÇÃO

Quem poderá dizer se os movimentos sociais são bem ou mal representados pelo Jornalismo? Quando na resposta se assume qual é a posição ideológica, o lugar de fala, a tarefa é simples: uma opinião mais progressista diria que não, afinal, empresas jornalísticas, como quaisquer outras, são parte de um sistema contra o qual, a rigor, os movimentos sociais se insurgem, o capitalismo, as desigualdades; conservadores diriam que sim, são tratados como devem sê-lo, o que vale é que a ordem do sistema seja mantida, sem percalços.

Uma pesquisa de mestrado que se propõe a refletir sobre a construção da notícia que representa os movimentos sociais sequer se justificaria se a explicação for dessa ordem: pronta, simplista e dicotômica. Não sem sua contribuição ao entendimento do problema, mas redutora à superfície da dimensão ideológica. A ideia, aqui, é tensionar o senso comum que permeia essa relação. Entender como se produz sentido, no Jornalismo, sobre organizações que propõem a superação de sistemas de dominação. Ir além da simples afirmação de que os “jornais distorcem a imagem dos movimentos sociais”. Quem nunca a ouviu ao lado de alguém que lê uma notícia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), uma manifestação estudantil, sindical, ou de qualquer outro movimento contestador?

É assim mesmo que surgem os interesses de pesquisa nas Ciências Sociais. De um problema identificado no senso comum. Questões que envolvem o cotidiano da sociedade e que merecem uma investigação para desvendá-las. Jornalismo e movimentos sociais convivem no conflito. Para ficar só na história recente do Brasil, a ditadura, durante os governos militares, era tempo em que falar do assunto poderia levar um jornalista à prisão. Veio a redemocratização e com ela a abertura da economia, a consolidação do modelo econômico/político consagrado como neoliberalismo. A comunicação, a despeito de suas ambiguidades, daquela resistência que acaba se materializando em pequenas nuances do discurso mesmo da mídia hegemônica, é tratada como negócio, mercado. Logo, movimentos sociais que contestem a ordem capitalista, a partir daí estabelecida, que questionem de alguma forma o sistema, não seriam “bem-vindos”.

Nesse contexto há, entretanto, tudo o que envolve o trabalho do jornalista, sujeitos com as mais distintas matrizes culturais, que operam conforme as etapas consagradas como padrão no processo de construção da notícia: desde a apuração dos fatos acerca dos acontecimentos que cercam os movimentos sociais, até a notícia publicada nas páginas dos jornais. O que é que há mesmo por trás da afirmação: “os jornais distorcem a imagem dos movimentos sociais”? Quem são os jornais? Quem distorce? E se distorce, como? Perguntas

retóricas para as quais certamente não se terá todas as respostas, mas que incitarão a reflexão sobre como circulam as informações que envolvem os movimentos sociais e revelarão detalhes que podem estar – e no mais das vezes estão – passando despercebidos.

Vinculada à Linha de Pesquisa que estuda Linguagem e Práticas Jornalísticas – LP2, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCOM da Unisinos, a proposta é uma imersão na rotina de produção de redações de jornais do Rio Grande do Sul para, com as análises que se fará à luz das teorias do Jornalismo e da Comunicação mobilizadas, produzir inferências capazes de contribuir na direção da compreensão do tema.

O avanço notável do estudo do jornalismo na década de 70 está relacionado diretamente com as inovações metodológicas que contribuíram de forma decisiva para a riqueza da investigação. Os acadêmicos, seguindo o exemplo dos antropólogos em terras distantes [...] foram aos locais de produção, permaneceram durante longos períodos de tempo, observaram os membros da comunidade jornalística com o intuito de “entrar na pele” das pessoas observadas e compreender a atitude do “nativo” (TRAQUINA, 2001, p. 171-172).

A estrutura da dissertação respeita uma sequência lógica: a justificativa das inspirações teóricas na relação com o tema; a escolha da metodologia de pesquisa; a apresentação do ambiente de pesquisa; delimitação do contexto político, social e econômico em que o problema se circunscreve, incluindo uma reflexão acerca dos movimentos sociais que interessam ao estudo; uma tentativa de compreender como o Jornalismo produz sentido sobre essas organizações; e, enfim, um exercício de abstração que imbrica teoria e prática, num movimento dialético, calcado no que será possível observar das práticas jornalísticas relatadas no momento anterior.

### *TENSIONANDO O JORNALISMO*

Reside no desvendamento das práticas de jornalistas nas redações o principal subsídio para que se encontre um caminho possível - não mais do que um caminho - para a solução do problema de pesquisa. É daí que, espera-se, saiam os elementos que responderão por que as notícias sobre os movimentos sociais são como são - talvez, ainda, como poderiam ser. As técnicas jornalísticas aplicadas ao dia a dia das redações na sociedade capitalista naturalizam uma visão homogênea dos movimentos sociais. Seria uma hipótese para a qual parece apontar

Clóvis de Barros Filho (2002). Ao citar Campbell e Wolseley (1961)<sup>3</sup>, diz que enquanto se familiariza com a técnica do *lead*<sup>4</sup>, o jornalista é obrigado a pensar em cada momento de sua elaboração. Quando absorve a técnica, passa a escrever sem a reflexão consciente. Vai além. Fala de pressupostos que regem o Jornalismo contemporâneo e que legitimam as práticas.

Auto-definindo-se como “escravos dos fatos”, os jornalistas sustentam implicitamente a tese de que a verdade independe do sujeito que contempla, prevalece absolutamente, atinge sua realidade a cada instante. Nesta reflexão, a verdade é autônoma em relação a qualquer processo de observação, verificação e posterior relato, jornalístico ou não. Esses relatos são meros sinais do seu ser, que em nada participam da realidade absoluta e incontestável dos fatos (BARROS FILHO, 2002, p. 158).

Certo. Não haveria, então, nenhum problema na forma como o Jornalismo representa os movimentos sociais. Evidentemente que há. Da elaboração de Barros Filho começa a justificar-se a escolha pelo tema. Circula cristalizada pelas redações uma espécie de “ideologia do Jornalismo” que, veladamente, expressa uma visão de mundo que ultrapassa a barreira do campo profissional. O jornalista competente se forja a partir de “virtudes” como *independência e imparcialidade, exatidão, honradez, responsabilidade e decência*. Virtudes que, para Adelmo Genro Filho, agem, a rigor, no sentido de legitimar a ideologia dominante.

*Independência e imparcialidade* significam, no fundo, ter como pressuposto que o capitalismo desenvolvido norte-americano e sua hegemonia imperialista é um tipo de sociedade "normal", e deve ser preservada contra todas as "patologias" políticas, sociais e econômicas. A *exatidão* quer dizer, quase sempre, a submissão do jornalista às fontes oficiais, oficiosas ou institucionais. A *honradez* não é outra coisa senão uma boa reputação entre as instituições da "sociedade civil", no sentido atribuído por Gramsci a essa expressão, isto é, entre aquelas entidades que reproduzem a hegemonia burguesa. A *responsabilidade* é o respeito às leis e preceitos gerais da ordem estabelecida. A *decência* significa, como diz o próprio autor, "la censura del buen gusto" {Bond, 1978}, ou seja, o reconhecimento da hipocrisia que fundamenta a moral burguesa como um valor digno de ser reverenciado e acatado (GENRO FILHO, 1987, p. 43)<sup>5</sup>.

É com o pressuposto de que o jornalista, na sua rotina de produção, portanto, naturaliza essa visão de mundo, da qual fazem parte as empresas jornalísticas, que se propõe a entrada nas redações. Com o cuidado, necessário, de se observar detalhes que poderiam soar

<sup>3</sup> CAMPBELL, L. R, WOLSELEY, R. E. **How to report and write the news**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1961.

<sup>4</sup> Técnica ensinada nas faculdades de Jornalismo e aplicada no mercado, baseada no modelo de Jornalismo dos Estados Unidos, que propõe as informações principais no primeiro parágrafo da notícia, de modo a responder seis perguntas sobre os fenômenos sociais representados: “Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê?”.

<sup>5</sup> As chaves indicam referência ao original.

como fora de contexto para um pesquisador interessado em Jornalismo, não em Sociologia, Política ou Economia, e ainda com a sensibilidade indispensável para perceber manifestações que não se alinham ao ideário dominante.

Na lógica estabelecida como padrão no Jornalismo, ensinada nas faculdades de Comunicação, praticada no mercado, relacionada, sempre, à representação dos movimentos sociais, identifica-se uma questão: em quanto essa lógica é consciente ou não? O que se quer absolutamente não é chegar a uma medida exata, impossível e nada produtiva do ponto de vista epistemológico. O que os apontamentos que sairão do exercício ora empreendido poderá é elucidar como se constitui essa lógica, como perdura no tempo e, sobretudo, como incide na representação dos movimentos.

Há de se dizer que, sem nenhuma pretensão demasiada, a intenção é que se possa refletir sobre o Jornalismo: teoria e prática. Como se está fazendo Jornalismo, pensando o campo. Questões importantes quando se parte da premissa de que o fazer jornalístico repercute diretamente na organização social. Premissa para a qual, aliás, a própria área de concentração do programa a que se filia o presente estudo contribui: Processos Midiáticos. Fala-se em sociedade midiaticizada. Estuda-se, assim, processos cujas consequências vão se materializar em decisões da sociedade, que, por sua vez, gerarão outros processos, que exigirão decisões...

[...] demarca-se a organização social contemporânea como uma sociedade midiaticizada, à medida que a mídia funciona como um alimentador do sistema como um todo e das sensibilidades em particular, fornecendo dados para a ação social, modelos de comportamento e balizas para o desenvolvimento de estratégias (BRITTOS, 2008, p. 166).

E aí está mais um elemento importante para que se justifique a necessidade constante de reflexão sobre como está se construindo o que se configura como “dados para a ação social” – leia-se, notícia. Intenta-se saber como os dados sobre os movimentos sociais são fornecidos à sociedade de modo a capacitá-la a interpretar os fenômenos que os dizem respeito. Não é demais reforçar, como se constrói a notícia sobre os movimentos sociais. No esteio do que propõe Brittos, a mídia - reduzida aqui ao Jornalismo - alimenta o sistema com notícias sobre os movimentos sociais para que a sociedade forme sua opinião e aja, em última instância, apoiando ou não determinada demanda. Objetivamente, esse processo resulta em decisões de governo, como exemplo.

À mídia, contudo, costuma-se atribuir uma espécie de “entidade sobre-humana”, que não dependeria de decisões que se toma diante de situações diversas, por pessoas. O que se

pretende, então, é justamente dar conta das ambiguidades que constituem esse processo. É quando o conceito de semiose, de Charles Sanders Peirce, sobre o qual se discorrerá com mais densidade a seguir, assume protagonismo.

## 1 INSPIRAÇÕES TEÓRICAS

Em suma, é preciso que o acontecimento ocorra, que ele se manifeste na sua descontinuidade e que tenha sido identificado de acordo com uma certa descrição e em função de um contexto de sentido, para que se lhe possa associar um passado e um futuro assim como uma explicação causal. Que emergem graças ao acontecimento (QUÉRÉ, 2005, p. 61-62).

O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento significado nasce num processo evenencial que se constrói ao término de uma mimese tripla. E daí que nasce o que se convencionou chamar de ‘a notícia’ (CHARAUDEAU, 2006, p. 131-132).

Evocando Louis Quéré e Patrick Charaudeau, imbricados, se faz nítido o ponto de vista teórico do qual parte-se: o acontecimento na sua dimensão discursiva. Embora Charaudeau não seja exatamente o autor que mais ilumina a pesquisa, resume o entendimento de notícia e, mais à frente, de Jornalismo, de produção da notícia. Com uma visada inspirada na Semiótica de Charles S. Peirce, a proposta é refletir acerca da produção jornalística sobre os fenômenos que tem os movimentos sociais como atores. A isso, alia-se a compressão do que Louis Quéré chama de *poder hermenêutico*<sup>6</sup> que emana do acontecimento, entendendo ser uma ferramenta que serve aos movimentos para chamar a atenção às suas demandas.

Em Quéré, nesse contexto, está se falando das demandas sociais como campo problemático que se revela a partir do *poder hermenêutico* do acontecimento. Assim, para que se possa debatê-lo, em causa e consequência e, mais do que isso, apontar caminhos para as suas soluções, é preciso que o acontecimento “aconteça”. Ao acontecer, do ponto de vista da Semiótica, o acontecimento produz sentido, é significado. A compreensão da notícia como signo, constituído por lógicas diversas e que alimenta complexos processos de semiose é fundamental. Trata-se do fator de mediação entre os acontecimentos e a sociedade, o público, o leitor. O acontecimento jornalístico é entendido como objeto do que se convencionou chamar, ao longo do texto, de signo/notícia.

O Jornalismo é o responsável pelas operações sígnicas que darão forma ao signo/notícia. Como discurso, gênero discursivo (BENETTI, 2010), se constitui por suas lógicas próprias, que dependem, ainda, de um sistema mais amplo: a organização social na qual está inserido. A produção de sentido sobre os acontecimentos que permeiam a sociedade é, portanto, diretamente relacionada a esses sistemas. Com as demandas dos movimentos

---

<sup>6</sup> Quéré (2005) afirma que o acontecimento é dotado de um *poder hermenêutico* que revela, simultaneamente, passado e futuro em relação a determinados campos problemáticos sobre os quais se relacionam.

sociais como campo problemático não seria diferente. E como objeto semiótico, sua representação submete-se ao que Peirce chama de *legi-signos* – signos que tem natureza de uma lei.

Em Peirce temos três dimensões do signo. A primeira é a que envolve aspectos qualitativos, de comportamento icônico. A segunda acentua as conexões com o objeto e possui dinâmica indicial. A terceira refere-se às convenções que fazem o signo funcionar de determinada forma e é nela que o caráter simbólico se pronuncia. É neste âmbito que operam os *legi-signos*, signos que, com relação a eles próprios, funcionam como tal em função da determinação de uma forte convenção. O acontecimento jornalisticamente constituído trafega por estas dimensões: tem uma conexão indicial com o objeto que atua fora do signo, apresenta forte expressividade de apelo icônico, mas está fortemente amarrado a convenções histórica e culturalmente instituídas (HENN, 2010, p. 88).

Relembrar Adelmo Genro Filho, agora, contribui ao entendimento de como se está propondo pensar o Jornalismo a partir do conceito de processo de semiose de Peirce, como se está lidando com a Semiótica como aporte teórico. Os valores que regem a atividade do jornalista de que fala Genro Filho – *independência, imparcialidade, exatidão...* – atuam, pelo que tem de convenção, acordo em relação ao que seja fazer Jornalismo, como *legi-signos* do sistema semiótico que se constitui como campo profissional.

### 1.1 O JORNALISMO PRODUZINDO SENTIDO

“É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (RODRIGUES, 1993, p. 27). A definição de acontecimento em Adriano Rodrigues é didática. No que chama de superfície lisa da história, aproximando-a desta pesquisa, estariam campos problemáticos que acabam entendidos como intrínsecos à atualidade. Da multiplicidade de fatos virtuais emergem aqueles atualizados pelo discurso e viram acontecimento (BENETTI, 2010). Até aí, nenhum problema. O primeiro ruído aparece quando é tensionada a ideia de que a história é uma superfície lisa na qual circulam fatos virtuais com diferentes níveis de importância – e o próprio Rodrigues considera esse ruído, na medida em que não alinha-se a uma perspectiva funcional. A realidade social é complexa, atravessada por processos heterogêneos que envolvem a produção de sentido.

Quéré (2005) diz que para acontecer, o acontecimento precisa “acontecer *a* alguém”, “afetar *a* alguém”. Os fenômenos sociais acontecem para um sujeito, por um sujeito e em função de um sujeito, independentemente do grau de afetação que representa para o todo. O

nascimento do meu filho – acontecimento primeiro – acontece para mim. Me afeta. Não acontece para o discurso jornalístico.

Robert Darnton (1990) vai dizer que o Jornalismo, ao narrar a história do presente, adota, naturalmente, a *perspectiva dos vencedores*<sup>7</sup>. Em termos de Semiótica, é como se a produção de sentido sobre os fatos virtuais atualizados pelo discurso jornalístico se submetessem a legi-signos marcados pelas relações políticas, econômicas e sociais do ideário dominante. Até no signo que representa fenômenos naturais, como a passagem de um furacão ou um terremoto, que, em Peirce, tem menos de mediação e muito mais de índice, essas relações aparecem.

Desde a recorrência a fundos míticos (a ira de Deus) até as fundamentações técnico-científicas (o descaso com a natureza), os nexos servem para tornar o acontecimento decodificável: é preciso semiotizá-lo. E dependendo dos fundamentos de codificação, toda uma carga ideológica entra em cena neste processo de acomodação do acontecimento (HENN, 2010, p. 85).

Somam-se a isso as técnicas convencionadas pelo fazer jornalístico para narrativizar o acontecimento e tem-se a lógica predominante:

O que ocorre é que os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história – que a percebem e a transformam em narrativa – são, no Jornalismo, guiados por critérios que exigem ruptura, repentina ascensão, acidente ou desvio (BENETTI, 2010, p. 145).

O acontecimento, então, terá que atender a esses índices. Quando não tem nada de novo, que represente a variação em relação à norma, não terá lugar no Jornalismo. Marcia Benetti (2010) avalia esse sistema como perverso, ao constatar que fenômenos sociais de interesse público inquestionável não atendem a estrutura do acontecimento jornalístico porque se estabeleceram, historicamente, como invariantes.

São os casos da fome, das desigualdades e das injustiças sociais, que contemporaneamente costumam ser percebidas como “parte do sistema”. Dito de forma crua, são fatos cinicamente percebidos como ordinários ou comuns, não alcançando os requisitos que lhes permitiriam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010, p. 145).

---

<sup>7</sup> Para Darnton (1990, p. 96), “o contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência de técnicas herdadas de contar histórias. Esses dois elementos na redação da notícia podem parecer contraditórios, mas estão juntos no ‘treinamento’ de um repórter, quando ele é mais vulnerável e maleável. À medida que passa por essa fase de formação, ele se familiariza com a notícia, tanto como uma mercadoria que é produzida na sala de redação quanto como uma maneira de ver o mundo que chegou, de alguma maneira, da Mamãe Ganso até The New York Times”.

Parece razoável dizer que as demandas gênese dos movimentos sociais, diante do exposto por Benetti, só serão acontecimento para o Jornalismo quando fatos que as envolvem rompem à norma; são percebidos como extraordinários. Do contrário, são entendidas como comuns – sobretudo se considerados movimentos sociais avessos à ordem econômica; que denunciam, justamente, a desigualdade social imposta pelo sistema capitalista com o qual o Jornalismo comunga.

Ao agir à luz do positivismo, tratando a história como compacta, linear, consensual, o Jornalismo normatiza o que é o desvio e supõe os interesses de seus públicos. Ou seja, supõe que interessa à sociedade saber sobre uma eventual ocupação que movimentos que lutam pela reforma agrária tenham promovido, ou sobre uma greve do movimento sindical por melhores salários, pelo que elas expressam de ruptura com a norma; não a reforma agrária ou o conflito entre capital e trabalho como campos problemáticos. Pierre Bourdieu diria que o Jornalismo acaba privilegiando o aspecto mais diretamente visível do mundo social.

[...] perspectiva que é com frequência a da denúncia e da acusação em detrimento dos mecanismos invisíveis (aqui, os do campo jornalístico) que orientam as ações e os pensamentos e cujo conhecimento antes favorece a indulgência compreensiva do que a condenação indignada (BOURDIEU, 1998, p. 94).

Quando define o Jornalismo como um gênero discursivo que tem seu próprio estatuto para a produção de sentido, Marcia Benetti (2010), com base nas regras de formação que caracterizam um discurso propostas por Foucault (1995), defende que:

[...] a ideia de que o Jornalismo deve ser compreendido como um gênero discursivo particular advém da confluência de três contribuições: as teorias do Jornalismo, os conceitos basilares da Análise do Discurso francesa e a noção de contrato de comunicação proposta por Charaudeau (2006). Para que este contrato exista, é necessário cumprir, definir e compreender as especificidades de cinco elementos: quem diz e para quem; para quem se diz; o que se diz; em que condições se diz; como se diz. Todos esses elementos devem estar associados às regras de formação (FOUCAULT, 1995) que caracterizam um discurso específico (BENETTI, 2010, p. 143-144).

E o que diz o próprio Foucault a respeito das regras de formação?

Por sistema de formação, é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 1995, p. 82).

O discurso ou grupo de enunciados de que fala Foucault é, aqui, o Jornalismo. E é a partir dele, sabe-se, que os fenômenos sociais se concretizam como acontecimento e revelam, mais ou menos, campos problemáticos que merecem a atenção da sociedade.

Em meio ao quadro que se constitui pela tentativa de compressão do processo de construção da notícia sobre os movimentos sociais e sua repercussão na interpretação que fará a sociedade de suas ações, está o conceito de semiose cunhado por Charles Sanders Peirce. Parte-se, dessa forma, da ideia de que a notícia é um signo que representa um objeto, os fenômenos que envolvem movimentos sociais, e que, por sua vez, desencadeia um processo de semiose que é infinito, gerando novos signos<sup>8</sup>. Mais do que isso: considera-se, ainda, que cada etapa do processo de construção da notícia também se constitui em uma semiose, com pontos que disparam processos contínuos e múltiplos, sem etapas explicitamente marcadas, mas que, dependendo das codificações em que se estruturam, podem tender a determinadas linearidades.

O esquema lógico que se estabelece é o que segue – durante o texto ele aparecerá mais detalhado: objetivamente falando, a pauta entregue ao repórter na redação seria o primeiro signo – constituído de vários outros, anteriores e regidos por legi-signos que permeiam a organização social; de posse dela, o repórter, ainda na redação, abre o primeiro processo de semiose, cujo fim será o início do segundo: a apuração dos fatos; em seguida, parte ao terceiro, a redação do texto; os próximos seriam edição, diagramação e, enfim, a publicação da notícia (signo)<sup>9</sup>.

Aproximar fundamentos da Semiótica Peirceana ao estudo das práticas jornalísticas foi a forma que se avaliou mais produtiva na direção da compreensão da notícia sobre os movimentos sociais. Constitui-se em ferramenta lógica de aprofundamento das análises. Retoma-se, aqui, algumas das elaborações anteriores para explicar melhor essa escolha. Se é a mídia, representada pelo Jornalismo, uma das responsáveis por fornecer dados para a definição de estratégias com vistas a ação social (BRITTOS, 2008), importa saber como ela constrói esses dados. Como ocorre o processo de semiose que os constrói. Quais são os signos

---

<sup>8</sup> Para Peirce, resumindo sua elaboração ao máximo que é possível para o andamento deste trabalho, o signo bate à consciência sob três categorias fenomenológicas: Primeiridade; Secundidade e Terceiridade. A primeira entende-se pelo imediato, concreto; a segunda já é a consciência reagindo à existência concreta; na terceira está a mediação, a síntese intelectual (HENN, 1996). A construção dos signos, por sua vez, é o que chama de processo de semiose, infinito, na medida em que todo o signo construído desencadeia um novo processo de semiose, que construirá outro, e assim por diante.

<sup>9</sup> Modelo de construção da notícia baseado nas proposições de Nelson Traquina (2004).

que os compõem. Afinal, o signo/notícia subsidiará decisões de reflexos diretos na sociedade, tomadas a partir do resultado do processo de semiose que desencadeou.

Por enquanto, só justificativas mais amplas. Outra, diretamente tocante ao que ensina Peirce, vai ao encontro do contexto que envolve a pesquisa. No fim, o que interessa investigar poderia resumir-se em entender o processo de semiose que põe em funcionamento a relação entre Jornalismo e movimentos sociais: os acontecimentos são o objeto que dá início ao processo de semiose (construção da notícia); a notícia, nas páginas dos jornais, é o signo, que desencadeará outro, a interpretação que fará a sociedade dos movimentos.

Antes de avançar é preciso expor mais uma das referências teóricas que ilumina a pesquisa. E a melhor forma de fazê-lo é citando a contribuição que dará Nelson Traquina com *Teorias do Jornalismo, Porque as notícias são como são* (Insular, 2004), especificamente quando versa sobre *newsmaking*. Destaca-se, ainda nessa seara, teorias como a construcionista - em que Gaye Tuchman também assume evidência -, *gatekeeper* (teoria dos filtros) e a teoria organizacional. São escolhas calcadas no próprio nível de consagração que alcançaram as referidas teorias nos estudos do Jornalismo e, até mesmo por isso, aparecem no texto com naturalidade, se verá à frente.

## 2 METODOLOGIA

Quando se fala da construção da notícia sobre os movimentos sociais, construção no sentido de processo mesmo, constituído de etapas, observá-la sendo construída parece ser a forma mais produtiva entre as avaliadas. A metodologia adotada para o andamento da pesquisa é a observação de processos que incorpora alguns elementos da etnografia. E para tanto, é mais do que hora, também, da apresentação do ambiente sobre o qual recairá a investigação. Trata-se da editoria de Geral dos jornais gaúchos *Correio do Povo* e *Zero Hora*, que, para a fluidez do texto, identifica-se, também, como CP e ZH, respectivamente.

A etnografia dispensa justificava quanto ao uso nas Ciências Humanas, em pesquisas que envolvem hábitos, rotinas, práticas. A apropriação que se faz nos estudos do Jornalismo é que merece atenção. Trata-se de um método que possibilita a plena observação de decisões que poderiam não ser abarcadas fosse outro. O momento da pesquisa em que premissas para as quais apontam as primeiras análises do pesquisador podem ser revistas. Na simplicidade da observação é que está a complexidade do desvendamento das práticas, das ideologias do jornalista (SCHLESINGER, 1978, apud TRAQUINA, 2004).

Não fosse pela incorporação das técnicas oferecidas pela etnografia, pesquisadores das práticas jornalísticas não poderiam, apenas pela capacidade de abstração, elaborar teorias como as que explicam o *newsmaking*. É a partir dessas técnicas que se passa a considerar a dimensão organizacional a que o jornalista está exposto no seu fazer diário, as relações que envolvem o contexto de sua atividade e que refletem diretamente na notícia que produz. Um primeiro passo à desmistificação da figura daquele jornalista que não interage com o seu objeto de trabalho (TRAQUINA, 2004). Não por acaso, inclusive, os primeiros estudos com esse fim são de sociólogos. Vale citar Gaye Tuchman (1983)<sup>10</sup>, na década de 1970, ao investigar justamente o processo de produção da notícia e a construção da realidade social.

Antes que se avance convém repetir que o que se propõe aqui é não mais do que uma apropriação das ferramentas etnográficas. Aplicá-la tal qual prescreve a Antropologia, por exemplo, seria um movimento muito mais dispendioso, que não teria efetividade dados os fins estabelecidos a este trabalho. Isso não quer dizer, no entanto, que a adoção dessas ferramentas seja sem nenhum rigor. Pelo contrário, sempre respeitando seus preceitos para uma observação social sistemática: seleção do problema, investigação preliminar através da observação direta, definição do universo a ser observado, período de observação,

---

<sup>10</sup> TUCHMAN, G. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

desenvolvimento dos instrumentos de coleta e registro, instrumentos de pré-teste, organização no campo, processamento das informações e a posterior análise dos dados (FERRANDO; SANMARTÍN, 1986).

Há de se destacar que ao empreender um exercício de observação como o que se desenha aqui é preciso sentidos aguçados, atenção a todos os detalhes que envolvem o espectro das redações com um olhar avançado àquele de um participante regular da relação que se estabelece entre pesquisador e ambiente de pesquisa.

Em nenhum caso pode-se limitar a observação a uma mera contemplação do que ocorre diante de nós. Observar nunca se equivale a olhar. E ainda que não utilizemos somente nossos órgãos de visão (sons, aromas, sabores e texturas intervêm sempre complementando suas respectivas informações), não é possível reduzir a observação a uma percepção sensitiva. Se há algo a observamos são categorias, ideias ou hipóteses. Tão importante é para o observador aquilo sobre o que focaliza sua atenção, como sua posição mental desde que efetua essa tarefa (FERRANDO; SANMARTÍN, 1986, p. 128)<sup>11</sup>.

São orientações fundamentais para que se possa tecer inferências capazes de, no cotejamento com as teorias, oferecer pistas à compreensão do problema. É o que se pretende quando a opção é por uma pesquisa qualitativa, que envolve um objeto observável dinâmico: uma atividade comum, exercida por sujeitos com formações e matrizes culturais distintas.

O principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos. Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas. Nesta perspectiva, que se opõe à visão positivista de objetividade e de separação radical entre sujeito e objeto de pesquisa, é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam. Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado (WEBER apud GOLDENBERG, 2007, p. 19).

Em particular as condições que constituem esta pesquisa reforçam a necessidade de atenção. De um lado está um agente social que faz parte das relações de convívio do pesquisador enquanto militante: os movimentos sociais; e de outro, um agente que constitui-se no seu ambiente de trabalho como jornalista: as redações de jornais. Uma interface que

---

<sup>11</sup> Livre tradução do original em espanhol para a língua portuguesa.

exige capacidade de abstração maior do que o comum para que a observação cumpra seu papel de fornecer os subsídios necessários às análises e a posterior produção de conhecimento, e não meramente preste-se ao aprofundamento das convicções político-ideológicas ou da apropriação de técnicas profissionais.

## 2.1 PESQUISA DE CAMPO

Delimitados escopo teórico e ferramentas metodológicas que constituem o estudo, o passo seguinte, naturalmente, seria a ida ao campo. É o caminho lógico no processo de investigação e, ainda, a forma que se avalia mais racional para chegar aos objetivos que se espera. Note que, na observação, resguardado o estatuto que a etnografia sugere, é preciso também que se tenha habilidade para lidar com as teorias mobilizadas de modo a buscar os elementos que respondam aos questionamentos incitados por ela na relação com o objeto, ou ainda aos que o próprio objeto, observado, possa gerar em relação às teorias. Lucia Santaella (2001) diria que a observação:

[...] não se restringe necessariamente à observação empírica, daquilo que estreitamente costumamos chamar de realidade, mas se estende para a observação documental, estendendo-se até mesmo até a observação abstrativa, quando criamos diagramas mentais da rede de conceitos teóricos com os quais estamos lidando, observando suas configurações e modificando-as conforme as necessidades de condução de uma argumentação (SANTAELLA, 2001, p. 186).

A ida ao campo, nesse contexto, é a partir de um olhar iluminado pelo conceito de semiose de Peirce. As redações dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*, são, assim, ambientes semióticos em que se desenrolam os processos de semiose que acabarão produzindo o signo/notícia. Há, neste ambiente, signos para além daqueles que compõem a rotina de produção: a organização da empresa, a disposição física da redação, condições de trabalho, colaboração entre os profissionais... Todos esses elementos, subjetivamente, incidem no trabalho de jornalistas na condição de operadores sígnicos que são – embora óbvia, trata-se de uma constatação que é importante salientar, neste ponto do texto, na medida em que não pretende-se descrever detalhe a detalhe a conformação física das redações, a não ser aqueles relevantes à compreensão do problema.

A observação recai sobre a dinâmica da editoria de Geral dos dois jornais. A partir de observações anteriores à própria pesquisa, baseadas em impressões do pesquisador, é verdade,

mas sistematizadas a ponto de servir como referência para este estudo, aponta-se essa como a editoria em que com mais frequência notícias que envolvem movimentos sociais são publicadas. Se verá à frente que há nuances, sim. Nuances substantivas até do ponto de vista da produção de sentido, entendendo a editoria como um dos signos que se manifestam na representação dos movimentos como objeto. A rigor, no entanto, a opção pela editoria de Geral revelou-se acertada, em especial, pelo fato de ser o ambiente em que a notícia se faz a partir da apuração no espaço dos acontecimentos. Nas demais, em muitas oportunidades, dispositivos tecnológicos como telefone e e-mail agem na mediação entre repórter e fonte.

A escolha por CP e ZH justifica-se por várias razões. Fundamentalmente, por serem os dois jornais mais lidos do Rio Grande do Sul e, portanto, ostentarem, potencialmente, largo poder de repercussão na sociedade. Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), são os dois maiores periódicos do Estado em circulação média diária<sup>12</sup>. E não é apenas uma justificativa técnica ou econômica. Se o que se pretende elucidar é, também, como o Jornalismo representa os movimentos sociais, como oferece dados ao leitor para que forme sua opinião a respeito, a partir de um processo de semiose que se desencadeia com o signo/notícia, nesses dois ambientes de pesquisa, do singular ao universal, é possível encontrar pistas para uma resposta – ressalvadas diferenças de tratamento que eventualmente possam se estabelecer em função do contexto político, econômico, social, passando até pelos aspectos geográficos, em que se concretiza a situação comunicacional<sup>13</sup>. São veículos de dois dos maiores grupos de comunicação do país: RBS (ZH) e Record (CP). A disputa ideológica entre empresas jornalísticas, como agentes do capitalismo, e movimentos que contestam, em mais ou em menos, a ordem estabelecida, está assim expressa na constituição do observável.

### 2.1.1 A aproximação com o ambiente de pesquisa

Hora de fazer o movimento de aproximação entre pesquisador e pesquisado. Pois bem. Era preciso começar o contato com as redações do *Correio do Povo* e de *Zero Hora* para

---

<sup>12</sup> De acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), referentes ao ano de 2010, publicados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), *Zero Hora* é o primeiro jornal gaúcho a aparecer no ranking dos maiores do país em circulação média diária: ocupa o sexto lugar, com 184.663 exemplares. O *Correio do Povo* é o segundo jornal do Rio Grande do Sul mais bem colocado, em oitavo, com 157.409 exemplares (ANJ, 2011). Documento online. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>> Acesso em: 11 jan 2012.

<sup>13</sup> Paula Reis Melo (2006) analisa as diferenças no tratamento mediático conferido ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por jornais do Rio Grande do Sul e de Pernambuco e conclui que há, sim, diferenças determinantes no que diz respeito à produção de sentido.

apresentar a proposta. Optou-se por acionar os diretores de redação em ambos. No CP, o jornalista Telmo Flor, e, em ZH, o jornalista Ricardo Stefanelli. Com os dois a primeira conversa foi por e-mail, no segundo semestre de 2010. Telmo Flor respondeu primeiro e por isso o CP acabou, naturalmente, sendo acessado sempre antes durante a investigação. Ricardo Stefanelli orientou que a coordenadora de produção de ZH, Deca Soares, ficasse responsável pelas tratativas. É a profissional que exerce função semelhante ao chefe de reportagem, já que é responsável pela produção da redação, em todas as editorias.

A etapa seguinte seria um encontro com os responsáveis para definir como se daria a pesquisa exploratória: um dia em cada redação para o levantamento das questões a serem observadas na pesquisa de campo propriamente dita. Além disso, acaba sendo esse um momento vital para o andamento do trabalho, visto que dá conta de iniciar a relação entre pesquisador e demais agentes da relação social que se estabelece durante a observação. É o que a Antropologia indica para exercícios etnográficos, nos quais:

[...] a alteridade só se pode conhecer precariamente, a partir de todos os filtros condicionadores do olhar do pesquisador. Para Geertz, a alteridade não pode ser completamente apreendida, a sua existência não é tomada como um objeto coeso, fixo e passível de ser explicado a partir da observação. Antes a possibilidade do seu conhecimento pressupõe uma relação intensa entre o pesquisador e o pesquisado. Aqui o Outro é percebido não mais como uma “alternativa a nós”, antes uma “alternativa para nós”. E a relevância da etnografia está na possibilidade de aproximação entre estas duas subjetividades (BONETTI, 2003 apud SILVA, 2010, p. 69).

E como se constituiria essa relação de confiança entre pesquisador e pesquisado senão pela franqueza da relação? Evidentemente, a própria conduta ética que se exige do pesquisador pressupõe que os objetivos da observação fiquem claros. Entretanto, uma questão determinante teria de ser resolvida. Se admite-se o conflito ideológico que há entre empresas jornalísticas e movimentos sociais que se insurgem contra desigualdades impostas pelo sistema capitalista do qual fazem parte os jornais, revelar de forma plena como se estava construindo o objeto de pesquisa poderia prejudicar a naturalidade do processo de produção da notícia justamente em relação às organizações que mais interessariam ao estudo.

Com todas as ponderações éticas que pudessem ser feitas, a decisão tomada foi revelar o foco que norteou a observação propriamente dita: a construção da notícia sobre as demandas sociais. Nesse contexto, estariam acontecimentos relacionados a áreas como saúde, educação, segurança pública, geração de emprego e renda... O pressuposto foi o de que em todas elas existiriam implicados movimentos sociais organizados em torno das demandas, mesmo que

silenciados. Inevitavelmente, estudá-los é, ainda que como contexto, estudar também as próprias áreas sociais. No campo, o que se pôde aferir é que até mesmo para além da questão ideológica, no simples ato de hospitalidade dos profissionais envolvidos na observação, revelar todo o espectro de interesse da pesquisa poderia mesmo comprometer a apreensão das rotinas que se constituem na construção da notícia.

Acordos se estabeleceram nas conversas com Telmo Flor e Deca Soares. O primeiro deles diz respeito ao sigilo das informações a que se teria acesso. Aquelas de cunho eminentemente estratégico-empresarial, logicamente, não poderiam compor formalmente a dissertação. Por outro lado, ficou explícito o interesse do pesquisador em refletir sobre as práticas jornalísticas e, portanto, discorrer sobre como elas se estabelecem nas duas redações era inevitável. Por fim, não houve a manifestação de preocupação por parte dos dois interlocutores iniciais no CP e em ZH quanto à preservação das fontes. Contudo, a opção é por identificar nominalmente apenas os profissionais com cargos de direção e aqueles cuja identificação seja indispensável para o esforço de compreensão do problema<sup>14</sup>.

## 2.2 A ETNOGRAFIA: DO LADO DE DENTRO

Ao encontro do que propõem Ferrando e San Martín (1986), a etnografia começa pela pesquisa exploratória. Movimento posterior à aproximação inicial ao ambiente pesquisado, logicamente, mas ainda um momento de apropriação das lógicas que determinam a rotina do observável sem o rigor metodológico que a pesquisa de campo propriamente dita pressupõe. O contato, em ambos os jornais, já não fora mais com os primeiros interlocutores – o diretor de redação, Telmo Flor, no CP, e a coordenadora de produção, Deca Soares, em ZH. Quem recebe o pesquisador são os profissionais responsáveis pela produção na editoria de Geral. E aqui uma primeira diferença substantiva na organização das redações. No CP, são dois os jornalistas responsáveis pela tarefa. Ocupam o cargo de chefe de reportagem e se dividem entre os turnos da manhã, que vai das 08 às 14 horas e da tarde, das 14 às 20 horas. Em ZH, apenas um jornalista coordena a produção, cujo cargo que lhe é atribuído é o de coordenador de produção da editoria de Geral, com expediente regular das 08 às 16 horas. A partir daí, o próprio editor executivo da editoria é quem assume também a incumbência de acompanhar a

---

<sup>14</sup> Em razão dessa opção, os sujeitos envolvidos nas situações observadas, tanto na pesquisa exploratória quanto na pesquisa de campo, assim como as fontes que contribuíram com depoimentos informais à pesquisa, serão identificados pelo cargo com o artigo que o aciona no masculino. Um exemplo seria: “o” repórter e não “a” repórter, ainda que o cargo possa ser ocupado por uma mulher. O que não denota nenhuma prevalência de gênero na descrição. Nos casos em que o gênero se constitui como elemento relevante à inteligibilidade da descrição e ao propósito do relato da situação, ele será revelado, mas eventualmente.

produção dos repórteres, que, a rigor, já estão todos pautados – pode parecer uma informação menos relevante, neste momento, que ainda é de afirmação dos aspectos metodológicos; as informações levantadas no campo, no entanto, darão conta de desfazer essa impressão, sobretudo do ponto de vista da produção de sentido.

Um encontro ainda anterior ao movimento de pesquisa exploratória com o chefe de reportagem do turno da manhã do CP e com o coordenador de produção da editoria de Geral de ZH dá conta de estabelecer os encaminhamentos necessários ao andamento do trabalho. É quando se constituem acordos práticos, de acesso às informações. A hospitalidade é a marca dos dois profissionais, tal como a disposição em contribuir à pesquisa.

No CP, por exemplo, em função de métodos mais arcaicos, como a impressão da pauta entregue ao repórter em suporte físico, seria possível reunir mais materiais<sup>15</sup>. Em ZH, o processo é informatizado e, portanto, os dados que se poderia sistematizar seriam a partir da própria observação do diálogo que o produtor estabelece com o repórter ao pautá-lo, para ficar no âmbito da pauta mesmo – com algumas exceções que aparecerão ao longo do texto, nas quais se teve acesso também aos documentos, por meio digital.

No *Correio do Povo*, o exercício exploratório ocorre no dia 18 de novembro de 2010; em *Zero Hora*, 21 de dezembro do mesmo ano. O trabalho nas duas redações ocorre entre 08 e 20 horas, aproximadamente. É o período em que se desenrolam todas as etapas do processo de construção da notícia sobre as quais interessa refletir: da chegada do chefe de reportagem, no CP, ou do coordenador de produção da editoria de Geral, em ZH, quando começam a aparecer os primeiros indícios acerca da dinâmica que orientará a produção do dia, a distribuição das pautas aos repórteres, os momentos de decisão, como reuniões de pauta, reuniões de editores e de definição de capa, a redação do texto, a edição, diagramação e o fechamento da edição.

A primeira impressão, refinada, em seguida, a partir da reflexão sobre o que se pôde observar, apontava para o acerto na escolha em dedicar a atenção da pesquisa de campo, etapa posterior, especialmente à editoria de Geral. É a editoria que, nas palavras de um dos interlocutores cuja identidade é resguardada, expressa o “coração da redação [...] o motor que faz a engrenagem funcionar” – o que corrobora com a ideia de que é o lugar para se observar o processo e produção da notícia<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> No ANEXO 01 é possível conferir todas as pautas distribuídas aos repórteres no dia em que ocorre a observação na redação do jornal *Correio do Povo*: 18 de novembro de 2010.

<sup>16</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa exploratória.

A referência é ao trabalho cotidiano de reportagem externa dos repórteres de Geral. A diferença é nítida em relação a outras editorias, tanto no CP quanto em ZH, como Economia, Política e Mundo – ou Internacional –, que constroem suas notícias a partir do contato muito mais frequente com as fontes ao telefone ou até mesmo por e-mail. Importante registrar que, para um processo de semiose que atua nessa relação, os signos que comporão o relato da fonte como signo final, que representará esse relato como objeto na notícia, sofrerão, inevitavelmente, a ação de filtros que o contato pessoal evitaria.

### 2.2.1 A observação

Do movimento exploratório saiu a convicção de que a proposta inicial, de aliar uma metodologia que previa a imersão no objeto a partir de uma etnografia à semiose de C.S. Peirce, como inspiração teórica, poderia ser capaz de ajudar a compreender o problema. Define-se, então, que a pesquisa de campo seria composta por uma observação de sete dias de produção da notícia no *Correio do Povo* e outros sete em *Zero Hora*.

A dinâmica seria a seguinte: observar todas as etapas do processo, de segunda a sexta-feira, ininterruptamente, na editoria de Geral dos dois jornais, adotando os mesmos procedimentos metodológicos. No CP o exercício ocorreu entre os dias 19 e 25 de setembro de 2011 e em ZH, de 10 a 16 de outubro do mesmo ano.

A exemplo do que ocorrera com a pesquisa exploratória, precede a observação um encontro com os profissionais diretamente envolvidos no trabalho. E uma coincidência chama a atenção: tanto no CP quanto em ZH houvera mudanças em relação aos profissionais que ocupavam os cargos que se constituíam como interlocutores. No CP, o chefe de reportagem do turno da manhã já não era mais o mesmo e em ZH o coordenador de produção da editoria de Geral também não. O nível de alteridade entre pesquisado e pesquisador, nesse contexto, voltava ao estágio inicial. Mais uma vez seria necessário expor os objetivos da pesquisa antes dos encaminhamentos práticos. A opção, novamente, é por não revelar o todo que se pretendia observar, mas sim os temas sobre os quais se dedicaria a atenção – tais como saúde, educação, segurança pública, geração de emprego e renda.

As condições físicas para a execução da etnografia foram plenamente oferecidas, com apenas um percalço. No CP, as saídas para a observação do trabalho de apuração dos repórteres teve que ser viabilizada pelo pesquisador. É política da empresa não transportar ninguém que não tenha vínculo empregatício em seus veículos. Em ZH, o deslocamento até o local dos acontecimentos ocorreu no mesmo veículo da equipe de reportagem, o que

proporciona mais uma instância de observação. Em relação ao acesso às dependências das redações, bancada para a instalação de equipamentos eletrônicos e participação nas reuniões, entretanto, não houve nenhuma restrição em ambos os jornais, embora o pesquisador tenha optado por não permanecer todo o tempo na mesma posição, de modo a poder observar a atuação de diferentes jornalistas.

O acesso aos registros com potencial para revelar indícios sobre as práticas jornalísticas também foi facilitado. Como fora na pesquisa exploratória, acabou sendo possível reunir mais material no CP em função de a lógica ainda ser mais arcaica, com a impressão da pauta entregue ao repórter praticamente todos os dias e impressões também das matérias por eles redigidas antes da edição. Ter acesso a versão do repórter, aliás, foi uma medida adotada depois dessa necessidade ter sido apontada como uma ausência importante no texto de qualificação. Ora, se interessa entender a incidência de cada etapa do processo de construção da notícia, enquanto semiose, na constituição do signo que representa os fenômenos sociais como objeto, as diferenças entre o que o repórter escreve e o que é publicado, depois da edição, é fundamental. Em ZH, contudo, por força da informatização dos procedimentos, o acesso a esse material não foi tão regular, mas pelo menos uma amostra de cada um deles foi disponibilizada pelos profissionais através de e-mail: pautas distribuídas à reportagem, lista de pautas discutidas nas reuniões de preparação da edição, prévias da edição do dia seguinte, matérias redigidas pelos repórteres<sup>17</sup>.

Além de observar as rotinas de repórteres e demais profissionais da redação e reunir o material fruto do processo de produção, outro movimento compôs, diariamente, a etnografia: o acompanhamento dos momentos de decisão; reuniões de planejamento da edição e definição de pautas. É quando atuam muitas das convenções que tem reflexo direto na produção de sentido: são descartadas ou redimensionadas, por exemplo, as pautas que serão trabalhadas e ainda se define quais serão os destaques que vão para a capa. O resultado de todas as etapas do processo expresso nas edições do CP e de ZH de todos os dias subsequentes ao acompanhamento de sua produção também fazem parte do material de pesquisa. Como diria a

---

<sup>17</sup> Na redação do jornal *Correio do Povo* a lista de documentos produzidos pelos jornalistas durante a construção da notícia é muito semelhante à de *Zero Hora*, com exceção da lista de pautas discutidas nas reuniões de preparação da edição do dia seguinte, que não é adotada como procedimento, na medida em que há outra, levada para a reunião de capa, no final do dia, já indicando quais pautas estão em produção. A diferença principal é que, em função de serem materiais impressos, no CP foi possível reunir cópias deles durante todos os dias. No caso de ZH, era preciso contar com a disposição dos profissionais para que mandassem por e-mail ao pesquisador. Questões que ficaram mais compreensíveis com o andamento da descrição.

professora Beatriz Marocco (2010): “o discurso é a materialidade das práticas” (informação verbal)<sup>18</sup>.

### 2.3 EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO

De posse dos dados coletados a partir da etnografia, a etapa a ser cumprida são as análises, a tentativa de compreensão do problema. O cotejamento desse material com a perspectiva da semiose de C.S. Peirce já não é novidade. Outras contribuições, no entanto, permeiam o processo de abstração. As Teorias do Jornalismo e da Notícia, por exemplo, são indispensáveis a uma pesquisa que se propõe a pensar o *newsmaking*. Cabe citar, ainda, o olhar sobre os acontecimentos que cercam os movimentos sociais a partir do conceito de campo problemático que emerge com o *poder hermenêutico* de que o acontecimento é dotado (QUÉRE, 2005).

Avalia-se que a Semiótica Peirceana oferece subsídios que contribuem à compressão de objetos absolutamente dinâmicos, como as práticas jornalísticas, sobretudo quando lida-se com sujeitos em ação, e a adoção de estratégias, como na observação do trabalho de redações de jornais. O que se intenta é que da coleta de dados no campo se possa ter identificado indícios reveladores de como se produz sentido sobre fenômenos que envolvem os movimentos sociais, para que se faça, em seguida, a reflexão sobre quanto da complexidade Semiótica dessas organizações é representado no signo/notícia e, em consequência, o quanto do campo problemático é posto em circulação na sociedade.

Do material coletado no campo, recorta-se os registros que tem mais relação com o problema ora identificado, na relação com o objeto de pesquisa. Em seguida, a tentativa é de refletir o que mesmo determina a escolha dos signos que compõem o processo de produção da notícia, entendido como conjunto de semioses difusas. Na pauta, como o chefe de reportagem, no *Correio do Povo*, ou o coordenador de produção de Geral, em *Zero Hora*, atuam como operadores sígnicos? Que tipo de semiose a pauta dispara ao ser entregue ao repórter? Como o repórter elabora o mapa semiótico que o orientará na apuração dos fatos? Que procedimentos o repórter adota na escolha dos signos que representarão o acontecimento enquanto objeto? A redação e edição dos textos sofre a ação de que signos? Tudo isso à luz do conceito de legi-signos que, em Peirce, constituem o ambiente semiótico no qual a notícia é produzida.

---

<sup>18</sup> Apontamento de aula ministrada pela professora Beatriz Marocco durante a disciplina de Crítica das Práticas Jornalísticas, no segundo semestre de 2010, parte integrante da estrutura curricular do curso de mestrado no PPGCOM da Unisinos, na LP2 – Linguagem e Práticas Jornalísticas.

A contribuição epistemológica almejada é oferecer um olhar para as rotinas de produção jornalística, sobre os modos de fazer notícia, que avance sobre o aparato teórico-metodológico do *newsmaking*. Para tanto, o entendimento é de que ao refletir sobre o Jornalismo do ponto de vista da linguagem, da produção de sentido, e, ainda, tendo como material empírico dados coletados no campo, será possível produzir uma síntese razoável acerca de como as informações que envolvem os movimentos sociais estão sendo oferecidas aos leitores, à sociedade.

### 3 CORREIO DO POVO E ZERO HORA: O AMBIENTE DE PESQUISA

Enfim, aparecem os primeiros dados empíricos diretamente relacionados ao objeto. O texto retrata, a seguir, parte da experiência da pesquisa exploratória no *Correio do Povo* e em *Zero Hora*. A opção por fazer isso antes mesmo que se avance à delimitação do contexto Político, Social e Econômico no qual se circunscreve o problema - e até mesmo do ponto vista sobre o Jornalismo do qual parte-se, mais especificamente - visa a situar o leitor em relação ao ambiente de pesquisa de que se está falando. Dominar a organização das duas redações desde já deverá facilitar o entendimento das demais etapas da pesquisa.

Desde a proposição da relação entre Jornalismo e movimentos sociais como tema para a pesquisa de mestrado que se empreende, a preocupação foi em saber se haveria acontecimentos envolvendo essas organizações, representados no signo/notícia. Evidentemente, estratégias foram desenvolvidas considerando um cenário desfavorável. Apreender as lógicas que determinam a produção da notícia, independentemente de qual fosse o objeto, para, em seguida, aproximá-la do tema, era uma delas. Já no exercício exploratório, contudo, o período observado foi fértil – o que se repetiria também durante os sete dias da pesquisa de campo propriamente dita em cada uma das redações.

#### 3.1 CORREIO DO POVO

No *Correio do Povo* a observação para a pesquisa exploratória ocorre em 18 de novembro de 2010, como já fora mencionado. Dia em que nenhum acontecimento se sobreporia à agenda jornalística, mas que seria rico em subsídios para as análises que seguem. Como pouco se poderia esperar, uma manifestação do movimento estudantil se materializa em práticas jornalísticas ao entrar na lógica da redação. A reflexão sobre o acontecimento à luz das teorias que baseiam o trabalho será elucidativa, como prévia, inclusive, do que se fará com mais profundidade na descrição e análise dos dados da pesquisa de campo.

A atenção inicial volta-se, no entanto, à descrição, com a precisão possível, das rotinas de produção do CP. O organograma da redação foi acessado logo no primeiro contato com o diretor de redação, Telmo Flor, no movimento que precedeu a observação. Hierarquicamente, ele se reporta apenas ao presidente do Grupo Record no Rio Grande do Sul, Fabio Tucillo. Depois de Flor, quem aparece no nível imediatamente inferior é o editor-chefe. A curiosidade é que esse não é um cargo formal. É ocupado, na prática, pelo editor de Economia, Eugenio Bortolon, que tem seu nome na publicação diária identificado apenas com essa função. E é,

aliás, uma das características que define a redação do CP como arcaica, uma redação que resguarda estruturas conservadoras no exercício do Jornalismo, sem uma divisão formal do trabalho, com profissionais responsáveis pela gestão de todas as etapas do processo de construção da notícia. Em seguida, aparecem os chefes de reportagem dos turnos da manhã e da tarde. Por fim, os editores e os editores assistentes. Os repórteres ficam na linha de frente da produção.

### 3.1.1 A editoria de Geral

Agora, a organização no que diz respeito à construção da notícia e os consequentes fluxos internos que se estabelecem. A editoria de Geral, principal foco da observação, se organiza de maneira um pouco diferente em relação às outras que compõem a redação. O modelo do CP certamente não é exclusividade, mas tem peculiaridades que chamam muito a atenção de um observador.

Editorias como Esporte, Política e Variedades, ocupam-se das pautas a que lhes dizem respeito desde a entrada na redação até a publicação no jornal, sem a intervenção de outros setores. Geral, Polícia e Economia formam um núcleo de produção. Redigida a matéria, depois que a pauta passou pelos demais processos, ela é entregue ao editor de cada uma das três editorias. Quem coordena esse núcleo são os chefes de reportagem.

Vejamos, então, como funciona a estrutura na prática. Quando uma informação chega à redação em um simples contato telefônico, por exemplo, é submetida ao chefe de reportagem do turno. Uma ocupação do MST seria o exemplo. O chefe de reportagem demandará um de seus repórteres. Entregará a ele a pauta, impressa, formalmente falando<sup>19</sup>. O repórter irá até o local do acontecimento para apurar os fatos. Volta à redação, redige a matéria, e submete à revisão do chefe de reportagem, que, em seguida, entrega ao editor de Geral ou ao editor assistente. Quando ele avalia que a matéria está extensa para o espaço físico que terá para o jornal do dia seguinte, entra em cena um agente que soa como desatualizado para o Jornalismo em pleno Século 21: a Central de Textos. Jornalistas que tem como única função editar a matéria de modo a diminuí-la – mais raro, mas também aumentá-

---

<sup>19</sup> Não raras vezes, a pauta é repassada ao repórter sem que haja a formalidade da impressão, que acentua as diretrizes que ele deve respeitar desde a apuração até a redação da matéria, o que não quer dizer que elas não existam. No *Correio do Povo*, o que se observa é que a formalidade da impressão resiste, embora não seja sempre respeitada. Resiste mais para as pautas que se convencionou no Jornalismo chamar de agendadas. Para acontecimentos como o exemplo de uma ocupação do MST, que chega a redação sem aviso prévio, não se costuma imprimir uma pauta formal.

la. Quando retorna para o editor, a matéria é, enfim, liberada para a diagramação e será publicada como estiver.

Segue a análise do fluxo que se estabelece desde que a informação chega à redação até virar notícia no dia seguinte. Primeiro, dos filtros que se estabelecem durante o processo: o chefe de reportagem que recebe a informação; o repórter responsável por cobrir o acontecimento; o chefe de reportagem, novamente, na revisão; o editor; a Central de Textos, quando acionada – ainda que não tenha como ofício “filtrar” as informações; e, por fim, uma última intervenção do editor<sup>20</sup>.

Na perspectiva da Semiótica Peirceana, cada um desses agentes dá início e fim a um processo de semiose, que desencadeia o próximo – sempre é bom destacar que não se trata de um início e fim marcados, mas sim de um processo que produz sentido colaborativamente, em *continuum*. Nesse contexto, é possível dimensionar os níveis de mediação que o signo que deu início ao processo de construção da notícia, na condição de objeto da matéria publicada no jornal, é submetido. O que a teoria do *gatekeeper* chama de filtro - sem que se avance conceitualmente nessa transposição - a Semiótica diria ser o interpretante.

Partindo-se dos pressupostos de Peirce, fica evidente a incidência da ação de cada um dos jornalistas que tem, naquele momento, a prerrogativa de “filtrar” quais são os signos que comporão o signo/notícia final. Na Central de Textos, então, se expressa o que se poderia chamar de intervenção irracional quando se pensa a semiose da notícia. O jornalista que assume a tarefa de editar o signo/notícia de modo, apenas, a diminuí-lo, fisicamente, é alheio aos demais signos nos quais ele está calcado. Nenhuma outra impressão senão a técnica jornalística, como legi-signo, inclusive, lhe orientará na condição de agente do processo de construção da notícia. Há de se considerar, porém, que o processo de semiose que se desencadeia sofre, obviamente, influência de signos que não estão na matéria que esse jornalista lê, trazidos ao processo por ele mesmo, também na condição de legi-signos: aqueles que ele traz como experiência e aqueles do ambiente semiótico.

### 3.2 ZERO HORA

Em *Zero Hora*, a pesquisa exploratória é no dia 21 de dezembro de 2010. E a exemplo do que ocorrera no *Correio do Povo*, não há nenhum grande acontecimento do ponto de vista dos critérios convencionados pelo Jornalismo. Entretanto, na observação em ZH também se

---

<sup>20</sup> Quando o editor avalia que a pauta pode envolver interesses estratégico-empresariais, submete a matéria à avaliação do diretor de redação, que poderá solicitar adequações para o alinhamento à política vigente.

pôde ver funcionando o objeto da pesquisa. Dessa vez, um fenômeno envolvendo o movimento sindical que acabaria representado na edição do dia seguinte. A análise desse processo é parte da seção em que se aborda a construção da notícia sobre os movimentos sociais, incluindo também o que se levantou no CP.

Diante da descrição em relação às rotinas de produção observadas no CP, até das análises que naturalmente seguiram, ainda que prévias, espera-se que o texto tenha maior fluidez quando trata das questões de ZH, na medida em que muitos dos processos se repetem ou, pelo menos, são semelhantes. A ideia agora é deter-se, sobretudo, às questões que chamam a atenção pela peculiaridade. É bom lembrar que não se está propondo uma comparação entre os dois veículos. O propósito de observar ambos na relação com os movimentos sociais é, de outra forma, que se possa ter uma dimensão mais abrangente das práticas jornalísticas.

O organograma começa pelo diretor de redação, Ricardo Stefanelli, que se reporta à direção do Grupo RBS<sup>21</sup>. Depois dele, na hierarquia, aparece o editor-chefe, Altair Nobre. E então, uma primeira substancial diferença em relação à organização da redação do *Correio do Povo*: o cargo de editor-chefe de *ZeroHora.com*, ocupado por Pedro Lopez, na hierarquia, é o terceiro mais importante. Informação que dá conta, por si só, de denotar a importância conferida por ZH ao Jornalismo Digital em detrimento do que se observava no CP, onde a redação online, como é nomeada, fica completamente separada da redação do impresso, o que dificulta, inclusive, a observação dos processos por parte do pesquisador, embora esse não seja o foco. A coordenadora de produção da redação, Deca Soares, aparece na sequência e depois os editores executivos, editores e subeditores e, então, os repórteres.

Outra diferença nos organogramas das redações observadas diz respeito à extinção, em ZH, do cargo de chefe de reportagem. Na verdade, não se trata exatamente de uma extinção. Cada editoria tem um profissional que executa essa função, no cargo intitulado como produtor executivo. Na editoria de Geral é que é diferente: há um coordenador de produção, que atua em consonância com o editor executivo, de modo a substituí-lo quando necessário, no horário em que não está na redação. Pode parecer apenas eufemismo – e não deixa de ser, até certo ponto –, mas a criação desse cargo explícita uma visão de gestão diferente daquela entendida como convencional no Jornalismo.

---

<sup>21</sup> Diferentemente do que ocorre no *Correio do Povo*, em *Zero Hora*, em função da diferença cultural, de gestão empresarial, o contato do diretor de redação, Ricardo Stefanelli, com o presidente do Grupo RBS, Nelson Sirotsky, não é tão frequente. A empresa designa outros executivos, membros da direção, para atender ao jornal no seu cotidiano. Foi a impressão que ficou do relato ouvido por mais de uma fonte durante o processo investigativo.

### 3.2.1 A editoria de Geral

A estrutura da editoria de Geral em *Zero Hora* tem nuances na comparação com o *Correio do Povo*. Aqui, a dinâmica é a mesma das outras. Ou seja, não há diferença entre produção e edição. O editor executivo responde também pela editoria de Polícia, o que faz com que o corpo de repórteres que atua em ambas se confunda, às vezes, embora haja uma divisão informal. Com o coordenador de produção de Geral é que se deu o contato mais direto para o levantamento de informações sobre a editoria.

A rotina de produção não é muito diferente daquela observada no CP. As pautas que chegam passam pelo primeiro filtro, que é o coordenador de produção – nas demais editorias esse cargo é chamado de produtor executivo, como já se referiu; somente em Geral e Esportes é que há coordenadores de produção. Em seguida, o repórter é demandado; apura as informações; redige a matéria e entrega ao editor ou ao subeditor/editor assistente.

Como não há um dispositivo como a Central de Textos do CP, é o editor quem cumpre o papel de reduzir uma matéria, além de revisá-la, quando avalia que seja necessário pelo espaço físico que tem disponível na edição do dia seguinte. Soma-se ao grupo da Geral dois diagramadores – cada editoria tem a sua própria equipe de diagramadores, o que acaba agilizando a edição e o fechamento. O editor executivo só revisa as matérias quando já estão diagramadas, na página.

Parece ser, em ZH, uma lógica de produção mais razoável do que no CP; a matéria deveria, naturalmente, passar pelo editor antes de ser liberada à diagramação. Até mesmo do ponto de vista da construção da notícia, é mais racional, pressupondo-se que o editor terá domínio sobre os temas que envolvem as matérias que estão sendo produzidas na sua editoria, como deve ser.

Os níveis de mediação entre o objeto semiótico, nesse caso, o acontecimento, e o signo que o representa, a notícia no jornal, não são em menor escala em *Zero Hora* ante ao *Correio do Povo*. Veja que se estabelecem como *gates* (portões), na editoria de Geral, coordenador de produção, o repórter, o editor e o editor executivo, em última instância, considerando o fluxo normal dos processos<sup>22</sup>. O que parece haver, reitera-se, é mais racionalidade mesmo, sem o elemento da Central de Textos.

---

<sup>22</sup> Em *Zero Hora* a revisão da matéria por parte do diretor de redação também só ocorre quando o editor executivo avalia essa necessidade. Portanto, como no *Correio do Povo*, quando se trata de pautas de interesse estratégico-empresarial.

### 3.3 PRIMEIRAS ANÁLISES

Nas duas experiências de observação, no *Correio do Povo* e em *Zero Hora*, informações que envolvem o movimento estudantil e o movimento sindical, respectivamente, são submetidas às lógicas de produção das redações, proporcionando o contato direto do pesquisador com o objeto de pesquisa propriamente dito: a relação entre rotinas de produção e os movimentos sociais. Pela riqueza de subsídios que as duas situações oferecem à pesquisa, avalia-se como necessário, inclusive, o relato em uma seção à parte, separada da descrição das rotinas do CP e de ZH, já neste ponto do trabalho, o que implica algum esforço de abstração, mesmo que a proposta seja fazê-lo com mais rigor nos próximos capítulos. Outra medida que visa a inteligibilidade é a separação, também, dos dois relatos, o que ocorre a seguir.

#### 3.3.1 Correio do Povo e o movimento estudantil

Parecia que a observação no jornal *Correio do Povo* durante a pesquisa exploratória, ainda que produtiva do ponto de vista da apreensão dos processos da redação, não oferecia elementos objetivos para que se pudesse avançar na compreensão sobre o objeto pesquisado naquela quinta-feira, 18 de novembro de 2010. Parecia. Eram 18 horas quando o chefe de reportagem recebe uma ligação: o movimento estudantil da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) organizava uma manifestação que deveria culminar com a interdição do trânsito em frente à instituição, na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre.

A partir daí, a informação entra na lógica das rotinas produtivas do CP. A etapa seguinte é entrega da pauta ao repórter responsável por cobrir o acontecimento. Nesse caso, é feita informalmente, sem a impressão em papel. O chefe de reportagem diz ao repórter que trata-se de um movimento organizado pelo Diretório Acadêmico (DA) do curso de Educação Física. A reclamação é de que a PUCRS reajusta suas mensalidades sempre acima dos índices indicadores. Aí está o primeiro processo de semiose, constituído pelos signos que compõem o relato do chefe de reportagem. A escolha sobre quem cobriria o acontecimento é interessante. Segundo o chefe de reportagem, é o repórter que costuma fazer Economia, mas como “estava aí, meio...”, nas palavras dele, foi designado<sup>23</sup>. Não há uma definição razoável, por um profissional que tivesse familiaridade com o tema.

---

<sup>23</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa exploratória.

A primeira medida adotada pelo repórter é o contato, por telefone, para dimensionar diretamente com a fonte, o estudante que lidera a manifestação, a importância da pauta. Descobre que a intenção é interditar a Avenida Ipiranga por volta das 19h30min. Reporta-se, então, ao chefe de reportagem para saber como se dará a cobertura do acontecimento. O chefe de reportagem, por sua vez, consulta o editor de Ensino para uma avaliação mais definitiva<sup>24</sup>. Aparecem aí vários elementos no contexto em que ocorre a decisão: a ausência de fotógrafos à disposição da redação; o horário de fechamento da edição; a reunião de capa, que já definiu as diretrizes para matérias de abertura de página nas editorias.

A pergunta que faz o chefe de reportagem ao editor de Ensino é objetiva: “Mando fotógrafo?”. A resposta, nem tanto. “Não podemos ficar na palavra da gurizada: ‘foi um grande protesto, teve muita gente...’ Mas não é algo de grande relevância”<sup>25</sup>. Decidem, enfim, não mandar o fotógrafo para o local. A construção da notícia se dará unicamente pela mediação do relato da fonte ao repórter. E veja que a ida do próprio repórter, de modo a ele estabelecer sua própria interpretação, sequer é cogitada. Apenas do fotógrafo. Quando questionado pelo pesquisador sobre a decisão de não mandar o fotógrafo para registrar a manifestação, o repórter reage de modo a se eximir de qualquer responsabilidade: “É isso eu não sei. A editora de Ensino que decide. Não sei se ela acha que tem coisas mais importantes...”<sup>26</sup>.

Alguns indícios já começam a aparecer, reveladores de como a redação do CP lida com o movimento estudantil como objeto. Primeiro, não é uma organização que mereça atenção em meio a um ambiente organizacional tenso e às restrições orçamentárias a que os profissionais estão submetidos, expressas na ausência de um fotógrafo, naquele momento, na redação. Em segundo lugar, não parece haver na decisão de não mandar um fotógrafo para o local do acontecimento uma motivação ideológica. É mais operacional mesmo.

Na sequência do processo de construção da notícia, o repórter busca o contraponto junto à assessoria de imprensa da PUCRS. Tem como resposta a promessa de que o responsável pelo tema fará contato com a redação. Nesse meio tempo, tenta saber qual é o índice indicador de reajuste para a mensalidade. Quer comparar, em seguida, com a informação que receberia da PUCRS. Não encontra a informação. O curioso é que, no dia a dia, é o repórter que trabalha justamente com Economia.

---

<sup>24</sup> Editorias como a de Ensino se configuram quase que como subeditorias que compõem o núcleo de produção capitaneado pela editoria de Geral. Utilizam-se do mesmo corpo de repórteres. A diferença ocorre apenas no processo de edição mesmo.

<sup>25</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

<sup>26</sup> Declaração informal concedido ao pesquisador durante a pesquisa exploratória.

A resposta que vem da universidade, por volta das 18h30min, é de que ainda não há um reajuste definido, mas que “não será muito diferente do índice de inflação”. Os estudantes apostam em algo em torno de 08% e 09%. Ao ligar novamente para o líder estudantil, o repórter ouve a confirmação de que a manifestação está ocorrendo e que começa por uma marcha pelos corredores da universidade. Com as informações que tem, redige a matéria. Às 19h30min, ainda tenta novo contato com o estudante. Três ligações, nenhuma atendida. Desiste e segue a redação.

Às 19h40min, a matéria é entregue ao chefe de reportagem sob o título “Frente protesta na PUCRS contra alta na mensalidade”. Como estava redigida, ocuparia um terço de página, aproximadamente, em três colunas. Após revisá-la o chefe de reportagem recorre novamente ao editor de Ensino: “Isso aqui eu não... De repente uma “golinha” (notas que são publicadas no canto superior das páginas)? Pra gente não ficar, né...”. A resposta é vaga: “Tá, tá...”<sup>27</sup>. O editor de Ensino parece ocupado com outro assunto: dados sobre redução do analfabetismo no Rio Grande do Sul divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, do Governo Federal.

Diante da necessidade de redução da matéria de modo a caber no espaço que há na edição de 19 de novembro de 2010, a matéria é encaminhada à Central de Textos. Veja, esse é o agente da redação que menos propriedade teria para editar a matéria, na medida em que não acompanhou nenhum dos processos de semiose que se estabeleceram até a constituição do signo/notícia. O prejuízo que isso causa a interpretação do leitor se evidencia quando o jornalista que assume a tarefa procura o editor de Ensino para esclarecer uma dúvida. Não é possível observar a pergunta nem a primeira resposta, apenas a réplica do jornalista da Central de Textos: “Vai ser uma golinha de nada!”<sup>28</sup>. Acabou sendo uma nota. Poucas linhas na editoria de Ensino, como se reproduz:

#### Reajuste para 2011 gera protesto na PUCRS

Em contrariedade ao reajuste de mensalidades da PUCRS para 2011, estimado entre 8% e 9%, a Frente Estudantil realizou protesto, ontem à tarde, junto à entrada da universidade, na Capital. Conforme Celedo Neto, que integra a Frente, "a PUCRS aplica índice acima do praticado por demais instituições privadas de Ensino Superior". Já a Reitoria acadêmica informou que não existe ainda índice de reajuste definido para o próximo exercício (CORREIO DO POVO, 2010)<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

<sup>28</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

<sup>29</sup> Ver ANEXO 02.

Do ponto de vista do discurso, os signos que se mantiveram desde a redação do repórter até a edição final mantêm o sentido que parece ter originado o contato dos estudantes com a redação: dar visibilidade a um protesto contra um reajuste de mensalidade considerado injusto. Até mesmo os signos que representam a posição da universidade, enquanto objeto semiótico, não se opõem a esse sentido.

É um primeiro indício, contudo, para a confirmação da impressão de que as práticas jornalísticas, suas especificidades, nesse caso, não são capazes de representar a complexidade da organização semiótica de um movimento social. Na falta de um testemunho sobre como fora a manifestação, o signo/notícia produzido pelo CP sequer remete à tentativa de interdição do trânsito que propunha o movimento, o que daria uma dimensão sobre a aceitação da reivindicação na comunidade acadêmica, pelo menos. E observe que, no caso relatado, absolutamente não há indícios que possam levar a conclusão de que essa restrição é deliberada. É uma contingência da rotina de produção da redação. E mais: condicionada, ainda, pelas peculiaridades da ordem do dia em que ocorre a observação.

### **3.3.2 Zero Hora e o movimento sindical**

Em *Zero Hora*, não houve sequer tempo de se abater a ansiedade à espera de elementos que contribuíssem ao funcionamento do objeto de pesquisa. Eles apareceram naturalmente, logo nas primeiras horas de observação. Foi durante a reunião de produtores executivos, pela manhã, quando as primeiras pautas são levantadas para a edição do dia seguinte. A pesquisa exploratória ocorre em ZH às vésperas do Natal, dia 21 de dezembro de 2010, uma terça-feira. É época em que viagens são constantes. Certo. Na ordem do dia estava novamente a discussão sobre a suposta possibilidade de “caos aéreo” no Brasil. Soma-se a isso problemas em função das nevascas que fechavam aeroportos em vários países da Europa e pronto, estava criado um cenário propício a reprodução de matérias sobre o tema.

A reunião de produtores executivos começa, por volta das 10h15min, e cada editoria “canta” suas pautas. Quando chega a vez da Economia, são citados todos os temas e, ao final da intervenção do jornalista responsável, o coordenador de produção de Esportes, que neste dia é substituto, pede a palavra: “E esse negócio dos aeroportos?”. O produtor de Economia se apressa em dizer que a editoria de Mundo está trabalhando uma pauta dessa natureza. “Não, não. Estou falando dessa ameaça de greve dos aeroviários, dos aeronautas, que estão negociando com as empresas”, replica. Vem a tréplica: “Sabe que essas coisas quanto mais

bola tu dá, mais fortifica a greve. Eles estão dizendo que vão fazer greve no Natal. É obvio que vão dizer. É tudo que eles querem!”<sup>30</sup>.

É inevitável que, à primeira impressão, se destaque do diálogo entre os produtores executivos a relação ideológica que envolve a pauta. ZH, como empresa, representante do capital; aeroviários, sindicalistas, como representantes da classe trabalhadora. É preciso que se reflita, também, sobre a espontaneidade do filtro que se estabelece pela opinião do produtor de Economia, que vai muito além de uma simples diretriz da organização do tipo: “não noticiemos movimentos grevistas”. Parece mais, por outro lado, uma convicção pessoal que se constitui, naquele momento, como critério para representação de uma demanda do Sindicato Nacional dos Aeroviários e do Sindicato Nacional dos Aeronautas, orientada por um legi-signo que representa, pelo que tem de convenção, a manutenção da ordem do sistema como um valor pelo qual o Jornalismo deve prezar.

Pouco tempo depois, às 11h53min, os aeroviários, através de nota oficial, confirmavam a greve para o dia 23 de dezembro, antevéspera de Natal. Sites de notícias davam matérias a respeito<sup>31</sup>. A pauta não voltou a ser debatida na reunião de editores executivos de ZH, à tarde, às 14h30min. *ZeroHora.com*, por outro lado, já às 13h48min, publicava nota da entidade representativa das empresas do setor, o Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias - SNEA:

SNEA divulga nota sobre ameaça de greve de aeroviários e aeronautas

Sindicato das empresas informa que categorias já receberam 6,08% de aumento

O Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias (SNEA) divulgou nota hoje sobre as negociações salariais envolvendo os aeroviários e aeronautas. As duas categorias pretendem paralisar suas atividades na véspera do Natal, o que poderá ocasionar um caos aéreo.

Abaixo, leia a íntegra da nota:

Em respeito aos passageiros e ao público, tendo em vista a ameaça feita pelos sindicatos que representam os aeroviários e os aeronautas de paralisar suas atividades às vésperas do Natal, o SNEA esclarece que:

1. As duas categorias já receberam este ano o reajuste salarial de 6,08%, referente à inflação do período medida pelo INPC (índice Nacional de

<sup>30</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

<sup>31</sup> Ver matéria publicada no site do jornal *Folha do Turismo. Mercado&Eventos*. Disponível em: <<http://www.mercadoeeventos.com.br/script/FdgDestaqueTemplate.asp?pStrResolucao=&pStrLink=3,26,0,67126&IndSeguro=0>>. Acesso em 28 abr 2011.

Preços ao Consumidor). Esse reajuste já está sendo pago às duas categorias, no 13º e no salário de dezembro.

2. A indústria de transporte aéreo, concedeu nos últimos cinco anos 6% de ganho real (33,8% de reajuste para uma inflação de 26,7%), não podendo, nesse momento, tendo em vista os índices propostos (15% e 13%), assumir compromissos deste porte que, aí sim, poderiam colocar em risco o emprego de milhares profissionais das duas categorias.

3. Para evitar transtornos aos passageiros e seus familiares, neste momento em que aumenta o tráfego aéreo e o movimento nos aeroportos, o SNEA considera que as negociações ainda podem evoluir e qualquer paralisação que venha a prejudicar as operações, é prematura e inoportuna.

O SNEA lamenta a intransigência dos sindicatos dos aeroviários e dos aeronautas e espera que, evitando a radicalização, não prejudiquem aos passageiros e suas famílias, a quem devemos todo respeito e consideração, no momento em que se preparam para comemorar as festas de final de ano e iniciar seus períodos de férias (ZEROHORA, 2010)<sup>32</sup>.

A notícia sobre a confirmação da greve só foi ser publicada por ZH em seu site às 18h30min, com as duas posições, a do sindicato patronal e o representante dos trabalhadores, depois que a *Agência Brasil* (agência de notícias oficial mantida pelo Governo Federal)<sup>33</sup> confirmou a informação<sup>34</sup>. De uma pauta de “pouca relevância” na primeira reunião, quando as fontes eram os sindicalistas, a confirmação da greve virou chamada de capa da edição de 22 de dezembro de 2010 em *Zero Hora*: “Ameaça de greve pode repetir caos aéreo”<sup>35</sup>.

Embora dê voz aos integrantes dos sindicatos dos trabalhadores na condição de fonte, tanto dos aeroviários, quanto dos aeronautas, além, obviamente, de ouvir novamente o SNEA, a reportagem publicada nas páginas 26 e 27, na editoria de Economia, é composta por signos carregados de sentidos ideológicos. Aqui, quando o debate é marcadamente de classe, entre trabalhadores e empregadores, essa dimensão fica nítida. A começar pelo título, que remete logo aos supostos prejuízos que uma paralisação das categorias causaria: “Natal no aeroporto: Sem avanço, aeroviários prometem parar amanhã”<sup>36</sup>.

Como a reportagem é publicada pela editoria de Economia, não se pôde acompanhar o processo de produção propriamente dito. Pela observação do contexto que o envolveu, no

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2010/12/snea-divulga-nota-sobre-ameaca-de-greve-de-aeroviaros-e-aeronautas-3149465.html>>. Acesso em 28 abr 2011.

<sup>33</sup> Ver: <http://agenciabrasil.ebc.com.br>

<sup>34</sup> Ver matéria publicada no site do jornal *Zero Hora* (*ZeroHora.com*). Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a3149588.xml&channel=13&tipo=1&section=Geral>>. Acesso em 28 abr 2011.

<sup>35</sup> Ver ANEXO 03.

<sup>36</sup> Ver ANEXO 04.

entanto, e com os subsídios que o acesso aos momentos de decisão na construção da edição oferece, é possível que se tenha a dimensão da intervenção ideológica que se constitui. Por outro lado, fica prejudicada a avaliação acerca de como atuam os filtros, se sua constituição é deliberada ou mais espontânea, como parece ter sido o caso da decisão inicial, na reunião de produtores, sobre qual seria a dimensão da pauta.

## 4 NEOLIBERALISMO: O AMBIENTE SEMIÓTICO

[...] o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um “consenso”. Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes; temos acesso aos mesmos “mapas de significados”. Não só somos capazes de manipular esses mapas de significados, para compreender os acontecimentos, mas também temos interesses, valores e preocupações fundamentais, em comum, que estes mapas incorporam ou refletem. Todos nós queremos manter basicamente a mesma perspectiva acerca dos acontecimentos. Neste ponto de vista, o que nos une, como uma sociedade e cultura – o seu lado consensual – ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes de grupos (HALL et. all, 1993, p. 226).

Stuart Hall é capaz, em um parágrafo, de resumir o pressuposto que orienta este capítulo. Senão vejamos. O “consenso” de que fala é, aqui, o ideário dominante, materializado no discurso do neoliberalismo como modelo econômico comum, ideal. Trata-se, evidentemente, de um ponto de vista do qual parte-se para contextualizar a pesquisa. O próprio Hall considera que a organização social compreende também outros tipos de manifestações culturais para além daquelas impostas pelo “consenso”. Ao dizer, contudo, que o lado consensual que nos une enquanto sociedade se sobrepõe ao que nos distingue enquanto grupos ou classes dá lastro ao entendimento de que é neste ambiente semiótico, regido por um sistema de significação formado por signos de caráter fortemente ideológico, que se estabelece a relação entre movimentos sociais e Jornalismo.

A tentativa, em poucas linhas, é a de delimitar este ambiente, identificar nele os legi-signos que orientam, a rigor, a produção de sentido na sociedade contemporânea. Um breve resgate histórico das condições que levaram à constituição do ambiente, seguido de uma definição mais precisa sobre como, nele, se compõem os legi-sinos.

### 4.1 A CONSTITUIÇÃO DO SISTEMA

A abertura dos mercados nacionais no final da década de 1980, impulsionada pelo fim da Guerra Fria, com a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o comando dos governos de Ronald Reagan (Estados Unidos da América - EUA) e Margareth Thatcher (Inglaterra), impôs uma nova lógica para a economia mundial. Começava a consolidar-se ali o neoliberalismo.

A revolução tecnológica desencadeada pela afirmação do novo modelo econômico, que avança às premissas do capitalismo, teve impacto direto no mundo do trabalho, de modo a submeter os trabalhadores a uma nova cultura, a do desemprego. A ideia de competição se estabelecia, o que acabara esvaziando a pauta de reivindicações do movimento sindical, desarticulado pelos ataques aos direitos trabalhistas e pela flexibilização dos mercados, que privilegiaram demandas individuais.

É um processo que não se instaura de uma hora para outra. Pesquisadores investigam, sobretudo a partir do Século 21, como se dá na História. É o caso de Fernando da Costa Vieira e Hiran Roedel (2002). O fim da Segunda Guerra Mundial é determinante, considerada a reorganização do mercado: “Nessa conjuntura, algumas das reivindicações históricas do movimento operário foram incorporadas pelos países centrais do mundo capitalista e se consubstanciaram no chamado ‘welfare state’” (VIEIRA; ROEDEL, 2002, p. 27).

O movimento dos países mais ricos do mundo antecipava medidas que mais tarde fragilizariam o movimento sindical.

A revitalização das forças do mercado mundial, ocorrida sob a hegemonia americana, progressivamente minou as condições de isolamento econômico nacional em que estava baseado o poder social do trabalho organizado nos países centrais (ARRIGHI, 1996, p. 27).

No Brasil, o neoliberalismo começa a se consolidar a partir da década de 1990, com a eleição do presidente Fernando Collor de Melo. No que tange à política ideológica do sistema, aliás, avançando para além das considerações econômicas iniciais, o governo Collor exemplifica a nova ordem estabelecida pelo ideário neoliberal. Prova disso são os ataques às greves do funcionalismo público desencadeadas após as primeiras opções políticas do governo. Demissões em massa e perseguição de servidores foram registradas em todo o país.

Se, por um lado, são reprimidas as ações dos sindicatos, a base de sustentação do neoliberalismo, de perfil conservador, permite, por outro, o recrudescimento de movimentos sociais que denunciam as contradições entre os mais ricos e os mais pobres. É o que aconteceu no Brasil durante os oito anos em que Fernando Henrique Cardoso ocupou a Presidência da República. Nos cenários em que a exclusão se intensifica, como no campo, a luta secular pelo direito a terra acaba tomando a frente no processo de resistência ao sistema (VIEIRA; ROEDEL, 2002).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST confirma essa tendência e se insurge de forma veemente desde o final do século passado contra o neoliberalismo, assumindo papel de protagonista na reação ao modelo econômico, ainda que a agenda tenha

sido posta em suspensão por um longo período após a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, em 2002, com uma plataforma política progressista, enquanto havia a expectativa de que o novo governo avançaria na reforma agrária. Outro exemplo, mais recente, expressa o momento de transição entre o que se pode definir como resistência ao sistema a partir da denúncia das diferenças de condições econômicas e sociais entre os mais ricos e os mais pobres: as manifestações que ocorrem em todo o mundo contra a especulação financeira. É o caso do movimento *Occupy Wall Street*, que levou milhares de pessoas às ruas em 2011 nos Estados Unidos e em países da Europa, sobretudo, mas também de outros continentes, protestando contra a concentração da riqueza, concretamente identificada no sistema financeiro internacional. Evidentemente, as matrizes culturais e históricas de MST e *Occupy Wall Street* são absolutamente diferentes. O que há de comum é não mais do que a denúncia dos métodos de organização social impostos pelo modelo neoliberal, que privilegia a propriedade privada ao patrimônio público; a concentração à distribuição de renda.

#### **4.1.1 Globalização e alienação**

Dado o contexto histórico em que circunscreve-se a relação entre Jornalismo e movimentos sociais, o próximo passo é a identificação da conjuntura de caráter mais ideológico que marca essa relação, considerando sempre a consolidação do sistema capitalista e do ideário neoliberal – ainda que haja contestação, entretanto, sem um resultado que aponte para mudanças estruturais de curto prazo. Consolidação que atinge sua expressão máxima pelo processo de globalização.

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Esta sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pelas transformações das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressão das atividades e elites dominantes (CASTELLS, 2002, p. 17).

Esse cenário complexo, associado a estratégias potencialmente alienantes, tornam a luta de classes aparentemente desatualizada, situação que se intensifica a partir da década de 1990. No Brasil, que vivera nos anos anteriores períodos de presença dos movimentos sociais nas ruas contra a ditadura militar que assumiu o poder no “Golpe de 64”, a última década do

Século 20 foi de consolidação de uma espécie de “consenso neoliberal”, chamando ao debate novamente Stuart Hall (1993), e de deslegitimação das organizações sociais.

Com uma pragmática de teor funcionalista, as empresas de comunicação, ao identificar nos movimentos que contestam a forma convencional de organização social proposta pelo capitalismo uma reação ao sistema, atuam no sentido de defender a ordem estabelecida. Por mais ortodoxa que possa soar a formulação, já que alude a um conceito que tem base em Emile Durkheim – considerada a aproximação com o positivismo e a teoria funcionalista –, é o que se apresenta quando observado o emprego da mídia pelo neoliberalismo para desqualificar o movimento sindical, por exemplo, representá-lo como arcaico, autoritário, incapacitado ao convívio na moderna sociedade de consumo (VIEIRA; ROEDEL, 2002).

A expansão dos mercados proporciona um fenômeno de inclusão do trabalhador no ciclo do consumo, processo que decorre da instalação de unidades das maiores empresas do mundo em países mais pobres com o propósito da exploração da mão-de-obra barata e de matéria prima abundante, o que aumenta a oferta de emprego e de produtos, o número de trabalhadores possuidores, portanto, de renda mensal fixa e segura e, por conseguinte, de consumidores. É a redefinição histórica das relações de produção abordada com propriedade por Castells (2002).

A posição que as empresas capitalistas assumem ao negociar reivindicações dos trabalhadores passa a privilegiar acordos de ganhos individuais em detrimento de questões de cunho social. O desemprego é o escudo do sistema. Os governos neoliberais criam também “condições para a introdução de uma pragmática produtiva, fundada na individualização das relações entre capital e trabalho e no boicote sistemático à atuação dos sindicatos e classe trabalhadora” (ANTUNES, 1999, p. 35).

Quando o trabalhador passa a sentir-se parte do sistema neoliberal enquanto consumidor, nega a luta de classes. Veja como é paradoxal: o produto que o trabalhador produz, por sua própria força de trabalho, deixa de ser “seu” e terá que ser por ele “readquirido”, na forma do consumo, a partir de relações eminentemente simbólicas. E essa não é nenhuma constatação recente. Reporta-se ao Século 19, dessa vez, com Karl Marx, quando aborda o conceito de *alienação*:

[...] alienação do operário de seu produto significa não somente que seu trabalho se converte em um objeto, em uma existência externa, mas também, que esta existência se encontra fora dele, é independente dele e aliena a ele e representa diante dele um poder próprio e substantivo, que a

vida que o operário tem infundido ao objeto enfrenta a ele como algo estranho e hostil (MARX, 1968, p. 76).

Com o crescimento vertiginoso na sociedade contemporânea da produção de objetos com dimensões eminentemente simbólicas - ou até objetos essencialmente simbólicos - a perspectiva da alienação torna-se muito mais complexa. Nesse sentido, o consumo age, semioticamente, como fator de inclusão, reduzindo a adesão do trabalhador a um movimento social que questiona um sistema capaz de gerar nele essa “sensação de inclusão”.

Quando a manifestação social que se constitui visa a reestabelecer a ordem do mercado, como é o caso de movimentos de defesa do consumidor, não superá-la, percebe-se que não há o emprego da mídia no sentido da deslegitimação. Pelo contrário. O tratamento jornalístico conferido a protestos desse tipo, mantenedores do sistema capitalista neoliberal, na comparação com movimentos que propõem fins avessos ao sistema, que defendem transformações na estrutura social, é revelador de como se desencadeia a estratégia de deslegitimação da luta de classes. No primeiro caso, as matérias abordam pontos positivos. Protestos que visam a restabelecer direitos cerceados. No segundo, a perspectiva é negativa, “quando são noticiados é sempre em função de algum desastre e não de suas conquistas” (GOHN, 2003, p. 188).

A compreensão do grau de alienação imposto pelo neoliberalismo quando o assunto é movimentos sociais possibilita o avanço para a construção da imagem do sistema. Nesse sentido, apresenta-se como importante o conceito de *sociedade do espetáculo* que permeia a globalização. A produção cultural acaba reforçando a alienação, primando pela imagem ao conteúdo. É a transformação da imagem da “mercadoria” em espetáculo, o que explica a diferença de tratamento jornalístico entre movimentos sociais e os movimentos de defesa do consumidor. A relação é simples. Ao construir um mundo baseado, em especial, na imagem, o capitalismo torna mais fácil a tarefa da alienação do consumidor ao mercado. A imagem ideal é a do produto a ser consumido e o processo é efêmero. Na medida em que determinada mercadoria constitui-se como “espetáculo”, passa a ser desejo de consumo da sociedade. Depois de consumida, perde seu valor enquanto imagem e vem outra a substituí-la, em um ciclo que garante a manutenção dos mercados.

E como ficam as reivindicações sociais em meio à desigualdade? O espetáculo por si só dá conta de torná-las pormenores frente ao mundo idealizado.

[...] o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, “a

expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem” (DEBORD, 1998, p. 138).

A individualização do homem acaba por consolidar a alienação. A coletivização de demandas passa a ter papel menos importante frente aos anseios e ambições pessoais: “na prática, o neoliberalismo ao dimensionar o papel do espetáculo reforça a despolitização dos trabalhadores ocultando a luta de classes” (VIEIRA; ROEDEL, 2002, p. 30).

#### 4.2 A COMPOSIÇÃO DOS LEGI-SIGNOS

Retoma-se a principal inspiração teórica da pesquisa para que fique mais racional a relação que se propõe entre o contexto econômico, político e social no qual estão inseridos Jornalismo e movimentos sociais e a produção de sentido do primeiro acerca do segundo. Sabe-se que, em C. S. Peirce, são três as dimensões do signo: uma qualitativa, de comportamento icônico; outra de conexões com o objeto, portanto, indicial; e à terceira cabem as convenções simbólicas (HENN, 2010). Na terceira dimensão, então, é que se manifestam os legi-signos, aqueles cuja característica principal é a convenção social. A partir dele, também, o neoliberalismo representará seus valores como objeto de signos tais quais a ordem, a livre concorrência de mercado, a propriedade privada e outros que se estabelecem como pilares do sistema.

Justamente pelo que tem de convenção, o legi-signo é capaz de representar objetos exclusivamente abstratos, sem uma materialidade concreta. Uma ideia, apenas. Um valor. Depende só da construção social que se faça em torno dele. Não representa o singular, mas sim o geral: “A palavra mulher, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é esta mulher, aquela mulher, ou a mulher do meu vizinho, mas toda e qualquer mulher” (SANTAELLA, 1983, p. 14). Lucia Santaella facilita a compreensão. Convém citá-la novamente para que não haja dúvida sobre o conceito no qual se está estruturando a ideia de que há legi-sinos que determinam, mais ou menos, a produção de sentido na sociedade capitalista.

[...] o objeto de uma palavra não é alguma coisa existente, mas uma ideia abstrata, lei armazenada na programação linguística de nossos cérebros. É por força da mediação dessa lei que a palavra mulher pode representar qualquer mulher, independentemente da singularidade de cada mulher particular (SANTAELLA, 1983, p. 14).

Não há como dissociar, portanto, a produção de sentido sobre os movimentos sociais do ambiente semiótico em que o Jornalismo está inserido. É nele que se processam as convenções que determinarão, afinal, os legi-signos a partir dos quais se produz a notícia<sup>37</sup>. Neste ambiente, agem, ainda, sistemas de linguagem, sistemas de produção de sentido, como se pode definir o próprio Jornalismo, e discursos que se valem de diferentes sistemas de linguagem – além do Jornalismo cabe destacar a Igreja, o Estado, a Escola, como exemplos – para fazer perpetuar os valores do ideário dominante.

O discurso implica o encontro entre sistemas de linguagem e as condições sociais: a sua compreensão exige uma atenção mais próxima às circunstâncias históricas, sociais e culturais da sua produção e consumo. Estudar um discurso específico implica atender a sua função social (HARTLEY, 1991, apud CORREIA, 2011, p. 70).

É neste ambiente semiótico, marcado pelo “consenso neoliberal”, que o Jornalismo representa e gera interpretações sobre os movimentos sociais como objeto. É razoável supor que os signos que os representam nas páginas dos jornais sejam carregados de legi-signos cujas convenções lhes atribuem uma imagem de organizações que não são bem-vindas, considerado o modelo de organização social vigente. E mais: a ação dos próprios movimentos, neste contexto, se dará no sentido de reagir a representação que lhe é conferida.

Os signos são condicionados pela forma de organização social em que os participantes se envolvem, mas também pelas condições imediatas da sua produção. Estas, na perspectiva de Hartley, implicam a atenção à estrutura social de classes e às relações de poder e de dominação que lhe são inerentes. A vida dos signos nesta lógica é também um campo de confronto social e ideológico (CORREIA, 2011, p. 71).

Ao definir a vida dos signos como um campo de confronto social e ideológico, citando Hartley<sup>38</sup>, João Carlos Correia contribui à postulação de que é preciso entender melhor o que há mesmo nas redações de jornais, entendidas, também, como parte do ambiente semiótico em que se produz sentido sobre os movimentos sociais e como sistema semiótico que opera com seus legi-signos na forma de práticas jornalísticas, que acaba contribuindo para o “consenso neoliberal”. Se admite-se o confronto na vida dos signos, e já o conceito de semiose em Peirce o pressupõe, na medida em que é infinita e incontável, como é que agem os legi-signos nas redações? É a pergunta que estimula a sequência da pesquisa.

<sup>37</sup> Ao investigar as fronteiras entre o Jornalismo e a Arte na produção de ilustrações de jornais diários, Gilmar Hermes (2005) identificou legi-signos que tendem a constituir a forma como os profissionais pensam o seu trabalho e, conseqüentemente, agem como uma espécie de parâmetro na produção de sentido.

<sup>38</sup> HARTLEY, John. **Understanding News**. Londres: Routledge, 1991.

## 5 MOVIMENTOS SOCIAIS: O OBJETO SEMIÓTICO

E de que movimentos sociais se está falando? Uma tentativa de encontrar respostas definitivas seria em vão. Nem mesmo a Sociologia, que se ocupa desse objeto, os define com precisão. Não por falta de dedicação. Maria da Gloria Gohn (1997) diria, sim, que não há uma concepção homogênea: “Nunca haverá uma teoria completamente pronta e acabada sobre eles. Trata-se de uma característica do próprio objeto de estudos. Os movimentos são fluidos, fragmentados, perpassados por outros processos sociais” (GOHN, 1997, p. 343).

Nada que impeça, porém, um exercício na direção de delimitar as concepções que mais se aproximam do que, entende-se, seja adequado aos objetivos deste trabalho. Uma primeira pista diz respeito à compreensão marxista de movimentos sociais.

Considera-se que o estudo dos movimentos sociais sob a abordagem marxista centra-se na análise dos processos históricos globais, nas contradições materiais existentes e nas lutas entre as principais classes sociais presentes no processo de produção. As mudanças são sempre concebidas como fruto das contradições geradas pela oposição entre capital e trabalho, que contrapõem respectivamente a burguesia e o proletariado em uma luta ininterrupta: a luta de classes. Esta luta é concebida como o “motor da história”, cujo resultado ancora-se na suposição de que as contradições geradas por ela colaboram para a organização política do proletariado, permitindo criar as condições necessárias para a superação da ordem capitalista (PICOLOTTO, 2007, p. 158).

Adotar essa perspectiva, única e exclusivamente, demandaria uma reflexão muito mais complexa no sentido de esmiuçar o conceito de movimentos sociais, avançando sobre a teoria marxista. Para esta pesquisa, portanto, constitui-se como inspiração teórica, não como premissa teórico-metodológica. E mais: a avaliação, neste momento, é a de que reside no esforço de cotejar a concepção marxista aos estudos contemporâneos uma contribuição mais elucidativa aos fins almejados. Avaliação que começa a se materializar com a teoria dos novos movimentos sociais:

Gohn (2000) aponta algumas outras características básicas que compõem o quadro analítico da teoria dos novos movimentos sociais e que o distingue do marxista ortodoxo, a saber: a) a eliminação da centralidade de um sujeito pré-determinado e específico criado pelas contradições do capitalismo. Enquanto na abordagem marxista ortodoxa a problemática das classes sociais é a categoria central, utilizada tanto para refletir sobre as origens dos participantes dos movimentos sociais e seus interesses, quanto para identificar o programa ideológico que fundamenta as ações, no paradigma dos NMS é abrandado o peso das classes sociais. O novo sujeito é apresentado como um coletivo difuso, não hierarquizado, que luta pelos progressos da modernidade e, ao mesmo tempo, é crítico a ela,

fundamentando as suas ações em valores tradicionais, solidários e comunitários; b) a política ganha centralidade nas análises, ao mesmo tempo em que amplia o seu leque de abrangência, passando a ser considerada como uma dimensão da vida social que abarca todas as práticas sociais. Há uma ênfase nas relações microsociais e culturais; c) a construção de um modelo teórico baseado na cultura, que apesar de fazer uso das bases marxistas que veem a cultura como ideologia, afasta-se da noção de ideologia como falsa representação da realidade; e, d) os atores são analisados por dois aspectos: por suas ações coletivas e pela identidade coletiva criada no processo (PICOLOTTO, 2007, p. 160-161).

Em cada um dos itens trazidos à luz por Everton Picolotto, com base em Maria da Gloria Gonh (2000)<sup>39</sup>, é possível identificar atores da sociedade contemporânea que com frequência são representados como objeto semiótico pelo Jornalismo no signo/notícia. Não é o caso do MST? Um movimento que luta pelos progressos da modernidade, ao reivindicar acesso e permanência a terra, de modo a distribuir melhor a renda a partir da agricultura familiar, ainda que no sistema capitalista, e, por outro lado, é crítico do próprio capitalismo que concentra renda. Quem sabe o movimento sindical? Briga por reajustes salariais, o fazendo com vistas a incluir o trabalhador na sociedade de consumo, embora a denuncie como causa das desigualdades sociais.

Organizações que corroboram com essa ideia não faltam. Mas o exercício é mais complexo. Uma leitura reducionista, aliás, conduziria ao erro de se considerar qualquer tipo de ação coletiva como um movimento social. Movimentos de defesa do consumidor, por exemplo. É quando o marxismo volta a ser acionado. Para Ilse Scherer-Warren, a abordagem marxista pressupõe, necessariamente, “a exigência de uma vanguarda para o movimento; o desenvolvimento de uma consciência de classe e de uma ideologia autônoma; uma proposta e um programa de transformação social” (SCHERER-WARREN, 1984, p. 12-13). Os direitos do consumidor, utilizados, inclusive, à exaustão como modelo – até caricaturizado, para que se possa distinguir do que se está falando –, distanciam-se dessa perspectiva, na medida em que o que pretendem, a demanda do movimento, é o restabelecimento da ordem, não sua contestação ou superação. Não a transformação social.

A preocupação ora identificada é em definir movimentos sociais a partir da oposição entre detentores dos meios de produção – seja de produção de bens materiais ou mesmo de produção de sentido – e trabalhadores, sem-terra, estudantes, com o cuidado de considerar também outros setores da sociedade sem uma identidade tão demarcada quanto esses, na interface com a teoria dos novos movimentos sociais, que considera outros elementos para

---

<sup>39</sup> GOHN, Maria da Gloria. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

além da ordem dada apenas pela estrutura econômica; pensa, também, elementos que são da cultura e não dependem simplesmente da disputa entre capital e trabalho. Uma definição dessa natureza configura-se em opção teórica. Considerando que os processos não se alteraram substancialmente ao longo da história contemporânea – sobretudo no que concerne à ordem dos fluxos do capital e da cultura – a perspectiva marxista de entendimento das dinâmicas sociais ainda se sustenta e pode ajudar, a partir de uma atualização, logicamente, na compreensão do problema.

A complexidade da organização social, contudo, mesmo diante do que está, aqui, sendo chamado de “consenso neoliberal”, exige um movimento de abstração denso. E em meio às concepções que iluminam a pesquisa há ainda a contribuição de Antonio Negri (2003) ao tratar do conceito de multidão em oposição ao Império. Uma espécie de elo entre as duas perspectivas centrais já expostas. Nitidamente, o que ele propõe é uma mudança de paradigma na reflexão acerca da resistência ao capitalismo e à globalização. O autor aponta para uma perspectiva que não considera mais que a superação do modelo vigente ocorrerá capitaneada estritamente por movimentos sociais de estrutura formal. Aposta na superação pelo que define como *multidão*:

A multidão não é nem o encontro da identidade, nem pura exaltação da diferença, mas é o reconhecimento de que por de trás de identidades e diferenças, pode existir “algo comum” [...] entendido como proliferação de atividades criativas, relações ou formas associativas diferentes (NEGRI, 2003, p. 148).

Lendo Negri é impossível não lembrar os protestos globais: *Occupy Wall Street* ou mesmo as revoltas contra os governos na *Primavera Árabe*. Sem avançar sobre a ocorrência deles enquanto fenômenos sociais em si, interessante é notar que por detrás das diferenças de matrizes culturais evidentes que compõem as multidões nesses dois acontecimentos está o reconhecimento de que existe algo em comum: em *Wall Street*, a denúncia da concentração da riqueza expressa pelo sistema financeiro internacional; nos países árabes, a revolta contra a dominação.

A conformação social contemporânea estaria dividida em Estado, mercado e sociedade civil. Composta por forças heterogêneas, a sociedade civil seria o lugar dos movimentos sociais, na defesa da cidadania e suas formas de organização em torno de interesses públicos e valores como o de gratuidade/altruísmo, justiça social. Distingue-se, portanto, dos outros dois setores, orientados, sobretudo, pela racionalidade do poder, da regulação e da economia. Ilse

Scherer-Warren (2006), citando Touraine (1997)<sup>40</sup>, Melucci (1996)<sup>41</sup> e Castells (1996)<sup>42</sup>, dirá que “[...] o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia [...]” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113). Assim, *Occupy Wall Street* teria no mercado caracterizado o adversário principal, enquanto na *Primavera Árabe* o adversário seria o Estado instituído.

### 5.1 OBJETO SEMIÓTICO E CAMPO PROBLEMÁTICO

A conjuntura em que se inserem os movimentos sociais é desfavorável. Ao assumirem demandas em desacordo, no mais das vezes, com o Estado e com o mercado, dois dos atores que protagonizam o ambiente semiótico no qual se produz o signo/notícia, para que se faça debater suas demandas como objeto semiótico terão que estabelecer estratégias de acesso ao espaço público. É preciso, então, que essas demandas se constituam como campos problemáticos, como fala Louis Quéré (2005), a partir do *poder hermenêutico* que emana do acontecimento. E a ação dos movimentos sociais como agentes da democracia não para. Fosse assim e sequer haveria inquietações capazes de motivar uma pesquisa de mestrado para entender como o Jornalismo os representa. Se representa, está pondo acontecimentos que os envolvem em circulação no espaço público.

A formulação que pode parecer confusa antes de aprofundada abre um movimento no sentido de entender como as organizações sociais se mantêm como instituições vivas em meio à globalização e à modernidade; como formulam estratégias de sobrevivência na sociedade midiaticizada<sup>43</sup>. Tentativa que começa com Ricardo Fabrino Mendonça em *Movimentos Sociais como Acontecimentos: Linguagem e Espaço Público* (Lua Nova, 2007):

Há algo no cruzamento entre sujeitos e o contexto, que, por assim dizer, permite que uma noção de coletividade irrompa. Acreditamos que o conceito de *acontecimento* pode se mostrar um instrumento conceitual

<sup>40</sup> TOURAINE, Alain. **¿Podremos vivir juntos? La discusión pendiente**: el destino del hombre en la aldea global. Trad. Horácio Pons. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1997.

<sup>41</sup> MELUCCI, Alberto. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

<sup>42</sup> CASTELLS, Manuel. **The information age**: economy, society and culture. London: Blackwell Publishers, 1996. 3 v.

<sup>43</sup> José Luiz Braga (2004) diz que a “[...] sociedade crescentemente gerou a necessidade, para processar suas interações, de comunicações mais amplas e abrangentes, mais específicas e especializadas, mais diversas, mais eficazes (etc) e foi desenvolvendo mais e mais procedimentos e tecnologias mediáticas” (BRAGA, 2004, p. 11).

interessante para a compreensão desse “algo”, já que ele dá conta tanto do *poder hermenêutico* do movimento como de sua certa *casualidade*, permitindo inscrever o fenômeno em uma dinâmica distinta daquela que é regida pela motivação individual e daquela que o concebe em termos de encadeamentos históricos (MENDONÇA, 2007, p. 116).

Em resumo, o acontecimento seria o que dá vida ao movimento social no espaço público. Por essa característica, tem sido utilizado recorrentemente nos estudos do Jornalismo: “Entendendo o *acontecimento* como aquilo que é digno de conhecimento, e debruçando-se sobre os modos de tratamento discursivo que possibilitam a circulação dele sob a forma da informação” (MENDONÇA, 2007, p. 117)<sup>44</sup>.

A circulação da informação, em Mendonça, se daria na esfera pública, conceito sobre o qual Hannah Arendt (2005)<sup>45</sup> tem sua definição: o que há de comum aos homens. O termo remete a dois fenômenos correlatos: 1) o espaço daquilo que pode ser visto e ouvido pelo conjunto; e 2) o *mundo comum* atualizado pelo homem na *ação*. Para Arendt, diz Ricardo Mendonça: “o aparecer aos outros é o alicerce da realidade partilhada, cuja expressão e construção dependeriam de uma pluralidade de olhares” (MENDONÇA, 2007, p. 131). Outra definição de esfera pública é a que faz Jürgen Habermas (1992; 1997; 2002, 2003)<sup>46</sup>, trazidas novamente por Mendonça (2007) e trabalhada também a partir da dimensão da língua:

Operando com um conceito normativo de esfera pública, o filósofo alemão o coloca no cerne da construção social da realidade e do agir político dos sujeitos. Habermas define tal esfera como uma rede comunicativa que é formada por – ao mesmo tempo que possibilita – um cruzamento de discursos justificados por razões. Trata-se de uma instância de choque de argumentos em público, sendo que a *publicidade* deve garantir não apenas a circulação desses argumentos, mas também o seu escrutínio de modo que prevaleça a *força do melhor argumento*. Concretizada em várias arenas temáticas que se atravessam, a *esfera pública* é o *locus* em que se processa o bem comum e o esclarecimento recíproco dos cidadãos. Nessa rede discursiva, questões são publicamente *tematizadas* e refinadas com base nos códigos amplamente partilhados da linguagem cotidiana (MENDONÇA, 2007, p. 131-132).

<sup>44</sup> Mendonça cita como exemplos recentes desses estudos: Mouillaud (2002), Charaudeau (1997), Champagne (2000), Berger (2006), França e Almeida (2006), Ponte (2006), Martins (2006).

<sup>45</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

<sup>46</sup> HABERMAS, Jürgen. **Further reflections on the public sphere**. In: CALHOUN, Craig (ed.). Habermas and the public sphere. Cambridge: MIT Press. pp. 421-461, 1992; **Direito e democracia**: entre a facticidade e a validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. vol. 2, 1997; **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002; **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

Cabe, ainda com a contribuição de Mendonça (2007), a noção que Charaudeau (1997)<sup>47</sup> sustenta sobre o tema, ao advogar nas mesmas bases de Habermas:

[...] a *esfera pública* como o espaço de *representação, partilha e discussão*. Preocupado, sobretudo, com a constituição sociolinguageira de tal esfera, ele [Charaudeau] lembra que a criação de um âmbito comunicacional compartilhado é algo de suma relevância para a própria existência da sociedade (MENDONÇA, 2007, p. 132).

A presença no espaço público, pelo que se depreende dos autores comentados por Ricardo Mendonça (2007), é a chave para a sobrevivência de qualquer agente que se pretenda público. A frase que parece redundante ajuda no entendimento do conceito de acontecimento. Compreendido na sua dimensão de fenômeno socialmente construído e que envolve os movimentos sociais, é o que os mantém no espaço público e faz ecoar suas demandas, na condição de campo problemático que é representado pelo signo/notícia como objeto semiótico.

### 5.1.1 O acesso ao espaço público

Mas como um movimento social acessaria o espaço público, na medida em que, diante do exposto até aqui, as “senhas de acesso” são propriedade de um sistema contra o qual ele se opõe? A resposta passa por Sérgio Costa (1997), para quem uma das explicações para a formação do que chama de espaço público reside na presença de porta-vozes de partidos políticos, governos, organizações sociais e a mídia, como atores; e o público enquanto plateia, destinatário das mensagens produzidas pelos atores (COSTA, 1997). Nesse contexto, os movimentos sociais aparecem no vácuo que resulta da relação entre instituições e mídia, os atores, de um lado, e público/plateia, de outro.

Na medida em que parte da plateia toma consciência de que questões que são de importância determinada por suas demandas concretas não estão sendo tratadas com a atenção devida pelos atores do espaço público, reúne-se, organizada, para reivindicar a abordagem dos temas que lhe interessam, num processo que pode levar, por exemplo, a formulação de políticas públicas. Esse seria o papel dos movimentos sociais na sua dimensão comunicacional, para além da concepção histórica e social. Costa sugere, ainda, métodos de avaliação quanto à eficácia das ferramentas utilizadas pelos movimentos sociais para acessar ao espaço público:

---

<sup>47</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique** – La construction du miroir social. Paris: Nathan, 1997.

Tal impacto deve ser tratado como resultado da habilidade dos movimentos em manipular adequadamente os recursos comunicativos que possuem, produzindo, seja mediante o recurso à espetacularização, seja por meio de um trabalho eficiente de relações públicas, fatos com conteúdo noticioso (COSTA, 1997)<sup>48</sup>.

São dois lados de uma mesma moeda. Ao mesmo tempo em que, para constituir-se na condição de acontecimento, um movimento social deve ser conhecido e, por consequência, circular no espaço público, ao fazê-lo via mídia hegemônica, que é quem detém o poder de dar conhecimento, de produzir sentido, subsidia sua própria deslegitimação.

Importante citar, aqui, o papel dos *media* como instância relacional de relevância fulcral na constituição da esfera pública. Ainda que os *media* não sejam a totalidade de tal esfera, as narrativas por eles produzidas e veiculadas configuram-se como um ambiente privilegiado de construção discursiva, de estabelecimento de interações e de *individuação de acontecimentos* (MENDONÇA, 2007, p. 137).

Quando, de forma deliberada, os movimentos sociais passam a executar estratégias para a ocupação do espaço público, tornam-se, ainda que involuntariamente, atores, assim como os porta-vozes de partidos políticos, governos ou a mídia: “buscam, como os demais atores, instrumentalizar os meios de comunicação de massa para a divulgação de seus pleitos e questões” (COSTA, 1997)<sup>49</sup>.

[...] observa-se que as mobilizações na esfera pública são fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112).

E mais:

Alguns exemplos ilustram essa forma de organização, incluindo vários setores de participantes: a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, de Goiânia a Brasília (maio de 2005), foi organizada por articulações de base como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Grito dos Excluídos e o próprio MST e por outras, transnacionais, como a Via Campesina (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112).

---

<sup>48</sup> Acesso online.

<sup>49</sup> Acesso online.

Pois os exemplos não se restringem aos citados por Ilse Scherer-Warren para ilustrar a ideia de rede de movimentos sociais na relação, a propósito, de suas demandas como campo problemático e objeto semiótico. Tanto é que no acompanhamento das lógicas que orientam os jornais que compõem o observável desta pesquisa, ainda antes da ida ao campo, já foi possível exercitar essa relação. Eis o campo problemático: a reforma agrária; fenômenos sociais que se remetem a ele: manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul. Cenário perfeito para a significação do signo/notícia que o representou no jornal *Correio do Povo*. Compreender as dinâmicas que se estabelecem durante esse processo é o esforço que segue.

Primeiro, o contexto no qual se circunscrevem os acontecimentos. Entre os dias 16 e 19 de maio de 2011, a Via Campesina liderou uma série de manifestações no Brasil. Reunidos, militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA reivindicavam solução para o endividamento de pequenos agricultores e anistia de R\$ 1 bilhão junto ao Governo Federal. A pauta era a consolidação, em um único contrato, das dívidas de custeio e investimento dos camponeses e assentados da reforma agrária; alongamento do prazo de pagamento para 15 anos, com dois anos de carência e juro zero; bônus de adimplência de 30% em cada parcela repactuada; desconto de R\$ 12 mil por família, incluindo o crédito emergencial; e acesso a novos financiamentos (MST, 2011)<sup>50</sup>.

O fato inicial, que assume a condição de propulsor da semiose da notícia, é representado pelo *Correio do Povo* no dia 17 de maio (terça-feira): “Agricultores trancam rodovia por apoio”, era o título da matéria<sup>51</sup>. O texto expôs a pauta de reivindicações, dando conta de que uma marcha tivera sido iniciada pela Via Campesina, na segunda-feira (16 de maio), da cidade de Taboá, no Interior do Estado, a Porto Alegre.

Em 18 de maio (quarta-feira), a notícia publicada pelo CP dizia: “Marcha chega hoje a Porto Alegre”<sup>52</sup>: a previsão de chegada do movimento à Capital, tratando, também, das atividades ocorridas no dia anterior. A cobertura dos acontecimentos segue na quinta-feira (19 de maio). Com a chegada da marcha ao destino, a notícia era “Dia de protestos na Capital e no Interior”<sup>53</sup>. A pauta é novamente exposta no texto, que representa ainda a ocupação do prédio do Ministério da Fazenda e mobilizações simultâneas e solidárias à Via Campesina,

---

<sup>50</sup> A pauta de reivindicações foi publicada no site do MST ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)). Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/11765>>. Acesso em 20 jul 2011.

<sup>51</sup> Ver ANEXO 05.

<sup>52</sup> Ver ANEXO 06.

<sup>53</sup> Ver ANEXO 07.

organizadas pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar – Fetraf, no Interior; anunciava, ainda, que o movimento teria audiência com o governador Tarso Genro.

No dia 20 de maio (sexta-feira), a última notícia envolvendo as manifestações: “Tarso promete apoio contra endividamento”<sup>54</sup>. O governador assume o compromisso de convidar um ministro do Governo Federal para audiência no Palácio Piratini, sede do Governo do Rio Grande do Sul, e a criar um grupo de trabalho para estudar soluções ao problema. A matéria também retoma as reivindicações e dá conta de que a marcha se encerrara no dia anterior, com manifestações em frente ao Piratini.

As quatro notícias têm como eixos centrais acontecimentos que envolvem a Via Campesina e os demais movimentos de pequenos agricultores e que, pelo *poder hermenêutico* de que são dotados, revelam um campo problemático. A reforma agrária é, em última instância, o objeto semiótico representado no signo/notícia publicado pelo *Correio do Povo*. Esse signo, por sua vez, é composto por outros, ainda um tanto quanto amplos, como o acesso e, especialmente, a permanência a terra, além daqueles mais específicos, como as falas das fontes ouvidas pelas reportagens e, no detalhe, os códigos de linguagem aplicados à representação dos acontecimentos propriamente ditos. Perceba a conjuntura em que se insere a Via Campesina enquanto ator social. Ao assumir a reforma agrária como sua demanda essencial está colocando-se do lado oposto ao do mercado, nesse caso, o agronegócio, e do próprio Estado, ambos pautados pela racionalidade do poder e da regulação (SCHERER-WARREN, 2006).

### 5.1.2 Por que acontecer

É evidente que para que suas demandas, sobretudo enquanto campo problemático, tenham eco é preciso que os movimentos sociais garantam sua circulação no espaço público. E o acontecimento é a ferramenta capaz, no seu aspecto discursivo, de atualizar a reforma agrária, no caso da Via Campesina. O acontecimento esclarece seu passado e seu futuro. Quéré (2005) diz que é por isso que passado e futuro são relativos ao presente evenencial. Na semiótica, o acontecimento é a força propulsora da significação sobre determinados campos problemáticos. Como signo, sua existência desdobra-se em infinitas possibilidades de desvendamento do objeto que representa.

---

<sup>54</sup> Ver ANEXO 08.

Dizer que o futuro não influencia o presente constitui doutrina insustentável. Equivale a dizer que não existem causas finais, ou fins. Mas é verdade que o futuro não influencia o presente de modo direto, dualístico, pelo qual o passado influencia o presente. Requer um instrumental, um meio (PEIRCE, 1977, p. 25).

O meio de que trata Peirce é entendido aqui como o acontecimento; as manifestações da Via Campesina que trazem o passado, no presente evenencial, de modo a influenciar presente e futuro, e trazem ainda o futuro no qual vislumbra a divisão justa da terra. Ao acontecer, o movimento revela seu campo problemático e tensiona o sistema a pensar políticas no sentido de sua solução. É assim quando a marcha promovida pelos camponeses leva o governador Tarso Genro a formar um grupo de trabalho e convocar um ministro do Governo Federal para tratar do endividamento dos pequenos agricultores.

Sergio Costa (1997) diz que o impacto da ação do movimento está diretamente relacionado à sua habilidade em lidar com fatos com conteúdo noticioso, certo? Certo. Ao propor uma tipologia do acontecimento jornalístico, Christa Berger e Frederico Tavares (2010) trabalham com a noção de acontecimento previsto. E mais: nessa categoria, lembram Charaudeau (2006) quando versa sobre o acontecimento *suscitado*, “preparado e introduzido por algum setor da sociedade” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 136).

Quem prepara o acontecimento, prepara com uma intenção. À Via Campesina interessa, ao manifestar-se, promover o debate sobre a reforma agrária como campo problemático. A forma de fazê-lo é acessando o espaço público e, para tanto, é preciso que sua demanda seja percebida, irrompa na superfície lisa da história, alcance estatuto de acontecimento jornalístico. É com base nisso que Ronaldo Henn (2010) fala de acontecimentos em grande medida semiotizados antes mesmo que aconteçam:

Sua ocorrência atende às lógicas de produção mediática como também às gramáticas impostas pela linguagem jornalística, como critérios de noticiabilidade e valores notícias. Eles já se oferecem a apreensão imediata do sistema mediático e, se possível, à decodificação dos públicos a partir de intenções previamente instituídas (HENN, 2010, p. 85-86).

Adriano Duarte Rodrigues chama de meta-acontecimentos:

É sempre uma ordem ditada em função das dimensões associadas do querer-dizer, do saber-dizer e do poder-dizer. Articula as instâncias enunciativas do sujeito e do objeto da enunciação, individuais ou coletivas, os agentes e os atores. É a realização técnica das instâncias discursivas; é um discurso feito ação e uma ação feito discurso (RODRIGUES, 1993, p. 29-30).

O que fica da reflexão acerca das manifestações da Via Campesina é a característica eminentemente de acontecimento previsto, em Berger e Tavares (2010) – ou suscitado, em Charaudeau (2006) –, visto que atendem às lógicas da produção mediática, como se refere Henn (2010), e ao passo em que se pode identificar o “querer-dizer, o saber-dizer e o poder-dizer” de que fala Rodrigues (1993), quando o sujeito é o movimento e o objeto semiótico é a reforma agrária. Por outro lado, o Jornalismo aparece na condição de operador da semiose, ao representar um campo problemático no signo/notícia, nas páginas do *Correio do Povo*.

De um lado, a Via Campesina como protagonista de um campo problemático, a reforma agrária; de outro, o espaço público, espaço no qual está o que há de comum aos homens. O Jornalismo, nesse contexto, seria o intermediário, o portão de acesso a qualquer agente que se pretenda público. É através do Jornalismo que o acontecimento, na condição de signo, toma forma (HENN, 2010). Perceba a complexidade dos processos de produção de sentido que envolvem essa relação, historicamente conflituosa, e que exigem dos movimentos sociais uma postura proativa diante da realidade social.

Importante destacar a forma como o *Correio do Povo* representa a reforma agrária enquanto campo problemático, e, ao representá-lo, submete-lhe à condição de objeto semiótico. Parece lógico concluir que, ao constituir-se em um gênero discursivo que opera com um estatuto próprio, de teor positivista e, ainda mais, funcionalista, o Jornalismo cerceia o *poder hermenêutico* do acontecimento. O processo que transforma fenômenos sociais em signo/notícia toma como premissa a ruptura, o radical. Enfatiza o fato a despeito do campo problemático, atemporal, que envolve o acontecimento. Ou seja, representa a marcha da Via Campesina relacionando-a a uma explicação de causa e efeito, mas não faz emergir da representação o debate de fundo que envolve a reforma agrária como campo problemático, como objeto semiótico implicitamente representado.

Há que se considerar também, como lembra Ponte (2005)<sup>55</sup>, os modos como os media configuram eles próprios os acontecimentos pelos enquadramentos que lhes atribuem e de que forma se constituem como arena de acesso. Por conta disso, o jornalismo age exatamente no sentido de atenuar a singularidade sistêmica do acontecimento para colocá-lo em uma perspectiva de ordem (HENN, 2010, p. 86).

---

<sup>55</sup> PONTE, Cristina. Media e acontecimentos (com) sentidos. **Trajectos** – Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, 2005.

A pergunta inevitável é: por que a Via Campesina operaria, então, na lógica do acontecimento previsto, se ao constituir-se como acontecimento jornalístico estará reduzido seu *poder hermenêutico*? A resposta é simples. Poderia ser elaborada com base inclusive no senso comum: “quem não é visto, não é lembrado”. E para ser visto, o movimento precisa chamar a atenção do Jornalismo:

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Ronaldo Henn (2010, p. 91) lembra que “mesmo na recepção midiática, o acontecimento se institui como experiência e ao mesmo tempo constitui um público ‘que é duplamente paciente e agente’ como propõem França e Almeida (2008)<sup>56</sup>”. Ao citar Vera França e Roberto Almeida, Henn afirma que a forma pública está atada à ideia de experiência e, portanto, deve ser pensada como ação. Quando são confrontados, os sujeitos fazem escolhas, reagem, adotam determinadas linhas de comportamento em detrimento de outras. Ao acontecer a alguém (QUÉRÉ, 2005), quando tranca uma rodovia na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS), ou protesta em frente ao Palácio Piratini, a Via Campesina aparece, compartilha a experiência com outros sujeitos, que reagem, e adotam esse ou aquele comportamento; são simpáticos ao movimento, ou contrários. E mais: a reforma agrária é representada pelo Jornalismo como objeto semiótico, embora não na plenitude que poderia revelar como campo problemático, mas pelo menos a partir de suas demandas mais específicas, urgentes.

---

<sup>56</sup> FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. **O acontecimento e seus públicos**: um estudo de caso. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura. V. 6, n. 2, 2008.

## 6 QUANDO A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA É UMA SEMIOSE

Instituições formais e a mídia: agentes do espaço público. Os movimentos sociais no hiato que há entre esses dois agentes e a sociedade, o público/plateia - o leitor de jornais (COSTA, 1997). Demandas não atendidas pelas instituições formais, sem eco no discurso de seus porta-vozes na mídia, são a gênese dos movimentos sociais, o campo problemático sobre o qual pretendem dar a ver como objeto semiótico. Um raciocínio lógico levará a conclusão de que é pela notícia, enquanto signo – não só por ela, claro –, que os movimentos sociais acessam o espaço público.

Até aí, nada de novo. Tudo isso serve, no entanto, para introduzir o exercício que se pretende fazer: compreender o processo de constituição da representação dos movimentos sociais a partir do acontecimento - e das matérias de jornais de que esse acontecimento é origem - como signo, na mais precisa expressão que se puder alcançar do que define Charles Sanders Peirce. E nesse contexto se sobressai a necessidade de testá-lo como ferramenta de análise. Fazê-la funcionar mesmo. Para tanto, seguem as primeiras justificativas. Os estudos de Jornalismo apontam para a possibilidade de analisar o processo de construção da notícia, o que o cerca, à luz da Semiótica Peirciana, sobretudo com base no conceito de processo de semiose. A semiose nada mais é do que a ação do signo, a própria essência do ato de comunicação. Não poderia, assim, deixar de estar presente no Jornalismo. O entendimento de que a notícia é um signo é inevitável quando se adota uma perspectiva dessa ordem. Trata-se da representação, do fator de mediação dos receptores com a realidade (HENN, 1996).

### 6.1 A NOTÍCIA COMO SIGNO

Mas que signo é esse? Pergunta cuja resposta aparece, aqui, como elucidativa. Respondê-la por completo, obviamente, não é uma tarefa simples. A tentativa é no sentido de chamar a atenção para a complexidade da ação que empreendem jornalistas mundo afora no seu cotidiano: a construção do signo/notícia. O próprio Peirce elabora mais de uma explicação sobre o que, de fato, seria um signo. E ele mesmo é evocado para que se encontre aquela mais próxima do que interessa:

Um signo é qualquer coisa que representa alguma coisa – seu objeto – para qualquer mente que possa interpretá-lo assim. Mais explicitamente, o signo é algo que aparece em lugar de seu objeto, que não aparece por ele mesmo. De forma que o signo é [...] a “aparição” virtual ou, figurativamente

falando, emanando do objeto e capaz de produzir um efeito num ser inteligente. Efeito esse chamado interpretante do signo – que é devido, de alguma forma, ao objeto. É produzindo o interpretante que o signo preenche sua própria função – função que o constitui como signo (PEIRCE, 1977, p. 43).

Parece intrínseca à atividade jornalística a produção de signos. Não é o acontecimento o que Peirce chama de objeto? Sim, e mais: a notícia é o signo, a aparição virtual do objeto (acontecimento), que representará algo para alguma mente. Como signo, em seguida, a notícia produz o interpretante nessa mente e está completo o processo de semiose. Olhando assim, parece fácil. Logo, Peirce mostra que de fácil compreensão não há nada. O signo é signo independentemente da qualidade da representação que faz. E sendo, gerará um interpretante, mais ou menos fiel à realidade mediada.

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos um objeto, que é, portanto, num certo sentido, a causa determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é imediatamente devido ao objeto (PEIRCE, 1977, p. 38).

É daí que emerge a necessidade de entender como ocorre a semiose da notícia. Os fenômenos sociais se concretizam, semioticamente falando, têm dimensão sêmica e seus desdobramentos desenrolam-se como semiose (HENN, 2002). Lúcia Santaella (2004) ajuda a entender a relação entre semiose e comunicação ao explicar ser um processo por meio do qual o signo constrói a representação e torna possível a comunicação. Retoma-se, então, a abertura deste capítulo: é pela notícia que os movimentos sociais acessam o espaço público. O interpretante gerado pelo signo que os representou, portanto, dependerá diretamente de como esse signo foi construído, quais signos compõem a representação final, que legi-signos orientaram o processo.

O signo não existe isoladamente. Trata-se de um sistema de representação mediada, que só pode ser compreendido dentro de um sistema de representação (SALLES, 1990). É a tangente que aproxima a ideia de que o signo/notícia que se produz nas redações de jornais depende do sistema de produção de sentido a que estão submetidas. O signo não age sozinho. Necessariamente, depende de uma tríade com o objeto e o interpretante, que passará a agir como objeto de outros signos, que gerarão novos interpretantes, sucessivamente.

Semiose é uma ação ou influência que consiste, ou envolve, a cooperação de três sujeitos: o signo, o objeto, o interpretante, influência trirrelativa essa que não pode, de forma alguma, ser resolvida em ação entre pares. Semiose, no período grego ou romano, à época de Cícero, já significa a ação de praticamente qualquer espécie de signo; e a minha definição confere a tudo que assim se comportar a denominação de signo (PEIRCE, 1977, p. 69).

Ronaldo Henn (2005) diz que há pelo menos duas dimensões assimétricas na semiose: uma delas icônica, indefinida, imprevisível. A outra, simbólica, que fecha o processo, carregada de previsibilidade, unidirecionalidade. É como se, na primeira dimensão, o signo construído não apontasse para nenhum caminho pelo qual o interpretante devesse seguir. Na segunda, ao contrário. Esse direcionamento se dá justamente pelas escolhas feitas durante o processo de construção do signo/notícia, no caso em análise.

Peirce (1977) lista três categorias para definir como os fenômenos batem à consciência humana: na condição de qualidade; relação; e na condição de representação. Denomina, na ordem, Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Na Primeiridade, a consciência apreende o fenômeno sem relação ou representação, ainda como uma possibilidade. Um sentimento imediato, apenas. A semelhança não é contemplada pela Primeiridade. Já pressupõe um desmembramento e recomposição que são totalmente estranhos ao imediato. A Primeiridade seria o modo de ser que é tal como é. Quando o fenômeno é apreendido na forma de uma reação, já se está falando de Secundidade. Atinge o nível do fato, do feito, do produzido. Seria o modo de ser que é tal como é em relação a um segundo, mas ainda sem a produção de uma representação que levaria a um terceiro.

Há uma intensa realidade sobre esse tipo de experiência, uma aguda separação entre sujeito e objeto. Estou sentado calmamente no escuro, e de repente acendem-se as luzes; nesse momento tenho consciência não de um processo de mudança, mas, todavia, de algo mais que pode ser contido num instante. Tenho a sensação de um salto, de existirem dois lados de um mesmo instante. Consciência de polaridade poderia ser uma frase toleravelmente boa para descrever o que ocorre. A vontade, assim, como um dos grandes tipos da consciência, deveria ser por nós substituída pelo sentido de polaridade (PEIRCE, 1977, p. 88).

À Terceiridade cabe, aí sim, a mediação. Por si só, aliás, é a mediação. Tudo se relaciona a partir de signos. Um tipo de consciência que não pode ser imediato. Cobre um certo tempo. Não apenas porque continua através de cada instante desse tempo. Não pode ser contraído para caber num instante (PEIRCE, 1977). Alcança a abstração. Um terceiro é o que

é em virtude de atribuir uma qualidade a reações situadas no futuro, enquanto um segundo está no nível do que foi e um primeiro no nível do agora (NETTO, 1996).

Quando Peirce concebe a semiose nesses parâmetros, mostra que ela se revela tanto no funcionamento do signo (representação) como, sobretudo, no desencadeamento de novos signos a partir dos primeiros (interpretantes): a infinidade do processo de semiose. A capacidade de que é dotado o signo de gerar outro, infinitamente, é o que torna a semiose um processo incontrollável. Há de se registrar, no entanto, que a relação triádica existencial que se constitui faz com que se estabeleçam sistemas interligados de produção de sentido, nos quais o primeiro signo – que já é composto de outros, anteriores – incidirá em todos os próximos que se formarão.

Um signo que representa, sempre que gera um interpretante, está concluindo um processo de semiose e iniciando outro – embora não seja demais ressaltar que a semiose é contínua e que fim e início são inapreensíveis. Todos os elementos que compõem o signo/notícia que representou um movimento social farão, conseqüentemente, diferença na interpretação que a sociedade terá acerca dessas organizações. E lembre-se do que alerta Peirce (1977), o signo é signo mesmo que “represente o objeto falsamente”.

Diante disso tudo, uma premissa norteia o presente trabalho: a produção da notícia é um processo de semiose. Na avaliação de Ronaldo Henn (2002), ao encontro dessa premissa, as notícias formam signos cujos objetos são as ocorrências do cotidiano, produzem interpretantes que subsidiam a formação de opinião e levam a ações concretas da sociedade. Formulação que aponta, agora diretamente relacionada ao objeto de pesquisa, para a importância de se compreender como se dá a semiose da notícia.

Os acontecimentos que originam coberturas jornalísticas já são signos, considerando sua dimensão linguística. Ao produzir, então, a notícia, o jornalista está atuando na condição de interpretante – não enquanto sujeito, mas sim interpretante gerado pelo signo. Cai, enfim, o mito da objetividade propagandeado pelo Jornalismo contemporâneo. Entre a notícia e o objeto que ela representa existe uma série de mediações, um desencadeamento de signos e interpretantes que acaba com a publicação no jornal e sua repercussão.

Percebe-se que o mesmo processo tem uma dimensão representativa e outra interpretativa. Por isso as possibilidades são infinitas. O signo/notícia que representa um objeto/acontecimento, na verdade, é um emaranhado de signos, é composto pelo conjunto de determinados signos, somados, e outros subtraídos. E é o jornalista o operador dessa equação. O que restringirá consideravelmente as possibilidades de interpretação – que, sabe-se, são infinitas - é justamente a realização dessa operação, as codificações que as linguagens

impõem<sup>57</sup>. Mendonça (2007) chama a atenção para o que aqui é entendido como restrição, ao comentar Charaudeau (1997)<sup>58</sup>.

[...] Charaudeau (1997) afirma que esse cerceamento da hemorragia de sentidos do acontecimento não se deve a uma vontade específica dos profissionais da mídia. Trata-se de um processo social que envolve não apenas rotinas de tratamento, mas também os enquadramentos mais amplos que regem a vida social. O que se passa no mundo ganha sentido através de uma estruturação que é dada pelo próprio ato de linguagem, o qual só existe por meio de um vínculo entre sujeitos (MENDONÇA, 2007, p. 117).

Quando o signo assume a capacidade, essencial, de determinar novos signos, só pode ser descrito como um processo, como a própria semiose pressupõe (HENN, 2002). Sempre será um processo infinito, independentemente da direção que tenha tomado devido às restrições que se constituíram pela aplicação dessa ou daquela linguagem à representação do objeto. Refletir objetivamente a realidade, levar o objeto diretamente ao público, sem que haja interferência do jornalista como interpretante, como defende a teoria do espelho<sup>59</sup>, por exemplo, seria inconcebível.

O objeto do signo/notícia, como já referido, é um signo. Não sendo, pelo menos passa pela mediação de um signo socialmente produzido a partir do relato de uma fonte. Mesmo os fenômenos que não ultrapassem o nível da Secundidade, ou seja, menos mediados, como a passagem de um furacão ou um terremoto, até virarem notícia passam por alguma instância de mediação. O jornalista, quando atua em uma cobertura desse tipo, não fará o relato apenas a partir de sua percepção do fenômeno. Sua narrativa contará com o testemunho de pessoas que presenciaram o furacão ou o terremoto, com dados contextuais que cada acontecimento acaba gerando (HENN, 2002). Marc Paillet (1986) vai mais longe. Diz que o jornalista nunca tem contato direto e permanente com o que narra: “Ele se dirige aos informantes, sendo eles próprios de primeira ou de segunda mão: as fontes. E é precisamente aí que se produz o acontecimento essencial do fenômeno informativo” (PAILLET, 1986, p. 36).

As fontes assumem o papel de interpretante e objeto, ao mesmo tempo, na medida em que é da sua versão de determinado fenômeno (ALSINA, 1989) que o jornalista desencadeará o processo de semiose que redundará no signo/notícia. Mesmo no contato mais direto

---

<sup>57</sup> O texto propõe, adiante, ainda neste capítulo, um exercício de análise de signos/notícia envolvendo movimentos sociais para que se possa ver essa elaboração em funcionamento.

<sup>58</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique** – La construction du miroir social. Paris: Nathan, 1997.

<sup>59</sup> Teoria que emerge de uma espécie de “ideologia profissional” do Jornalismo, cuja explicação do processo de construção da notícia não admite a interferência, subjetiva, do jornalista. As notícias são como são porque a “realidade” às determina assim (TRAQUINA, 2004).

possível, como no local onde ocorrera um deslizamento de terra que gerou uma tragédia em uma comunidade de periferia, ao apurar os fatos, o jornalista precisará recontextualizar rapidamente o que se constitui como acontecimento excepcional. Tenderá, assim, a privilegiar as interpretações estabelecidas pelo sistema político. Depende desse recurso para concretizar, de fato, sua competência contextualizadora do acontecimento/notícia (HENN, 1996).

## 6.2 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS COMO LEGI-SIGNOS

A produção da notícia configura-se em uma rede de mediações, um processo de semiose complexo, que sofre intervenções de várias ordens, com início na pauta, entregue ao repórter – e que já se constitui como o primeiro signo que gerará um interpretante antes mesmo do contato com o fenômeno que se prestará a objeto do signo/notícia. Até que esse signo/notícia acabe nas páginas de jornal, passará por uma série de etapas consagradas como padrão pelas práticas jornalísticas: a redação do texto; o refinamento do editor; a eventual revisão do chefe de reportagem; as proposições do diagramador, do diretor de fotografia; uma intervenção do diretor de redação, dependendo do caráter da pauta... Todos na direção da codificação à linguagem que a redação julga necessária, evocando princípios da linha editorial do jornal, manuais de redação e até elementos de outros campos de conhecimento.

Olhando o Jornalismo do ponto de vista da Semiótica, diante do que já se avançou até aqui nessa interface, pode-se dizer que a redação é parte do ambiente semiótico caracterizado pelo neoliberalismo como ideário dominante; ambiente no qual se estabelece como um dos sistemas de produção de sentido. Assim, as práticas jornalísticas poderiam ser entendidas também como legi-signos que orientam a semiose da notícia. É uma interpretação razoável a partir do que Peter Golding e Philip Elliott (1979)<sup>60</sup>, trazido aqui por Mauro Wolf (1995), definem como valor-notícia, uma das convenções mais praticadas por jornalistas nas suas rotinas de produção:

São critérios de selecção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redacção. [...] funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público. Os valores-notícia são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que, implicitamente, e, muitas vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redactoriais. [...] Na realidade, os valores-notícia estão continuamente presentes nas interacções quotidianas dos jornalistas na

<sup>60</sup> GOLDING, Peter., ELLIOTT, Philip. **Making the news**. Londres: Longman, 1979.

sua cooperação profissional. Mas, mais ainda, constituem referências, claras e disponíveis, a conhecimentos partilhados sobre a natureza e os objectos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários. Os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído (GOLDING; ELLIOTT, 1979 apud WOLF, 1995, p. 175-176).

Se no ambiente semiótico no qual atua o Jornalismo como um dos sistemas de produção de sentido predominam legi-signos que representam valores conservadores, mantenedores do “consenso neoliberal”, não haveria como a prática de jornalistas nas redações fugir dessa regra. É o que explica Traquina (2001), citando Robert Manoff (1986)<sup>61</sup>, ao dizer que a escolha dos jornalistas: “[...] é orientada pela aparência que a ‘realidade’ assume [...], pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (MANOFF, 1986 apud TRAQUINA, 2001, p. 87). Os valores-notícia, portanto, segundo Stuart Hall<sup>62</sup>, também citado por Traquina (2001):

[...] operam como uma estrutura de primeiro plano, que pressupõe uma “estrutura profunda”, que está escondida – as noções consensuais sobre o funcionamento da sociedade que ajudam a marcar as fronteiras entre o “normal” e “desvio”, entre o “legítimo” e o “ilegítimo” (HALL, 1984 apud TRAQUINA, 2005, p. 86).

O Jornalismo opera a partir das noções consensuais que determinam o que seja o normal e o desvio, o legítimo e o ilegítimo. Pelo que já se pôde acumular acerca do conceito de movimentos sociais com os quais se está trabalhando, é lógico supor que trata-se de organizações naturalmente entendidas como marginais para jornalistas imersos nas rotinas de produção, submetidos às mais diversas condições de cobrança por valores como eficiência, agilidade, e instantaneidade na construção da notícia. Definindo em três diferentes regiões, veja o que diz Daniel Hallin<sup>63</sup> (apud TRAQUINA, 2005) sobre esse ambiente no qual se processa a produção de sentido por jornalistas orientados por legi-signos que representam os valores do ideário dominante:

Ao primeiro, pode chamar-se a esfera do consenso. A esfera do consenso é a região em que encontramos os valores consensuais da sociedade, como a

<sup>61</sup> MANOFF, Robert Karl; SCHUDSON, Michael. **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

<sup>62</sup> HALL, Stuart. **The narrative construction of reality: na interview with Stuart Hall**. Southern Review, col. 17, nº 1, 1984.

<sup>63</sup> HALLIN, Daniel. **The uncensored war**. Berkeley: University of California Press, 1986.

pátria, a maternidade, a liberdade. Nos seus limites estão esses objetos sociais que não são vistos pelos jornalistas e pela maioria da sociedade como controversos. Dentro desta esfera, os jornalistas [...] sentem frequentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou protetores cerimoniais de valores de consenso [...] e têm um papel essencialmente conservador e legitimizador. [...] uma segunda região do mundo jornalístico é a esfera de controvérsia – para além da esfera de consenso fica aquilo a que se pode chamar a esfera de controvérsia legítima. [...] há ainda a terceira esfera – a esfera do desvio. Para além da esfera de legítima controvérsia estão os atores e pontos de vista políticos que os jornalistas e os valores dominantes rejeitam como marginais (HALLIN, 1986 apud TRAQUINA, 2005, p. 87).

### 6.2.1 Recurso às Teorias do Jornalismo

Para avançar na compreensão das práticas jornalísticas como legi-signos que, de uma forma ou de outra, incidem na construção do signo/notícia, recorra-se, ainda, a algumas das Teorias do Jornalismo cristalizadas no campo. E como fazê-lo senão chamando Nelson Traquina? Haveria, sem dúvida, outras formas. Em *Teorias do Jornalismo, Porque as notícias são como são* (Insular, 2004), entretanto, Traquina apresenta perspectivas teóricas que, com o exposto até aqui, entende-se que podem ser relevantes. São teorias cuja relação com o objeto de pesquisa ficará mais evidente no movimento da análise do material empírico reunido e da observação nas redações do *Correio do Povo* e de *Zero Hora*, mais adiante.

Neste momento, a primeira contribuição é a proporcionada pela teoria dos filtros (*gatekeeper*), que se preocupa com o momento da seleção dos dados que o jornalista apura e que comporão a notícia. O responsável por filtrar esses dados, na sua simples ação, incide diretamente na construção do signo/notícia, parece lógico. Também é lógico pressupor que esse jornalista opera na condição de interpretante da semiose da notícia, na medida em que, a partir do acontecimento/objeto produzirá os signos que avalia que melhor o representa.

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos “gates”, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o “gatekeeper” tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não (TRAQUINA, 2004, p. 150).

Pensando a cobertura do cotidiano dos movimentos sociais desse ponto de vista, se tratando de fenômenos que envolvem valores, reivindicação de direitos que o sistema capitalista nega e, ainda, questionamentos à ordem social estabelecida, que “portões” o jornalista abre ao atuar como *gatekeeper*? É a pergunta que fica. E a resposta pode passar por outra teoria: a organizacional, que também contribui à ideia de que há legi-signos no ambiente

de trabalho de jornalistas no seu fazer diário que incidem na construção da notícia. Ao abordá-la, Nelson Traquina (2004) fala da submissão do repórter na redação à política editorial da empresa a que é vinculado ante a qualquer orientação diferente que pudesse reger sua atividade profissional. Citando Warren Breed (1955)<sup>64</sup>, sublinha a “importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista” (BREED, 1955 apud TRAQUINA, 2004, p. 152). Ao encontro de Traquina, Christa Berger diz que:

Como todo o discurso, mas de modo ainda mais evidente, o jornalístico carrega uma tensão entre o texto e o contexto, ou seja, o sujeito jornalista convive em tensão com suas fontes, com a empresa jornalística e com os leitores, confirmando que as condições incluem a produção, a circulação e o reconhecimento e que, estas, formatam e moldam o modo de dizer as coisas do mundo. Tais condições acham-se, portanto, não do lado de fora do texto, mas, absolutamente inseridas nele (BERGER, 1998, p. 127).

Não menos importante é a possibilidade de reflexão sobre as rotinas de produção do Jornalismo sob a ótica da teoria construcionista. Aliás, consolidada nos estudos do campo a constatação de que a notícia não é um espelho da realidade, mas sim, conforme sustentam boa parte dos teóricos, a representação do real – e, nesse contexto, a Semiótica Peirceana assume papel determinante –, a construção do signo/notícia é fator dos mais relevantes na interpretação que faz a sociedade dos fenômenos envolvendo os movimentos sociais.

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os “media” noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neural é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os “media” noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico {Altheide, 1976}, as limitações orçamentais {Epstein, 1973}, a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos {Tuchman, 1978} (TRAQUINA, 2004, 168)<sup>65</sup>.

A produção da notícia estaria calcada em dois eixos centrais, ambos de influência direta da percepção do jornalista, da seleção dos dados e da decisão a respeito dos critérios de noticiabilidade em um processo que leva a construção social da realidade: ordem de tempo e ordem de espaço.

<sup>64</sup> BREED, Warren. **Social Control in the newsroom:** a functional analysis. *Social Forces*, nº 33, maio, p. 326-335, 1955.

<sup>65</sup> As chaves indicam referência aos originais.

Diante da ruptura na ordem das coisas, os media procuram apreender o, inicialmente, incompreensível, buscando causas e consequências e estabelecendo comparações com situações semelhantes. Isso é, em geral, feito por meio da restrição do acontecimento à sua efetuação espaço-temporal (o fato) (MENDONÇA, 2007, p. 117).

O processo que transforma fenômenos sociais em matéria jornalística toma como premissa a construção do signo/notícia sobre os movimentos em suas ações radicais. A mídia hegemônica respeita, portanto, a ordem de tempo. Enfatiza os acontecimentos factuais a despeito do campo problemático, atemporal, que envolve o fato noticiado. Desconsidera, assim, o *poder hermenêutico* do acontecimento. Não leva em conta signos que se constituem nos motivos que levaram à formação dos movimentos, tampouco a proposta que oferece à sociedade.

### 6.3 SIGNOS/NOTÍCIA

A hora agora é de analisar a atuação da mídia hegemônica na construção dos signos/notícia sobre os movimentos sociais. Trata-se de um exercício um tanto quanto ensaístico, que serve como uma espécie de teste metodológico com vistas à evolução na direção da descrição e análise dos dados coletados na pesquisa de campo, baseado na ideia de que no discurso se materializam as práticas (MAROCCO, 2010)<sup>66</sup>. Não deixa, portanto, de basear-se em materiais empíricos para, a partir das análises que se fará, produzir as primeiras inferências no sentido da compreensão do problema.

Para que se possa concretizar esse exercício elege-se como *corpus* matérias jornalísticas sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e outras instituições que defendem a reforma agrária como campo problemático no Brasil. Seria demasiado, neste momento, considerar também fenômenos que envolvem outras organizações que se constituem como objeto da pesquisa. Avalia-se que, com o MST, fica bem representado o processo. Para além desta justificativa, o fluxo que se estabelece aqui é diferente daquele proposto na observação das rotinas de produção no *Correio do Povo* e em *Zero Hora*: na medida em que o que está interessando é o discurso, a matéria publicada, é possível delimitar a quais organizações se dedicará a análise.

---

<sup>66</sup> Apontamento de aula ministrada pela professora Beatriz Marocco durante a disciplina de Crítica das Práticas Jornalísticas, no segundo semestre de 2010, parte integrante da estrutura curricular do curso de mestrado no PPGCOM da Unisinos, na LP2 – Linguagem e Práticas Jornalísticas.

Quando a mídia representa o MST no signo/notícia, ele é composto não só pelos signos gerados a partir do acontecimento/objeto, mas também daqueles que compõem a história do movimento. A partir do que já se pôde avançar na reflexão sobre o processo de produção da notícia à luz do conceito de semiose, de Peirce, é possível concluir que o signo/notícia que estampa as páginas de jornal é mesmo constituído de uma série de outros, sempre anteriores, e a articulação deles depende do sistema de produção de sentido a que está submetido. A perspectiva adotada aqui para definir esse sistema é a concebida por Robert Darnton (1990), para quem o Jornalismo é uma forma de contar a história do presente. A história contada adota, a rigor, a versão dos *vencedores* no que tange a correlação de forças sociais, daqueles que, pela condição que ostentam, detém os meios de produção de sentido (SANTAELLA, 1983). É desse pressuposto que desencadeiam-se uma série de formulações teóricas que levam ao entendimento de como o dia a dia do jornalista nas redações incide na construção da imagem dos movimentos sociais, representados, agora, pelo MST.

Antes que se siga, há de se registrar que não está em questão, a priori, o mérito do conflito ideológico entre os dois atores da sociedade brasileira que constituem-se como objeto deste exercício – um contestador da economia capitalista, outro parte dela. A avaliação é a de que, pela caracterização que já se fez do neoliberalismo como ambiente semiótico, esse seja um assunto bem resolvido. Não há como deixar de fazer, porém, um movimento na direção da compreensão da dimensão que cada um tem no que se refere à posição política, econômica e social. E a estratégia para tanto é a partir da reflexão que faz Ronaldo Henn (2006) da construção da memória de organizações socialmente marginalizadas:

Como os sistemas midiáticos são complexos empresarias de grande monta, a “organização e construção desta memória” alinham-se à tradicional perspectiva dos vencedores. Os segmentos sociais historicamente marginalizados e excluídos aparecem nos produtos de mídia sob determinados enquadramentos que raramente correspondem à organização semiótica destas comunidades. Por mais bem intencionados que sejam os produtores de mídia, há um inevitável ruído por conta das regras sedimentadas nos sistemas socioculturais a que pertencem (HENN, 2006, p. 182).

Interessa, aqui, entender como ocorre a adoção da perspectiva dos vencedores e a consequente exclusão dos enquadramentos que corresponderiam à organização semiótica das comunidades excluídas – nesse caso, o MST. É um movimento prévio, que antecede o que se fez no campo, durante a observação etnográfica. Não obstante o fato de deter-se ao processo anterior à notícia acabada, o que se busca também é demonstrar o reflexo dos processos de semiose a que são submetidas as informações que envolvem os fenômenos sociais até o signo

final. No mesmo caminho trilhado por Henn em *Pauta e Notícia: Uma abordagem semiótica* (Ulbra, 1996) pretende-se responder a inquietações que envolvem essa relação como, que tipo de mediação os signos sofrem até se expressarem como notícia? E quais as forças que, ao fim e ao cabo, os determinam?

### 6.3.1 Contando a história do presente

Com base em Darnton (1990), são compreendidos como vencedores o sistema capitalista, consolidado no Brasil, e “perdedores”, ou “excluídos”, sempre respeitando ainda o caminho que aponta Henn (2006) sobre o conceito, movimentos que contestam o sistema - há de se ressaltar, porém, que a própria perspectiva de Henn dirá que essas relações não são tão dicotômicas quanto faz parecer o enunciado acima: uma série de atravessamentos de lógicas diversas e muitas vezes contraditórias pautam essa relação e a própria noção de semiose, rizomática e de fundamento triádico, não permite reduções desse porte. Por outro lado, determinados processos sociais conservam características muito marcantes da história dos vencedores - em especial os que envolvem o MST e instituições solidárias à causa da reforma agrária, objetos de interesse neste momento. Por força até mesmo da dimensão rizomática da semiose, orbitam o espectro que se configura na disputa entre “vencedores e perdedores”, depois do fim da Guerra Fria e da polarização entre socialismo e capitalismo, manifestações que não se identificam bem nem com um lado nem com o outro. Não deixam, contudo, de agir em meio a um sistema econômico que mantém a regra de excluir quem a ele se opõe e, assim, acabam expostas a mesma dinâmica.

Na medida em que se desenha o quadro ideológico que orienta a reflexão, a mídia hegemônica aparece circunscrita ao espaço do capitalismo. A história do presente é por ela contada. Mas como é contada? Questão complexa. Começar a respondê-la exige, novamente, que se recorra a Robert Darnton (1990), especificamente à experiência que teve na redação do jornal *The New York Times*, nos Estados Unidos:

O contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência de técnicas herdadas de contar histórias. Esses dois elementos na redação da notícia podem parecer contraditórios, mas estão juntos no “treinamento” de um repórter, quando ele é mais vulnerável e maleável. À medida que passa por essa fase de formação, ele se familiariza com a notícia, tanto como uma mercadoria que é produzida na sala de redação quanto como uma maneira de ver o mundo que chegou, de alguma maneira, da Mamãe Ganso até *The New York Times* (DARNTON, 1990, p. 96).

Mídia hegemônica e MST foram objeto de pesquisa da professora Christa Berger em *Campos em confronto: a terra e o texto* (UFRGS, 1998). Uma investigação que justifica a importância da compreensão sobre as peculiaridades das rotinas de produção jornalística na construção dos signos que vão parar no jornal. Ela analisa o discurso do jornal *Zero Hora* sobre o MST, no início da década de 1990. Em determinado momento, versa sobre a escolha deliberada pelo verbo “invadir” e não “ocupar” nas matérias que narram ações dos sem-terra no Rio Grande do Sul. Ambos se constituem como signos. A escolha de um, nesse contexto, é em detrimento do outro. O jornalista recém-chegado à redação de ZH, como ensina Darnton, utilizaria “invadir” independentemente da direção do processo de semiose que essa decisão representa no todo sógnico. Naturalmente, em função dos legi-signos que permeiam o Jornalismo como sistema de produção de sentido e o neoliberalismo como ambiente semiótico, é essa a noção que ele terá sobre a ação do MST, sem refletir sobre a quem estará favorecendo a escolha do verbo (BARROS FILHO, 2002), o que não ameniza as consequências que se estabelecerão, visto que:

[...] o enunciador ao optar por “invadir” faz a escolha de um signo que preserva o conceito de propriedade privada, em que o sujeito do enunciado encontra-se na ilegalidade e ao destinatário é oferecida uma pista de leitura em que a transgressão tem permissão para ser punida. Caso optasse por “ocupar”, ele estaria sustentado pelo conceito de propriedade social da terra e a ilegalidade se encontraria na ação de repressão (BERGER, 1998, p. 131)<sup>67</sup>.

Cinco elementos diferenciam o rumo do processo de semiose que se desencadeia a partir da escolha de um verbo ao outro. Todos baseados em uma espécie de fórmula “Espacialidade + Ideologia”. “Invadir” remete às seguintes ideias: 1) existe um obstáculo (legal, no caso); 2) este obstáculo é vencido; 3) vencer significa, aqui, transgredir; 4) a transgressão permite punição; 5) o ato (invadir) é ilegal. Na substituição por “ocupar”: 1) não há obstáculo; 2) trata-se de algo devoluto; 3) não há transgressão; 4) não pode haver punição; 5) o ato é legal (BERGER, 1998).

Darnton (1990), Henn (2006) e Berger (1998) têm, em suas elaborações, senão mais, um ponto de intersecção que os aproxima da reflexão em curso, em que pese não seja motivação exclusiva de suas elaborações: estudam, nas contribuições trazidas à discussão, a

<sup>67</sup> Quando fala de propriedade social da terra, Christa Berger refere-se à Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que trata, no Capítulo III, da política agrícola e fundiária e da reforma agrária, estabelecendo no Art. 184 que: “Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei” (BRASIL, 1988).

forma como o Jornalismo conta a história do presente. São chamados, de tal forma, a compor um movimento no sentido de esmiuçar a relação MST e mídia hegemônica na perspectiva das rotinas de produção jornalística. Estreitando o exercício a um dos pesquisadores, chega-se a mais um elemento que expressaria a forma como é contada essa história. Antes da mediação entre o fenômeno narrado pelo jornalista e a sociedade, há outro, tanto quanto determinante da semiose da notícia. A pauta cumpre um papel de mediação entre fonte e repórter. Às vezes, aponta até para os enfoques que devem ser considerados na apuração das informações (HENN, 1996)<sup>68</sup>.

Ao construir o signo/notícia da forma como faz a mídia hegemônica, as possibilidades de interpretantes que ele desencadeará na sociedade se restringem. E entre as justificativas estaria um dos pressupostos do Jornalismo contemporâneo: a objetividade. Para Gaye Tuchman (1972) nada mais do que um ritual estratégico de proteção utilizado pelos jornalistas para contar a história dos vencedores. É o que fica do trabalho da socióloga ao analisar as rotinas de produção jornalística nos Estados Unidos ainda nos anos de 1970. Tuchman aponta em uma ferramenta comum às práticas de redação um caminho para o entendimento dessa elaboração. Trata-se do uso das aspas nas citações de opiniões das fontes. Ao utilizá-las, o jornalista alega deixar de participar da notícia. É como se os fatos falassem por si, sem a necessidade de mediação. Um signo que representaria a realidade – o que a fonte falou – em sua dimensão mais pura. É mais ou menos o que Clóvis de Barros Filho (2002) quer dizer com “Auto-definindo-se como ‘escravos dos fatos’, os jornalistas sustentam implicitamente a tese de que a verdade independe do sujeito que contempla” (BARROS FILHO, 2002, p. 158).

Conscientemente ou não, o que se dá é a restrição ao processo de semiose que o signo/notícia produz a partir do que Mayra Rodrigues Gomes (2003) chama de disciplinariedade praticada pela mídia hegemônica. Uma prática expressa na tentativa de estabelecer a impessoalidade quando conta a história do presente, como se referem Tuchman (1972) e Barros Filho (2002). Michel Foucault (1999) ajuda a elucidar esse conceito, ao caracterizar o discurso como uma disciplina, uma forma de controle – transpondo ao objeto em análise, controle do processo de semiose:

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça,

---

<sup>68</sup> Segundo o “Manual de redação e estilo do Estadão”: “Chama-se pauta tanto o conjunto dos assuntos que uma editoria está cobrindo, como a série de indicações transmitidas ao repórter, não apenas para situá-lo sobre algum tema, mas, principalmente, para orientá-lo sobre o ângulo a explorar na notícia. A pauta é um roteiro mínimo fornecido ao repórter... O pauteiro, por sua própria função (tentar cercar todos os ângulos da notícia), pode ter idéias que não ocorreriam ao repórter” (1990, apud HENN, 1996, p. 55).

com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma “infra-penalidade”; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 1999, p. 148).

Mayra Gomes aponta o *Jornal Nacional*, da TV Globo, como um dos principais exemplos da busca da impessoalidade e consequente disciplinariedade expressa nas práticas da mídia hegemônica.

Quanto ao *Jornal Nacional*, da Rede Globo, é marcante a tentativa de impessoalidade na postura dos apresentadores e no tratamento dado às matérias. Ênfase é dada aos atos de regulação assumidos pelo governo, ao colocá-los em primeiro plano na ordem das apresentações. Dessa forma reforça-se a estrutura disciplinar, suposta tarefa do Estado em exercício (GOMES, 2003, p. 85)<sup>69</sup>.

Ainda no terreno do telejornalismo, Gomes cita a figura de Boris Casoy como prova da presença do discurso disciplinador que o Jornalismo carrega. Sobre o folclórico âncora que já passou pelas principais emissoras de televisão do Brasil, diz que “o enfoque opinativo é a constante. O arremate ‘isto é uma vergonha’ tornou-se marca, num julgamento que promove disciplina e controle” (GOMES, 2003, p. 85). Com Casoy, o direcionamento do processo de semiose que se estabelece é evidente. Do alto da legitimidade que lhe confere estar no comando de um telejornal, como legi-signo que age na semiose disparada pelo comentário no telespectador/interpretante, depois de finalizado o signo/notícia produzido pela reportagem sobre determinado acontecimento, o âncora reabre o mesmo processo de semiose e inclui uma espécie de signo extra: “isto é uma vergonha”. Não há como desconsiderar a incidência desse signo, determinante dos rumos da semiose – ainda que, evidentemente, ele não seja definitivo: é possível, pela característica de infinidade da semiose, que haja interpretações diferentes daquela representada no jargão.

Depois de uma sintética revisão sobre alguns dos métodos sobre os quais o Jornalismo baseia a narração da história do presente, nada melhor do que vê-los em ação. E a necessidade de se recolher extratos do empírico, então, se sobressai. Há, no exemplo a seguir, elementos reveladores da forma como a mídia hegemônica constrói os signos que representam o MST.

---

<sup>69</sup> Quando Mayra Rodrigues Gomes (2003) fala da impessoalidade na apresentação do *Jornal Nacional*, da TV Globo, considera, logicamente, como base para a reflexão, o formato do telejornal à época. Hoje, nove anos depois da publicação do seu estudo, é possível identificar algumas mudanças de estratégia, traçadas pela emissora justamente para gerar no telespectador uma sensação de intimidade maior. Há, inclusive, pesquisadores dedicados a investigá-la. Avalia-se, no entanto, que como padrão de procedimento jornalístico – e não só na televisão como meio – a impessoalidade segue sendo uma característica marcante.

Trata-se de matéria veiculada pelo *Jornal da Globo*, da TV Globo, edição do dia 07 de novembro de 2007. O apresentador destaca na manchete de abertura do telejornal, na escalada: “Comunicação Profissional”. Em seguida, mostra imagens de material enviado pela assessoria de imprensa do MST a veículos de comunicação, divulgando uma ocupação no Estado do Pará:

Apresentador - Integrantes do MST invadiram novamente a estrada de ferro Carajás no Pará e paralisaram o transporte de minério de ferro da maior mina a céu aberto do país.

Repórter - É a terceira vez em menos de um mês que integrantes do MST invadem a estrada de ferro Carajás, em Parauapebas, sudeste do Pará. A ocupação foi divulgada pela assessoria de imprensa do próprio MST em e-mail enviado às redações de jornal, revista e TV. No documento o Movimento pede investimentos em educação, saúde e participação nas decisões da companhia Vale do Rio Doce.

Representante do MST - “Pra forçar, o estado, o Governo Federal e a Companhia Vale do Rio Doce que tem uma dívida social com esta região e com este estado, a sentar na mesa de negociação conosco novamente”.

Repórter - A Vale do Rio Doce divulgou uma gravação feita durante a invasão.

Gravação

Maquinista: O pessoal tá atacando o trem aqui quebrando o trem, picareta, pedaço de pau, tão quebrando tudo aqui.

Controlador: O amigo aí tá seguro aí na tração? A tração está toda fechada aí, trancada?

Repórter - Depois, ainda no áudio divulgado pela Vale, a cabine do trem é invadida.

Gravação

Integrante do MST: É o seguinte, olha, libera o trem pra ele ir devagar até lá o local, senão vai causar o pior”.

Repórter - Segundo a Vale, cinco funcionários foram feitos reféns durante meia hora. A companhia afirma que enviou cartas ao ministro da Justiça, Tarso Genro, e à governadora do Pará, Ana Júlia Carepa, pedindo medidas para que seja feita a reintegração. Com a paralisação da ferrovia foi interrompido o transporte de passageiros em 23 municípios do Pará e do Maranhão. Cidades do sudeste do Pará também dependem da estrada de ferro para receber combustível. A Vale informa que as últimas três

ocupações da ferrovia provocaram um prejuízo para a empresa de US\$ 10 milhões de dólares<sup>70</sup>.

Aparecem, no signo que o *Jornal da Globo* constrói para representar o objeto semiótico, qual seja, o acontecimento que envolve o MST, uma série de outros signos, na lógica da semiose da notícia, que incidem diretamente na interpretação que fará o telespectador do tema, a partir da nova semiose desencadeada pelo signo/notícia. Percebe-se a tentativa do telejornal de tornar, desde a manchete, na abertura da edição, a ação contraditória, surpreendente, na medida em que retrata um movimento que trabalha pela reforma agrária, portanto, uma questão eminentemente rural, lidando com questões do cotidiano da urbanidade, como e-mail, veículos de comunicação impressa e assessoria de imprensa, além de a própria pauta de reivindicação transcender a barreira do rural. Isso no que diz respeito a uma questão de identidade, de caracterização de um movimento que se constitui como uma força dispersa da modernidade. Assim, tenta a mídia torná-lo arcaico, incapaz de conviver com a sociedade de consumo. Por isso, faz uso do que Néstor Garcia Canclini (1997) chamaria de *fórmula cultura urbana*<sup>71</sup>.

Na utilização dos verbos “invadir” e “ocupar”, como signos, na mesma matéria, ora pelo apresentador, ora pelo repórter, expressam-se, ainda, dois debates instigantes se cotejados. O primeiro suscitado por Darton (1990), ao constatar a falta de uma reflexão consciente por parte dos jornalistas ao produzir seus textos. O que parece haver é o uso dos verbos como sinônimos. Correia (2011), ao citar Hartley (1991), fala do confronto social e ideológico em torno dos signos. O signo “ocupar”, nesse caso, supõe-se que esteja no release produzido pela Comunicação do MST para divulgar sua ação e acessado pelo repórter que a representou no *Jornal da Globo* como uma das fontes de informação. Linha editorial da TV Globo e MST, portanto, disputam a significação do acontecimento. E o movimento chega a obter algum êxito no vácuo que se constitui pela falta de reflexão do repórter.

Também é de contribuição consubstancial à reflexão uma análise sobre o caso da ocupação da fábrica da Aracruz Celulose em Barra do Ribeiro, Rio Grande do Sul, no dia 08 de março de 2006, pelo Movimento das Mulheres Camponesas – MCC, que mantém relações

---

<sup>70</sup> MST divulga invasão. *Jornal da Globo*. São Paulo, Rede Globo, 7 nov. 1997. Programa de TV. Disponível em: <<http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20071107-309073,00.html>>. Acesso em: 22 abr 2011.

<sup>71</sup> Sobre o conceito de *fórmula cultura urbana*, ver: CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade, São Paulo: EDUSP, p. 283-350, 1997.

com o MST<sup>72</sup>. Christa Berger escreveu *O Caso Aracruz. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo)*, em julho de 2006. Jornalistas de todo o Brasil mobilizados e ampla cobertura da mídia hegemônica foram resultado da ação do MCC. Berger aplica ao trabalho a comparação com um fato ocorrido no Espírito Santo, onde índios foram despejados de sua aldeia na cidade de Aracruz pela multinacional de celulose em janeiro do mesmo ano, contudo, sem a mesma repercussão. É uma oportunidade de avançar na compreensão de como atuam os legi-signos que sustentam o “consenso neoliberal” a partir da preservação de valores como a garantia da propriedade privada e a racionalidade do poder.

A história dos vencedores, de Robert Darnton (1990), volta à pauta. Christa Berger cita manchetes dos jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro, e *Zero Hora* reportando-se, em seguida, ao conceito de Darnton: “Sem-terra encapuzados fazem vandalismo no RS” (*O Globo*); “Ação violenta do MST ameaça investimento de US\$ 1,2 bilhão no RS” (*Zero Hora*). Destaca ainda editoriais publicados pelas principais empresas de comunicação do país e chama a atenção para a forma como se dá a cobertura do acontecimento (BERGER, 2006). São ouvidas, a rigor, fontes oficiais, de governo, autoridades econômicas e dirigentes de entidades empresariais criticando a ação e dando vazão aos prejuízos econômicos<sup>73</sup>.

Parece que aqui se confirma a hipótese de Darnton da circularidade entre jornalistas, fontes e leitores e de como jornalistas adotam o ponto de vista de suas fontes, de como escrevem para agradar o editor e de como não se incomodam em desagradar um dos lados envolvidos no conflito, quando este lado é o dos perdedores (BERGER, 2006, p. 07).

Apenas um enquadramento é dado ao fato, o dos prejuízos econômicos; a história dos vencedores. Na perspectiva dos perdedores, apareceriam os problemas ecológicos e sociais causados pelas plantações de eucalipto. Fontes como ambientalistas, professores universitários, representantes do MCC e do MST, sequer foram ouvidas. Ao mesmo tempo, poderia contextualizar o tema com protestos de ambientalistas que ocorriam à época no Uruguai e na Argentina (BERGER, 2006). Retoma-se, aqui, Ronaldo Henn (1996) ao falar sobre a necessidade de recontextualização rápida imposta ao exercício diário do Jornalismo:

[...] o jornalista que tem a necessidade de recontextualizar rapidamente o acontecimento excepcional, tende a privilegiar as interpretações estabelecidas pelo sistema político, e isso o leva a mesclar a relevância

<sup>72</sup> A intervenção do MMC questionava o processo de degradação do meio ambiente provocado pelo plantio do eucalipto. A fim de chamar a atenção para os problemas ecológicos e sociais da atividade, mulheres militantes ocuparam laboratórios da multinacional durante a madrugada do Dia Internacional da Mulher – 08 de março de 2006 - e destruíram pesquisas que tinham como propósito desenvolver novas técnicas para produção da espécie.

<sup>73</sup> Ver, no ANEXO 09, exemplo de matéria publicada pela *Folha de S. Paulo*, em seu site.

pública do acontecimento com a valorização estabelecida por esse sistema (HENN, 1996, p. 54).

Crítérios de noticiabilidade convencionados pelo Jornalismo contemporâneo estavam presentes à ação das mulheres camponesas – inusitado, surpreendente (BERGER, 2006). Havia valor-notícia. Indiscutivelmente. Havia, também, no acontecimento que narra o jornalista do Conselho Indigenista Missionário:

No dia 20 de janeiro deste ano, a empresa Aracruz Celulose S/A mobilizou helicópteros, bombas, armas e 120 agentes da Polícia Federal do Comando de Operações Táticas, vindos de Brasília para destruir duas aldeias e expulsar 50 pessoas dos povos Tupiniquim e Guarani de sua terra tradicional, no município de Aracruz (ES).

Sem sequer receber uma ordem de despejo, os Tupiniquim e Guarani foram surpreendidos com o violento ataque. A ação, que resultou na prisão arbitrária de duas lideranças e deixou outras 12 pessoas feridas, teve todo o apoio logístico da empresa Aracruz Celulose S/A. Os 120 agentes da polícia federal receberam hospedagem e utilizaram o heliporto e os telefones da multinacional.

Durante a ação ilegal da policia federal – condenada inclusive pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados – tratores da multinacional destruíram totalmente duas aldeias. Todas as casas foram derrubadas, e muitos índios não puderam retirar seus pertences de dentro delas.

No noticiário das grandes empresas de mídia, não se viu nenhuma mãe Tupiniquim ou Guarani com seus filhos chorando, nenhum ministro do governo condenando a ação ou mesmo o dono da empresa lamentando a violência. Mas se por aqui as grandes empresas de mídia não repercutiram o crime cometido pelo aparelho repressor do Estado e a empresa Aracruz Celulose S/A, a família real da Suécia resolveu vender suas ações da multinacional devido às denúncias e fortes pressões contra a violação de direitos humanos cometidos e o desrespeito ao meio ambiente no Brasil.

Mesmo com as denúncias de desrespeito aos direitos indígenas e ao meio ambiente, a gigante multinacional ainda conta com vultuosos recursos do BNDES. Recentemente foi noticiado que a empresa Aracruz Celulose S/A será beneficiada com mais de R\$ 297 milhões de recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador). O empréstimo, segundo os movimentos sociais, deverá resultar na perda de pelo menos 88 mil postos de trabalho. Essa informação também não foi repassada à opinião pública nacional (NAVARRO, 2006)<sup>74</sup>.

A notícia circulou apenas na *internet* e como contrainformação (BERGER, 2006). Do que Henn (2006) fala sobre a construção da memória é possível depreender que, em lados

---

<sup>74</sup> NAVARRO, Cristiano. As lágrimas da Aracruz e a coragem das mulheres camponesas. 10 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=1800&eid=259>>. Acesso em: 12 julho 2010.

opostos, mídia hegemônica e MMC, prevalece a história dos vencedores. O enquadramento não corresponde a organização semiótica que de fato representa as mulheres camponesas, na ocupação da Aracruz Celulose, no Rio Grande do Sul; representa apenas a organização semiótica dada pelo mercado.

#### 6.4 UMA QUESTÃO DE OBSERVAÇÃO

Como se estabelece o fluxo de informações acerca dos acontecimentos que envolvem os movimentos sociais no dia a dia das redações? Qual é efetivamente a influência das práticas jornalísticas na interpretação dos signos que representam essas organizações na mídia hegemônica? Questões para as quais o exercício que se encerra pretende ter produzido inferências capazes de sustentar o ponto de vista a partir do qual parte-se à observação das práticas jornalísticas nas redações do *Correio do Povo* e de *Zero Hora*. O que já se pôde aferir é que estudar os processos de produção do Jornalismo contemporâneo é uma tarefa complexa, que não se basta na análise do que já fora produzido.

Sem maiores pretensões, a intenção até aqui foi tão somente chamar a atenção, a partir da reflexão sobre a relação entre dois atores da sociedade brasileira com objetivos nitidamente antagônicos do ponto de vista ideológico, para a capacidade do Jornalismo de incidir na forma como o público tem acesso à história do presente. Como se constrói a narrativa dessa história na perspectiva dos *vencedores*, como apontam autores como Robert Darnton (1990) e Christa Berger (2006). Para Ronaldo Henn (1996), “entre a notícia e o objeto que ela representa, existe uma série de mediações” (HENN, 1996, p. 57). Se refere ele à sucessão de signos que, no fim, dão forma ao signo/notícia publicado nos jornais, a partir dos quais se estabelecerão novos signos, que desencadearão novos fenômenos sociais objeto de cobertura jornalística para, assim, dar início ao processo novamente. Desvendar todas essas mediações, só mesmo com a imersão nas redações. A Semiótica Peirceana – como inspiração, ponto de partida – parece, pelo menos até este momento, oferecer ferramentas teórico-metodológicas capazes de produzir uma síntese razoável.

O que fica do exercício ensaístico empreendido neste capítulo é a dimensão do que poderia se chamar de mapa semiótico da notícia. Seus traços se expressam nos processos de semiose que vão dá pauta à notícia publicada para, então, assumir papel de signo no lugar do objeto, nesse caso, os movimentos sociais, expressos nos acontecimentos que envolveram o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

## 7 CORREIO DO POVO E ZERO HORA OPERANDO SIGNOS

A descrição e análise dos dados coletados na pesquisa de campo é sempre um dos momentos mais importantes de uma investigação. É quando se pode aferir o que mesmo foi possível descobrir sobre o objeto. Em se tratando de uma proposta de observação, então, de um movimento etnográfico, essa importância acentua-se. O exercício que começa agora se propõe a tensionar as rotinas de produção do Jornalismo a partir das teorias mobilizadas, mas tentar também fazer com que avancem as teorias. Um esforço dialético, capaz de, ao final da dissertação, produzir uma síntese razoável, que contribua à compreensão do problema.

E a opção, diante do exposto, é por descrever os dados avaliados como relevantes em seções autônomas ao longo deste capítulo. Primeiro, a observação na redação do *Correio do Povo* (CP), que ocorrera em setembro de 2011. Em seguida, em *Zero Hora* (ZH), ao mês de outubro do mesmo ano. Avalia-se que seja essa uma dinâmica que dá racionalidade à descrição. A intenção é, já na própria descrição, apontar questões para o debate à luz da Semiótica Peirceana e, quando a relação for direta com o objeto de pesquisa, a representação dos movimentos sociais pelo Jornalismo, por em ação também o conceito de acontecimento em Louis Quéré, a partir do campo problemático que seu *poder hermenêutico* revela, representado como objeto semiótico do signo/notícia.

Em meio a tudo isso, não é demais lembrar: a redação de ambos os jornais é parte de um ambiente semiótico, caracterizado durante o trabalho, inclusive, que age, a rigor, com base nos legi-signos que circulam nesse ambiente e, mais do que isso, calcada nos legi-signos que configuram o Jornalismo como sistema de produção de sentido. A tentativa inicial é caracterizar como cada uma delas se posiciona diante desse ambiente, na condição de operadores sígnicos, para, logo depois, apontar o que são os legi-signos mais específicos que se pôde observar, tanto no CP quanto em ZH.

### 7.1 CORREIO DO POVO

A observação na redação do jornal *Correio do Povo* ocorre entre os dias 19 e 25 de setembro de 2011. Sete dias. Uma semana que se revelaria promissora no que se refere a acontecimentos envolvendo organizações sociais de diferentes matrizes políticas e ideológicas. Efervescente. Vejamos. Manifestações dos trabalhadores dos Correios, em greve por reajuste salarial; Sindicato dos Bancários de Porto Alegre (RS) prestes a deflagrar greve, também por reajuste e melhores condições de trabalho... Membros da Brigada Militar do Rio

Grande do Sul se insurgiam contra o governo do Estado, o sindicato dos servidores do Detran-RS, também. E mais: médicos que reivindicavam melhores acordos com operadoras de planos de saúde, com o poder público; funcionários da Carris que protestavam contra denúncias de corrupção na empresa pública de transporte da capital gaúcha. Movimentos anticorrupção se manifestando durante as comemorações pela Revolução Farroupilha. Isso para ficar só no âmbito dos fenômenos com relações mais nítidas com o objeto de pesquisa. Todos eles, também, impostos, de uma forma ou de outra, às condições de produção da notícia no CP, aos fluxos de produção de sentido do jornal.

Não é difícil supor que desse emaranhado de sujeitos, acontecimentos revelando campos problemáticos distintos, que interagem com o CP – o operador sígnico –, na condição de objeto semiótico que são representados no signo/notícia, emergiriam uma série de subsídios que contribuem à compreensão do problema. Indiscutivelmente, sim. O desafio agora é dar a esse material o melhor aproveitamento. A decisão, portanto, é concentrar as atenções aos episódios que envolvem o objeto da pesquisa. Não sem antes, obviamente, revelar detalhes da redação do CP, da sua organização, que possam fazer diferença para a compreensão do problema.

### **7.1.1 Empresa Jornalística Caldas Junior Ltda.**

A impressão que fica ao chegar à sede da nostálgica Empresa Jornalística Caldas Junior Ltda.<sup>75</sup> é a de que se está mesmo entrando naquele “jornalão” fundado em 1895, pelo quase lendário Caldas Junior. O prédio, na esquina da rua dos Andradas com Caldas Junior, no Centro Histórico porto-alegrense, preserva esses signos. E a própria organização da redação também contribui. Tanto do ponto de vista físico quanto da dinâmica de trabalho, como até já se pôde descrever no início da dissertação, aliás: processos arcaicos, sobretudo considerado o momento de furor tecnológico que se abate sobre a prática jornalística.

O certo é que os profissionais do *Correio do Povo* convivem hoje com um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o periódico mantém essa característica mais tradicional, com a chegada do Grupo Record, em 2007, que passa a controlá-lo, a tentativa é de se consolidar como concorrente ao jornal *Zero Hora*, do Grupo RBS; alternativa de mercado nos mesmos parâmetros. Um movimento nítido nesse sentido é a mudança do projeto gráfico, em 2010: uma mediação entre o formato conservador e um projeto todo colorido, mais leve. Os relatos

---

<sup>75</sup> Empresa Jornalística Caldas Júnior Ltda. é a razão social do jornal *Correio do Povo*, que pertence ao Grupo Record desde 2007.

que um pesquisador, estranho à redação, ouve dos jornalistas dão conta de que há uma tensão nesse contexto. Os investimentos da direção do grupo não acompanham a proposta e a frustração é um sentimento que permeia o ambiente.

Uma característica salta aos olhos: a presença de profissionais mais experientes, capazes de manter o jornal no mercado, disputar a agenda no Estado com ZH mesmo sem a mesma estrutura – o que ficará mais evidente depois da descrição da observação em ZH. É inevitável que essas condições se reflitam no processo de construção da notícia. O chefe de reportagem do turno da tarde, por exemplo, é tido pelos mais jovens como uma espécie de orientador. E o próprio jornalista faz questão de ocupar esse espaço, ainda que faça isso de uma forma involuntária, dá para se dizer. Decorre daí uma série de convenções que acabam por incidir nas rotinas da equipe comandada por ele – a saber: o núcleo de produção composto pelas editorias de Geral, Polícia e Economia, justamente sobre o qual recai o interesse da pesquisa. E uma breve conversa com o profissional que exerce a função é substantiva. “A gente ensina e amanhã a *Zero Hora* leva. Já perdi as contas de quantos formei”<sup>76</sup>, diz. Observe, aí, se o que há não é a frustração agindo como legi-signo no desabafo do jornalista. Dias antes da pesquisa de campo, um dos repórteres correspondentes ligados à Central do Interior fizera essa troca.

A falta de estrutura, também é inevitável constatar, aparece no produto final que o CP oferece diariamente à sociedade; na forma como representa os acontecimentos enquanto signo/notícia. Por vezes, a carência de fotógrafos na redação é critério para cobrir ou não determinado acontecimento; por outras, a falta de repórteres; não os valores-notícia estabelecidos como padrão pelo Jornalismo enquanto campo profissional, somente. Veja o detalhe: o café fica ali, ao lado de uma impressora, à disposição dos jornalistas. Uma, talvez duas, garrafas térmicas por turno. Quando acaba. Paciência. O jeito é atravessar a rua e comprar seu próprio café no bar ao lado da redação.

### **7.1.2 Do lado de dentro do *Correio do Povo***

A observação na redação do *Correio do Povo* começou na segunda-feira, 19 de setembro, véspera do feriado em comemoração à Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul. Como seria ao longo da semana, a partir das 8 horas da manhã, início do expediente do chefe de reportagem. E o espaço reservado à pesquisa na redação é justamente ao lado do

---

<sup>76</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

profissional que coordena o núcleo de produção da editoria de Geral. Ali, concentram-se as principais fontes de acesso às informações para o agendamento do trabalho. Além de um ramal de telefone externo, pelo qual o chefe de reportagem recebe sugestões de pautas – até de leitores –, um aparelho de rádio, sintonizado integralmente na rádio *Gaúcha*, do Grupo RBS, e um aparelho de televisão, quase sempre no canal de notícias *Globonews*, da Rede Globo. O aparato serve, em especial, para o acompanhamento de acontecimentos não previstos, mas, não raras vezes, também para dimensionar a importância de determinada pauta a partir da cobertura conferida pelos demais veículos – por isso, inclusive, a opção por sintonizar emissoras de outros grupos de comunicação; não exclusivamente do Grupo Record.

Os procedimentos metodológicos pelos quais se optou foram respeitados, a rigor, durante os sete dias de observação. A interação com o ambiente de pesquisa, naturalmente, ocorreu. Entretanto, eventuais dúvidas que foram surgindo acabaram sendo dirimidas pela própria apreensão dos processos, ao longo da semana. A ansiedade de tentar resolvê-las com uma pergunta objetiva aos atores envolvidos na situação comunicacional que se configurava foi contida. A avaliação é de que o curso normal das rotinas de produção poderia ser comprometido. Perguntar “por que” esta medida em detrimento daquela poderia até mesmo constranger os profissionais.

Antes das questões mais específicas, relacionadas diretamente ao objeto, uma breve descrição do que se definiu como momentos fulcrais para a compreensão da semiose da notícia no CP. O primeiro deles, como não poderia deixar de ser, é a chegada à redação. É quando o chefe de reportagem constrói o que será a agenda do dia, a partir das pautas elencadas, ainda no dia anterior, pelo pauteiro, e, em seguida, demanda os repórteres – a revisão de *sites* de notícias, jornais concorrentes em Porto Alegre (RS), e o exercício de escuta também fazem parte da rotina. A troca de turno, quando o chefe de reportagem da manhã é substituído pelo colega que exerce a função à tarde, é fundamental. Orientações sobre o que já foi produzido ou está em produção são discutidas e, na sequência, o chefe de reportagem da tarde passa a demandar seus repórteres. Por fim, a reunião de capa, que ocorre, todos os dias, com exceção de domingos e feriados, às 17 horas: cada editor faz um panorama da produção de sua editoria para o dia; são definidos os destaques de cada editoria, as aberturas de página; e a capa começa a ser planejada – ainda que, no final da edição, seja revista pelo profissional que exerce a função de capista, pelo editor-chefe e pelo diretor de redação, que faz a análise final mesmo que esteja em casa, a partir do acesso remoto, pela *internet*, ao sistema de diagramação do jornal.

E um último esclarecimento no que tange à dinâmica do núcleo de produção sobre o qual interessa observar, responsável por executar matérias para as editorias de Geral, Economia e Polícia. Sempre que um repórter conclui um texto para o qual foi demandado, na rotina habitual de produção, pelo chefe de reportagem, entrega a ele o produto final. O chefe de reportagem fará uma primeira revisão, mais ou menos apurada, dependendo da avaliação acerca da importância da pauta e, na sequência, entregará a matéria à edição do editor da editoria em que será publicada: Geral, Economia ou Polícia. Avaliando que a matéria necessita de uma redução drástica de tamanho em função do espaço que tem na edição do dia seguinte, o editor demandará essa tarefa à Central de Textos, cuja função é exclusivamente essa – havendo necessidade de aumento do texto, na impossibilidade de o repórter ou o chefe de reportagem fazerem isso, também é a Central de Textos que faz, entretanto, são raras as situações em que isso ocorre.

A semana começa intensa. Ainda que fosse véspera de feriado, quando naturalmente a rotina da cidade é mais amena – sobretudo se o dia de folga é uma terça, o que sugere um feriado prolongado –, manifestações que emergiam pelo Estado naquele período deram conta de agitar a redação na segunda-feira, dia 19. A uma delas recaí a atenção neste momento: a reivindicação de trabalhadores da Brigada Militar (BM) por melhores salários, representados pela Associação Antônio Mendes Filho dos Servidores de Nível Médio (Abamf/BM) e pela Associação dos Sargentos, Subtenentes e Tenentes da Brigada Militar (ASSTBM)<sup>77</sup>. A pauta é uma reunião de membros de uma das entidades com o Governo do Estado.

Na agenda do dia, elaborada na noite anterior pelo pauteiro, o horário previsto para a reunião é 14 horas, no Palácio Piratini – sede da administração estadual. Entretanto, ao ouvir na rádio *Gaúcha*, no início do expediente, que haveria evento pela manhã, às 10 horas, que trataria de assuntos ligados aos policiais militares, o chefe de reportagem tenta saber mais informações. Busca o auxílio de colegas da TV Record RS. Muda, em seguida, o planejamento do dia em relação a que pautas cada repórter teria que executar. A pauta é destinada a um profissional que, a essa altura, já estava na rua, cobrindo outros acontecimentos. Quando ele retorna, a menos de 30 minutos do suposto novo horário da reunião, passa a apurar as informações por telefone. Descobre que, na verdade, o evento que

---

<sup>77</sup> Um esclarecimento importante: neste período, os servidores da Brigada Militar negociavam índices de reajuste com o Governo do Estado. Entretanto, duas entidades os representam, conforme a hierarquia dos servidores: Associação Antônio Mendes Filho dos Servidores de Nível Médio (Abamf/BM) e Associação dos Sargentos, Subtenentes e Tenentes da Brigada Militar (ASSTBM). Como se não bastasse a tensão que se estabelece em qualquer processo de negociação salarial, nesse caso o processo era ainda mais acirrado porque a proposta do governo era fixar índices diferentes para os reajustes dos servidores representados por cada uma das entidades, sendo o maior oferecido à Abamf/BM em detrimento da ASSTBM.

ocorreria pela manhã é outro, não a reunião da Abamf/BM, mas sim da ASSTBM. O encaminhamento é o seguinte: o repórter apurará, por telefone mesmo, o que é exatamente a atividade da manhã e fará um texto final, entregue ao chefe de reportagem da tarde, que cuidará de avaliar como será a edição da matéria, na medida em que sobre o evento da tarde já havia mais informações.

Em meio ao processo de significação dos acontecimentos que envolviam a Abamf/BM e a ASSTBM, há outro, também com a Brigada Militar como objeto. Durante o período de negociações entre Governo do Estado e trabalhadores, uma série de ações radicais se desencadeou na Capital, Região Metropolitana e também no Interior, todas com a mesma característica: pneus queimados durante a madrugada sobre rodovias, interrompendo o trânsito; bonecos pendurados em viadutos com fardas da BM e cartazes reivindicando os reajustes; e falsas bombas deixadas em locais de grande circulação de pessoas. Pois na madrugada de segunda-feira houvera duas: uma queima de pneus no município de Rio Grande, no litoral sul, e um boneco pendurado em um viaduto em Cachoeirinha, na Região Metropolitana. A essas pautas outro repórter dedica-se desde o início da manhã, tendo ele mesmo as descoberto ao fazer a ronda policial<sup>78</sup>.

Quando chega, às 13h25min – o horário formal de início do seu expediente é 14 horas –, o chefe de reportagem do turno da tarde conversa com o colega da manhã sobre as pautas que estão em produção. O encaminhamento em relação às duas pautas que envolvem as entidades representativas dos trabalhadores da Brigada Militar é, então, informado ao chefe de reportagem da tarde e, em seguida, o profissional que exerce a função pela manhã fala sobre a matéria produzida pelo repórter policial acerca das ações mais radicais: “O governador (Tarso Genro) deveria ter chamado alguém da confiança dele, um oficial, e trocado o comando. Quem é que tem arma? Quem é que desmonta bomba? Nós somos os reféns”, exclama o chefe de reportagem da tarde<sup>79</sup>. Só às 14h30min, o repórter que cobrirá a reunião da Abamf/BM, no Palácio Piratini, deixa a redação com um fotógrafo. Embora a redação do CP fique próxima à sede do governo, o evento estava marcado para as 14 horas. A impressão é de que, pela experiência que tem nesse tipo de cobertura, aposta que haveria atraso, ou mesmo que as questões mais importantes não seriam discutidas no começo. E a suposta desconfiança parece

---

<sup>78</sup> O repórter destacado para cobrir acontecimentos que envolvem a editoria de Polícia pela manhã é sempre o mesmo, com exceção dos dias em que não está na redação, obviamente, em função da rede de contatos que estabeleceu com a experiência na profissão e por ter mais domínio das dinâmicas da editoria. Ele trabalha com relativa autonomia em relação aos demais repórteres e até mesmo ao chefe de reportagem. Portanto, acaba constituindo sua própria rotina de trabalho e levantando pautas, a rigor, a partir da ronda policial que faz diariamente, ao telefone, ao chegar na redação, às vezes antes que o próprio chefe de reportagem.

<sup>79</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

se confirmar. Ele volta para a redação e relata ao chefe de reportagem que as decisões que eventualmente saíssem da reunião só seriam reveladas à imprensa no final da tarde. Às 16 horas, então, o repórter retorna ao Palácio Piratini.

Os acontecimentos que tinham a BM como protagonista voltariam a ser discutidos na reunião de pauta, que, neste dia, começa às 17h15min. O diretor de redação, Telmo Flor, é quem, por força da hierarquia, comanda os trabalhos. Do ponto de vista mais prático, contudo, quem conduz a reunião é o editor-chefe. O primeiro a elencar as pautas nas quais está trabalhando a partir de um *preview*<sup>80</sup>, que resume a produção do dia, é o chefe de reportagem. E a primeira pauta, considerada a mais importante, é justamente as manifestações da BM. A avaliação do diretor de redação sobre os acontecimentos é representativa: “A decisão deles [BM] é relevante, mas vamos aliviar para não incentivar, né [os protestos]”. Ele dá a entender que esse vem sendo o procedimento adotado pelo CP ao longo da cobertura sobre os protestos dos policiais militares. “Não, as negociações vamos dar. Só cuidar com o vandalismo”, responde o diretor de redação, ao ser interpelado pelo chefe de reportagem, que argumentava a importância que as negociações salariais tinham assumido enquanto acontecimento jornalístico<sup>81</sup>. Haveria de se supor, considerando o que defende Benetti (2010) e, antes ainda Rodrigues (1993), sobre o que seja o acontecimento jornalístico, que o caso das manifestações mais radicais dos militares tivesse alcançado seu estatuto pelo que representa de ruptura à norma. Não é o que se concretiza no CP.

Outro acontecimento que cabe o registro é a negociação acerca dos reajustes salariais dos trabalhadores da Polícia Civil e também dos agentes penitenciários do Estado. Embora o processo estivesse ainda em estágio inicial, sem o nível de tensão da negociação da BM, o governo já tinha sua proposta, baseada, inclusive, na oferecida aos policiais militares, e a repercussão começava a chamar a atenção da imprensa. O mesmo repórter responsável pela cobertura da reunião da Abamf/RS no Piratini, à tarde, ficou com a pauta, já que poderia ouvir lá o que o governo teria a dizer e depois contrapor à versão dos trabalhadores, representados pelo Sindicato dos Servidores Penitenciários do Estado do Rio Grande do Sul e pelo Sindicato dos Escrivães, Inspetores e Investigadores de Polícia do Rio Grande do Sul (Ugeirm). Como o ápice dessas negociações só se daria após o período da pesquisa de campo, a opção, aqui, é por apenas citar o acontecimento, sem se debruçar sobre ele.

---

<sup>80</sup> Todos os dias o chefe de reportagem produz um documento utilizado na reunião de pauta que serve como parâmetro de como será a edição do dia seguinte. A partir dele, os editores e, em última instância, o editor-chefe e o diretor de redação, decidem que matérias terão mais destaque, quais serão manchete, foto de capa e outras diretrizes que orientarão a edição. Ver ANEXO 10.

<sup>81</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

A terça-feira, dia 20, sim, foi um dia de ritmo menos intenso. Também pudera. Era feriado. A própria quantidade de profissionais na redação é visivelmente menor. Nada que impeça a produção de notícias envolvendo movimentos sociais. A cobertura das negociações entre trabalhadores da Brigada Militar com o Governo do Estado segue e a novidade são duas pautas envolvendo outras organizações: a greve dos servidores dos Correios e as negociações entre bancários e banqueiros sobre o índice de reajuste da categoria. Nos três casos, entretanto, a apuração de informações restringe-se ao ambiente da redação, na medida em que não há novos acontecimentos. As matérias que seriam produzidas davam conta é da repercussão de cada caso, retomando a agenda de acontecimentos previstos em cada um deles. Em relação à greve dos Correios, uma reunião de avaliação da mobilização que ocorreria no Rio Grande do Sul na quarta-feira, e às negociações da BM uma manifestação pública da ASSTBM, no mesmo dia.

Sobre a produção da notícia das negociações para o reajuste dos bancários vale uma atenção especial. A matéria é executada por editores assistentes da editoria de Economia, apenas, a partir de agências de notícias como fontes, como, a rigor, é o trabalho desses profissionais nos casos em que a avaliação do editor é de que não há a necessidade de aprofundar a pauta, a partir da intervenção de um repórter. Ou seja, nesses casos a dinâmica não permite, por exemplo, que sejam ouvidas fontes locais, contextualizando a pauta a realidade dos bancários gaúchos ou mesmo ouvindo a posição do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), cuja negociação independe da proposta discutida em âmbito nacional.

Maior contribuição à discussão dentre os acontecimentos sobre os quais a redação do CP se dedicou neste dia tem a cobertura do desfile em comemoração à Revolução Farroupilha. Não o acontecimento em si, mas o que se poderia chamar de acontecimento paralelo ao desfile: uma manifestação do movimento “Agora Chega!”, organizado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que desfilou com integrantes empunhando cartazes que reivindicavam a ética e o fim da corrupção no poder público. Embora os dois fossem acontecimentos previstos, na medida em que dias antes da manifestação a OAB já divulgava seu protesto, o repórter destacado para as duas coberturas foi o mesmo. Neste contexto, teria de cercar-se, antes de sair da redação, de informações sobre os dois temas e, ao passo que, inevitavelmente, o ambiente de produção de sentido que se constitui para ele, na condição de interpretante na semiose da notícia, terá como pano de fundo uma relação que vai além da data comemorativa.

Em função do feriado, não houve reunião de capa. As decisões sobre que pautas seriam destaque em cada editoria foram sendo tomadas ao longo da tarde, a partir de conversas entre o editor-chefe e os editores, com a intervenção quase que constante do chefe de reportagem – o profissional que exercia a função era um repórter que cobria a folga do titular. Esse tipo de procedimento, como já referido ao longo do texto, é padrão em feriados, assim como aos domingos.

Diante da rotina relativamente alterada a que poderia estar submetida a redação em função do feriado prolongado, a decisão, desde o planejamento da pesquisa de campo, foi por acompanhar uma equipe de reportagem na apuração dos fatos somente na quarta-feira, dia 21. Outra justificativa é o tempo razoável de dois dias como período de ambientação. A decisão não poderia ter sido mais acertada. A agenda seria marcada por acontecimentos relevantes. E a quarta foi pródiga, inclusive, em acontecimentos previstos envolvendo movimentos sociais: manifestações dos trabalhadores da BM, dos Correios, em greve, do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre, em frente à sede da Carris, e de médicos que protestavam contra planos de saúde.

A previsão de que o dia seria intenso poderia ser feita já no começo da observação. Às 8 horas, quando ouvia a rádio *Gaúcha*, o chefe de reportagem se dá conta de que perdera um acontecimento importante. Membros do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre organizaram protesto em frente ao estacionamento da Carris, empresa pública de transporte da Capital, em razão de denúncias de corrupção que se abateram sobre a direção, substituída na semana anterior pela administração municipal. Os trabalhadores impediram os ônibus de deixar o local, por volta das 5 horas da manhã. O acontecimento poderia ser considerado previsto, na medida em que, desde segunda-feira, representantes da entidade anunciavam a manifestação.

Questionado sobre o propósito da ausência da pauta na agenda do dia, o chefe de reportagem, em tom de desabafo, responde: “Não foi ninguém, nem vamos fazer nada sobre isso. Não tenho gente. Tomei essa decisão. Estamos segurando o jornal sozinhos. Tenho dois fotógrafos e três pautas 500”<sup>82</sup>. Se refere ele a pautas sobre as quais a direção manifesta interesse comercial, sob a ação do signo “500”, que, enquanto legi-signo, simboliza a prioridade em detrimento de outras pautas como objeto. E há ainda outro agravante: o expediente dos fotógrafos começava às 7 horas. Portanto, às 5 horas não haveria profissionais para registrar a manifestação.

---

<sup>82</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

Para este dia eram previstas manifestações de médicos em todo o Brasil contra as operadoras de planos de saúde privada. A reivindicação era por reajuste nos valores repassados aos profissionais por consulta realizada. Em Porto Alegre, não foi diferente. Uma atividade em frente ao Hospital Beneficência Portuguesa era o acontecimento previsto. Tinha o apoio da Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigs), da Comissão Estadual de Honorários Médicos do Estado (CEHMRS), Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers) e do Sindicato Médico do Estado do Rio Grande do Sul (Simers). O repórter destacado para a pauta não foi, inicialmente, acompanhado por fotógrafo. Cobriria outro evento antes e, ao chegar ao Beneficência Portuguesa, avaliaria a dimensão do protesto. Chegando, liga para a redação e avisa que o ápice do movimento já ocorrera. Portanto, não seria necessário o envio de fotógrafo. A foto que comporia o signo/notícia que representaria o acontecimento como objeto na edição do dia seguinte seria enviada pela assessoria de imprensa de uma das entidades envolvidas. Ainda sobre médicos, o próprio chefe de reportagem edita uma nota, a partir de informações de um release que chega à redação, dando conta de que no dia seguinte o Simers protocolaria na Secretaria Municipal de Saúde proposta de reajuste salarial diferente daquela apresentada pela prefeitura, que fora rejeitada, dias antes pela categoria.

A cobertura dos acontecimentos que envolviam as negociações entre policiais militares e Governo do Estado começaria pela manhã. Um protesto marcado para as 9 horas por uma terceira entidade representativa da categoria, a Federação das 22 Associações Regionais Independentes da Brigada Militar (FERPM-RS), que almeja ser reconhecida na negociação, como as outras duas – Abamf/BM e ASSTBM –, na Praça da Matriz, em frente ao Palácio Piratini. O chefe de reportagem demanda a pauta ao mesmo repórter que cobriria evento na Assembleia Legislativa, que fica ao lado da sede do Executivo estadual – é o profissional que produzira matérias sobre as negociações na segunda-feira. Até aí, nenhum problema. A questão contraditória é que ambos os acontecimentos previstos tinham o mesmo horário de início. Ao orientar o repórter sobre as pautas, o chefe de reportagem explica que o protesto está marcado para as 9 horas, mas é melhor que ele chegue uma hora depois, quando, supostamente, seria o auge das manifestações. Mais uma vez, a experiência do jornalista é acionada como ferramenta para a suposição quanto à como se desencadeará determinado acontecimento.

A manifestação da FERPM-RS é o primeiro acontecimento sobre o qual a observação recai sobre a apuração dos fatos no local. Como não houve acordo com a direção do CP para o transporte do pesquisador no veículo da reportagem, o deslocamento até a Praça da Matriz é

feito por conta própria, quando o repórter que cobriria o evento avisa o chefe de reportagem que está indo para lá e que o fotógrafo destacado para a pauta já pode fazer o mesmo. E aqui um registro importante: repórter e fotógrafo não dialogam sobre o acontecimento, sequer durante a cobertura. O único sinal entre os dois é para que se deem conta um da presença do outro. O fotógrafo, aliás, faz o registro do evento rapidamente porque tem outras pautas a cobrir. A apuração do repórter também é proforma. Dura menos de 15 minutos. Ele identifica as lideranças da entidade, ouve quais são as reivindicações e anota o telefone de contato das fontes para eventuais informações que precise ao redigir a matéria. Às 10 horas, os líderes do movimento ainda aguardavam a chegada de manifestantes do Interior. O fotógrafo voltaria à Praça da Matriz por volta das 11h30min para registrar a dimensão do protesto naquele momento, o que é possível descobrir a partir de uma ligação que faz à redação para avisar o chefe de reportagem de que fez as fotos. E mais: conseguiu fotografar, inclusive, uma reunião entre representantes da FERPM-RS com o Governo do Estado, cujas informações não são apuradas por nenhum repórter – pelo menos não fora possível observar.

O repórter que acompanha a repercussão das negociações entre BM e governo durante a tarde também é o mesmo que o fizera na segunda-feira, orientado, agora, por um colega de função que substitui o titular, em férias, como chefe de reportagem. As atenções voltam-se às decisões da Abamf/BM e da ASSTBM sobre aceitar ou não as propostas de reajuste diferenciado, que privilegia a primeira com um índice maior. Ele se desloca, assim, até o Palácio Piratini para acompanhar reuniões entre representantes do Executivo e também das entidades envolvidas. De volta à redação, apura, por telefone, que a Abamf/BM decidiu aprovar a proposta – entretanto ainda falta uma confirmação mais segura, já que as fontes não confirmam a decisão de assembleias da entidade que ocorreram no Interior –, enquanto a ASSTBM rejeita – nesse caso, já há a confirmação da informação pelo próprio presidente da entidade.

Na reunião de capa, as negociações da BM voltam a assumir protagonismo. E ao citar a pauta como seu destaque o chefe de reportagem, substituto, vale lembrar, chama a atenção para as supostas divergências entre a Abamf/BM e a ASSTBM. “Brigada dividida”, sugere o editor de Política como manchete de capa para o dia seguinte. O chefe de reportagem pondera a necessidade de confirmar a decisão da Abamf/BM, mas concorda com a sugestão<sup>83</sup>. Pela manhã, o mesmo repórter que cobriu as manifestações mais radicais, com queima de pneus em rodovias e bonecos com fardas da BM, voltara a produzir matérias sobre acontecimentos

---

<sup>83</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

dessa natureza, todos no Interior: pneus queimados em Parobé; um boneco em Minas do Leão; e uma faixa pendurada na entrada da cidade de Sapiranga. A pauta sequer foi aventada.

A reunião termina por volta das 17h30min. Uma hora depois, a discussão é retomada. O chefe de reportagem, o editor-chefe e o editor de Geral, que começa a editar a matéria produzida pelos repórteres, avaliam se o foco na divisão da categoria de fato representa o momento das negociações com o governo. Ao ter dúvidas sobre o que seria a FERPM-RS, entidade que veio a público somente na quarta-feira, com o protesto que organizou pela manhã, o editor de geral ironiza: “Uma associação das esposas dos brigadianos? Mas que falta de laço<sup>84,85</sup>. Se referia ele às companheiras dos servidores da BM que participaram da manifestação. Pouco depois, o chefe de reportagem consulta uma fonte de sua confiança, da Abamf/RS, para confirmar a decisão da entidade de aceitar a proposta de reajuste oferecida pelo governo. A fonte confirma. Na sequência da edição da matéria, o editor de Geral volta a ter dúvidas e consulta o chefe de reportagem se pode mesmo representar todos os acontecimentos envolvendo a BM no mesmo signo/notícia. É o que acaba fazendo. No final do processo de edição, o editor-chefe testa a manchete com o repórter que cobriu os acontecimentos: “racha na brigada”, pergunta. O repórter responde que sim, mas ressalva: “Eles não querem que a gente diga isso, mas é isso”<sup>86</sup>.

A descrição da quarta-feira não poderia terminar sem o relato sobre como fora a cobertura de um acontecimento previsto envolvendo os trabalhadores dos Correios, em greve: uma passeata pelas ruas do Centro de Porto Alegre. Isso requer que se remonte ao início da manhã. A pauta é entregue a um repórter que passa a consultar fontes que pudessem confirmar o horário. Só no final da manhã, descobre, ao telefone, que o ato começaria por volta do meio-dia. E a primeira evidência de que a avaliação dava conta de uma pauta considerada menos importante se concretiza: o chefe de reportagem pede que apenas um fotógrafo acompanhe a passeata, já que um repórter do turno da tarde é quem apuraria as informações. É o que acontece. Entretanto, o movimento se estende mais do que o previsto. O profissional responsável por cobrir a manifestação dos Correios à tarde tem outras pautas a executar. Por volta das 16 horas, o chefe de reportagem liga para saber como está o andamento dos trabalhos e ele diz que voltará para a redação e apurará como foi a passeata por telefone. Na reunião de capa, o acontecimento foi apenas citado pelo chefe de reportagem

---

<sup>84</sup> “Falta de laço”, no Rio Grande do Sul, é uma expressão que denota falta de controle; desrespeito à autoridade. O “laço”, nesse contexto, representaria a coação, pelo uso da força, de modo a restabelecê-los.

<sup>85</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>86</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

como uma das matérias produzidas no dia; nem mais uma palavra. Quando decidia como disporia as matérias nas cinco páginas que teria para a edição do dia seguinte, o editor de Geral cita a ordem de prioridade: “Brigada Militar, Saúde, Acampamento Farroupilha, Dia Sem Carro, Correios e outras coisinhas”.

Por fim, a negociação de reajuste entre bancários e banqueiros que repercutia naquela semana. Ao editar, ele mesmo, a partir de informações de agências de notícias, uma nota sobre o assunto, o editor de Economia, que exerce também a função de editor-chefe, pede ao chefe de reportagem que na noite do dia seguinte deixe o repórter do plantão de sobreaviso. Isso porque o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre faria assembleia, às 19 horas, para avaliar a proposta da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) e a possibilidade de deflagrar greve em caso de rejeição, conforme orientava a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT).

A quinta-feira, dia 22, não seria menos importante. Não se considerados os acontecimentos previstos envolvendo os movimentos sociais sobre os quais se pôde dedicar a observação: repercussão das negociações entre trabalhadores da BM e Governo do Estado e da greve dos Correios que seguem; manifestação organizada pelo Sindicato dos Servidores do Detran-RS (Sindet) por reajuste salarial; e, uma novidade, pela primeira vez um ato envolvendo diferentes organizações em torno de uma causa em comum: uma passeata pela paz no trânsito no município de Viamão, na Região Metropolitana da Capital. O episódio mais importante, contudo, envolve a construção do signo/notícia que representou o resultado da assembleia do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre.

O primeiro acontecimento sobre o qual se opta por abordar aqui é a passeata pela paz no trânsito em Viamão. Uma pauta cuja característica principal é a de acontecimento previsto, mas que não estava na agenda do dia do chefe de reportagem da manhã. Por volta das 9 horas, o repórter da editoria de Polícia deixa a redação atrás de uma operação policial que descobrira ao fazer a ronda, ao telefone. Meia hora depois, o chefe de reportagem ouve na rádio *Gaúcha* a informação sobre a passeata em Viamão, dando conta de que o ato, tradicional na cidade, já que se tratava da 13ª edição, envolveria dezenas de pessoas. Perplexo, exclama: “Eu não tinha essa pauta”<sup>87</sup>. Imediatamente, aciona o repórter da editoria de Polícia para que cubra o evento, acompanhado de um fotógrafo. Neste momento, não há nenhum tipo de avaliação quanto à qual seria o perfil mais adequado para o profissional que seria incumbido da tarefa. A decisão é tomada sob o efeito da emergência. O chefe de reportagem sequer tem informações

---

<sup>87</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

mais precisas sobre a pauta. Não sabia, por exemplo, que a passeata envolvia, além de estudantes, entidades representativas e sindicatos locais – o que fora descoberto pelo repórter. Um agravante para a ausência da pauta na agenda é o fato de que aquela era a Semana Nacional do Trânsito (de 18 a 25 de setembro), época em que manifestações com vistas a conscientização sobre o tema são comuns.

À tarde, o repórter que acompanha, desde segunda-feira, as negociações entre os trabalhadores da BM e o Governo do Estado é destacado para cobrir reunião entre a Abamf/RS e representantes da Secretaria da Casa Civil. Ao deixar a redação, por volta das 14h15min, avisa o chefe de reportagem de que não precisará de fotógrafo. “Só se der um tumulto, tu avisa”, responde o chefe de reportagem<sup>88</sup>. E o tumulto aconteceria, porém, não envolvendo a mesma pauta. Às 15h10min, o repórter liga para a redação para avisar que precisa do fotógrafo porque está ocorrendo, naquele momento, uma manifestação em frente ao Palácio Piratini. O chefe de reportagem supõe que seja da BM e manda um fotógrafo. Esse é mais um acontecimento sobre o qual a observação se fez também no momento da apuração das informações, na medida em que era possível chegar ao local onde ocorria a tempo.

Na verdade, o ato era organizado pelo Sindicato dos Servidores do Detran-RS (Sindet) que reivindicavam reajuste salarial acima do previsto pelo governo, além de concurso público para a contratação de mais servidores para o órgão. Os procedimentos adotados na apuração pelo repórter são, a rigor, os mesmos observados na quarta-feira, quando se pôde acompanhar, na pesquisa de campo, a apuração de informações feita por outro repórter durante protesto envolvendo a BM. Ao chegar na manifestação, ele procura logo os líderes para saber do que se trata. Identifica um deles a partir de entrevista que concede a uma emissora de rádio. Ouve quais são as reivindicações e, em seguida, tenta acompanhar reunião de representantes do Sindet com a Casa Civil do Estado, mas é impedido e volta à redação com o telefone de um dos líderes para saber depois qual foi o encaminhamento. Isso tudo em aproximadamente 15 minutos. Em meio a esse processo, o fotógrafo que cobre a pauta faz fotos sem sequer dialogar com o repórter. É difícil, inclusive, aferir se um conseguiu perceber a presença do outro. Mais tarde, na reunião de capa, que neste dia não tem a presença do diretor de redação, Telmo Flor, afastado por problemas de saúde, a manifestação do Sindet não é nem citada. Parece ser absorvida pela discussão acerca da cobertura das negociações entre Governo do Estado e entidades representativas da BM.

---

<sup>88</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

Antes que se avance para os demais acontecimentos, há de se fazer um registro importante: nas duas situações de apuração observadas, os repórteres envolvidos tinham idades bem distintas; uma mulher e um homem; um com vasta experiência na profissão e outro iniciante. Os procedimentos adotados, no entanto, são muito semelhantes. Elementos que contribuem à conclusão de que se trata, aqui, de procedimentos padrão, que tem muito de convenção da prática jornalística, mas também aponta para uma forma como são interpretados acontecimentos que tem movimentos sociais como gênese. Uma espécie de trilha comum na semiose da notícia que este tipo de acontecimento, enquanto objeto, desencadeia.

O repórter que cobre as negociações acerca do reajuste dos policiais militares volta ao Palácio Piratini no final da tarde para apurar o resultado das reuniões que ocorriam. Não retorna à redação antes da reunião de capa, que discute as manchetes do dia seguinte. Entretanto, a aposta dos editores é de que a pauta será um dos destaques. Quando chega, o repórter traz a informação de que a Abamf/RS oficializou a decisão de aceitar a proposta do Governo do Estado, diferentemente da ASSTBM, que rejeita. É a confirmação do que já fora publicado na edição de quinta-feira pelo CP, nas matérias produzidas no dia anterior.

A assembleia do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre que decidiria sobre a adesão ou não à greve, que representantes da categoria anunciavam em outros Estados a partir do dia 27 de setembro, começaria às 19 horas. O encaminhamento do chefe de reportagem para a cobertura, então, foi o seguinte: no horário de início um fotógrafo iria até o local para registrar a reunião; quando chegasse, às 20 horas, o repórter do plantão ouviria, por telefone, um dirigente da entidade para saber o resultado. O espaço para a publicação da matéria já estava definido depois da reunião de capa: uma coluna com cerca de 10 centímetros de altura. E mais: nesses casos, o texto produzido pelo repórter já tem essa limitação como referência. Ou seja, a matéria que redigirá só poderá excedê-la se o editor de Geral avaliar que a importância da pauta exige uma revisão em relação ao que está sendo publicado na edição do dia seguinte.

Ao chegar na redação, a primeira tarefa do repórter do plantão é justamente o contato com o presidente do Sindicato dos Bancários. Descobre que a categoria decidiu aderir ao movimento grevista. Imediatamente, reporta-se ao editor de Geral para saber qual é o espaço que tem para produzir a matéria e é orientado a redigi-la já na página, no espaço que fora reservado. O editor é questionado se esse procedimento é padrão e, voluntariamente, avança na resposta. Diz que sim. Em função do horário, nesses casos o espaço é determinado ao repórter para agilizar o processo de edição. “O espaço já estava previsto, mas depende. Se eles fossem entrar em greve agora, que fosse causar algum transtorno para a população, poderia até dar capa. Mas anunciam que vão entrar dia tal...”, acrescenta o editor. “Às vezes muda a

data. É para usar a imprensa... O que é que é isso? É usar a imprensa como poder de barganha. A gente não pode... Como é que eu vou te dizer... Não é ser trouxa, mas a gente tem que ficar esperto nesses casos”<sup>89</sup>. Ao chamar o editor-chefe para a conversa, ironiza: “E também estão reclamando de aumento! Bancário ganha bem. Quem ganha pouco é jornalista”<sup>90</sup>. Veja que, daí, sai elementos fundamentais ao entendimento do processo que levaria ao signo/notícia que representaria a adesão à greve pelos bancários de Porto Alegre como objeto semiótico na edição do dia seguinte, mas a análise desse processo fica para a seção seguinte.

Propositalmente, aparece só no final do relato sobre a observação durante a quinta-feira a repercussão da greve dos Correios. Neste dia, a pauta tinha como foco um mutirão que a direção da empresa pública organizava, convocando servidores concursados que ainda não haviam começado a trabalhar, para tentar amenizar os atrasos nas entregas em função da greve. Portanto, o movimento grevista seria contexto; não exatamente o objeto do signo/notícia, como fora nos dias anteriores. Uma orientação do editor de Geral ao chefe de reportagem, entretanto, chamou a atenção: ao definir qual seria a disposição das matérias nas páginas que tinha para sua editoria na edição do dia seguinte, pediu que junto à matéria sobre o mutirão dos Correios ficasse o espaço destinado para o resultado da assembleia dos bancários. Uma nítida manifestação da compreensão de que movimentos grevistas deveriam ocupar o mesmo espaço no jornal, independentemente de quais fossem os campos problemáticos que os acontecimentos revelavam: a greve, como objeto, é que era o elemento que conferia a eles o estatuto de acontecimento jornalístico.

Há, ainda sobre este dia, um último registro: matéria produzida pela editoria de Política retratando a pressão que o governador Tarso Genro sofria, naquele momento, já no seu primeiro ano à frente do Estado, de diferentes categorias do funcionalismo público que reivindicavam aumento salarial. Em função de – até fisicamente – a editoria de Política não ter relação direta com a Geral, durante o processo de produção da notícia não se pôde acompanhar como a pauta foi executada. A relevância de citá-la, avalia-se, decorre do fato de que surgiu a partir de uma espécie de síntese que o editor de Política produziu ao longo da semana das discussões nas reuniões de capa, que diariamente tinham entre as pautas servidores reivindicando reajustes. Na própria quinta-feira, ao justificar a pressão ao governo

---

<sup>89</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>90</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

como pauta importante, na reunião de capa, esse foi um dos argumentos utilizados por ele. “Todo o dia tem alguém na porta do governador”, dizia<sup>91</sup>.

Sexta-feira, dia 23. Na agenda, novas manifestações envolvendo a reivindicação de reajuste pelos trabalhadores da Brigada Militar, além de reuniões entre representantes da categoria e do governo; repercussão da proposta oferecida aos policiais civis do Estado; ato em defesa da Palestina no Centro de Porto Alegre; mais uma passeata dos trabalhadores dos Correios, em greve; e, por fim, novas informações sobre a iminente greve dos bancários, em processo de negociação de reajuste com representantes dos banqueiros.

O acontecimento envolvendo a BM neste dia é um dos mais representativos. Pouco depois das 9 horas da manhã, o repórter de polícia deixa a redação e diz ao chefe de reportagem apenas que checará uma informação que recebeu por telefone. “Vou levar fotógrafo”, acrescenta<sup>92</sup>. Nem mais uma palavra. Cerca de 30 minutos mais tarde, quem recebe um telefonema é o chefe de reportagem. A informação era de que havia uma suposta bomba deixada próxima ao Palácio Piratini, em repetição da ação que fora empreendida por manifestantes que as atribuíam às reivindicações de aumento para os policiais militares nos dias anteriores – anteriores inclusive à observação. O chefe de reportagem, imediatamente, liga para o repórter e brinca a respeito do assunto. Diz que sabe o que ele saiu para fazer e que a bomba explodirá com ele<sup>93</sup>. Ao desligar comenta: “O [nome do repórter] é sempre assim, misterioso. É bom ele levar um susto para apreender”<sup>94</sup>.

Em seguida, a ligação que o chefe de reportagem recebe é de um dos redatores da versão online do CP ([www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br)). A discussão é sobre a importância da pauta. “A gente tem dado pequeno os protestos por causa da qualidade das fotos”, diz o chefe de reportagem<sup>95</sup>. Se refere ele às fotos que chegam dos protestos com queima de pneus e bonecos pendurados que ocorrem no Interior e que chegam ao CP pela assessoria de imprensa da Polícia Rodoviária Federal, normalmente. É possível supor que não sabe ele da orientação do diretor de redação de que os protestos mais radicais devem ter menos destaque. Também pudera. Em função de deixar a redação, diariamente, por volta das 14 horas, não participa das discussões acerca da hierarquia das pautas na reunião de capa, cujo horário habitual de início é 17 horas.

---

<sup>91</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>92</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>93</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>94</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>95</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

Quando volta à redação, o repórter de polícia traz a informação de que os artefatos encontrados não tinham detonadores e, portanto, não se configuravam em bomba. A pauta seria retomada à tarde, com uma entrevista coletiva anunciada pelo governo do estado para comentar o ocorrido.

Nesse meio tempo, o chefe de reportagem ouve na rádio *Gaúcha* a informação de que estaria ocorrendo um ato no Largo Glênio Peres em defesa do Estado Palestino. Mais uma manifestação social com características de acontecimento previsto que não estava na agenda da redação do CP. Ele revisa com quem está cada uma das pautas que distribuiu aos repórteres no início do expediente para decidir quem cobrirá o ato. Decide pelo repórter que estaria na prefeitura da Capital, ao lado do local onde ocorria o ato pró-Palestina. Liga a ele e passa as orientações. Em função da forma como chegara à redação a avaliação que se faz com vistas ao andamento da pesquisa de campo é de que seria importante acompanhar a apuração das informações, na medida em que o repórter destacado para tal o faria sem a possibilidade de, antes, acessar dados de contexto em relação ao tema.

O repórter e o fotógrafo chegam ao Largo Glênio Peres juntos, vindos da prefeitura, e se dividem em meio aos manifestantes. Logo que chega, o repórter é identificado por um dos líderes do ato em função do crachá de imprensa. Começa, então, a apuração das informações. Naquele dia, o Estado Palestino era pauta na reunião da Organização das Nações Unidas (ONU). Em todo o mundo, ocorreriam manifestações de descendentes de palestinos. Em Porto Alegre, o ato era organizado pela Federação Árabe-Palestina do Brasil, cujo representante é quem deu entrevista ao repórter do CP. A apuração, assim como o registro do fotógrafo, dura menos de 15 minutos. Ambos saem com pressa quando chega o veículo do jornal para buscá-los. Antes de sair, o repórter anota o contato de um representante da Sociedade Árabe Palestina da Grande Porto Alegre, que ouviria mais tarde, na redação, ao redigir a pauta.

A greve dos Correios parecia não ser pauta na sexta-feira até o final da tarde. Pouco antes da reunião de capa, chega à redação repórter cujo expediente começa às 17 horas. A ele o chefe de reportagem delega a tarefa de contatar, ao telefone, lideranças do sindicato que representa a categoria para saber como fora uma passeata em Porto Alegre. Ao longo do dia, não foi possível observar qualquer tipo de movimentação na redação com vistas à cobertura deste acontecimento, nem mesmo o acionamento de um fotógrafo, como ocorre nas emergências em que não há um repórter à disposição. Na reunião de capa, a pauta sequer é citada pelo chefe de reportagem.

Às 17 horas, o repórter que durante a semana acompanha as negociações entre BM e Governo do Estado vai ao Palácio Piratini para a entrevista coletiva que seria concedida pela

Secretaria da Casa Civil para tratar do caso dos artefatos encontrados nas proximidades da sede do Executivo pela manhã. Em seguida, na reunião de capa, mais vez sem a presença do diretor de redação, ainda com problemas de saúde, esta é a pauta destacada como principal na editoria de Geral pelo chefe de reportagem. A discussão que se estabelece entre os editores é se tratava-se de uma bomba ou de uma falsa bomba. Entre as ponderações dos que defendiam que o signo “falsa” não representava o material encontrado pela polícia estava o fato de que havia, sim, explosivos, embora sem um detonador que pudesse explodi-los. A questão acabou sendo pormenorizada para o andamento da reunião. A impressão que ficou é que o editor-chefe e o capista seriam responsáveis por dirimir a questão.

Outra pauta que gerou algum debate foi o ato em defesa da Palestina que ocorrera em Porto Alegre. As editorias de Internacional e Cidades também tinham acontecimentos que envolviam o mesmo tema. Para que não houvesse redundância, a matéria produzida na Cidades pelo repórter correspondente na cidade de Uruguaiana, na região fronteira do Rio Grande do Sul, tratando de ato semelhante ao da Capital, foi encaminhada à edição da editoria de Geral, para que ambas fossem publicadas no mesmo espaço. O material produzido pela Internacional, contudo, representando o debate sobre o Estado Palestino na ONU, ficou separado das outras duas. A justificativa do editor-chefe é o projeto editorial conservador mantido pelo CP. “O ideal seria darmos duas páginas de Internacional e publicar a repercussão aqui no Estado ao lado da discussão da ONU, mas o nosso projeto não permite”, responde ele, ao ser questionado pelo pesquisador sobre a questão<sup>96</sup>.

Duas outras pautas ainda merecem destaque neste dia: as negociações entre trabalhadores da Polícia Civil e o Governo do Estado sobre o reajuste da categoria e a repercussão do movimento dos bancários que redundaria em greve em todo o país na semana seguinte. Primeiro, o acontecimento envolvendo os policiais. Trata-se de uma reunião com a Casa Civil do governo em que membros do Sindicato dos Escrivães, Inspetores e Investigadores de Polícia do Rio Grande do Sul (Ugeirm) indicando que as negociações poderiam assumir contornos de tensão nos dias seguintes, inclusive com uma paralisação. Não houve movimentação durante o dia na redação do CP sobre a cobertura do encontro. A pauta apenas foi citada na reunião de capa, logo após as negociações da BM. A suposição inicial era de que o mesmo repórter cobriria os dois acontecimentos, o que se confirmaria no dia seguinte, a partir de uma pergunta feita ao chefe de reportagem. Em relação aos bancários, o que houve foi uma nota editada pelos editores de Economia sobre o resultado de nova rodada de

---

<sup>96</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

negociações entre a Contraf-CUT e a Fenaban, em que os trabalhadores rejeitaram a proposta dos banqueiros, a partir de informações de agências de notícias. A nenhum repórter do núcleo de produção que concentra as editorias de Economia, Polícia e Geral a pauta foi demanda.

Um último registro, antes que se avance ao dia seguinte, diz respeito às diretrizes que determinam a edição de domingo. Durante a reunião de capa da sexta-feira as principais pautas são debatidas, assim como as apostas para destaque. No sábado o horário de fechamento não ultrapassa o meio-dia – com exceção de sábados em que há acontecimentos extraordinários. Depois da reunião de capa, ao passar orientações ao jornalista que cuidaria da capa da edição dominical, o profissional que neste dia é responsável pela edição de domingo – a identidade e função prefere-se preservar diante dos constrangimentos que revelá-las poderia causar – avisa que o diretor de redação pediu para revisar o conteúdo produzido pelos colonistas. Ao perceber a atenção do pesquisador, o profissional explica, em tom de brincadeira: “Pra ver se não tem nada contra a Igreja Universal. Alguma coisa de contrabando”<sup>97</sup>. A alusão é ao presidente do Grupo Record, Edir Macedo, bispo e principal autoridade da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd).

No sábado, a rigor, o ritmo é menos intenso nas redações cuja edição de domingo circula um dia antes. No CP não seria diferente. Pelo menos não durante a observação, em 24 de setembro. O trabalho é praticamente só de diagramação, na medida em que boa parte das matérias já está editada. No que diz respeito ao núcleo de produção que interessava diretamente à pesquisa de campo, fica apenas uma página reservada a acontecimentos que possam, eventualmente, se sobrepor à agenda previamente definida. O que não foi o caso quando deste exercício etnográfico. Com exceção do repórter de polícia, que produziu pequenas notas para a edição de domingo a partir da ronda que faz, a exemplo dos outros dias da semana, por telefone, todos os demais que tinham de cumprir expediente trabalhavam em pautas especiais ou adiantavam a edição de segunda-feira. Isso no turno da manhã. No turno da tarde a redação fica praticamente vazia. Trabalha apenas um repórter de plantão, que quando tem acontecimentos previstos a cobrir é para a edição de segunda mesmo. O destaque fica por conta do trabalho do capista. Segundo ele, até a sexta-feira não havia manchete para a edição de domingo. No sábado, quando chegou à redação, recebeu sugestão enviada pelo diretor Telmo Flor, que seguia afastado do trabalho. Como não aconteceria nada de extraordinário, a sugestão foi acatada.

---

<sup>97</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

No domingo, dia 25, o último que compôs a pesquisa de campo no CP, o ritmo foi mais intenso, o que normalmente ocorre. Pela manhã, o regime ainda é apenas de plantão: dois repórteres do núcleo de produção de Geral, Economia e Polícia dividem-se entre uma pauta menos factual, abordando o que faziam os porto-alegrenses no primeiro domingo da primavera – a matéria seria concluída à tarde, por outro repórter – e uma de Polícia. No caso da Polícia, sim, um acontecimento do dia: uma operação da Polícia Civil que desbaratou quadrilha que vendia carros roubados em um tradicional feirão de usados da Capital.

À tarde, o movimento na redação é semelhante ao de qualquer outro dia da semana. E este domingo, em função da agenda que se constituiu nos dias anteriores, envolvendo acontecimentos que tinham organizações sociais como sujeitos, acabou sendo fértil aos objetivos da observação. Foram produzidas matérias sobre a expectativa para o início da greve dos bancários, sobre a greve dos Correios e as negociações para o reajuste dos trabalhadores da Polícia Civil. E mais do que isso: pela primeira vez em sete dias de pesquisa de campo, uma matéria cujo objeto não envolvia diretamente entidades representativas dos trabalhadores, mas em que eles são chamados a compor o signo/notícia que representará o objeto semiótico.

Começamos, então, justamente pelo que há de novo. Trata-se de matéria que tenta esclarecer como fica o aviso prévio de demissão com novas regras aprovadas pelo Congresso Nacional, que ampliam, a princípio, um direito dos trabalhadores. Proporcionalmente ao tempo de vínculo com a empresa, para que um trabalhador seja demitido deverá ser avisado até 90 dias antes da data do desligamento. De propósito, este relato ficou para este momento do texto. Entretanto, ele começa a se concretizar, antes. Na sexta-feira, o chefe de reportagem demanda a pauta ao repórter que costuma produzir matérias de Economia. É quando uma orientação chama a atenção: “Vamos ouvir empregados, empregadores e um especialista”, diz o chefe de reportagem<sup>98</sup>. Veja que, aqui, há uma diretriz que determina que na apuração das informações que comporão o signo/notícia que representará o aviso prévio de 90 dias como objeto esteja a opinião da classe trabalhadora. Se os interesses do jornal, enquanto empresa jornalística, se sobrepusessem, absolutamente, às convenções jornalísticas, apenas o empregador seria ouvido. Como não consegue concluir a pauta na sexta-feira em função da dificuldade de acesso às fontes, o repórter encaminha com o chefe de reportagem a publicação para a edição de segunda-feira; não de sábado.

---

<sup>98</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

No domingo, quando chega à redação, ao repórter que está trabalhando com o aviso prévio de 90 dias é incumbida a tarefa de concluir a matéria para a edição do dia seguinte. Na sequência, ouve um especialista, professor de direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com quem havia combinado a entrevista na sexta-feira; e representantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Rio Grande do Sul e da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs). As três entrevistas são realizadas por telefone. Em seguida, redige a matéria e a entrega para a revisão do chefe de reportagem.

A pauta seguinte é executada pelo mesmo repórter: a repercussão da negociação entre bancários e banqueiros e a expectativa para a greve que começaria na terça-feira, portanto, dia seguinte ao da publicação da matéria que estava sendo executada. Ao ser pautado pelo chefe de reportagem, o repórter pergunta: “Além dessa do aviso prévio, mais alguma coisa”. A resposta é reticente: “Pois é... Vou te pedir pra dar alguma coisa sobre os bancários. Eles têm assembleia geral amanhã e a greve começa na terça”<sup>99</sup>. A impressão que dá é de que o chefe de reportagem não tem convicção sobre a importância da pauta. Ainda assim, ela acaba se concretizando. A primeira medida adotada pelo repórter é procurar informações na *internet* de contexto sobre o assunto. Começa, então, a redigir a pauta. É possível, neste momento, por estar trabalhando ao lado da bancada destinada ao pesquisador, que se observe a construção do texto no detalhe. Texto que começa, no *lead*, dando conta de que os bancários estariam fazendo um “pedido de desculpas” à população pelo transtorno que a greve poderia causar.

Em meio à redação da matéria, o repórter liga para um representante do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre. Descobre que a assembleia do dia seguinte será para organizar a categoria para o início da greve, na terça, e tenta saber qual é a adesão no Estado. Tão logo termina a entrevista, ao telefone, contata outra fonte. Depois das duas versões que ouve, o repórter muda o *lead*. Embora mantenha o “pedido de desculpas” no primeiro parágrafo, dá a ele menos destaque em detrimento da dimensão nacional do movimento grevista. Como fizera com a matéria anterior, sobre o aviso prévio de 90 dias, entrega a matéria ao chefe de reportagem quando termina de redigi-la.

A matéria sobre a repercussão da greve dos Correios retrata o mutirão que a direção da empresa se propôs a fazer durante o fim de semana para amenizar o atraso na entrega de correspondências. Não é possível identificar que repórter a produziu. A primeira vez que a pauta é citada pelo chefe de reportagem é durante discussão com o editor de Geral. E o tema

---

<sup>99</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

da conversa é um problema: não há foto de cartas sendo entregues ou do depósito dos Correios em Porto Alegre. E não é qualquer imagem. Um signo que faria toda a diferença no processo de semiose desencadeado no leitor ao se deparar com o signo/notícia que representaria o mutirão como objeto no jornal do dia seguinte. O editor de Geral cogita não publicar na ausência da foto, mas acaba demovido da ideia pelo chefe de reportagem, que justifica que o fotógrafo foi impedido de fazer a imagem pela direção da empresa pública e a decisão final é por dar a matéria só com texto.

Sobre a negociação entre trabalhadores da Polícia Civil e o Governo do Estado cabem poucas linhas. É mais uma suíte<sup>100</sup> do acontecimento inicial que se prestou a objeto do signo/notícia publicado na sexta-feira – produzido, portanto, na quinta. A diferença, agora, é a inclusão de uma nova fonte enquanto signo que compõe o signo/notícia: a Associação dos Delegados do Rio Grande do Sul (Asdep), que tem pontos específicos para a pauta de negociações com o Palácio Piratini, mas apoia a decisão da Ugeirm de paralisar os trabalhos nas delegacias do Estado como forma de pressão.

Aos domingos, como em feriados, não há reunião de capa. E no caso deste domingo, especificamente, a função de definir as manchetes para a capa é exclusividade do editor-chefe. Ao ser questionado sobre como ocorre esse processo, responde que está sem opções de impacto: “Por enquanto, só a dupla Gre-Nal”, diz ele, referindo-se ao resultado dos jogos de Grêmio e Internacional pelo Campeonato Brasileiro de futebol<sup>101</sup>. Isso por volta das 19 horas. Em seguida, sonda o editor de Geral sobre o que acha de uma manchete de Economia que levanta em uma agência de notícias. Às 20h45min, o diretor de redação, Telmo Flor, liga para saber como está o fechamento da edição e o editor-chefe cita as manchetes, com as quais Telmo concorda.

## 7.2 ZERO HORA

Em *Zero Hora*, a observação é entre 10 e 16 de outubro de 2011<sup>102</sup>. Seria tão intensa quanto há 15 dias, no *Correio do Povo*, no que diz respeito aos subsídios para a pesquisa?

---

<sup>100</sup> Termo técnico convencionado no Jornalismo para designar a sequência na cobertura de determinado acontecimento inicial, sua repercussão mesmo. Consequências.

<sup>101</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>102</sup> No período da observação em *Zero Hora*, os profissionais que ocupavam os cargos de diretor de redação e editor-chefe eram Ricardo Stefanelli e Altair Nobre, respectivamente. No dia 07 de fevereiro de 2012, no entanto, o Grupo RBS anunciou a alteração em alguns cargos de chefia nos jornais que mantém no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e entre os que mudaram de função estão Stefanelli e Nobre. A opção, aqui, sempre que houver referência a ambos, é por manter a identificação pelos cargos que ocupavam.

Afinal, é um período igual, uma semana... A resposta: repercussão da greve dos Correios que segue e, aliás, terminaria por esses dias; bancários em greve, na mesa de negociação com banqueiros; trabalhadores de minas de carvão que protestam na ponte do Guaíba, em Porto Alegre (RS); movimentos anticorrupção, de novo; e, o mais importante, protestos globais representados, em especial, pelo movimento *Occupy Wall Street* e manifestações por todo o mundo, inclusive na capital gaúcha, no dia 15 de outubro. Não é preciso dizer que, sim, houve elementos suficientes para uma reflexão acerca de como ZH representa organizações sociais de matrizes de formação distintas, como fora possível ver no CP.

Uma diferença, no entanto, chama a atenção: em ZH, em um único exemplo, os protestos globais, pelo que tem de representativo mesmo de como evoluiu o processo investigativo que redundou nesta dissertação, dedicando-se a ele, já seria possível produzir inferências que contribuem à síntese que se pretende chegar. O que não quer dizer, é claro, que os demais acontecimentos, os campos problemáticos que revelam, como objetos semióticos de signos/notícia, sejam menos importantes. Logicamente, falar sobre eles é uma tarefa que se impõe. Só que de ZH saíram também subsídios com origem em outros acontecimentos, de relação menos direta com o objeto de pesquisa, mas que tem relevância.

### **7.2.1 Zero Hora Editora Jornalística S.A.**

No *Correio do Povo*, o cuidado deve ser com as possibilidades que a semiótica que se desencadeia ao chegar à Caldas Junior oferece a um interpretante que leva à nostalgia como signo. Em *Zero Hora*, é ao deslumbramento. Signos que representam valores de modernidade são a marca da sede da Zero Hora Editora Jornalística S.A.<sup>103</sup>, à avenida Érico Veríssimo com Ipiranga, no bairro Azenha, Porto Alegre. Uma região cuja arquitetura remete mais ao futuro mesmo do que ao passado. E assim são todos os processos organizacionais na redação. A cultura de gestão é marcante. Veja que na própria denominação da razão social, quando comparados CP e ZH, essa dicotomia entre o novo e o velho se expressa: uma empresa Ltda., no CP; outra S.A., em ZH. A tendência à comparação, como parece já ter ficado evidente, é inevitável – pelo menos neste ponto do trabalho.

Dos eufemismos em relação a alguns cargos tradicionais de uma redação mais arcaica – coordenador de produção ao invés de chefe de reportagem, para as editorias de Geral e Polícia –, e em alguns casos a criação de cargos efetivamente novos, com novas funções, à

---

<sup>103</sup> Razão social do jornal *Zero Hora*, que pertence ao Grupo RBS.

própria organização física da redação, é possível identificar nitidamente signos que representam essa ideia de gestão em detrimento daqueles que representam o Jornalismo a partir da mítica da profissão, com papéis para todos os lados. Não é excesso de detalhe observar até mesmo a aparência dos equipamentos que compõem o ambiente de produção de sentido que se constitui em ZH: são mais novos em relação ao CP.

Os profissionais em ZH são jovens. Quem olha diz que a média de idade, até nos cargos de chefia, não passa dos 35 anos. É a impressão. Ao contrário da redação do CP, o que garante, aqui, a intervenção na agenda do Estado é a solidez dos processos. Se os profissionais não são tão experientes, são muito bem formados.

Para todas as funções da redação há processos-padrão. E mais: normalmente, antes de chegar a uma função de editor, por exemplo, o jornalista terá ocupado outros cargos. Da mesma forma, passará por diferentes editorias, de modo a absorver todas as dinâmicas que se estabelecem no fluxo da notícia – ou na semiose da notícia. Nitidamente, trata-se de uma estratégia da direção do jornal – talvez do próprio Grupo RBS – que resulta na posteridade dos seus valores político-empresariais. Na semana anterior à pesquisa de campo, já se pôde aferir essa tendência.

Ao conversar com o coordenador de produção da editoria de Geral para combinar a dinâmica da observação, ele pede um exemplo de acontecimento sobre o qual recairia o interesse. Pois bem. O exemplo tratado é a educação e, nesse caso, o acontecimento uma passeata de professores nas ruas de Porto Alegre por melhores condições de trabalho. A resposta, absolutamente espontânea, é a impressão que dá, é a seguinte: “Sim, mas nesse caso o que vai nos interessar é mais os transtornos que a passeata estará causando à população do que a passeata propriamente dita. Na lógica do ‘Jornalismo Cidadão’, sabe? As questões ligadas às condições de trabalho ficariam para uma matéria mais aprofundada no Ensino”<sup>104</sup>. Quando fala de Ensino, se refere à editoria que aborda temas ligados à educação. Perceba que o que o coordenador de produção chama de “Jornalismo Cidadão”, trata-se de um legi-signo que cerca a redação e que é evocado sempre, às vezes implicitamente, quando são abordadas pautas dessa natureza.

O coordenador de produção da editoria de Geral é também exemplo de jovens profissionais em cargos de chefia. E mais: a ele estão submetidos, hierarquicamente, jornalistas como Carlos Wagner, Nilson Mariano e Humberto Trezzi, com vasta experiência

---

<sup>104</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

na profissão, referência para iniciantes na carreira<sup>105</sup>. Em função do que se está chamando de solidez dos processos observados em ZH, todos se reportam ao coordenador de produção para saber em que pautas devem trabalhar, diariamente, sem nenhum tipo de constrangimento, o que provavelmente não ocorresse em uma redação cujos procedimentos fossem mais arcaicos: não poderia um quase foca<sup>106</sup>, caricaturizando o exemplo, orientar como um “velho jornalista” deve proceder em alguma pauta. Embora, de fato, a forma de demandar esses repórteres seja diferenciada, com menos diretrizes em relação aos demais, eles são, sim, orientados sobre foco, principais informações a serem apuradas e outros detalhes.

O signo/ambiente que permeia os profissionais é do deslumbramento em detrimento da frustração que se observava no CP. Em um episódio sobre o qual se teve acesso, pelo relato do próprio sujeito envolvido, é possível traduzir esse sentimento. Houve, em 2011, mais de um enviado especial de ZH às revoltas dos países árabes e do norte da África. Na Líbia, um deles teve problemas com o equipamento disponibilizado pelo Grupo RBS para as transmissões ao Brasil – e o enviado, embora vinculado à ZH, contribuía também com os demais veículos do grupo. Naturalmente, não poderia transmitir as notícias, certo? Não. Ele pede o equipamento emprestado à *Folha de S. Paulo* e transmite. “Deveríamos ter uma postura mais sindical. Mas aí não viaja na próxima”, diz o jornalista<sup>107</sup>. E não se trata de nenhum iniciante. Pelo contrário. Profissional com quase três décadas de experiência.

A estrutura também é um registro importante. Sem o receio do excesso, já que o parâmetro é o CP, onde a observação ocorrera primeiro, a diferença é latente se consideradas quantidade de repórteres e fotógrafos, mão de obra essencial à cobertura de uma gama mais vasta de acontecimentos. Portanto, as possibilidades de exercício das convenções do campo profissional, como legi-signos, aliadas aos legi-signos que se concretizam no ambiente semiótico, em ZH, como empresa – ao avaliar uma pauta: importância, dimensão, foco –, parecem ser potencialmente maiores. O café não é assim, de graça. Mas há um bar exclusivo

---

<sup>105</sup> Em entrevista pública concedida à pesquisa "O controle discursivo que toma forma e circula nas práticas jornalísticas", desenvolvida pela professora Beatriz Marocco, no PPGCOM da Unisinos, em 08 de julho de 2011, a jornalista Eliane Brum, hoje com mais de 23 anos de experiência como repórter e colaboradora da revista *Época*, da editora Globo, cita justamente dois desses três nomes como suas referências na profissão, lembrando a época em que iniciara sua carreira na redação de *Zero Hora*. Conforme apontamentos do pesquisador, diz: “Se você entra numa redação identifique alguém que vocês admirem, que vocês tenham afinidades, cujo trabalho vocês gostem e coleem nessa pessoa para tentar aprender. Comigo se deu mais ou menos assim, porque tinha três caras lá que eram repórteres especiais, o Marcelo Rech, o Nilson Mariano e o Carlos Wagner” (informação verbal).

<sup>106</sup> Termo utilizado nas redações para identificar jornalistas em formação, recém-formados, ou com poucos anos de experiência na profissão. Deixar essa condição, ser aceito pelos mais experientes, normalmente, se constitui em ritual de passagem presente nas redações de jornais de todo o mundo.

<sup>107</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

para os trabalhadores da redação. Basta registrar o consumo no crachá. E depois pagar. É fácil: o desconto vem no contracheque.

### 7.2.2 Do lado de dentro de Zero Hora

As primeiras palavras acerca do exercício etnográfico em *Zero Hora* não poderiam ser diferentes daquelas que descreveram como fora no *Correio do Povo*. Ainda que haja diferenças circunstanciais entre os dois veículos, sobre as quais já se pôde discorrer, inclusive, ao longo deste capítulo, as rotinas de produção cristalizadas pelo fazer jornalístico, como em qualquer periódico, se reproduzem. A observação teria início, então, às 8 horas da manhã de segunda-feira, 10 de outubro. Horário que se repetiria ao longo da semana. É quando começa a trabalhar o coordenador de produção, profissional que controla a agenda das editorias de Geral e Polícia até a chegada do editor executivo, às 14 horas. E ao lado dele é que ficou estabelecido o espaço para a pesquisa de campo, com variações ao longo do dia, em função do contingente de profissionais na redação, mas, a rigor, sempre próximo às decisões da editoria. Uma semelhança em relação à observação no CP diz respeito ao calendário: na quarta-feira, dia 12, haveria um feriado – esse religioso, em alusão a Nossa Senhora Aparecida.

Em ZH, não há aparelhos de rádio ou televisão ligados em tempo integral. O próprio coordenador de produção, diariamente, utiliza seu aparelho de celular, com fones de ouvido, para ouvir a rádio *Gaúcha*, ao iniciar o expediente, e levantar possíveis sugestões de pauta. A televisão é ligada apenas nos horários de programas tradicionais de notícia da RBS TV, como *Jornal do Almoço* e *RBS Notícias* ou ainda da *TV Globo: Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*. As fontes que se constituem como ambiente semiótico a partir do qual a redação significa acontecimentos sobre os quais ainda não tivera contato fazem parte do mesmo grupo empresarial a que pertence o jornal, diferentemente do que ocorre no CP. É uma primeira manifestação do que se está imputando ser a presença mais ostensiva de uma política estratégico-empresarial do Grupo RBS na comparação com o Grupo Record.

A tentativa, mais uma vez, foi de respeito às prescrições da etnografia para um exercício de observação. A relação com os profissionais se restringia à apresentação do objetivo pelo qual se estava ali, de modo a causar o menor estranhamento possível, mas sem que houvesse intervenções mais drásticas nas rotinas da redação. A receptividade, aliás, é um elemento a se destacar. Não houve nenhuma restrição de acesso às informações e não pareceu, também, que os processos tenham sido, de nenhuma forma, alterados em razão da presença do pesquisador. Por outro lado, o acompanhamento da produção dos repórteres propriamente

dita, a partir de cópia da matéria por eles redigida, antes da edição, por exemplo, foi bem mais difícil. Para que se tivesse esse documento, era preciso que fosse feita a solicitação no dia seguinte, ao coordenador de produção da editoria de Geral que, eventualmente, já nem tinha mais acesso. Isso porque, ao contrário do CP, em ZH o processo é todo informatizado. Do repórter a matéria passa ao editor assistente, que, ao finalizá-la, passa ao diagramador e o editor executivo será o último a revisá-la – em algumas ocasiões até intervém antes. Esse processo elimina, normalmente, a primeira versão redigida pelo repórter. Para os casos em que se avaliou que era fundamental ter acesso à versão do repórter, a solicitação foi feita. Sempre com o cuidado, contudo, de não causar nenhum tipo de desconfiança sobre que tipos de acontecimento mais interessavam à pesquisa. Uma medida de cautela adotada desde os primeiros contatos com as duas redações.

Em ZH, os processos de produção são padronizados. Uma característica que proporciona a análise sobre como cada etapa da construção da notícia, como semiose, incide no resultado final. Nesse sentido, positivo à investigação. Mas há um aspecto negativo: a padronização torna os processos mais superficiais. É mais difícil, assim, observar a ação do repórter enquanto sujeito que narrativiza o acontecimento. Ou o editor assistente como sujeito que cumpre a tarefa de dar justaposição entre texto e contexto. Trata-se de uma ressalva importante, na medida em que isso deve ficar nítido ao longo da descrição.

As principais contribuições saíram da observação dos momentos de decisão na construção da edição do dia seguinte. E em ZH são muitos. O primeiro deles pela manhã. Às 9h30min, produtores executivos das editorias reúnem-se para a reunião de pauta. É quando são feitas as primeiras apostas. À tarde, às 14h30min, é a vez dos editores discutirem o andamento dos trabalhos. Já é um panorama mais preciso, mas ainda não definitivo, cujo resultado é registrado no documento que a redação chama de “Pauta do dia”<sup>108</sup>. Definições mesmo acerca de quais serão os destaques da edição, manchetes, isso só na reunião de capa, que ocorre às 19h30min, habitualmente, aos olhos do diretor de redação, Ricardo Stefanelli. A coordenadora de produção, Deca Soares, e o editor-chefe, Altair Nobre, se revezam no comando das duas reuniões anteriores. Na editoria de Geral, ao longo do dia, o editor executivo e os editores assistentes acabam estabelecendo também fóruns não formais de discussão. Embora sejam mesmo informais, são comuns durante a semana.

Entre a reunião de editores e a reunião de capa há ainda outro momento importante: a liberação do espelho da edição do dia seguinte pelo setor comercial, por volta das 17 horas, no

---

<sup>108</sup> Ver ANEXO 11.

sistema eletrônico interno da redação. A partir dele, os editores sabem exatamente que espaço terão para as matérias em que estão trabalhando e em que páginas dedicadas à sua editoria haverá anúncios comerciais. Mais ou menos no mesmo horário, os editores recebem também o que chamam de “Primeiro Cheiro”<sup>109</sup>: um documento com as apostas de capa e contracapa que saíram da reunião de editores e que serão avaliadas na reunião de capa.

Ainda em relação às lógicas de produção da editoria de Geral, pela manhã, quem responde é o coordenador de produção, que ficará na redação até às 16 horas, aproximadamente. Às 14 horas, chega o editor executivo, que assume o comando. Não sem estar a par do que está acontecendo na editoria. Pela manhã, antes de ir à reunião de pauta, o coordenador de produção liga para ele, todos os dias, para discutir quais serão as apostas. Isso por volta das 9 horas. O editor executivo cumprirá expediente, geralmente, até às 22 horas, mais ou menos. Durante todo esse tempo está atento ao que acontece na redação, ainda que só comece seu expediente formal no início da tarde.

Como fora na pesquisa exploratória, pôde-se constatar que em ZH todas as editorias têm estruturas de produção e edição, o que acabou se configurando, também, em um empecilho à plena observação sobre a produção da notícia acerca de alguns acontecimentos que envolviam diretamente o objeto de pesquisa. Uma decisão tinha de ser tomada para a execução da observação a partir dos parâmetros que pressupõe um exercício etnográfico. Optou-se por dedicar a atenção, em especial, à editoria de Geral, que abarca também a Polícia, com vistas a melhor apreensão possível dos processos, e mantendo uma diretriz estabelecida desde o início da investigação.

Temas como a repercussão das greves dos bancários e dos trabalhadores dos Correios, por exemplo, eram pauta da editoria de Economia. Quem explica é o editor executivo de Geral, na primeira conversa com o pesquisador, quando os objetivos eram expostos, ainda na segunda-feira, dia 10. Naquela manhã, tanto Correios quanto bancários foram citados na reunião de pauta com os produtores executivos. A produção das matérias ficaria com a editoria de Economia. Ao responder sobre o que determina a editoria que cobre acontecimentos dessa natureza, o editor de Geral diz que: “Quando as greves afetam a população, é conosco. Greve dos bancos afeta muito pouco a população, porque tem a *internet*”<sup>110</sup>. A essa altura, lembrando a conversa, na semana anterior, com o coordenador de produção de Geral, que, ao falar de uma passeata de professores, como exemplo de demanda

---

<sup>109</sup> Ver ANEXO 12.

<sup>110</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

de educação, evoca o que chama de “Jornalismo Cidadão”, já era possível identificar uma característica da editoria de Geral: é voltada mais ao factual – e mais ainda: ao serviço. Matérias que se proponham a cumprir um papel de reflexão, mais ou menos, sobre qualquer que for o tema, terá espaço em outra editoria. O que não quer dizer que a Geral não se debruce sobre acontecimentos como uma passeata. Pelo contrário. Havendo transtornos ao trânsito, poderá ser manchete no dia seguinte. Entretanto, não pelo campo problemático que revela; mas sim pelo transtorno que eventualmente causa na cidade<sup>111</sup>.

Na reunião de pauta da segunda-feira – na ausência de Deca Soares e Altair Nobre, comandada pela coordenadora de projetos especiais, Rosane Tremea –, algumas situações, chamam a atenção pelo desdobramento que teriam na sequência da edição, todas na relação com o objeto de pesquisa, de uma forma ou de outra, envolvendo movimentos sociais. A primeira é a mais breve. O coordenador de produção da editoria de Geral cita, muito rapidamente, a remoção de famílias da Vila Dique, em Porto Alegre, como uma das matérias em que está trabalhando, mas não faz referência a ouvir representantes do movimento comunitário sobre a medida – o que de fato não ocorreria. A segunda diz respeito à discussão sobre o que mereceria destaque nas páginas 04 e 05<sup>112</sup>. Não exatamente a discussão: na verdade, não havia pautas que se destacassem. Tanto é que o coordenador de produção de Geral sugere matéria especial, explicando como ficaria o Ensino Fundamental a partir de novas regras do Ministério da Educação que entrariam em vigor em 2012, que sequer estava pronta – e demandaria ainda, observou-se depois, mais uma semana, pelo menos, para ser editada, em função da dificuldade de interpretação das informações. O detalhe importante aqui é que não havia produtor que respondesse pela editoria de Mundo, que, na reunião de editores, à tarde, acabaria ficando com a 04 e 05.

Na sequência, o produtor de Economia cita como pautas a greve dos bancários, que completara duas semanas, abordando os transtornos à população, quais agências estão fechadas em Porto Alegre, e a repercussão da greve dos trabalhadores dos Correios. O produtor de Cultura pede a palavra e sugere que as duas pautas sejam executadas em conjunto: “o que representa para a população dois serviços tão essenciais parados ao mesmo

---

<sup>111</sup> Virginia Fonseca (2005) sustenta a hipótese da relação entre as mudanças provocadas pela reestruturação capitalista, na etapa da globalização, e das novas tecnologias de informação e comunicação, com uma nova concepção de jornalismo - menos vinculada à ideia de notícia, expressão da informação jornalística relevante e de interesse público, e mais aos conceitos de informação, prestação de serviços e entretenimento.

<sup>112</sup> Em *Zero Hora*, as páginas 04 e 05 são consideradas o espaço mais nobre da edição, normalmente ocupado por matérias especiais, exclusivas ou sobre temas polêmicos. Durante o exercício de observação foi possível constatar, inclusive, um clima de competição, velado, entre as editorias para definir quem as ocuparia na edição do dia seguinte, durante as reuniões de pauta, pela manhã e à tarde, e na reunião de capa.

tempo?”, argumenta. O coordenador de produção de Geral responde: “Na vida da classe média adulta, ou seja, o leitor da ZH, não faz tanta diferença. Paga as contas pela *internet*”<sup>113</sup>. Uma breve discussão se estabelece sobre a dimensão da pauta: valeria uma 04 e 05? À tarde, a sugestão de abordar os dois movimentos em uma única matéria se concretizaria.

Na reunião de editores, às 14h30min, a primeira pauta citada, e logo como sugestão para as páginas 04 e 05, é justamente a do editor de Mundo: o que é o movimento *Occupy Wall Street*? Pois essa seria uma pauta sobre a qual se dedicaria a observação, ora mais, ora menos, durante toda a semana. A sugestão é imediatamente acatada, é a impressão que dá, com uma ressalva feita pelo editor-chefe, que comanda as discussões. “Temos que cuidar para essa 04 e 05 não ser um mosaico de textos de agências. Temos que ser didáticos”, orienta Altair Nobre<sup>114</sup>. O que parece é que prevê ele que as fontes da editoria de Mundo ao produzir a matéria serão praticamente só agências internacionais. Não será a partir de informações apuradas, diretamente, por repórteres de ZH. E há ainda, implícita à fala dele, uma preocupação em não deixar isso transparecer ao leitor. Como a gênese do movimento é a contestação do sistema financeiro internacional, a editoria de Economia também participa da execução da matéria. O recurso utilizado para torná-la “didática”, como pede o editor-chefe é a produção de um “grifo”, como define a redação de ZH: uma espécie de artigo de fundo que oferece uma interpretação dos acontecimentos representados como objeto do signo/notícia.

A reunião de capa, às 19 horas, apenas referenda o que fora definido na reunião de editores. O diretor de redação, Ricardo Stefanelli, passa algumas orientações a respeito do foco das matérias – mais até consultando os repórteres sobre o foco ser o que ele entende que deveria ser do que orientando – e ouve quais são os destaques de cada um. O que chama a atenção é a referência que faz Stefanelli ao *RBS Notícias*, da RBS TV, que na edição deste dia utilizaria uma entrevista concedida à ZH por uma fonte que fala de um suposto sistema de julgamentos internos de detentos do presídio de Caxias do Sul como uma forma de prestigiar o trabalho da redação. Faz questão de pedir para que os profissionais que participam da reunião, inclusive, assistam à veiculação da matéria com ele.

O relato sobre o primeiro dia de observação não terminaria sem dois últimos registros. A forma como fora executada a matéria citada lá na reunião de pauta, pela manhã, sobre a remoção de famílias da Vila Dique, em Porto Alegre, e que depois não voltou a ser debatida é o primeiro. Não é possível observar na editoria de Geral nenhum movimento de repórteres que poderiam estar trabalhando na pauta. No dia seguinte, com a matéria publicada em mãos,

<sup>113</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>114</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

a partir de uma pergunta ao coordenador de produção sobre quem teria a escrito, descobre-se que a produção ocorrera a partir de material enviado pela assessoria de imprensa da prefeitura da Capital e, portanto, apenas um editor entreviu no processo. A foto publicada, inclusive, é de autoria de um assessor da prefeitura. Por fim, a referência é novamente à reunião de pauta. Ao discutir, ainda, a sugestão da pauta de Educação, sobre o Ensino Fundamental, os produtores aventam a possibilidade de a matéria ser acompanhada por um “grifo” da editora de Educação, editoria especial que só é acionada quando há temas relacionados a ela, sob o título “Para as mães lerem”. O coordenador de Esportes<sup>115</sup> questiona se o título não deveria ser “Para os pais lerem”, de modo a contemplar pais e mães que se interessassem pelo assunto<sup>116</sup>. Uma discussão de gênero pormenorizada, que quase vira piada durante a reunião.

A terça-feira, dia 11, acabaria se constituindo como um dos mais férteis para a observação da produção de uma matéria cujo objeto seria uma demanda de um movimento social: a meia-entrada cultural para estudantes, bandeira histórica do movimento estudantil. A forma como a pauta se concretiza, aliás, é um detalhe dos mais relevantes à discussão ora proposta. O relato começa, entretanto, pela chegada à redação. Neste dia, o coordenador de produção da editoria de Geral titular, de folga, é substituído pelo colega que exerce a função de editor de Educação. O ritmo dos trabalhos não se altera. O jornalista que o substitui é seu antecessor na função – com quem se teve contato, inclusive, durante a pesquisa exploratória, no ano anterior à pesquisa de campo.

Os procedimentos adotados pelo coordenador de produção de Geral substituto para definição da agenda do dia são exatamente os mesmos do titular. Por volta das 9 horas, liga para o editor para discutir as apostas do dia. Apenas em um episódio, antes da reunião de pauta, é que se pôde identificar alguma diferença de atuação. O editor-chefe, Altair Nobre, avisa o coordenador de produção sobre o caso de um motorista de caminhão que pulou do veículo para livrar-se de um assalto em uma rodovia na cidade de Montenegro, há cerca de 50 quilômetros de Porto Alegre, e sofreu ferimentos graves. Antes de demandar a pauta a um de seus repórteres, ele liga para o editor executivo para confirmar se, de fato, essa é a medida que deve adotar. Decidem por cobrir o acontecimento no local. O titular da função, é de se supor, teria autonomia para decidir sozinho.

---

<sup>115</sup> Nesse caso, avalia-se como relevante a revelação de que o cargo de coordenador de produção da editoria de Esportes de ZH é exercido por uma jornalista do sexo feminino, na medida em que o que está se trazendo ao debate é justamente uma questão de gênero.

<sup>116</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

Como *legi-signo*, pode-se entender assim, o Dia da Criança, celebrado em 12 de outubro, baliza as discussões da reunião de pauta na terça – véspera da referida data. Altair Nobre abre os trabalhos pedindo sugestões para as páginas 04 e 05. O coordenador de produção de Geral cita matéria especial que está sendo produzida pela editoria sobre *bullying*, mas que ainda não tem o gancho<sup>117</sup>. “Para o Dia da Criança não é meio pesado?”, questiona o editor-chefe<sup>118</sup>. A editoria de Cultura está trabalhando pautas com as crianças como tema e se levanta também a necessidade de meia página na edição do dia seguinte para uma matéria mais pedagógica, explicando o que representa a celebração, que o feriado deve-se a Nossa Senhora Aparecida e com entretenimento para crianças.

O que de mais relevante sai da reunião é uma sugestão que parte do produtor de Cultura para a editoria de Geral, antes mesmo que o debate começasse formalmente, com a chegada de Altair Nobre. Na edição de terça-feira, ZH publicara dois artigos defendendo posições distintas acerca da meia-entrada para estudantes<sup>119</sup>. A deputada federal Manuela D’Ávila (PCdoB) defende a medida, enquanto o presidente da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas (Feneec), Ricardo Difini Leite, é contra. As opiniões, enquanto objeto semiótico, disparam no produtor de Cultura uma semiose cujo signo gerado, naquele momento, é a proposta de uma pauta, didática, levantando argumentos favoráveis e contrários à meia-entrada. Quando Altair Nobre pede sugestões de matérias para as páginas 04 e 05, esta é uma das ventiladas. “Mas nós não esgotamos o tema com os artigos de hoje”, pergunta. O produtor de Cultura responde que os argumentos dos autores são bons, mas que se restringem a opiniões. Seria preciso, segundo ele, buscar informações técnicas para avaliar o mérito da medida<sup>120</sup>. O encaminhamento é que a pauta seria, sim, executada pela editoria de Geral, mas sem o destaque que chegou a ser cogitado.

Antes que se avance sobre a produção da matéria que trataria da meia-entrada como objeto, um último registro acerca da greve dos Correios, citada como pauta pelo produtor de Economia durante a reunião. O editor-chefe entende que, para justificar-se, a matéria teria que contar com uma foto dos depósitos dos Correios em Porto Alegre lotados de correspondências. Entendia ele ser um signo essencial ao objeto que, naquele momento, na sua avaliação, deveria ser representado pelo signo/notícia sobre o tema. Preste atenção na

<sup>117</sup> Termo técnico utilizado no Jornalismo para definir a atualidade da pauta. Na relação com o episódio relatado, uma criança que tenha sido vítima de maus tratos em discriminação na escola por ser obesa, por exemplo, seria o gancho para uma matéria especial que aborda, conceitualmente, a prática do *bullying*.

<sup>118</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>119</sup> Ver ANEXO 13.

<sup>120</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

resposta que dá ao ouvir o produtor de Economia dizer que já houve várias tentativas de registrar a imagem que ele pedia, entretanto, sem sucesso em razão das negativas da direção da empresa pública: “Temos que convencê-los de que não queremos falar mal. A ideia é mostrar o drama que eles e a população estão passando, com suas cartas paradas no depósito”<sup>121</sup>. Em nenhum momento, na fala de Altair Nobre, percebe-se alguma preocupação com as condições de trabalho e de remuneração dos trabalhadores como campo problemático que a greve, como acontecimento, poderia revelar. A execução da pauta fica com a editoria de Economia, o que impede que se observe mais de perto ao longo do dia. A surpresa, ao pegar a edição de quarta-feira, é ver que mudara o foco da matéria: a notícia era a decisão do Tribunal Superior do Trabalho (TST) que determinou a volta dos trabalhadores às suas funções. Sequer na reunião de capa, no final da tarde, essa informação foi discutida.

Por volta das 11 horas, chega à redação o repórter que executará a pauta da meia-entrada. Pouco tempo depois, o coordenador de produção de Geral substituto o chama para passar as orientações – e essa é uma característica sua, ao contrário do titular da função, observada já na pesquisa exploratória: é mais detalhista ao demandar os repórteres. “Vamos fazer uma ‘bola ao centro’: ouvir os prós e os contras. Não tanto o que é a medida exatamente, mais é dar os argumentos mesmo”, diz o coordenador de produção. Em seguida, ele recebe ligação do editor executivo, ao que parece, para tratar de outros assuntos, e no final da conversa conta sobre a matéria da meia-entrada que fora definida. Ao desligar, dá mais uma orientação ao repórter: “Temos que dar o contraditório mesmo”. A resposta é representativa e já aponta para uma tendência à opinião contrária à medida: “É, porque alguém vai pagar a conta”<sup>122</sup>. E não é um repórter que pudesse se deixar influenciar por quaisquer opiniões. Trata-se de um profissional experiente, com passagens por outros jornais como *Correio do Povo* e *Folha de S. Paulo*.

A reunião de editores, à tarde, é comandada dessa vez pela coordenadora de produção, Deca Soares. E o signo que dispara semioses entre os editores é, mais uma vez, a pergunta: “O que temos para a 04 e 05?”. A resposta é vaga. Em seguida, Deca Soares acrescenta: “Não temos 04 e 05”. O editor assistente de Geral, que substitui o executivo, a pedido dele, em função de um atraso, sugere a meia-entrada<sup>123</sup>. A discussão que se estabelece é se a matéria teria o que acrescentar em relação aos artigos publicados na edição do dia. A coordenadora de

---

<sup>121</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>122</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>123</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

produção da redação entende que poderá ser 04 e 05 por aproveitar o que chama de “onda” dos artigos. Neste momento, o editor-chefe, Altair Nobre, também já participa do debate e compartilha da mesma opinião. Deca diz que consultará o diretor de redação, Ricardo Stefanelli, e a reunião segue. No final, as alternativas para o destaque nas páginas 04 e 05 são as negociações entre o Internacional e a construtora parceira para a reforma do estádio Beira-Rio e a meia-entrada.

Quando chega, o editor executivo vai imediatamente saber, com o editor assistente, quais foram os encaminhamentos da reunião de editores. Eles discutem a possibilidade da matéria sobre a meia-entrada ser 04 e 05 na edição do dia seguinte. Chamam o repórter à conversa e ele diz que ouviu os autores dos artigos e as opiniões avançaram em relação ao que já fora publicado. “Vamos investir nessa pauta que pode ser 04 e 05”, orienta o editor executivo<sup>124</sup>. A apuração é toda feita por telefone. Às 17 horas, quando do acesso ao espelho da edição do dia seguinte, o editor executivo já sabe que a matéria sobre a reforma do Beira-Rio é que será a escolhida para as páginas 04 e 05 e que, portanto, a meia-entrada ocupará uma página. Avisa o repórter sobre a determinação, que ainda tem tempo, ele mesmo, de reduzir o texto, antes de liberá-lo ao editor responsável. É possível saber disso em função de essa ter sido uma das matérias sobre as quais se teve acesso ao texto do próprio repórter, no dia seguinte à publicação, a partir da solicitação ao coordenador de produção de Geral.

A reunião de capa, que nesta terça-feira começara às 18h45min, mais uma vez só referenda as decisões tomadas nas discussões anteriores. A impressão que fica, inclusive, é que a decisão mais importante, em relação a que pauta ocuparia as páginas 04 e 05, foi tomada pelo diretor de redação, Ricardo Stefanelli, e pela coordenadora de produção, Deca Soares, sem a participação dos editores – até porque já estava tomada à 17 horas, com a liberação do espelho da edição. Na reunião de capa, naturalmente, o editor de Esportes cita a matéria que sua editoria está produzindo, sobre as reformas do estádio do Inter, como 04 e 05.

Para encerrar o relato sobre o segundo dia de observação em ZH dedica-se algumas palavras a uma última pauta de interesse de um movimento social, nesse caso, o movimento sindical: a alteração nas leis trabalhistas que estendem o aviso prévio em caso de demissão para até 90 dias. Como sua execução ficara sob a responsabilidade da editoria de Economia, pouco se pôde observar do processo de produção. Entretanto, a pauta foi citada, e apenas citada, em todas as reuniões de decisão. A presidente Dilma Rousseff sancionaria a lei

---

<sup>124</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

aprovada pelo Congresso Nacional neste dia. A matéria acabou sendo a abertura da editoria de Economia e teve chamada de capa.

A agenda de quarta-feira, dia 12, embora o calendário sugerisse o contrário, afinal, era feriado religioso, em celebração a Nossa Senhora Aparecida, pode ser considerada intensa. Se a ideologia da profissão no Jornalismo diz que a notícia não faz feriado, casos como o observado dão-lhe guarida. Na relação com o objeto de pesquisa, foi, sim, um dia agitado: pautas envolvendo a greve dos Correios, dos bancários e também a cobertura de um movimento anticorrupção que realizaria protestos em Brasília – ainda que todas elas tenham sido executadas por outras editorias que não a de Geral. Mas foi na quarta-feira que o primeiro acontecimento sem relação tão direta assim desperta maior interesse da pesquisa durante a observação em ZH: uma denúncia de assédio contra um servidor da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), de Porto Alegre, que chega à redação a partir do contato da suposta vítima.

Do lado da produção, a rotina é um pouco diferente por força do feriado, como pudera se observar no CP. Alguns profissionais inclusive não estão presentes ou chegam mais tarde. A reunião de pauta da manhã, por exemplo, tem uma dinâmica diferenciada. Quem exerce o comando é o coordenador de produção de Geral e as discussões ocorrem junto à sua editoria; não na sala de reuniões. Editorias que não tinham representantes na reunião mandaram suas sugestões por telefone ou por e-mail, como foi o caso de Economia. O que chamou a atenção foi que as greves dos trabalhadores dos Correios e dos bancários não foram citadas, mesmo que mais tarde fossem ser pautas executadas em Economia. A Política também manda suas sugestões, mas deixa de fora o protesto que ocorreria em Brasília, organizado por um movimento anticorrupção e que mais tarde se materializaria como uma das pautas nas quais a editoria trabalhou.

Da reunião da manhã o que mais contribui à reflexão é uma pauta sobre a qual o coordenador de produção de Geral apenas faz referência, ao citar em que seus repórteres estão trabalhando. Trata-se de uma ligação que chegara a redação no início da manhã, de uma estudante que alegava ter sido assediada por um agente da EPTC, ao ser multada por se negar a fazer o teste do bafômetro na operação “Balada Segura”<sup>125</sup>, na madrugada de quarta. O coordenador de produção avaliou a denúncia como relevante e pediu que um repórter

---

<sup>125</sup> Operação mantida pela EPTC e pela Brigada Militar, em Porto Alegre, que promove blitzes durante as madrugadas, em regiões que concentram casas noturnas, com vistas a conscientização e a fiscalização ao cumprimento da “Lei Seca”, legislação federal que impede pessoas que tenham ingerido determinada quantidade de bebida alcóolica de dirigir.

apurasse. No momento da reunião, porém, ele estava fora, entrevistando a denunciante, o que impedia uma avaliação sobre a veracidade da denúncia.

Quando o repórter que está com a pauta da denúncia à EPTC volta à redação, o assunto concentra as atenções, pelo menos nos arredores da editoria de Geral. O que ocorrera foi o seguinte, conforme relato do repórter, baseado na denunciante: ela se negou a fazer o teste do bafômetro, ao ser abordada por uma blitz da operação “Balada Segura”; pediu a uma amiga que não havia consumido bebidas alcoólicas que fizesse o teste e assumisse a direção – o que é um procedimento legal, mas que gera multa ao motorista que nega-se a realizar o teste. Enquanto um agente da EPTC anotava os dados da motorista multada, outro, diz ela, ficava a olhando incessantemente. O procedimento foi finalizado e horas depois a estudante teria recebido uma mensagem no seu telefone celular, do agente que ela acusava de assédio, propondo que se conhecessem melhor e assinando a mensagem com o seu nome e identificando-se como servidor da empresa pública. O repórter parece convencido, pelos signos a que teve acesso – o celular com a mensagem de texto, inclusive, fotografado por ZH – da veracidade da denúncia. Não é preciso nem dizer que diversas foram as piadas que circularam pela redação logo após o relato do repórter sobre a denúncia, revelando, inclusive, detalhes da entrevista da estudante sobre os quais prefere-se nem fazer o registro. A importância desse episódio se concretizará mais a frente, quando descrever-se a produção da redação nos dias seguintes. Por enquanto, se justifica ainda apenas pelo inusitado.

A tarde também não há a reunião formal de editores. O editor-chefe, Altair Nobre, vai a cada editoria saber das pautas em que estão trabalhando. É quando, acompanhando a circulação do editor-chefe, é possível descobrir que a editoria de Economia produzirá matérias sobre Correios e bancários e que a Política está atenta a uma manifestação que ocorreria em Brasília. É prudente ressaltar, contudo, que este é o único indício que se tem no dia da semiose da notícia que tem esses acontecimentos como objeto, na medida em que o foco da observação era a editoria de Geral.

O dia não terminaria sem uma reunião interna, entre editores, diagramadores e alguns repórteres de Geral, a saber, um que trabalhava em uma pauta de Polícia e o responsável por cobrir a denúncia contra a EPTC. O editor executivo e o assistente coordenam a reunião, que define o que terá destaque na editoria. O executivo consulta os repórteres para saber se as matérias que estão produzindo correspondem às expectativas e antecipa como está pensando a diagramação das páginas. Quando as discussões terminam, chama a atenção do assistente para a matéria que envolve a EPTC: “Temos que ter cuidado com essa pauta”. O editor assistente pergunta por que e a resposta é um tanto quanto vaga: “Porque é um assunto muito

delicado”<sup>126</sup>. O próprio editor executivo assume a tarefa da edição da matéria. No final da tarde, liga duas vezes para checar informações com o repórter que a escreveu até que a libera para a diagramação.

Por volta das 18 horas, o editor executivo de Geral conversa com o diretor de redação, Ricardo Stefanelli, na sala dele. Era um indício de que, em razão do feriado, não haveria reunião de capa, o que se confirmaria depois. Quando volta, o editor executivo avisa o editor assistente de que uma das pautas produzidas pela Geral – o início das viagens experimentais do barco Catamarã que fará o transporte público entre os municípios de Guaíba e Porto Alegre – será o destaque das páginas 04 e 05. O editor assistente chama o repórter que produziu a matéria, que já tinha entregado o texto à edição, e pede para que a amplie. Ele recebe a demanda com surpresa, mas garante que há informações suficientes para tanto. Em seguida, discute com o editor responsável a disposição de texto e imagem e reclama que não tinha a orientação, no início da semiose da notícia, de que a matéria era para as páginas 04 e 05.

Na quinta-feira, dia 13, mais uma vez a rotina da editoria de Geral seria diferenciada, como fora na quarta. A razão é que é outra. As atenções estavam voltadas ao anúncio da construção do metrô de Porto Alegre, que ocorreria no dia seguinte, com a presença da presidente Dilma Rousseff. A pauta era responsabilidade da Geral porque deveria abordar o que o metrô representará para a cidade e não os aspectos políticos que envolviam o acontecimento. A previsão, desde o início da semana, era de que a matéria teria pelo menos quatro páginas na edição de sexta-feira. Fora isso, a observação renderia também subsídios importantes a partir de pautas envolvendo as greves dos trabalhadores dos Correios, dos bancários, e a cobertura dos protestos contra o sistema financeiro internacional que se desencadeavam na Europa e nos Estados Unidos. Vale destacar, ainda, a suíte do caso da denúncia de assédio contra um agente da EPTC.

Desde a reunião de pauta da manhã, o anúncio do metrô é o acontecimento previsto sobre o qual se dedica a maior parte das discussões. O que se percebe é a intenção de ZH de, institucionalmente, se constituir como uma espécie de responsável pelo que julga ser uma conquista para a cidade de Porto Alegre. Isso fica nítido a partir de uma fala do editor-chefe, Altair Nobre, ao dimensionar a importância da matéria que seria publicada na edição do dia seguinte: “A gente cobriu toda a batalha para ver essa obra sair do papel. Agora, temos que faturar. Amanhã é o dia de ouro”<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>127</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

Também é representativa a forma como são abordadas, durante a reunião da manhã, outras duas pautas sobre as quais há interesse para a pesquisa: Correios e a denúncia contra o agente da EPTC. No caso dos Correios, quando a pauta é citada pelo produtor de Economia, diante da determinação judicial de volta ao trabalho e, portanto, fim da greve, o que está em questão, tanto na proposta do produtor quanto nas sugestões do editor-chefe, é a avaliação sobre como ficam as correspondências atrasadas; em quanto tempo a população receberá suas cartas. Em nenhum momento é aventada a hipótese de dedicar algum espaço na matéria ao resultado da mobilização, como ficaram as negociações por reajuste e o que da pauta de reivindicações dos trabalhadores foi contemplado pela empresa pública. Em relação à EPTC, ao ser mencionada a suíte do caso como uma das pautas do dia, pelo coordenador de produção de Geral, surge um comentário de um jornalista, homem, cuja função e identidade prefere-se preservar: “Pela foto da ‘tchanga’ não valeu o risco desse cara perder o emprego”<sup>128</sup>. No que diz respeito às orientações para a cobertura do acontecimento, o editor-chefe pede que ao repórter seja reforçada a necessidade de ouvir o agente acusado de assédio, o que não fora possível na matéria publicada na quinta-feira, a primeira sobre o assunto, que dá publicidade à denúncia. Ele não teria atendido as tentativas de contato telefônico.

No início da tarde, chega à redação informação que se constituiria em importante elemento para a pesquisa de campo no dia seguinte. A assessoria de imprensa do Grupo Hospitalar Conceição<sup>129</sup>, de Porto Alegre, liga para avisar o coordenador de produção da editoria de Geral sobre uma entrevista coletiva que ocorreria no dia seguinte para anunciar os primeiros resultados de um programa de redução da superlotação das emergências dos hospitais. Ele anota a pauta como sugestão para a seção “Metropolitana”, uma página que diariamente trata de acontecimentos do cotidiano da Capital e dos demais municípios da Região Metropolitana. Quando o editor executivo chega, o avisa de que já tem uma pauta para a edição de sábado na referida seção.

Na sequência do dia, o repórter que está trabalhando na pauta da denúncia contra a EPTC, o mesmo que fizera a primeira matéria, volta à redação com a informação de que a Câmara Municipal de Porto Alegre decidiu abrir processo de investigação sobre o caso e convocará o agente acusado de assédio para depor. Ao tratar do assunto com o coordenador

---

<sup>128</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>129</sup> Grupo mantido pelo Ministério da Saúde, com três hospitais: Conceição, Cristo Rei e Fêmina. É a maior rede pública de hospitais do Sul do país, com atendimento exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Oferta 1.564 leitos e é responsável pela internação de 59,9 mil pessoas por ano, em média (GRUPO, 2012). Documento online. Disponível em: <<http://www.ghc.com.br/default.asp?idmenu=1>>. Acesso em: 17 jan 2012.

de produção de Geral, comenta, em tom de espanto, que a matéria sobre a denúncia é a mais acessada até então na página eletrônica de ZH ([www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)).

Pouco antes do início da reunião de editores, tradicionalmente marcada para as 14h30min, o editor executivo de Geral já está na sala de reuniões com o diretor de redação, Ricardo Stefanelli, e mais dois profissionais. Há de se supor que estão discutindo a matéria sobre o anúncio do metrô de Porto Alegre. Quando a reunião efetivamente começa, com a presença dos demais editores e a participação de toda a cúpula da redação – além de Stefanelli, também o editor-chefe, Altair Nobre, e a coordenadora de produção da redação, Deca Soares –, o diretor de redação abre as discussões: “Amanhã o jornal tem que ser épico. É o principal jornal do Estado dando uma notícia que a cidade aguarda há anos”<sup>130</sup>. O debate sobre o foco da matéria envolve todos os profissionais presentes.

Ao citar as pautas em que está apostando como destaque, o editor de Economia cita os Correios como abertura da editoria e diz que aguarda o resultado de uma rodada de negociações entre banqueiros e bancários que ocorreria às 16 horas: “Vamos ver o que as agências [de notícias] dão”<sup>131</sup>. Pela primeira vez confirma-se a suspeita que vinha se levantando desde o início da semana de que o acesso aos acontecimentos envolvendo o movimento grevista dos bancários era a partir de agências de notícias. A rigor, com os Correios a impressão era a mesma, embora houvesse discussões que apontavam para a cobertura de algumas pautas na própria sede da empresa pública em Porto Alegre, como a solicitação de foto dos depósitos lotados de correspondência, feita pelo editor-chefe mais de uma vez. A lógica de produção da editoria de Economia, aliás, pressupõe a utilização abundante de informações de agências. Isso porque, no que fora possível observar, os repórteres pouco deixam a redação. Quando há a apuração de informações, normalmente isso ocorre por telefone.

Ainda em relação à Economia, seria a editoria em que, na edição do dia seguinte, apareceria matéria sobre os protestos globais, dando conta de que no sábado haveria manifestações dos movimentos “Indignados” e *Occupy Wall Street* em pelo menos 71 países. Entretanto, a pauta não é sequer citada na reunião de editores entre as que estão em produção, o que leva a se supor que também fora executada a partir de agências de notícias – nesse caso, internacionais.

---

<sup>130</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>131</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

Mais um registro que se impõem, acerca da reunião de editores: o editor de Geral cita entre as pautas para o dia seguinte a suíte do caso do agente da EPTC. Eis que surge, novamente, comentário para além das orientações jornalísticas: “Me disseram ontem que ela era bonita, mas pela foto de hoje não é o que eu vi”<sup>132</sup>. A opção é, como no relato anterior, por não revelar a função e a identidade do jornalista autor da frase. É a última vez que se pôde observar ações envolvendo o tema. Na reunião de capa, mais tarde, a pauta sequer seria mencionada.

A primeira medida do editor executivo de Geral quando sai da reunião de editores é chamar o repórter que está trabalhando na matéria sobre o anúncio do metrô de Porto Alegre, o editor que ficará responsável pelo texto e o coordenador de produção da editoria para repassar as orientações. “Mudou tudo”, exclama o editor, causando apreensão no grupo. O editor assistente, que está próximo à reunião, embora não diretamente envolvido com a discussão, pergunta sobre as quatro páginas que estavam destinadas à pauta. “Sim. E o pior é que estava planejado desde o início da semana e agora está mudando tudo”, responde o editor executivo<sup>133</sup>. Ele se refere a anúncio comercial que fora incluído entre as páginas dedicadas à matéria sobre o metrô. Note a importância de decisões como essa, no final do dia anterior a publicação da matéria, diante da importância conferida ao tema por ZH e o tempo de planejamento que lhe foi dedicado. O editor executivo passaria o resto do expediente envolvido na produção da matéria que seria publicada, com destaque na capa, obviamente, entre as páginas 04, 05, 06 e 11, na edição de sexta, dia 14 – no intervalo de quatro páginas estaria o anúncio comercial<sup>134</sup>.

A reunião de capa da quinta-feira foi a que mais incidiu na edição do dia seguinte entre todas as observadas na pesquisa de campo. Em relação aos encaminhamentos das pautas que saíram das reuniões anteriores, não houve nenhuma alteração. Uma nova pauta de Polícia é que acabou centralizando o debate. Ao ser citada pelo editor de Geral, que, lembre-se, responde também pela editoria de Polícia, o acontecimento “morte de uma estudante à espera de atendimento pelo Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu)” foi redimensionado pela intervenção do editor de online que participava da reunião. Segundo ele, a matéria que tratava do caso na página eletrônica de ZH já era a mais acessada do dia, com comentários que questionam o método de atendimento do Samu. É quando o diretor de

---

<sup>132</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>133</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>134</sup> Ver ANEXO 14.

redação intervém. “Temos que mostrar essa indignação. Eu daria capa”, argumenta Ricardo Stefanelli<sup>135</sup>. A estudante morreu porque o atendente do Samu avaliou que se tratava de trote, na medida em que foi uma amiga dela, de outra cidade, quem ligou para pedir socorro.

Assim que deixa a reunião, que começara mais tarde, às 19h45min, o editor de Geral, imediatamente, convoca dois repórteres e um editor para rever o foco da matéria que estava sendo produzida. O destaque passa a ser os procedimentos utilizados pelo Samu para filtrar as ligações com pedidos de socorro que recebe; não mais a morte da estudante por demora no atendimento. A apuração termina próximo ao horário habitual de fechamento da edição, por volta das 22h30min, e ainda faltava a finalização da redação da matéria e da edição, processos submetidos, inevitavelmente, a ordem de tempo que se constituía: era preciso concluir a matéria no mais breve possível.

O primeiro acompanhamento de uma equipe de reportagem no trabalho de apuração das informações, em ZH, no local dos acontecimentos, ocorreria somente na sexta-feira, dia 14. A dinâmica da redação, como se espera que já tenha sido perceptível, é mais intensa, internamente, do que no CP, com mais momentos de decisão ao longo da semiose da notícia, o que, de alguma forma, se refletiu no próprio exercício de observação – que não estaria completo, todavia, sem esta etapa. Outro fator determinante para a diferença em relação ao CP é o fato de que aos acontecimentos que tinham movimentos sociais como protagonistas, em ZH, pelo menos a maioria deles, a editoria que se dedicou à cobertura não foi a de Geral, mas sim a de Economia, cujas lógicas de produção, inclusive, não privilegiam a possibilidade de saídas dos repórteres a campo.

Feita a ressalva, o relato da observação é o que segue. E engana-se quem pensa que o dia foi apenas de saída com a reportagem. Rendeu também outros subsídios de grande relevância. Senão vejamos. Um protesto do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul; matéria anunciando os protestos globais contra o sistema financeiro internacional, que ocorreriam no sábado; greve dos bancários; e nova suíte – e a mais importante da semana – do caso da denúncia contra o agente da EPTC.

Logo no início da manhã, por volta das 8h30min, o coordenador de produção da editoria de Geral recebe ligação: uma manifestação tranca a passagem de veículos na ponte do Guaíba, na BR 290, um dos principais acessos a Porto Alegre. Entretanto, não parece dar muita atenção. Segue seus afazeres habituais, com o acréscimo, ainda, do planejamento da edição de domingo. Em seguida, ouve na rádio *Gaúcha* do que se trata: protesto de

---

<sup>135</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

trabalhadores em minas de carvão contra a opção por excluir esse tipo de matriz do projeto da União para geração de energia no Estado. Chama, imediatamente, o produtor de Economia. Antes que ele chegue, espontaneamente, contribui à pesquisa com uma explicação: “Embora nosso foco seja os transtornos causados à população, as editorias absorvem essas pautas de acordo com a área que é ligada a manifestação”, diz o coordenador de produção<sup>136</sup>. Pede, então, que o produtor de Economia assuma a pauta. É possível, neste momento, observar quando o repórter de Economia é demandado: apurará as informações por telefone e apenas o fotógrafo irá ao local do protesto, acionado pelo coordenador de produção de Geral.

Minutos depois, um dos editores da redação de ZH online traz informações ao coordenador de produção da editoria de Geral, ao recebê-las por telefone, de um fotógrafo que está acompanhando a visita da presidente Dilma Rousseff em Porto Alegre para o anúncio da construção do metrô: protestos de servidores do Estado e do Sindicato dos Bancários em frente ao Palácio Piratini, sede do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A resposta que dá o coordenador de produção é de que a primeira pauta seria atribuição da editoria de Política e a segunda de Economia. Mais uma vez de forma espontânea, proporciona subsídios à pesquisa: “Em dia de presidente, todo mundo protesta. Mas eu duvido que a gente vá dar. A dos bancários até pode ser, como a gente vai ter repórter e fotógrafo acompanhando a Dilma e já estamos cobrindo a greve...”<sup>137</sup>.

Antes que a reunião de pauta começasse, é o produtor de Economia, desta vez, quem procura o coordenador de produção de Geral para pedir colaboração em uma pauta. É uma pauta de importância central para a pesquisa. Como no sábado a editoria de Geral não terá repórteres de plantão, pede que o repórter de Geral que estará na redação cubra os protestos contra o sistema financeiro internacional, consagrados como *Occupy Wall Street*, que ocorreriam em Porto Alegre. O coordenador de produção diz que passará a demanda ao editor executivo, mas que acredita que não haverá problema.

Na reunião de pauta da manhã, o protesto na ponte do Guaíba é o primeiro acontecimento citado como potencial destaque, sem qualquer referência à editoria que estaria executando a pauta ou a publicaria. O editor-chefe, Altair Nobre, que está comandando os trabalhos, questiona: “Quem está por trás desse protesto? Daqui a pouco as empresas de carvão estão por trás: liberaram os funcionários para encher o saco porque ficaram de fora da matriz energética”. E avança ainda, com uma orientação: “Tem que ver se tem apoio das

---

<sup>136</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>137</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

pessoas que detêm o capital do setor. Acho que tem que pegar o melhor repórter, pela capacidade de apuração”<sup>138</sup>. Não é o que se pôde observar, a não ser que o “melhor repórter” que sugere o editor-chefe fosse o mesmo que começara a trabalhar na pauta. Durante a tarde, entretanto, outro profissional pode ter assumido essa tarefa, o que não foi possível observar.

A reunião segue e quando é a vez da editoria de Economia elencar suas pautas o produtor menciona a matéria que está sendo produzida sobre os protestos globais, diz que cidades do Rio Grande do Sul aderiram ao movimento, além de Porto Alegre; cita ainda a greve dos bancários, prestes a acabar com uma rodada de negociações marcada para este dia; e o protesto dos mineiros na ponte do Guaíba, agora, sim, já assumindo que a cobertura deveria mesmo ficar com a editoria para a qual faz produção.

Mais duas passagens ainda chamam a atenção na reunião de pauta. A primeira, um momento de tensão que confirma uma suspeita que, a essa altura da observação, já começava a se comprovar: a sobrecarga de trabalho que recai sobre alguns profissionais. Na edição de sexta-feira, a mesma matéria que retratava problemas com a prestação de contas do Festival de Cinema de Gramado (RS) fora publicada em duas editorias, Política e Geral. Isso porque quem produziu foi a Central do Interior, que coordena os repórteres correspondentes que atuam em outros municípios. Como não há uma editoria de Interior, por exemplo, ou Cidades, como no CP, as matérias são publicadas naquela que, avalia-se, tem mais proximidade com a pauta. Ao ser responsabilizado pelo problema, o profissional que coordena a Central do Interior reclama de excesso de funções, ao ter que controlar a produção de todos os correspondentes.

A outra passagem diz respeito à cobertura dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México, que começariam no fim de semana. O Grupo RBS enviara dois repórteres da rádio *Gaúcha* para o local da competição, que teriam a atribuição de produzir também para ZH. O coordenador de produção de Esportes cita as pautas que tem envolvendo os jogos, mas faz a ressalva de que a Rede Globo não transmitirá, como forma de boicote ao Grupo Record, que adquiriu os direitos de televisão. Altair Nobre é enfático na resposta: “Acho que a gente tem que fazer o melhor possível. A Rede Globo não pode imprimir como é que a ZH vai cobrir o Pan”<sup>139</sup>. Nesse caso, há uma orientação sobre não se pautar pela Rede Globo, com quem o Grupo RBS mantém negócios. Entretanto, em relação à rádio *Gaúcha* e aos noticiários da própria TV Globo e da RBS TV como fontes para a editoria de Geral, como se pôde observar durante toda a pesquisa de campo, não parece haver nenhuma restrição.

---

<sup>138</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>139</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

No início da tarde, o repórter que está cobrindo a repercussão do caso da denúncia de assédio contra o agente da EPTC chega à redação com a informação de que o acusado fora demitido pela empresa pública. Eis que se justifica a atenção dedicada à este acontecimento durante a observação. Confirma-se, aí, a hipótese de que as notícias formam signos cujos objetos são as ocorrências do cotidiano, que acabam produzindo interpretantes que subsidiam a formação de opinião e levam, em última instância, a ações concretas da sociedade (HENN, 2002). Perceba: houve, na decisão da EPTC de demitir o agente acusado de assédio, a avaliação de que ele cometeu uma falha que deve ser punida com a demissão. É a causa da demissão. Sim. Entretanto, a decisão foi tomada somente depois que ZH deu publicidade ao caso. O signo que desencadeou o processo de semiose que acabaria formando outro, representando a atuação do agente como passível de punição como objeto, foi uma matéria publicada na quarta, dia 12. Quando se analisa todo o processo, da primeira à última matéria publicada durante a semana em ZH, essa é uma constatação lógica<sup>140</sup>.

Não por acaso, o acompanhamento da equipe de reportagem na apuração das informações que compôs a observação ficou para o fim do relato sobre a sexta-feira. Foi o que impediu que se observasse a reunião de editores – e o momento é propício para que se diga que neste dia não houve reunião de capa, o que significa que a única discussão que se observou sobre o que seria destaque na edição de sábado foi a reunião de pauta realizada no turno da manhã.

O acontecimento cuja cobertura se acompanhou a apuração remete ao dia anterior, quando chegara ao coordenador de produção de geral a informação de que o Grupo Hospitalar Conceição concederia entrevista coletiva, na sexta-feira, para divulgar os primeiros resultados de um programa de redução da superlotação nas emergências dos hospitais. Lembre-se que a pauta fora destinada a seção “Metropolitana” logo que chegou. Entretanto, ao pautar o repórter que faria a coletiva, o coordenador de produção muda completamente o foco da matéria: “Vamos apurar essa denúncia aqui com a coletiva do Conceição como gancho”, diz ele<sup>141</sup>. Se refere a uma carta enviada à redação, acompanhada até de um vídeo, por coincidência, naquela manhã, denunciando que uma paciente aguarda há oito dias por internação na emergência do Hospital Conceição, um dos que compõem o grupo. Ainda que, na estrutura proposta para a dissertação a opção seja por utilizar esse recurso no capítulo seguinte, a decisão de trazer como contribuição a pauta enviada pelo sistema eletrônico pelo

---

<sup>140</sup> Ver ANEXO 15.

<sup>141</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

coordenador de produção ao repórter, neste momento, se justifica pelo que representa de inteligibilidade à descrição do episódio. Veja:

EMERGÊNCIA DO CONCEIÇÃO \_ Relato bem marcante de uma advogada de 25 anos que penou no atendimento de emergência do Conceição. Ela e o noivo procuraram atendimento no início de julho (ela tinha infecção intestinal), que os orientou a procurar o posto de saúde. Nesta semana, ela precisou retornar ao hospital porque seguia com o problema, e o que encontrou foi a emergência atendendo 160 pessoas, só um banheiro feminino (e em péssimas condições, como mostra o vídeo que o noivo nos enviou). Fora isso, houve troca de soro, administração de soro em muito menos tempo do que deveria etc. Tudo isso no dia em que o hospital vai divulgar o balanço dos primeiros 50 dias da Campanha dos 100 dias +1 no Lugar Certo (a que visa acabar com a superlotação na emergência). Precisamos contar bem a história e dar esse contexto da campanha. Foto da emergência pedida para a tarde, mas também teremos de combinar fotos da guria e do noivo (agendar com eles e pedir pra foto) [nome do repórter]<sup>142</sup>

Interessante salientar que os resultados do programa de redução da superlotação só passaram a ter uma dimensão maior, enquanto acontecimento, que merecesse, inclusive, uma cobertura para além daquela convencionada para a seção “Metropolitana” – em que as lógicas são mais simples, pautas do cotidiano das cidades –, quando surge uma denúncia que destaca o contraditório, como até a formalidade da pauta aponta. Ou seja, uma paciente que aguarda por internação há mais de uma semana no dia em que se anunciam resultados de um programa que visa a, justamente, evitar casos como esse.

A fonte que assume a condição de denunciante, o noivo da paciente, inicialmente, diz que prefere não ser identificada na matéria, motivo pelo qual o coordenador de produção de Geral destaca um repórter com experiência em investigações jornalísticas e capaz, portanto, de descobrir informações de difícil acesso. Ao chegar ao Hospital Conceição no horário combinado o repórter e o fotógrafo que o acompanha são logo identificados pelo noivo da paciente, em função do veículo do Grupo RBS. A segurança da casa de saúde intervém antes que eles começassem a conversar e avisa que a coletiva de imprensa, marcada para as 15 horas, justamente o horário em que o repórter chega ao Conceição, ocorrerá no auditório do Hospital Cristo Rei, outro que pertence ao grupo. O repórter surpreende-se. A informação que tinha era de que seria no Conceição, e às 15h30min, por isso marcara a entrevista com o denunciante para às 15 horas. Ele ignora a orientação do segurança e começa a entrevista. O fotógrafo faz o registro e é interpelado pelo segurança, que diz que não é autorizado o procedimento naquele momento, somente após a coletiva, em visita guiada.

---

<sup>142</sup> Pauta enviada ao repórter que a executaria, por meio digital, que se constitui como documento para a pesquisa a partir de solicitação de cópia feita ao coordenador de produção da editoria de Geral de ZH.

A conversa segue, com o clima tenso, até que o diretor de internações do Hospital Conceição passa pelo local, dirigindo-se ao Cristo Rei para a entrevista. Informalmente, presta esclarecimentos ao repórter, na presença do noivo da paciente, e explica que as internações respeitam um critério de urgência, mas que o caso dela, há oito dias aguardando internação, não é comum e será resolvido no mais breve possível. O repórter anota o telefone do denunciante e se desloca para o local da entrevista coletiva.

Quando chega ao auditório do Hospital Cristo Rei, o repórter recebe o material preparado pela assessoria de imprensa da instituição, com os dados que estavam sendo divulgados. A coletiva já está em andamento. Ele passa a manusear o material ao mesmo tempo em que ouve as informações reveladas pelos diretores do grupo. Em resumo, ao final da entrevista, avalia que o programa tem dado resultado. No entanto, em função de a demanda ser muito grande, ainda não é o suficiente para resolver o problema e evitar casos como o denunciado à redação de ZH. Forma convicção. É possível aferir isso durante o deslocamento de volta ao jornal, quando comenta a coletiva e as informações que apurou com o fotógrafo.

De volta à redação, o repórter pergunta ao pesquisador o que achara da experiência de acompanhá-lo. A resposta é vaga, de modo a não prejudicar a observação com algum tipo de julgamento que o repórter pudesse dela extrair. Ainda assim, ele faz questão de avançar no diálogo. “Pois é. Tu vês que os caras estão trabalhando. Esse projeto deles já reduziu bastante a superlotação. Mas não adianta, é muita gente! Agora, a gente tem que mediar aqui na hora de escrever. Eu vou fazer o texto mediando o caso dessa mulher com a melhora nos índices, mas não adianta, na edição vão puxar pela denúncia”, diz o repórter<sup>143</sup>. Uma fala reveladora de um procedimento que parece ser habitual. Em seguida, liga para o noivo da paciente, confirma que são mesmo oito dias de espera, e logo depois liga para o médico responsável por atendê-la, que confirma o tempo, mas revela que a hipótese de câncer, a mais temida pela família, está descartada e informa também que ela já está internada. O repórter termina o texto e passa ao editor que finalizará a matéria. Durante a edição, o editor pergunta: “Dá para dizer que estão trabalhando, mas ainda não é suficiente?”. A resposta é positiva<sup>144</sup>. O resultado da semiose da notícia se verá mais à frente.

A dinâmica de sábado, 15, em ZH é muito semelhante à que se observou no CP. Ambos os jornais tem edições dominicais que circulam no dia anterior, o que determina que o fechamento ocorra por volta do meio-dia. Poucos profissionais frequentam a redação pela manhã. À tarde, inclusive, como no CP, o regime é apenas de plantão na editoria de Geral: um

---

<sup>143</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

<sup>144</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

repórter é responsável por cobrir acontecimentos extraordinários. Não há produção relevante à pesquisa para a edição de domingo, quando seriam publicadas matérias sobre os protestos globais – inclusive um editorial seria sobre o tema –, contudo, produzidas durante a semana, sem que houvesse a possibilidade de acompanhamento da semiose da notícia.

O que há de mais importante neste sábado é um acontecimento previsto. Acontecimento de extrema importância para a pesquisa e cujo signo/notícia que o representa como objeto seria publicado na edição de segunda-feira, dia 17 – o que significa dizer que o processo de produção se estenderia ao domingo. Essa, sim, uma diferença em relação à observação no CP, quando pouco se pôde tirar de subsídios em função da rotina menos intensa. Trata-se das manifestações do movimento *Occupy Wall Street* em Porto Alegre. A decisão, diante da dimensão da pauta e do ritmo bem menos intenso da redação, é por acompanhar o repórter que cobrirá o acontecimento.

Uma informação há de ser retomada para que o relato seja mais inteligível. A pauta é responsabilidade da editoria de Economia, que não teria repórteres de plantão neste sábado. Portanto, o repórter que cobriria os protestos seria o plantonista de Geral. Ao longo de toda a semana, uma série de matérias foi publicada por ZH sobre o tema<sup>145</sup>. Entretanto, todas produzidas por repórteres de Economia.

Quando chega à redação, por volta das 13 horas, o repórter que irá para os protestos é avisado pelo coordenador de produção de Geral, que neste dia é o substituto, o mesmo que substituíra o titular na terça-feira, sobre a pauta. Ele ainda não sabia da demanda. Cumpre outras tarefas até que é avisado, por volta das 13h45min, de que o carro que o levará até o Parque da Redenção, local onde ocorreriam as manifestações, a partir das 14 horas, já o aguarda. Ao chegar no carro, vê que um colega o acompanhará. Supõe que seja o fotógrafo. Durante o deslocamento, descobre que, na verdade, é um repórter da rádio *Gaúcha*, que tem sede no mesmo prédio de ZH. Demonstra apreensão por não saber se o fotógrafo estará no local para registrar o acontecimento. São todas informações que denotam o que se poderia chamar de falta de planejamento em relação à cobertura do acontecimento – desprezo, por que não? Há outra ainda mais reveladora dessa tendência: durante o trajeto de ZH até o Parque da Redenção, o repórter retira da bolsa a página que destacou da edição de sábado que contém a matéria que anuncia os protestos do *Occupy Wall Street*. Com uma expressão de

---

<sup>145</sup> Ver ANEXO 16.

constrangimento, comenta: “Plantão é assim: agora que eu consegui parar pra ver o que é essa pauta mesmo”<sup>146</sup>.

Ao chegar no local do acontecimento, o repórter se depara com uma diversidade de organizações. Tenta logo identificar os líderes. O repórter da rádio *Gaúcha* que o acompanhara parece ser mais ágil e começa a gravar depoimentos. Ele acompanha as entrevistas e não faz perguntas; apenas ouve. É quando identifica que o fotógrafo de ZH já estava no local. Apenas o cumprimenta e segue com as anotações. A primeira fonte que o repórter de ZH ouve sozinho é um dos líderes do movimento “Agora chega!”, organizado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Entretanto, este é um movimento contra a corrupção, que, a rigor, não tem relação com o *Occupy Wall Street*. Por fim, encontra um colega do *Jornal do Comércio* que parece conhecer há mais tempo e passa a discutir a pauta, perguntando o que exatamente está acontecendo. O colega diz que está acompanhando ao longo da semana e relata o que precedera os protestos de 15 de outubro. Em seguida, o repórter de ZH deixa o local justificando que precisa voltar logo à redação para publicar uma primeira versão da matéria em ZH online. E quando chega, é imediatamente cobrado pelo produtor de Economia. Responde que em cinco minutos a matéria estará no ar.

Cabe registrar que, assim como no CP, ainda que coincidentemente, pudera se observar dois perfis de repórteres nas ocasiões em que foram acompanhadas equipes de reportagem durante a apuração das informações, no local dos acontecimentos: Na sexta-feira, na pauta que envolvia saúde e na cobertura das manifestações do movimento *Occupy Wall Street*, no sábado. Os profissionais responsáveis pela produção dos signos/notícia foram um homem e uma mulher; um em início de carreira e outro com vasta experiência. E aqui, sim, essas características parecem ter incidido na semiose da notícia, diferentemente do que se observara no CP.

O domingo, dia 16, seria fértil à observação, sobretudo porque teria sequência a cobertura das manifestações do *Occupy Wall Street* em Porto Alegre, que previam uma vigília naquela madrugada, na Praça da Matriz. Mas não só por isso. Também porque haveria outros acontecimentos importantes na relação com o objeto de pesquisa. Uma ressalva, entretanto, se impõe: o processo de produção da notícia aos domingos, em ZH, como é também no CP, não segue a mesma lógica dos demais dias da semana. Não há, por exemplo, as reuniões de pauta, de editores e de capa, que se configuraram como momentos ricos em subsídios durante a pesquisa de campo. A observação foi, assim, menos sistemática.

---

<sup>146</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

No turno da manhã, apenas um repórter da editoria de Geral cumpre expediente e em regime de plantão. É ele o responsável por apurar como foi a vigília do movimento *Occupy Wall Street* durante a madrugada. Faz isso por telefone. Apenas um fotógrafo vai até a praça da matriz fazer o registro da manifestação. O texto que o repórter da manhã produziu é encaminhado ao editor de Economia, assim como o produzido no dia anterior, pelo repórter que acompanhou o movimento no sábado. Durante a tarde, ao receber ligação do diretor de redação, Ricardo Stefanelli, a coordenadora de produção da redação, Deca Soares, profissional de hierarquia mais elevada cumprindo expediente neste domingo, pergunta ao editor executivo de Geral se os protestos globais, identificados também como *Global Change*, além de *Occupy Wall Street*, valeriam destaque nas páginas 04 e 05. Ele responde que essa é uma opinião que o editor de Economia é que deveria emitir. Deca Soares revela que na opinião dela não vale o destaque. E de fato a matéria não vai para as páginas 04 e 05, mas acaba ganhando uma chamada na contracapa, o que aponta para a avaliação de que havia alguma relevância do ponto de vista dos critérios de noticiabilidade. O signo/notícia publicado na segunda-feira, 17 de outubro, contudo, concentra-se nas manifestações em outros países; praticamente despreza, como objeto semiótico, os acontecimentos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, que de uma página, ganham dois parágrafos, apenas<sup>147</sup>.

Como o espelho da edição de segunda-feira sai ainda na sexta, o processo de edição é menos volátil. Não há intervenções de última hora do setor comercial, por exemplo, solicitando novos espaços para anúncios. Diante disso, a definição de destaques de editorias é feita a partir de levantamento realizado por Deca Soares com uma checagem que faz com cada editor. Em seguida, ela e o editor executivo de Geral, pelo menos neste domingo, discutem como será a capa – importante deixar claro que o contato com o diretor de redação, ainda que ele não esteja em expediente regular, é constante.

Um último episódio observado e que se avalia que seja relevante é o relato é a produção do signo/notícia que representaria um acontecimento envolvendo os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara: o roubo dos equipamentos de um patinador gaúcho pouco antes do embarque para o México. Por tratar-se de um roubo, a pauta, naturalmente, poderia ser executada pela editoria de Polícia. Contudo, havia nela características de Esportes, também, já que o acontecimento afetava um atleta. A decisão que toma a coordenadora de produção da redação é de que um repórter de Polícia acompanhará o desdobramento das investigações e outro, de Esportes, a consequência em relação à participação do patinador na competição. O

---

<sup>147</sup> Ver ANEXO 17 e ANEXO 18.

que chama a atenção, além da execução da pauta em conjunto, é a postura do repórter de Esportes, homem, logo após saber do encaminhamento. Primeiro, porque começara a executar a matéria antes de saber da decisão de dividi-la e acha a divisão pouco racional. Já havia inclusive entrevistado o atleta. Depois, pela resposta ao ser questionado por um colega sobre como fora a entrevista. “Ele vai colocar rodinhas no salto alto dele”, diz o repórter de Esportes, em alusão a uma alternativa para solucionar o problema dos patins roubados, na relação com a orientação sexual do patinador, que seria homossexual<sup>148</sup>.

---

<sup>148</sup> Diálogo observado pelo pesquisador durante a pesquisa de campo.

## 8 QUE LEGI-SIGNOS SÃO ESSES

No nível de legi-signo, em C.S. Peirce, estão símbolos, convenções. São signos que representam objetos abstratos, ideias. Lembremos que “[...] o símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. E aquilo que ele representa também não é um individual, mas um geral” (SANTAELLA, 1983, p. 14). Portanto, das redações do *Correio do Povo* e de *Zero Hora* sai uma multiplicidade de signos, que, ao assumir a forma de lei, determinam uma espécie de “semiose padrão” que se desencadeia durante o processo de produção da notícia. É a semiose da notícia. A partir dela que repórteres, fotógrafos, editores, enfim, todos os profissionais que compõem a redação, produzem sentido acerca dos movimentos sociais – e não só deles, é claro, mas aqui, o objeto da pesquisa é o que mais interessa.

Uma primeira inferência que sai do cotejamento entre o exercício etnográfico que acaba de se descrever e as teorias que iluminam a reflexão é a constituição de quatro categorias de legi-signos, cuja ação é mais ou menos direta durante o processo que resultará no signo/notícia. Note o raciocínio. Se há um ambiente semiótico do qual faz parte o Jornalismo, enquanto campo profissional e sistema de produção de sentido, como postula-se, aí estão as duas primeiras categorias de legi-signos, na ordem crescente de incidência, inclusive, da menor para a maior: aqueles com relação ao ambiente semiótico e aqueles ao Jornalismo como sistema de produção de sentido. Ambas, no entanto, são categorias que poderiam ser aferidas antes mesmo da incursão às redações. No ambiente semiótico em que circula cristalizado o consenso neoliberal, serão nele calcados os legi-signos a partir dos quais se produz sentido, seja qual for o sistema. O Jornalismo como sistema de produção de sentido também tem suas convenções, que, como legi-signos, determinam o que seja o fazer jornalístico. Com o que a observação contribuiu de forma mais incisiva foi à experiência de vê-las em ação.

As duas outras categorias, sim, embora antes fosse possível supor que agissem no processo de construção da notícia, só foram identificadas com o exercício etnográfico: a uma se atribui os legi-signos que determinam ZH e CP enquanto empresas e, mais do que isso, empresas jornalísticas, com suas políticas estratégico-empresarias e, em última instância, até a linha editorial como veículo de comunicação; à outra cabem os legi-signos que estão diretamente relacionados à formação do jornalista que opera na condição de interpretante do signo, ao representar um acontecimento, enquanto objeto semiótico, no signo/notícia que produz. E a ordem de incidência na semiose também parece ser aqui crescente, o que levaria a um esquema que tem, da categoria menos potencial a mais potencial, a seguinte disposição:

legi-signos no nível do ambiente semiótico; os legi-signos que compõem o Jornalismo como sistema de produção de sentido; os jornais enquanto empresas de comunicação; os legi-signos que formam o jornalista enquanto sujeito que opera na semiose da notícia como interpretante.

Não é uma proposta de hierarquia estanque. Há de se considerar, evidentemente, que em determinadas situações essa ordem se altera. O que se intenta chegar é a um parâmetro de análise, baseado, inclusive, na pretensão de que seja capaz de identificar alternativas para representações dos movimentos sociais a partir de signos/notícia que se constroem por semioses para além daquela que se define como padrão; produzir inferências que ajudem a elucidar, no próximo capítulo, quando se trará ao debate algumas das matérias publicadas no período da pesquisa de campo, no CP e em ZH, fruto dos processos observados, como se materializam as categorias de legi-signos identificados.

É uma inflexão acerca dos pressupostos que motivaram a pesquisa. Um movimento dialético, de tensionamento do que se poderia estabelecer como explicação lógica para o problema. Só mesmo partindo do singular ao abstrato seria possível concluir a hierarquia na ação das categorias de legi-signos ora proposta na semiose da notícia. Um exercício que partisse da abstração, apenas, levaria a uma conclusão oposta, estabelecendo como mais potencial a ação do neoliberalismo como ambiente semiótico, seguida pelas convenções que constituem o Jornalismo como sistema de produção de sentido, os jornais como empresas que tem suas diretrizes e a operação do jornalista na condição de interpretante como menos importante, o que inviabilizaria a possibilidade de haver representações dos movimentos sociais diferentes daquelas alinhadas ao neoliberalismo como ideário dominante, dado o grau de determinismo dessa compreensão.

O esforço que segue é no sentido de apontar, a partir de algumas das situações observadas ao longo de 14 dias de pesquisa de campo, sete em cada redação, que legi-signos são esses; que categorias são essas. E, para tanto, a avaliação é de que o melhor método é apontar em que situações se constituem estes legi-signos, separá-los por categoria, destacando as situações mais representativas.

A ideia é que se possa, também, identificar recorrências entre o que se observara no *Correio do Povo* e em *Zero Hora*, de modo a dar consistência às categorias. Isso não quer dizer, por outro lado, que em alguns casos não aja mais de uma categoria, ao mesmo tempo, durante a semiose da notícia. É uma ressalva importante até mesmo quando se pensa a semiose como processo, formado por etapas cujas marcas de início, meio e fim não são tão perceptíveis assim.

### *8.1 DO NEOLIBERALISMO COMO AMBIENTE SEMIÓTICO*

Não é porque os legi-signos identificados à categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico estão, aqui, sendo avaliados como os de menos potencial de incidência na semiose da notícia que se dedicaria menos atenção a eles. Sendo os jornais empresas de comunicação que se circunscrevem no sistema capitalista como protagonistas, a ação dessa categoria é inevitável. E veja que, tanto no CP quanto em ZH, no período da observação, houve acontecimentos com características que apontam claramente para essa constatação.

No CP, logo na primeira reunião de capa que compôs a pesquisa de campo, na segunda-feira, 19 de setembro, já foi possível aferir essa tendência a partir de um indício muito revelador. A orientação do diretor de redação de que fosse pormenorizada a importância das ações mais radicais de trabalhadores da Brigada Militar (BM) que reivindicam reajustes salariais, aquelas que tinham como estratégia a queima de pneus, por exemplo, denota a incidência de um legi-signo que conserva a ordem. A frase utilizada por ele ao orientar os editores não deixa dúvidas: “A decisão deles [BM] é relevante, mas vamos aliviar para não incentivar, né [os protestos]”, diz, se referindo, também, a decisão da associação que representa os policiais militares de não aceitar a proposta de reajuste do Governo do Estado.

Em que pese a suspeitas quanto à origem das manifestações radicais – se seriam mesmo fruto de setores da BM insatisfeitos com as condições de trabalho, setores mais conservadores que não concordavam com a orientação progressista de alguns quadros do Governo do Estado, ou opositores ao governo, apenas –, a própria característica dos acontecimentos pressuporia o enquadramento como acontecimento jornalístico: uma ação radical de um movimento diante das negociações entre BM e Piratini como campo problemático que ficaria relegado ao segundo plano. Isso se o procedimento do CP atendessem às convenções jornalísticas, tão somente. O que se observa, todavia, é a incidência, acima de qualquer outro, de um legi-signo cuja constituição é de natureza do ambiente semiótico: o “consenso neoliberal” que preza pela ordem social e evita manifestações que possam causar algum tipo de tensão. No decorrer da semana, sempre que houvesse ações desse tipo, atribuídas aos trabalhadores da BM, a incidência deste legi-signo se materializou mesmo que ele não fosse mais evocado explicitamente pelo diretor de redação.

Da cobertura da greve dos trabalhadores dos Correios pelo CP também foi possível colher mais de um subsídio à identificação de legi-signos calcados no “consenso neoliberal”. Na sexta-feira, dia 23 de setembro, grevistas fazem a segunda passeata em Porto Alegre na

mesma semana. Enquanto ferramenta de acesso ao espaço público, o acontecimento já não tinha mais efeito, na medida em que pairava na redação uma avaliação de que a greve já tivera muito espaço no jornal nos últimos dias. Não é uma avaliação explícita, que tenha sido revelada por algum profissional, mas o que se pôde supor, neste dia, do procedimento adotado pelo chefe de reportagem para cobrir o acontecimento: deixara para passar a pauta ao repórter que chega à redação às 17 horas, sendo que a passeata – na condição de acontecimento previsto, que já era de conhecimento da redação – estava marcada para o início da tarde, o que resultava na apuração feita apenas por telefone.

Avançando às situações em que há legi-signos com origem no ambiente semiótico com características mais específicas, chega-se à construção do signo/notícia, em ZH, que representava argumentos favoráveis e contrários à meia-entrada para estudantes como política pública. Quando é demandado, o repórter que executará a pauta, espontaneamente, comenta com o coordenador de produção da editoria de Geral: “É, porque alguém vai pagar a conta”. Uma frase que denota a ação de um legi-signo que representa um objeto caro ao sistema capitalista: o lucro. Na opinião do repórter, o benefício da meia-entrada teria de ser custeado por alguém – nesse caso, os demais espectadores dos espetáculos nos quais a medida fosse aplicada ou mesmo o poder público. Uma opinião que não abarca a possibilidade de um suposto prejuízo a algum desses setores ante a política pública de garantia de acesso à cultura. A preservação da ordem do mercado parece estar explícita na semiose da notícia.

Ainda em ZH, a cobertura do movimento *Occupy Wall Street* ao longo da semana em que ocorre a pesquisa de campo é absolutamente representativa no que diz respeito à ação dos legi-signos do neoliberalismo como ambiente semiótico. Primeiro, pela decisão, inquestionável, de que se tratava de uma pauta cuja característica era da editoria de Economia. Só aí já há a incidência direta da ordem do mercado como um valor a ser respeitado. É uma editoria em que, a rigor, são abordados temas relacionados a negócios, cotações de ações no mercado de especulação. Uma das bandeiras do *Occupy Wall Street* era justamente o questionamento ao sistema financeiro internacional, às desigualdades que ele gera. Abordar essa como uma pauta de Economia e não de Mundo, por exemplo, visto que seus desdobramentos percorriam todos os continentes – os protestos de 15 de outubro, em Porto Alegre, inclusive, são prova disso –, é uma decisão orientada pela ordem do mercado como legi-signo: é preciso, a quem interessa saber, dar a dimensão do movimento e o quanto de risco ele pode representar aos seus investimentos. Na editoria de Mundo, o processo de semiose que se desencadearia, potencialmente, teria outros caminhos.

Voltando às negociações entre Brigada Militar e Governo do Estado como objeto, é representativa outra situação entre as que se observara durante o exercício etnográfico. A frase cunhada pelo editor de Geral do CP logo após saber que esposas de policiais militares compunham o protesto de uma das associações que pleiteava ser reconhecida pelos interlocutores do governo na mesa negociações: “Uma associação das esposas dos brigadianos? Mas que falta de laço”. Aí, está, explicitamente, agindo um legi-signo que representa o machismo como objeto. Machismo que permeia o neoliberalismo como um dos preconceitos mais presentes nos processos sociais. No Jornalismo não seria diferente. É o que defende Marcia Veiga da Silva (2010), após pesquisar as relações de gênero nos modos de produção da notícia, e concluir o masculino como o gênero do campo. Falando dos jornalistas, diz que:

Observando-os no cotidiano, num primeiro momento, as piadas entre eles, muitas vezes de cunho estereotipado ou de conotação sexual, chamaram atenção. Para minha surpresa de “estranha”, que nunca havia trabalhado numa redação de veículo, o “coração da empresa” era um lugar do “politicamente incorreto”. [...] Foi nos meandros destes relacionamentos que com o tempo pude entender que ali estavam em jogo convenções de gênero que foram se mostrando constituintes das relações de poder, das hierarquias e da distribuição de prestígio entre eles. Mais do que isso, acabavam incidindo nos modos de produção e nas notícias [...] (SILVA, 2010, p. 100).

A partir dessa experiência, se pode pensar, também, situações observadas na redação de ZH. A mais caricata delas, aliás, as piadas que sucederam o relato do repórter acerca da denúncia de uma estudante contra um agente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), em Porto Alegre. Todas elas tinham o que Silva chama de “cunho estereotipado” ou “conotação sexual”, apontando para a ideia que a culpa fora da estudante, que usava um decote muito aberto, ou ainda que o agente, na hipótese de tê-la mesmo assediado, ter feito seu papel de homem que, instintivamente, pensa em sexo quando se depara com uma mulher que desperta seu desejo.

Note que, na denúncia contra o agente da EPTC como objeto, essa relação de gênero se constitui para além das piadas. Em duas oportunidades formais durante o processo de construção da notícia foi possível vê-la em ação. Durante uma reunião de pauta, quando se discutia a suíte do caso, um dos jornalistas diz: “Pela foto da ‘tchanga’ não valeu o risco desse cara perder o emprego”; e, numa reunião de editores, a frase de outro profissional: “Me disseram ontem que ela era bonita, mas pela foto de hoje não é o que eu vi”. Ambos os comentários, como haveria de se supor, foram feitos por homens.

E se o machismo é um dos legi-signos que orientam a semiose da notícia, outro, não menos importante, ainda no que diz respeito às relações de gênero, é a homofobia. É o que se depreende do comentário de um repórter da editoria de Esportes, homem, depois de entrevistar um patinador que tivera seus patins roubados às vésperas de embarcar para os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México. “Ele vai colocar rodinhas no salto alto dele”, diz o jornalista, em alusão a uma alternativa para solucionar o problema dos patins roubados, na relação com a orientação sexual do patinador, que seria homossexual.

## 8.2 DO JORNALISMO COMO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

Neste ambiente semiótico, composto por legi-signos que determinam o que seja o consenso acerca da realidade social, em que “o que nos une, como uma sociedade e cultura – o seu lado consensual – ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes [...]” (HALL et. all, 1993, p. 226), é que o Jornalismo aparecerá como sistema de produção de sentido. Ou, em outras palavras, enquanto gênero discursivo, como vem sendo entendido ao longo do texto. Também se constitui por legi-signos que orientam o fazer jornalístico. É uma conclusão para a qual aponta Barbie Zelizer (2000) ao definir o conceito de *comunidade interpretativa* a partir da qual os jornalistas compartilham uma forma de ver o mundo, que servirá, também, para a legitimação dos valores-notícia.

É com essa perspectiva teórica que destaque-se, a seguir, situações em que se pôde ver agir legi-signos fortemente marcados por características que os aproximam da *comunidade interpretativa*. Tanto no CP quanto em ZH foi possível observá-los. A começar pela forma de organização dos profissionais responsáveis por estabelecer a agenda do dia da editoria de Geral, em ambas as redações, essa tendência se confirma. No CP, o chefe de reportagem tem, ao seu lado, um aparelho de rádio ligado integralmente na rádio *Gaúcha*, e um aparelho de televisão sintonizado no canal de notícias *Globonews*. Em ZH, o coordenador de produção ouve, diariamente, os programas de notícia da *Gaúcha*, pela manhã, no início do expediente, além de haver, também, uma televisão à disposição da editoria para o acompanhamento dos noticiosos da *RBS TV* e da *TV Globo*. O próprio procedimento, pela repetição, acaba se tornando um primeiro legi-signo que comporá o ambiente de produção de sentido ao longo de todo o dia.

Exemplos que se prestam a materializar essa premissa não faltam. No CP, no primeiro dia de observação, na segunda-feira, 19 de setembro, o chefe de reportagem fez uso desse expediente para redimensionar a pauta que envolvia as negociações entre trabalhadores da

Brigada Militar e o Governo do Estado por reajuste salarial. Tinha ele, na agenda deixada pelo pauteiro, no dia anterior, a reunião entre as partes, marcada para as 14 horas. Ao ouvir, na *Gaúcha*, informação sobre reunião que ocorreria pela manhã, passou a rever a organização do dia. E mais: a primeira medida adotada foi justamente ligar para um colega da TV Record que poderia ajudá-lo a interpretar, por assim dizer, aproximando-se da reflexão de Zelizer (2000). Ao descobrir que haveria evento sobre o tema às 10 horas, pediu que um de seus repórteres apurasse. E seria assim, também, na sexta-feira, dia 23, quando não havia na agenda do chefe de reportagem do CP o ato no Largo Glênio Peres, em Porto Alegre, em defesa do Estado Palestino – acontecimento previsto, relacionado, inclusive, a reuniões da ONU que debatiam o tema naqueles dias –, e ao ouvir informações na *Gaúcha* ele pede que um repórter que está cobrindo outro acontecimento, na mesma região, apure as informações.

Foi do acompanhamento das equipes, durante a apuração das informações, que saíram os principais indícios que contribuem a ideia de que a *comunidade interpretativa* se estabelece, sim, como um dos legi-signos que atuam sobre o Jornalismo como sistema de produção de sentido. Dedicar-se, aqui, atenção a uma situação observada no *Correio do Povo* e a outra em *Zero Hora*.

No CP, trata-se dos procedimentos adotados na apuração pelo repórter que cobria manifestação do Sindicato dos Servidores do Detran-RS (Sindet), que reivindicavam reajuste salarial e melhores condições de trabalho, na quinta-feira, dia 22, em frente ao Palácio Piratini. Ao chegar no local, ele identifica que fontes deveria ouvir para contextualizar os acontecimentos a partir da entrevista que um dos líderes do Sindet concede a uma emissora de rádio da Capital. Seria, em seguida, o mesmo a servir como fonte ao signo/notícia que representaria a manifestação como objeto na edição do dia seguinte.

Situação parecida ocorrera em ZH quando da cobertura dos protestos ligados ao movimento *Occupy Wall Street*, em Porto Alegre, no sábado, 15 de outubro. Nesse caso, contudo, mais de um elemento remete ao conceito de *comunidade interpretativa*. Primeiro, o repórter que sai da redação destacando a página da edição de ZH daquele dia que anunciava o acontecimento. É a partir dele que se cerca de informações de contexto. Ao chegar no Parque da Redenção, onde ocorriam as manifestações, as primeiras fontes que contribuem à sua representação do acontecimento são as que o repórter da rádio *Gaúcha* está ouvindo. E, por fim, antes que deixasse o local, o repórter busca mais informações de contexto sobre o acontecimento com um colega de outro jornal da Capital, revelando, explicitamente, um apoio à sua interpretação propriamente dita, inclusive.

Mas o que poderia haver de errado à ação da *comunidade interpretativa* como legi-signo? A resposta se sustentaria só com um argumento: uma única visão de mundo que se perpetua como base à semiose da notícia. Notícia que representará um acontecimento, o campo problemático que ele revela, mais ou menos, como objeto semiótico. E a resposta fica mais densa quando se inclui a crítica que faz Ignacio Ramonet em *Tiranía da Comunicação* (2001). O que pudera se observar em relação à utilização de critérios de definição de valor-notícia em consonância a outros veículos de comunicação, o autor chamaria de *mimetismo*, que defende ser:

[...] aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuam uma grande importância. Essa imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura, consagrando-lhe mais tempo, mais recursos, mais jornalistas. Assim os diferentes meios de comunicação se auto-estimulam, superexcitam uns aos outros, multiplicam cada vez mais as ofertas e se deixam arrastar para a superinformação numa espécie de espiral vertiginosa, inebriante, até a náusea (RAMONET, 2001, p. 20-21).

É exatamente o que fica da situação observada no CP, ainda na quinta, 22 de setembro, quando da cobertura da passeata pela paz no trânsito em Viamão, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Uma pauta com característica de acontecimento previsto, mas que não estava na agenda do dia do chefe de reportagem da manhã. Não fora destacada pelo pauteiro, senão por desatenção, por uma avaliação de que não haveria nela critérios de noticiabilidade que lhe conferissem acesso ao estatuto de acontecimento jornalístico. Ao ouvir informação a respeito na rádio *Gaúcha*, porém, a dimensão que a emissora do Grupo RBS, concorrente ao Grupo Record, que controla o CP, dava ao acontecimento, o chefe de reportagem, perplexo por sua ausência na agenda, imediatamente manda um de seus repórteres, acompanhado de um fotógrafo, para a cobertura na cidade de Viamão. O signo/notícia produzido acaba ocupando meia página na edição do dia seguinte, com destaque de capa<sup>149</sup>.

Os legi-signos atribuídos à categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido representam, a rigor, as convenções estabelecidas no campo profissional. Entretanto,

---

<sup>149</sup> Ver ANEXO 19.

como naturalmente é o processo de semiose, são atravessados por signos de outras matrizes, sobretudo àquelas que circulam no ambiente semiótico, não é demasiado reforçar. Na tendência a privilegiar fontes oficiais observada no CP e em ZH essa constatação confirma-se. É o que acontece na reunião de pauta de ZH na terça-feira, 11 de outubro, quando se discutia a cobertura sobre a repercussão da greve dos trabalhadores dos Correios. Inicialmente, a proposta indicava que o objeto a ser representado era a lotação dos depósitos da empresa pública em Porto Alegre em função do atraso na entrega das correspondências. O editor-chefe chegara a avaliar como indispensável uma foto, enquanto signo, que representasse esse objeto. Isso na reunião de pauta da manhã. No final do expediente, surge a informação de que o Tribunal Superior do Trabalho (TST) determinara a volta ao trabalho nas negociações do dissídio da categoria. Os trabalhadores, representados pelo sindicato, não foram ouvidos – a propósito, essa sequer era uma hipótese aventada pela manhã. Como se não bastasse o silêncio imposto a uma das partes envolvidas, nem o objeto proposto como aquele que deveria ser representado pelo editor-chefe se sustentou diante de uma decisão oficial, do TST, que naquele momento ainda não tinha vigência. Uma mudança substancial na semiose da notícia que se desencadeava com a greve dos Correios como objeto semiótico.

Do ponto de vista do fazer jornalístico mesmo, de um procedimento que se torna padrão e, assim, legi-signo, a utilização de agências de notícias como fontes também é uma situação observada recorrentemente nas duas redações durante a pesquisa de campo. Foi assim quando o editor de Economia do CP, no início da cobertura sobre as negociações por reajustes entre bancários e banqueiros, na quarta-feira, 21 de setembro, editara uma nota com informações de agências, retratando a proposta oferecida à categoria pela Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), e anunciado que na quinta-feira o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre realizaria assembleia para avaliá-la. Ao fazê-lo dessa forma, exclui a possibilidade de intervenção de um repórter, na condição de interpretante que teria acesso direto ao objeto. No caso ora em análise, sequer um dirigente do sindicato da Capital compõe o signo/notícia que representa a assembleia da categoria. Na hierarquia de fontes oficiais ouvidas pela agência e mantida pelo editor de Economia do CP estão a Fenaban, com a representação do índice que propõem os bancos, e a Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), que orienta bancários de todo o país a rejeitar a proposta. E apenas as duas<sup>150</sup>.

---

<sup>150</sup> Hebe Gonçalves de Oliveira (2010) conclui, ao investigar processos produtivos de agências de notícias brasileiras, que há uma vinculação muito dinâmica entre o que elas produzem e a cobertura de Economia dos jornais, em especial no ponto de vista sobre o qual se olha o objeto. Vinculação expressa pela relação comercial entre agentes do capitalismo, na compra e venda de informação, e que se manifesta também em outras editoriais, mas que, pelas peculiaridades da Economia parecem ficar mais latentes.

Em ZH não é muito diferente. Na segunda-feira, 10 de outubro, há um exemplo ainda mais representativo do procedimento padrão, como *legi-signo*, expresso na utilização de informações de agências de notícias. Quando discutem uma matéria que representaria o movimento *Occupy Wall Street* como objeto, uma tentativa de oferecer ao leitor signos que explicassem o que era exatamente esse movimento, editores de Economia e Mundo ouvem do editor-chefe a orientação de que devem ter cuidado para que o signo/notícia não pareça um “mosaico de agências”. Ou seja, prevê o editor-chefe a tendência à versão das agências como única durante o processo de edição da matéria. Uma previsão que parece estar calcada justamente na rotina que se constitui na redação quando é esse o procedimento adotado. É importante chamar a atenção, ainda, à consequência da orientação, na medida em que o que haverá, para respeitá-la, é um cuidado na edição, e não o acionamento de um repórter para apurar as informações acessando o objeto que será representado. A partir de um efeito de linguagem, apenas, o que pretende ZH é o que leitor tenha a impressão de que trata-se de um signo/notícia cuja construção passa pela própria ZH como interpretante; não uma segunda semiose a partir de um signo produzido por uma agência de notícias internacional que representa os protestos do *Occupy Wall Street* como objeto do material oferecido à ZH na relação comercial que se estabelece entre agência e jornal.

A superlotação das emergências dos hospitais públicos no Brasil é uma realidade que o estatuto do Jornalismo já absorveu como comum, habitual, inerente à história. Um tema, portanto, entendido como intrínseco ao sistema (BENETTI, 2010). Acontecimentos que envolvam, pura e simplesmente, a falta de vagas para um paciente que aguarda por internação não tem apelo para que se transformem em acontecimento jornalístico. Uma paciente que aguarda oito dias na emergência, sim. Foi o caso sobre o qual se pôde observar a apuração das informações pelo repórter de ZH que cobriu o acontecimento durante a pesquisa de campo, na sexta-feira, dia 14 de outubro.

Lembremos, pois, que o jornalista saíra para a cobertura, também, de entrevista coletiva da direção do Grupo Hospitalar Conceição. O objeto era a divulgação dos primeiros números de um programa de redução da superlotação das emergências. Diante dos dados que pôde apurar, ao cotejar o martírio da paciente, há oito dias à espera de internação, com os números positivos que o repórter trouxe à redação, na intervenção do editor o que prevaleceu foi o sofrimento da paciente. Ação, indiscutível, do sensacional, extraordinário, como *legi-signo* que orienta o processo de semiose nas redações – ou o valor-notícia, como o campo profissional define.

Há de se resgatar, também, a lembrança de que na semiose da notícia, antes da denúncia da espera por internação, o processo desencadeado a partir da entrevista coletiva do Grupo Hospitalar Conceição como objeto semiótico levava a um signo que pormenorizava sua importância, restringindo-a ao registro, apenas, dos números que seriam revelados. O objeto só é representado em um signo de maior relevância quando age sobre a semiose o legi-signo do extraordinário.

Há um procedimento semelhante no CP e em ZH, sobre o qual a opção é discorrer sem exemplos mais específicos de situações observadas, na medida em que avalia-se como desnecessário para o pleno entendimento dele como legi-signo, que incide na construção da notícia: o processo de edição do texto – intrínseco, como poucos, das convenções do Jornalismo como campo. Com algumas variações entre as duas redações, exaustivamente destacadas no texto até aqui, a lógica é a seguinte: tenhamos um acontecimento hipotético no horizonte, com início numa manhã qualquer e desdobramentos durante a tarde. Inevitável não citar, ainda que brevemente, as manifestações das associações representativas dos trabalhadores da Brigada Militar por reajustes salariais, que começavam pela manhã, com um protesto em frente à sede do Governo do Estado, e que à tarde resultavam em reuniões com representantes do governo, quando da observação no CP. Certo. Da pauta entregue ao repórter que cobrirá os protestos pela manhã, passando pelo repórter que fará as reuniões da tarde, à edição pelo editor da editoria responsável, veja que não há uma só semiose, o que é natural, na medida em que cada etapa do processo, como defende-se, é uma semiose diferente. Entretanto, não há, também, só um interpretante. Isso, sim, no signo/notícia que representará todos os acontecimentos como um só objeto semiótico, terá incidência determinante, como se verá mais a frente.

Não por acaso, preferiu-se tratar deste legi-signo no final da seção: as possibilidades de interação entre produção e recepção proporcionadas pelo Jornalismo Digital. E neste momento, sim, é preciso que se recorra a uma situação observada para que se materialize essa ideia. Trata-se da morte de uma estudante à espera de socorro pelo Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu).

Retomemos o caso. Na reunião de capa em ZH, na quinta-feira, dia 13 de outubro, as pautas do dia eram repassadas pelos editores, de modo a decidir o que teria destaque, quando o editor de Geral, que responde também pela editoria de Polícia, cita a cobertura deste acontecimento. O editor de ZH online intervém e acrescenta ao debate a informação de que é a matéria mais acessada do dia e que os comentários discutem o procedimento de filtragem de trotes do Samu. Isso porque nenhuma unidade do serviço foi mandada ao socorro da

estudante, que acabou morrendo, em função do pedido ter partido de uma amiga de outra cidade. A avaliação do atendente foi a de que seria trote. O diretor de redação diz que, diante disso, quer que o foco da matéria de ZH no dia seguinte seja a discussão sobre tal procedimento, não mais a morte como acontecimento, e sugere que destaque seja dado na capa. O editor executivo de Geral sai da reunião e demanda dois repórteres para atenderem à solicitação do diretor de redação a tempo, já que o horário está próximo ao convencionado para o fechamento da edição.

Esta, aí, caracterizado um novo *legi-signo* no processo de produção da notícia, que antes da *internet*, não incidia: a audiência que determinados objetos, como *signo/notícia*, terão antes mesmo que sejam representados, o que possibilita, inclusive, que até os *signos* utilizados para representá-lo, como foi o caso observado, atendam ao que espera a audiência. É, sem dúvida, uma mudança de paradigma importante sobre a qual prefere-se não avançar agora, visto que foge à proposta da pesquisa.

### 8.3 DOS JORNAIS COMO EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO

Se as duas categorias de *legi-signos* até agora caracterizadas tem mais de geral em relação ao Jornalismo como campo profissional – embora haja, sim, especificidades que saíram do exercício de observação –, na identificação daqueles que dizem respeito aos jornais como empresas de comunicação, que têm suas próprias dinâmicas, políticas estratégico-empresariais, suas próprias linhas editoriais, reside contribuição mais direta ao objeto ora pesquisado. Sempre é bom salientar que no discurso jornalístico a tensão entre texto e contexto, as condições organizacionais a que estão submetidos os jornalistas nas redações (BERGER, 1998), inevitavelmente aparecerão no *signo/notícia* que representa acontecimentos como objeto semiótico.

Na chegada às redações, como já fora descrito, os processos de *semiose* que se desencadeiam são distintos. No CP, nostalgia; Em ZH, deslumbramento. São *signos* fortes, que parecem permear todo o processo de produção da notícia como uma espécie de ponto de partida, inclusive. No primeiro, *legi-signos* que preservam uma definição de Jornalismo mais arcaica, tradicional; no segundo, representam a modernidade, processos avançados de gestão. É uma elaboração ainda pouco objetiva, o que se espera resolver logo à frente, quando se estiver lidando com os episódios observados. E, diferentemente das seções anteriores, a opção, agora, justamente com vistas a inteligibilidade, é por tratar as duas redações de forma distinta, na ordem que ocorrera o exercício de observação.

### 8.3.1 Correio do Povo, a empresa que produz sentido

A expectativa por ver as questões de cunho estrutural agindo na condição de legi-signo, no CP, é contemplada no terceiro dia de observação: quarta-feira, 21 de setembro. E logo a partir de um episódio expressivo. É a madrugada em que funcionários da Carris, representados pelo Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre, promovem manifestação em frente ao estacionamento dos ônibus da empresa pública de transporte coletivo, impedindo a saída dos veículos. A razão do protesto são denúncias de corrupção contra a direção, substituída pela prefeitura de Porto Alegre nos dias anteriores. Vale a pena, aqui, repetir a justificativa do chefe de reportagem do turno da manhã para a ausência da pauta na sua agenda do dia: “Não foi ninguém, nem vamos fazer nada sobre isso. Não tenho gente. Tomei essa decisão. Estamos segurando o jornal sozinhos. Tenho dois fotógrafos e três pautas 500”. Há, na resposta do chefe de reportagem, a ação de dois legi-siginos, ambos de incidência direta na semiose da notícia – nesse caso da ausência de um signo/notícia na edição do dia seguinte que representasse a manifestação dos trabalhadores da Carris como objeto: 1) a falta de pessoal na redação do CP para atender à agenda da cidade; 2) a pauta 500 como símbolo que determina interesse comercial do jornal e, portanto, tem prioridade.

Ao ler o jornal de quinta-feira, não é difícil imaginar a avaliação de um dirigente do Sindicato dos Rodoviários de que a estratégia do CP, enquanto protagonista do sistema capitalista como empresa de comunicação, é boicotar a ação dos trabalhadores. A explicação para a ausência de uma notícia que dê conta do protesto, percebe-se, não é tão simples assim. Ainda que a constituição da “pauta 500” como legi-signo seja carregada de signos da ordem do consenso neoliberal, que pressupõe os interesses comerciais da empresa acima do serviço que presta à sociedade, do interesse público, o que mesmo determina que o acontecimento não teria a cobertura do CP é a falta de estrutura na redação. Não havia repórteres nem fotógrafos. Simples assim.

E daí parte-se a outras três situações em que o legi-signo falta de estrutura atua potencialmente. A própria primazia de fontes oficiais é também uma contingência da rotina de produção do CP. Foi assim quando os repórteres que cobriram manifestações de uma das associações que representam os trabalhadores da Brigada Militar e do Sindicato dos Servidores do Detran-RS ficaram cerca de 15 minutos na apuração das informações porque tinham ainda outras pautas a executar. Isso na quarta-feira, dia 21 de setembro, e na quinta, 22. A outra situação também diz respeito às manifestações de trabalhadores, agora, dos

Correios, na quarta. O repórter responsável por cobrir o acontecimento “passeata do movimento grevista” tem outras pautas a executar e decide, por conta própria, que apurará por telefone as informações. Apenas o fotógrafo foi ao local da manifestação fazer o registro. Evidentemente, não há uma medida exata do prejuízo que esse legi-signo, na condição de determinante do processo de construção da notícia, causa à semiose. O que é possível aferir é que, sem dúvida, signos que poderiam compor o signo/notícia que representou os acontecimentos nas páginas do CP não aparecem porque os repórteres não tiveram tempo de interpretá-los ou, no limite, sequer tiveram acesso a eles ao apurar as informações apenas por telefone, não no local do acontecimento.

No CP, para além dos prejuízos à racionalidade do signo/notícia causados pela fragmentação de tarefas no processo de construção da notícia – intrínsecos ao Jornalismo como campo profissional –, já apontados anteriormente, há ainda outro, nesse mesmo espectro: a organização da chefia de reportagem do núcleo de produção que abarca as editorias de Geral, Economia e Polícia. É o que sai da observação do caso em que o chefe de reportagem do turno da manhã recebe a informação, na quarta-feira, dia 22, de que há uma suposta bomba instalada nas proximidades do Palácio Piratini, atribuída aos protestos de policiais militares por reajuste salarial. Ao telefone, com um colega da redação online do CP, quando discutem a importância do acontecimento, ele diz que só não tem sido maior na edição do impresso em função da qualidade das fotos, que chegam, quando vem do Interior, da assessoria da Polícia Rodoviária Federal. Dessa vez, entretanto, a manifestação é em Porto Alegre e um fotógrafo fora ao local. O que o chefe de reportagem da manhã não sabe é que há uma orientação do diretor de redação, explicitamente repassada aos editores na reunião de capa, que normalmente ocorre às 17 horas, na segunda-feira, 19, de que não se dê espaço às manifestações mais radicais para não incentivá-las. Naturalmente, já que deixa a redação por volta das 14 horas, o chefe de reportagem do turno da manhã não participa das discussões. O que também não há – e agrava o problema – é um procedimento de diálogo entre os profissionais que exercem a função entre a manhã e a tarde mais consolidado, de modo a trocarem informações como essa, determinantes do rumo que tomará a semiose da notícia.

Outro legi-signo que poderia, a partir de uma leitura menos atenta, parecer semelhante ao que se constitui em ZH em relação à definição de quais pautas vão para quais editorias, mas que tem sua característica própria no CP se manifesta quando da discussão acerca dos acontecimentos que envolviam o debate sobre o Estado Palestino na ONU e, conseqüentemente, atos solidários organizados por entidades representativas de palestinos no Rio Grande do Sul, na reunião de capa de sexta-feira, dia 23 de setembro. Um dos editores

aventa a possibilidade de que todos os signos/notícia que representassem os acontecimentos que tinham a Palestina como objeto ficassem na mesma editoria e, nesse caso, Internacional. Contudo, o projeto gráfico-editorial do CP, conforme o editor-chefe, não comportaria uma decisão dessa natureza. Ou seja, o debate na ONU deveria ficar na editoria de Internacional e, atos em Uruguaiana e em Porto Alegre – já como uma concessão, na medida em que Uruguaiana é retratada sempre na editoria de Cidades – deveriam ser representados na editoria de Geral. O legi-signo conservadorismo, aqui, é evidente.

Dos legi-signos da categoria dos jornais como empresas de comunicação não poderia faltar o mais expressivo de todos quando se considera a informação de que o CP é controlado pelo Grupo Record, presidido pelo bispo Edir Macedo, maior autoridade da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd). Na sexta-feira, dia 23, ao orientar o jornalista que fará a capa da edição de domingo, o profissional que neste dia é responsável pela execução da edição dominical diz que o diretor de redação pediu para ler as colunas que seriam publicadas. Retoma-se a explicação que faz o profissional quando percebe a atenção do pesquisador, em tom de brincadeira: “Pra ver se não tem nada contra a Igreja Universal. Alguma coisa de contrabando”. Trata-se de um constrangimento a que estão submetidos os jornalistas do CP que se constitui como legi-signo no processo de semiose que é disparado por determinados objetos na construção do signo/notícia: eventos relacionados à Igreja Católica, por exemplo, tem sua dimensão reduzida independentemente do valor-notícia que a ele seja atribuído de acordo com os critérios de noticiabilidade.

### **8.3.2 Zero Hora, a empresa que produz sentido**

Em ZH, dos primeiros movimentos durante a observação também foi possível levantar indícios reveladores de legi-signos na categoria do jornal como empresa de comunicação. O ambiente semiótico interno a partir do qual o coordenador de produção da editoria de Geral forma sua agenda de acontecimentos do dia é constituído apenas pela escuta de veículos do Grupo RBS ou da Rede Globo. Uma clara manifestação da política empresarial agindo como legi-signo que determina quais serão as fontes de acesso secundário à informação. E é assim durante todos os dias, o dia inteiro. Pelo menos fora na pesquisa de campo. O rádio é sintonizado na frequência da *Gaúcha* e a televisão é ligada, a rigor, apenas durante programas noticiosos como *Jornal do Almoço* e *RBS Notícias*, da RBS TV, ou nos da *TV Globo: Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*.

Na redação de ZH os legi-signos que representam os interesses comerciais da empresa não circulam explicitamente como a “pauta 500” do CP. O que não quer dizer que eles não ajam. Aliás, sua incidência, ainda que implícita, parece até mais determinante das semioses que se desencadeiam ao longo da construção do signo/notícia. Basta ver a importância conferida à liberação do espelho da edição, que, a propósito, é um signo concreto, a partir de um documento distribuído aos editores, sempre por volta das 17 horas, momento em que, não raras vezes, são revistos os espaços destinados a cada uma das editorias de modo a contemplar todos os anúncios vendidos. Evidentemente, o CP também adota esse procedimento como padrão, entretanto, a própria ausência de um relato aqui mais detalhado denota que a incidência parece ser menos direta – e não pretende-se fazer nenhuma avaliação sobre as razões dessa diferença entre as duas redações, já que qualquer hipótese não seria mais do que uma simples ilação.

Um exemplo da incidência do espelho como legi-signo que age na semiose da notícia é a matéria que representaria o anúncio do metrô de Porto Alegre como objeto, produzida na quinta-feira, dia 13. Lembremos que, no final da tarde, quando sai o espelho da edição do dia seguinte, o editor executivo de Geral chama a repórter e o editor envolvidos no processo, mais o coordenador de produção, para rever algumas diretrizes e chega a exclamar: “Mudou tudo”. Se referia ele a anúncio vendido em meio às páginas destinadas à matéria.

Ainda no âmbito do espelho como legi-signo, porém, não diretamente relacionado às questões comerciais, está o signo/notícia que representou a meia-entrada para estudantes como objeto em ZH. Quando sai o espelho no dia 11 de outubro, se resolve a dúvida em relação à chance de ser essa a matéria de destaque das páginas 04 e 05. Já está definido que para lá vai matéria que retratava as obras de reforma do estádio Beira-Rio. Só que a essas alturas o repórter que está executando a pauta da meia-entrada já tem um texto redigido considerando que o signo/notícia ocupará duas páginas; não uma, apenas, como está no espelho. Não é preciso repetir que esse legi-signo age, aí, consideravelmente na semiose da notícia. Tanto a ponto de gerar desconforto no repórter, no dia seguinte, quando ele contribui à pesquisa enviando cópia do texto que liberou à edição. “Eu tive que diminuir um monte. Era para ser duas páginas e virou uma com um anúncio de rodapé, ainda”, desabafa o repórter<sup>151</sup>.

Ainda que a definição dos critérios que determinam que uma pauta tem relação com esta ou aquela editoria já tenha sido objeto de atenção quando se discorria sobre os legi-signos da categoria do ambiente semiótico, é indispensável que retome-se esse debate para

---

<sup>151</sup> Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa de campo.

considerar, também, questões que dizem respeito à linha editorial adotada por ZH. Ao responder sobre o que definiria a editoria que cobriria acontecimentos que tivessem greves como objeto, o editor executivo de Geral diz que com ele ficariam os acontecimentos que afetassem a população. Leia-se: passeatas que interrompem o trânsito, serviços básicos suspensos e outros eventos dessa natureza. Do contrário, a disputa de classe que se materializa em negociações entre trabalhadores e direção das empresas por reajustes salariais cabe à editoria de Economia. Reside, aí, um legi-signo da categoria do ambiente semiótico que se naturaliza na redação de ZH a tal ponto que age, mais do que isso, na condição de legi-signo de convenção jornalística de empresa de comunicação, considerando-o na seara da linha editorial do veículo.

E é o mesmo legi-signo que age quando o coordenador de produção da editoria de Geral chama, imediatamente, o produtor de Economia ao receber a informação de que havia um protesto do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul na ponte do Guaíba, em Porto Alegre, que tranca o trânsito. Como não teria repórter de Geral para mandar, manda só um fotógrafo e transfere a demanda à editoria de Economia, que será responsável por apurar qual é o pleito. Não há, aí, nenhuma avaliação sobre o caminho da semiose que se desencadeará no leitor do signo/notícia sendo uma ou outra a editoria que se constitui como signo que o compõe, formalmente.

Por fim, uma série de legi-signos com características notadamente da rotina de produção de ZH que tem potencial de ação sobre a representação do movimento *Occupy Wall Street* como objeto. Em especial, dedica-se algumas palavras à cobertura dos protestos de 15 de outubro que emergem em vários países, chegando também à cidade de Porto Alegre. E algumas informações hão de ser resgatadas. Primeiro, na sexta-feira, 14, quando a pauta é elaborada, o produtor de Economia, editoria que publicara matérias sobre o tema ao longo da semana, pede a colaboração da editoria de Geral, na medida em que não terá repórteres de plantão no sábado. A função de plantão, por si só, se estabelece como um legi-signo que incide na produção do repórter. Logicamente, o jornalista que faz o plantão não tem aquela como uma tarefa de rotina, por ser um plantão, e, assim, já terá uma forma de ver as pautas que executará diferenciada.

No sábado, na apuração do repórter, pôde-se observar, novamente, e agora como legi-signo peculiar de ZH, a ação do Jornalismo Digital. O repórter que é enviado ao Parque da Redenção, onde ocorrem as manifestações do *Occupy Wall Street* na capital gaúcha, terá que apurar as informações no menor tempo possível porque uma de suas demandas é produzir matéria para a página eletrônica de ZH. Não há como negar o que isso representa na semiose

da notícia. Tendo menos tempo, é inevitável que o repórter ouça as fontes oficiais que darão conta de contextualizar o acontecimento (HENN, 1996).

#### 8.4 DOS JORNALISTAS COMO OPERADORES SÍGNICOS

E aparecem, enfim, os legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sígnicos. Antes que se discorra sobre eles, no entanto, é preciso que algumas definições conceituais sejam postas novamente à luz do debate. A começar pelo papel que executa o repórter na semiose da notícia. Na condição de interpretante do signo, será ele, no contato que tem com o objeto, ao apurar as informações sobre determinado acontecimento, o primeiro a gerar um signo que o representará: a matéria redigida. Entretanto, agem no processo, ainda, outros profissionais da redação que podem intervir no signo/notícia que será publicado – e o editor é o exemplo mais concreto. Nada de novo até aqui.

Quanto ao potencial que está conferindo-se a esta categoria no que diz respeito a incidência dos legi-signos que a compõem na construção da notícia, a explicação é objetiva: o jornalista é quem, com base nas três categorias anteriores, ora mais, ora menos, imbuído de princípios que resultam da equação que se constitui entre as três, será responsável por escolher quais signos que representarão o objeto semiótico. Portanto, os legi-signos que o formam como profissional, apto a exercer essa função, fundamentalmente, incidem na semiose, independentemente das demais categorias. É o que Peirce, citado por Aline Grego Lins (2003), chama de *experiência colateral* – ou *observação colateral*:

[...] como observação colateral não quero dizer intimidade (familiaridade) com o sistema de signos. O que assim é inferido não é colateral, pelo contrário, constitui o pré-requisito para conseguir qualquer ideia significada do signo. Por observação colateral quero referir-me à intimidade prévia com aquilo que o signo denota (PEIRCE, 1992 apud LINS, 2003).

O próprio Peirce, então, confere mais importância ao que chama de familiaridade prévia com aquilo que o signo denota, o objeto, do que à intimidade com o sistema de signos, o Jornalismo como sistema de produção de sentido, suas convenções como legi-signos. Não há como dissociar, assim, as convicções do jornalista, sejam lá da matriz que forem, da sua ação como operador sígnico. Seu repertório agirá, sim, como legi-signo no processo de representação dos objetos com os quais ele se depara.

Agora, veja como é paradoxal a proposta que põe essa categoria enquanto mais potencial na produção de sentido: ao mesmo tempo em que se admite a possibilidade de

semioses alternativas àquelas consideradas como padrão nas redações do CP e de ZH, pouco se pôde observá-las, efetivamente, durante a pesquisa de campo. Uma análise sobre as razões para essa constatação fica para adiante. O momento é de apontar situações do exercício de observação em que se materializa essa categoria de *legi-signos*.

Quando o repórter que está cobrindo as negociações entre a Brigada Militar e o Governo do Estado por reajuste salarial, no CP, na segunda-feira, dia 19 de outubro, decide não se deslocar até o Palácio Piratini, onde ocorreria reunião entre as partes, no horário previsto, está acionando o que tem como *common ground* (PEIRCE, 1977) – na tradução do conceito peirceano, “fundamento comum” – em relação a este tipo de cobertura: a rigor, as reuniões não começam no horário em que estão marcadas. Ele deixa a redação mais tarde e, ainda assim, volta sem as definições que aguardava, o que lhe dá legitimidade para seguir atuando como fizera.

Há, no CP, mais algumas situações que evidenciam a ação de *legi-signos* da categoria dos jornalistas como operadores *sígnicos* na semiose da notícia. A opção, aqui, é por tratar da mais expressiva primeiro. Na quinta-feira, dia 22 de setembro, o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre realizava assembleia da categoria para definir pela adesão ou não à iminente greve nacional por pressão aos bancos, que haviam apresentado proposta de reajuste considerada insuficiente pela Confederação dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT). Como relatado, quem cobre o acontecimento previsto é o repórter do plantão, na medida em que está marcado para as 19 horas. Ao apurar as informações, da redação, por telefone, descobre que a assembleia rejeitou a proposta dos bancos e aderiu ao movimento grevista. O espaço para a publicação do *signo/notícia* já está definido, alheio a qual fosse o objeto que representaria – e nesse caso foi a confirmação da greve que começaria na terça-feira da semana seguinte.

Eis que, ao explicar o procedimento, o editor de Geral cunha a frase que, admite-se, gera alguma surpresa. Revejamos: “O espaço já estava previsto, mas depende. Se eles fossem entrar em greve agora, que fosse causar algum transtorno para a população, poderia até dar capa. Mas anunciam que vão entrar dia tal...”. E, em seguida, completa: “Às vezes muda a data. É para usar a imprensa... O que é que é isso? É usar a imprensa como poder de barganha. A gente não pode... Como é que eu vou te dizer... Não é ser trouxa, mas a gente tem que ficar esperto nesses casos”. Com a atenção do editor-chefe, ironiza: “E também estão reclamando de aumento! Bancário ganha bem. Quem ganha pouco é jornalista”. Não age, nesse caso, em maior escala, outro *legi-signo* senão aqueles da ordem da experiência pessoal do jornalista,

uma opinião sua sobre o tema. E não haveria como ser diferente. Nunca é demais destacar que jornalistas são:

[...] pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos. As notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração (SCHUDSON, 1995 apud TRAQUINA, 2004, p. 170-171).

Os mesmos legi-signos são acionados pelo editor de Geral do CP quando, um dia antes, define qual será a disposição dos signos/notícia na editoria que é responsável. Perceba a hierarquia que impõe aos temas: negociações entre Brigada Militar e governo, Saúde, Acampamento Farroupilha, Dia Sem Carro, Correios e “outras coisinhas”, nas suas palavras. Já há, neste momento, uma avaliação de que a greve dos trabalhadores dos Correios é menos importante. Fica no final da lista.

A última situação a que se dedica atenção para esta categoria, no CP, é quando o editor de Política aciona o seu *common ground* para propor um signo/notícia que representasse a pressão que o governador Tarso Genro sofria, naquele momento, já no seu primeiro ano à frente do Estado, de diferentes categorias do funcionalismo público que reivindicavam aumento salarial durante a semana em que ocorrera a pesquisa de campo. Um objeto absolutamente abstrato, construído, inclusive, pela percepção do jornalista. Diferente, portanto, dos objetos que emergem de um acontecimento extraordinário que atualiza fatos virtuais (RODRIGUES, 1993).

Em ZH, há, igualmente, situações nas quais foram observados legi-signos muito característicos da categoria dos jornalistas como operadores sígnicos incidindo na semiose da notícia. Em uma delas apenas, se considera representada essa ideia. Mas note que a presença de convicções que decorrem de uma visão de mundo que firma o jornalista é nítida. E foi logo na primeira reunião de pauta que compôs o exercício de observação, na manhã de segunda-feira, dia 10 de outubro.

Quando o produtor de Economia citava as matérias em que sua editoria trabalhava, aparecem as greves dos trabalhadores dos Correios e dos bancários. O produtor de Cultura sugere, já a partir do que parece ser sua intimidade prévia com o tema, seu repertório, que ambos os objetos sejam representados no mesmo signo/notícia, em função dos transtornos que as duas greves, associadas, causariam à população. Sugestão que passa a ser alternativa para o destaque das páginas 04 e 05 do dia seguinte. É quando intervém o coordenador de produção

da editoria de Geral, esse, sim, revelando, explicitamente, seu *common ground*: “Na vida da classe média adulta, ou seja, o leitor da ZH, não faz tanta diferença. Paga as contas pela *internet*”, argumenta, defendendo que o objeto proposto não se sustentaria, representado no signo/notícia, como opção para as páginas 04 e 05. Não haveria, pressupõe ele, interesse a um leitor posto, neste momento, em perspectiva durante o próprio processo de produção da notícia, como elemento de avaliação acerca da dimensão conferida a um acontecimento – ou dois, nesse caso<sup>152</sup>.

---

<sup>152</sup> Sobre a incidência do público-alvo, que é, em última instância, o que se manifesta na fala do coordenador de produção da editoria de Geral de ZH ao evocar o leitor como argumento para a opinião que defende em relação à dimensão da pauta, na semiose e no processo criativo ver: SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética e Semiótica: Uma Interface Possível**. São Paulo, FAPESP/ILUMI/URAS, 2000 e **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 3 ed. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2004.

## 9 SIGNOS/NOTÍCIA NO CORREIO DO POVO E EM ZERO HORA

Da lógica que se estabelece a partir das rotinas de produção observadas no *Correio do Povo* e em *Zero Hora*, na relação com o ambiente semiótico do qual faz parte o Jornalismo como sistema de produção de sentido, sai o que se poderia chamar de parâmetros para a análise da representação dos movimentos sociais como objeto de signos/notícia produzidos pelas redações, na condição de interpretantes na semiose. A partir de matérias fruto dos processos observados, a intenção, agora, é saber quanto dos campos problemáticos gênese dos movimentos sociais, enquanto acontecimento, é representado nesses signos/notícia

Em relação ao método, o exercício baseia-se na seleção de algumas das matérias publicadas nas edições dos dois jornais durante as semanas em que ocorrera a pesquisa de campo; aquelas avaliadas como mais representativas, que mais oferecem argumentos à discussão ora proposta. A reflexão se dará calcada na experiência que se pôde acumular da observação, a partir da apropriação das etapas da semiose da notícia, e dos materiais reunidos durante o processo, como pautas entregues aos repórteres e a versão inicial dos textos por eles redigidos na comparação com o que é publicado, e, sobretudo, nas inferências proporcionadas pelo cotejamento às teorias mobilizadas. Para tanto, o que se pretende é ver, no signo/notícia, quais são as marcas mais latentes dos legi-signos das quatro categorias identificadas como potenciais agentes da semiose.

O capítulo é dividido em três momentos. Nos dois primeiros, são analisados, em seções distintas, mas sob as mesmas diretrizes, os signos/notícia do CP e de ZH, apontando neles a ação dos legi-signos na relação com a representação do objeto. Separar a análise acerca das duas redações é uma estratégia que visa a dar fluidez ao texto. Em seguida, no terceiro momento, a tentativa é identificar signos/notícia, tanto do CP quanto de ZH, na mesma seção, nos quais, por força dos legi-signos que atuam na semiose da notícia, o que há é o silêncio imposto aos movimentos sociais como sujeitos que tem relação, de uma forma ou de outra, com o objeto representado.

### 9.1 CORREIO DO POVO

Conforme fora relatado quando da descrição da pesquisa de campo, no *Correio do Povo* foi possível ter acesso a mais indícios do processo de produção da notícia no que diz respeito à intervenção do repórter. Nesse contexto, é parte do material reunido durante a observação, além das pautas, impressas, entregues aos repórteres, no caso de acontecimentos

previstos, o texto original por eles produzido, enquanto signo, para representar o acontecimento como objeto. Trata-se de um documento de extrema importância quando se considera que sobre este texto agem ainda outros jornalistas que acabam também assumindo a condição de interpretantes na semiose que levará ao signo/notícia. As matérias analisadas foram executadas e publicadas pela editoria de Geral, exclusivamente.

O primeiro signo/notícia trazido à luz do debate fora produzido justamente na segunda-feira, dia 19 de setembro, quando começava a pesquisa de campo no CP: a representação das negociações entre a Brigada Militar e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul pelo reajuste salarial da categoria. Especificamente a um dos signos que compõe o signo/notícia é que se dedica mais atenção. Antes, porém, é preciso descrevê-lo como um todo. Na página 19 da edição de 20 setembro, o CP publica matéria cujo título é “BM aumenta pressão contra o governo” – que tivera sido destacada na capa da edição<sup>153</sup>. O texto representa as articulações da Associação Antônio Mendes Filho dos Servidores de Nível Médio (Abamf/BM) e da Associação dos Sargentos, Subtenentes e Tenentes da Brigada Militar (ASSTBM) durante as negociações. Neste momento, ambas rejeitam a proposta inicial de reajuste oferecida pelo governo. O signo/notícia que representa, portanto, a rejeição da proposta enquanto objeto, é o mesmo, embora dois repórteres tenham participado da semiose da notícia: um cobriu reunião da ASSTBM, pela manhã; outro, à tarde, encontro da Abamf/BM com representantes do governo, no Palácio Piratini.

Reside no signo produzido por um terceiro repórter, contudo, que acabaria disposto na página no que, internamente, a redação do CP chama de “golinha” (pequenos espaços permanentes na parte superior das páginas que se prestam à registros menores), contribuição mais relevante à reflexão. O objeto, ali, são as manifestações radicais que permearam o processo de negociações. Lembre-se que o repórter de polícia, ao fazer sua ronda, pela manhã, é quem descobre essas manifestações. Ele apura as informações, por telefone, e consegue uma foto da queima de pneus em uma rodovia no município de Rio Grande, no litoral sul, enviada pela Polícia Rodoviária Federal. É o mesmo repórter que vem cobrindo o tema desde o início das negociações entre BM e governo. Ao deixar a redação, no final da manhã, o texto que ele entrega ao chefe de reportagem é o que segue:

Novos protestos

Dois novos protestos em prol da melhoria salarial dos brigadianos foram realizados no Estado; Uma das manifestações ocorreu no município de Rio

---

<sup>153</sup> Ver ANEXO 20 e ANEXO 21.

Grande. Segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), vários pneus foram queimados no km 20,7 da BR 292, ao amanhecer de ontem. Bombeiros foram acionados para apagar o fogo, sendo depois liberada a rodovia. Além dos pneus queimados, o protesto contou com uma faixa, que tinha os seguintes dizeres: “Sr. Governador Tarso: salário digno, migalha não! Os protestos vão começar”.

Já na noite de domingo, um boneco vestido com a farda da Brigada Militar foi encontrado pendurado em um viaduto no km 83 da freeway, na entrada de Cachoeirinha. Uma faixa também foi encontrada no local e tinha a seguinte palavra de ordem: “BM, verticalidade já ou greve”.

No sábado, dois protestos por melhores salários para os policiais militares ocorreram em Gramado e Novo Hamburgo. Em um outdoor apareceu uma mensagem com os dizeres “O povo gaúcho tem a melhor Polícia Militar do Brasil, mas com o pior salário, na avenida Centenário. Já a outra manifestação foi em Novo Hamburgo, onde um boneco fardado, com um falso explosivo, foi deixado na avenida 1º de Março. O mesmo foi recolhido pelos policiais militares do 3º BPM. Mais de 70 manifestações deste tipo já foram registradas no RS<sup>154</sup>.

Alguns aspectos do texto chamam a atenção. Considerando ser a negociação por reajuste salarial um dos campos problemáticos que, pressupõem-se, os autores das ações visam a dar a ver, o que se depreende do signo produzido pelo repórter é a ação de legi-signos típicos da categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido; como gênero discursivo mesmo, que impõe como regra que um acontecimento só alcança estatuto de acontecimento jornalístico quando tem algo de desvio à regra (BENETTI, 2010). As negociações, àquela altura, já faziam parte da agenda de debates do Estado. São apenas citadas pelo repórter como causa; sobre elas nada se revela, nada é posto em circulação no espaço público. A notícia são as manifestações em si. Poderia se dizer que foi uma decisão deliberada do repórter, considerando que a matéria principal da página trata justamente das negociações como objeto principal. Entretanto, não há na produção do signo nenhum diálogo com o repórter que está, pela manhã, cobrindo as negociações e, mais ainda, a definição de que as negociações seriam objeto principal de uma matéria da mesma página só sairia à tarde. O repórter que trabalha pela manhã não poderia supor que seria assim.

Para a sequência da análise é preciso que remonte-se à reunião de capa de segunda-feira, 19, quando as negociações entre BM e governo são discutidas como pauta de destaque para a edição do dia seguinte. É quando o diretor de redação orienta os editores a diminuir a atenção às ações mais radicais de modo a não incentivá-las. A referência direta é a ação de

---

<sup>154</sup> Versão original da matéria produzida pelo repórter do CP e entregue à edição, impressa, que se constitui como documento de pesquisa a partir de cópia a que se teve acesso durante o exercício de observação, conforme acordado previamente com os chefes de reportagem. Ver ANEXO 22.

legi-signos como a preservação da ordem social estabelecida em detrimento de uma ferramenta de pressão durante as negociações que poderia causar tensão, da categoria do neoliberalismo, do consenso neoliberal, como ambiente semiótico. Categoria essa que acaba se sobrepondo inclusive à das convenções jornalísticas que incidiu na semiose processada pelo repórter ao calcar seu texto no que o acontecimento tinha de radical em detrimento das negociações da categoria: depois da intervenção da Central de Textos, acionada pelo editor de Geral, o signo publicado é este – acompanhado de uma foto em que bombeiros aparecem combatendo o fogo nos pneus sobre a rodovia, em Rio Grande:

#### Protestos continuam no RS

Dois novos protestos em prol da melhoria salarial dos brigadianos foram registrados. Pneus foram queimados na BR 392, em Rio Grande, ontem. Um boneco com farda foi pendurado num viaduto em Cachoeirinha no domingo. O chefe da Casa Civil, Carlos Pestana, diz que se trata de um vandalismo incompreensível (CORREIO DO POVO, 2011)<sup>155</sup>.

No signo/notícia publicado pelo CP, vale reiterar ainda a ação das categorias do Jornalismo como sistema de produção de sentido e do CP como empresa de comunicação que tem suas próprias lógicas. A primeira se manifesta na inclusão da opinião de um secretário de Estado, enquanto fonte oficial, que não compunha o signo inicial produzido pelo repórter; a segunda aparece no procedimento de edição, quando é a Central de Textos, alheia, a priori, ao contexto do acontecimento, a responsável por reduzir o texto de modo a caber no espaço identificado como “golinha”. Observe que isso impede a representação, no signo/notícia, de informações como outros dois protestos que ocorreram nos dias anteriores e o número total de manifestações dessa natureza, que poderiam incidir consideravelmente na semiose desencadeada na leitura da matéria.

Seguindo a cronologia da observação, a segunda matéria sobre a qual dedica-se atenção é produzida na redação do CP na terça-feira, dia 20 de setembro. Nesse caso, o que mais interessa é ver a semiose que dispara a pauta entregue ao repórter, mais do que o próprio signo/notícia que ele produz, embora, é claro, a análise de ambos contribuem à reflexão. Trata-se da cobertura do desfile em celebração à Revolução Farroupilha, que ocorre, tradicionalmente, todos os anos neste dia, no Rio Grande do Sul. Em especial, o que interessa é o que está se chamando de acontecimento paralelo às comemorações: um protesto do movimento “Agora Chega!”, promovido pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que defende o fim da corrupção na administração pública em todo o país.

---

<sup>155</sup> Ver ANEXO 21.

E por que este acontecimento? Na resposta evoca-se Maria da Gloria Gohn (2003) quando diferencia o tratamento jornalístico conferido a movimentos cuja matriz de formação é conservadora em detrimento daqueles avessos à ordem social estabelecida. A OAB, na condição de sujeito do acontecimento em análise, se aproxima da primeira definição. Ora, a intenção, nesse contexto, é poder comparar como o CP atuará.

Como acontecimento previsto, o protesto do movimento “Agora Chega” possibilitava que sua ocorrência estivesse na agenda do dia do CP. E assim foi. Ao chegar na redação, na manhã de terça, o chefe de reportagem tinha esta como uma das pautas sobre as quais deveria trabalhar: era a primeira listada pelo pauteiro ainda no dia anterior. E tão logo começa seu expediente, chama o repórter que fará a cobertura. Será o mesmo responsável por cobrir o desfile alusivo à Revolução Farroupilha. Perceba as possibilidades de semiose que dispara a pauta enquanto signo inicial do processo que termina no signo/notícia que representará os acontecimentos na condição de objeto:

#### 1. DESFILE E PASSEATA DE PROTESTO (20/09) – 8h30min

Hoje temos o desfile de 20 de Setembro a partir das 8h30min na avenida Beira-Rio com a revista de tropas pelo governador Tarso Genro.

**Atenção:** As entidades que apoiam o movimento Agora Chega, juntamente com os diversos movimentos sociais, e os “Caras Pintadas” – reunidos por meio das redes sociais – estarão, novamente, realizando uma passeata contra a corrupção e a favor da ética na administração pública, reeditando a manifestação do dia 07 de setembro. Os manifestantes vão se reunir, **a partir das 10h**, em frente ao Parque Gigante (Avenida Edvaldo Pereira Paiva, atrás do Estádio Beira-Rio). A marcha acontecerá logo após o Desfile Farroupilha, seguindo até a Usina do Gasômetro. Departamento de Comunicação Social da OAB/RS 51.32871821 / 51.81707599<sup>156</sup>.

Um primeiro detalhe que salta aos olhos é a dimensão conferida pelo pauteiro à passeata do movimento “Agora Chega”, enquanto acontecimento, na comparação com o desfile pela Revolução Farroupilha. Sem que se avalie os motivos que o levam a construí-la assim, na medida em que não há sequer subsídios para tanto, já que não se pôde observá-lo durante a elaboração, é inegável que ao repórter soe a passeata como acontecimento mais importante entre os dois para os quais fora demandado. Ainda que o desfile seja tradicional, ocorra todos os anos, e, assim, dispense maiores explicações, essa é uma tendência natural. Por outro lado, como signo/pauta o documento preserva signos que apontam para a ação de legi-signos da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico. Basta citar a utilização

<sup>156</sup> Pauta entregue ao repórter do CP que a executaria, impressa, que se constitui como documento de pesquisa a partir de cópia impressa a que se teve acesso durante o exercício de observação, conforme acordado previamente com os chefes de reportagem. Ver ANEXO 23.

de expressões como “contra a corrupção” e “ética na administração pública”. Por fim, há também, avalia-se, a incidência de legi-signos da categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido, que entre suas convenções, privilegia as fontes oficiais. Mesmo que a pauta mencione “diversos movimentos sociais”, a fonte indicada é o Departamento de Comunicação Social da OAB/RS.

O signo/notícia publicado pelo CP ocuparia a página 18 da edição de 21 de setembro, sob o título “Celebração foi debaixo de chuva”, se referindo ao desfile Farroupilha, e um entretítulo, de destaque, que cobria mais de um quarto de página, com uma foto, inclusive: “No final, um ato contra a corrupção”<sup>157</sup>. Apenas uma fonte é ouvida no trecho que trata da passeata: como haveria de se supor pela semiose provável que a pauta disparava no repórter, na condição de interpretante, um dirigente da OAB/RS. O signo/notícia como um todo, com destaque para o desfile, mereceu capa da edição<sup>158</sup>.

A reflexão com base nos signos/notícia publicados pelo CP se encerra com a representação da decisão do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre pela adesão à greve nacional durante as negociações pelo reajuste salarial da categoria. Retoma-se, então, o que fora observado na quinta-feira, 22 de setembro. É quando o repórter do plantão está escalado, desde o dia anterior, para o acompanhamento da assembleia que os bancários fariam a partir das 19 horas. Outra informação a ser lembrada para o entendimento do processo é o procedimento adotado pelo chefe de reportagem, que demandara também um fotógrafo à cobertura do evento, mesmo que o repórter fosse apurar a decisão da categoria por telefone.

A análise desta matéria poderia recorrer aos legi-signos de qualquer uma das quatro categorias caracterizadas no capítulo anterior; uma remete a outra em um processo contínuo – como, aliás, é a semiose. A tentativa, no entanto, é de apontar no texto publicado pelo CP aqueles de maior incidência. Lembremos que é durante esta semiose da notícia que age diretamente o editor de Geral ao explicar porque o espaço em que ficaria a decisão dos bancários já estava definido, justificando o procedimento em razão de não avaliar como uma decisão importante, na medida em que a greve, caso aprovada, começaria somente na semana seguinte, além de fazer comentários que revelavam sua opinião em relação ao movimento, com piadas diminuindo as reivindicações de reajuste da categoria, que, para ele “ganha bem”. O reflexo desses legi-signos, atribuídos à categoria dos jornalistas como operadores sígnicos, se refletem na matéria publicada na página 26 da edição do CP de 23 de setembro, sem foto:

---

<sup>157</sup> Ver ANEXO 24.

<sup>158</sup> Ver ANEXO 25.

### Bancários fazem greve na terça

Os bancários aprovaram ontem a realização de greve na próxima terça-feira, dia 27 de setembro. A decisão foi tomada na assembleia realizada na sede do Sindicato dos Bancários, onde também foi avaliada a proposta da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban). Na rodada de negociação ocorrida da última terça-feira, os bancos ofereceram reajuste de 7,8% nos salários. A categoria considerou insuficiente o índice, por não apresentar aumento real e por não contemplar as reivindicações. Mesmo com a greve já aprovada, os bancários têm na segunda-feira nova assembleia. Neste encontro, será analisado o resultado da negociação que deve ser realizada hoje entre os bancários e a Fenaban. Entre as reivindicações dos bancários estão índice de reajuste equivalente à inflação do período, mais 5% de aumento real e um plano de participação nos resultados de três salários mais R\$ 4,5 mil (CORREIO DO POVO, 2011)<sup>159</sup>.

A pauta de reivindicações dos bancários inclui uma série de outros itens: combate ao assédio moral, metas abusivas, sobrecarga de trabalho, licença maternidade de seis meses nos bancos privados... Nenhum deles, enquanto parte do campo problemático que a assembleia, como acontecimento, poderia revelar a partir do *poder hermenêutico* (QUÉRÉ, 2005) de que é dotada aparece no signo/notícia. Aliás, sequer um dirigente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre é citado como fonte. Isso em função de uma semiótica da notícia que começa orientada pelo *common ground* do editor de Geral, e que, depois, submete-se ao “consenso neoliberal” enquanto legi-signo, e às outras duas categorias: o Jornalismo como sistema de produção de sentido, que não confere estatuto de acontecimento jornalístico a assembleia dos bancários como fórum de debate dos problemas da categoria, apenas a decisão de aderir à greve tomada pelos trabalhadores; e o próprio CP como empresa de comunicação, que não tem a estrutura necessária para mandar um repórter ao local do acontecimento.

## 9.2 ZERO HORA

Em *Zero Hora*, por força das lógicas de produção relatadas no capítulo anterior, alguns procedimentos durante a pesquisa de campo tiveram de ser repensados, em relação aos adotados no *Correio do Povo*, o que acabou determinando que a análise dos signos/notícia, depois de publicados, assumisse ainda mais importância. Isso porque, não é demasiado lembrar, acontecimentos como os que envolviam as greves dos trabalhadores do Correios e dos bancários foram representados como objeto por outras editorias que não a de Geral, sobre a qual recaía o interesse da observação. Portanto, não foi possível que se acompanhasse todas

---

<sup>159</sup> Ver ANEXO 26.

as etapas do processo de produção, sobretudo aqueles que são intrínsecos da dinâmica de cada uma das editorias.

Feita a ressalva, o passo seguinte já é se debruçar sobre o primeiro signo/notícia que, entende-se, merece atenção: matéria publicada na página 16 da edição de ZH de 11 de outubro, representando as greves dos Correios e dos bancários como objeto – melhor dizendo, os supostos transtornos que os movimentos causariam à população<sup>160</sup>. O processo de produção observado, naturalmente, se remete ao dia anterior, a segunda-feira, 10, quando começa o exercício etnográfico em ZH.

É inevitável, aqui, que retome-se a forma como a pauta surge, na reunião da manhã. O produtor de Economia – editoria que executaria e publicaria a matéria em seu espaço na edição de terça – cita entre as pautas previstas para o dia as greves dos Correios e dos Bancários. Eis que o produtor de Cultura intervém e sugere que ambos os movimentos sejam representados no mesmo signo/notícia. E mais: o objeto semiótico que propõe são os transtornos que greves, ao mesmo tempo, de dois serviços tão essenciais causam à população. Aí, está, nitidamente, a ação de legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sígnicos. Há um acontecimento, ou dois, as greves. Entretanto, o objeto que o produtor de Cultura constrói parte de uma percepção sua acerca da repercussão dos movimentos. Ao sugerir a abordagem, não cita sequer reclamações que eventualmente pudesse ter ouvido por parte de usuários dos serviços.

O signo/notícia que é publicado na editoria de Economia, o que já denota uma opção de ZH em orientar à semiose por um signo que pressupõe a abordagem pelos aspectos do objeto na ordem dos negócios, leva o título “Serviços parados: Combinação de greves complica pagamentos”. A foto que compõe a representação é de uma agência bancária em que 22 pessoas, aparentemente, aguardam atendimento na fila. O texto retrata as dificuldades que as greves imporiam à população, com fontes que reclamam das formas como tem de fazer seus pagamentos, e informa, ainda, como o usuário deve fazer para não ficar exposto aos problemas, com um entretítulo, inclusive, intitulado “Como driblar a greve”. Não há como deixar de identificar a incidência, na semiose da notícia que resulta na matéria, de um legi-signo da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico: a preservação da ordem econômica ante a greve como ferramenta de luta dos trabalhadores. O que dispara a primeira semiose, lá na reunião de pauta da segunda-feira, não é nenhum acontecimento extraordinário – as duas greves já se estendiam por vários dias. Naturalmente, aí age também outra categoria

---

<sup>160</sup> Ver ANEXO 27.

de legi-signos, a do Jornalismo como sistema de produção de sentido, que perpetua convenções como a prestação de serviços, contra a qual não recaí qualquer tipo de crítica do ponto de vista do procedimento. O signo que se constitui em “Como driblar a greve”, entretanto, parece ser muito mais fruto do consenso neoliberal mesmo.

Da observação em ZH, na terça-feira, dia 11, sai uma das situações mais ricas à análise a que se propõe este capítulo: a produção do signo/notícia que representaria a meia-entrada para estudantes em eventos culturais como objeto, na edição do dia 12, na página 22, editoria de Geral<sup>161</sup>. Uma semiose disparada por artigos com opiniões favoráveis e contrárias à medida, publicados por ZH na edição da própria terça<sup>162</sup>, e que se caracterizaria pelo aprofundamento do debate. Entretanto, na semiose da notícia, como já se pôde relatar e espera-se que fique ainda mais claro agora, acabam agindo legi-signos da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico, mais do que quaisquer outros, que a orientam para signos que representam as opiniões contrárias com primazia sobre as favoráveis. E esse processo começa na pauta enviada pelo sistema eletrônico pelo coordenador de produção de Geral ao repórter:

MEIA ENTRADA - Vamos colocar a bola ao centro para avaliar prós e contras do projeto que prevê meia-entrada para jovens até 29 anos. Quem paga a conta das meia-entradas? Vai aumentar o preço do ingresso? Quais são os problemas? Explicar bem a polêmica. [nome do repórter]<sup>163</sup>.

Os signos que constituem o signo/pauta entregue ao repórter que assumiria a condição de interpretante na semiose da notícia são os mesmos, a rigor, utilizados pelo coordenador de produção ao orientá-lo, verbalmente, como fora relatado no capítulo anterior. Signo/pauta que já revela, sobretudo quando estimula a semiose a partir de questões como “Quem paga a conta das meia-entradas?”, “Vai aumentar o preço do ingresso?” e “Quais são os problemas?”, a incidência dos legi-signos do ambiente semiótico. Ao neoliberalismo é caro o lucro como valor que não pode ser ameaçado por nenhuma política pública.

O repórter passa a apurar as informações, ouvir as fontes, no processo de construção da notícia que prefere-se não retomar neste momento para evitar a redundância e, no final, entrega à edição o seguinte texto:

---

<sup>161</sup> Ver ANEXO 28.

<sup>162</sup> Ver ANEXO 13.

<sup>163</sup> Pauta enviada ao repórter que a executaria, por meio digital, que se constitui como documento para a pesquisa a partir de solicitação de cópia feita ao coordenador de produção da editoria de Geral de ZH.

<A13\_CORPO\_DE\_TEXTO>

Especialistas sugerem criação de órgão para regular meia entrada

[NOME DO REPÓRTER]

Aprovado na Câmara dos Deputados e enviado ao Senado, o Estatuto da Juventude, que estabelece a meia entrada para os estudantes com entre 15 e 29 anos em todo o país, também instaura a polêmica. Muita polêmica.

Analistas ouvidos ontem por Zero Hora, além de sugerirem que a idade-limite de 29 anos seja reduzida, defendem algum ente regulador para monitorar aumentos nos preços dos ingressos para eventos culturais.

O que se discute é: vale o custo-benefício? Se alguém deixa de pagar metade do ingresso, outro cobrirá a despesa \_ é a máxima segundo a qual "não existe almoço grátis". Os especialistas que se debruçam sobre o texto tendem a pedir aperfeiçoamentos.

Um deles é o professor Leandro Valiatti, da pós-graduação em Economia da Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

\_ Uma regulamentação seria interessante. Há duas forças que interagem nesse processo. O cinema, por exemplo: se você estabelece a meia entrada, as empresas vão compensar a diminuição da receita. As pessoas que não têm o benefício pagarão ingresso maior para custear o subsídio. O outro efeito é: tem de se ponderar em que medida vai se ter um aumento de demanda com o ingresso de mais pessoas pelo subsídio \_ explica.

Por que, então, seria recomendável uma regulamentação? Porque há um novo mercado que surgirá e que poderá ajudar a compensar a criação do subsídio.

\_ As empresas precisam ser fiscalizadas. Será que o aumento de demanda não compensa, já que hoje a demanda é pequena? Será que vai ser necessário aumentar preços? \_ questiona o professor.

O economista Darcy Francisco Carvalho dos Santos, especializado em finanças públicas, vai direto ao ponto: devem ser feitas alterações \_ entre elas, a redução da idade dos beneficiários, para 25 anos, no máximo.

\_ Sempre alguém vai pagar a conta \_ resume.

Santos explica que "preço e quantidade são funções inversas".

\_ Se os que pagarem menos forem os mais pobres, pode haver benefício. Mas a lei só contempla a idade.

Acostumado a estimar receitas e despesas públicas, Santos não se arrisca a prever custos de benefícios da meia entrada. Entre outras variáveis, questiona: se a juventude for mais a espetáculos, o que será entretenimento e o que será, mesmo, cultura?

[endereço de e-mail do repórter]

Prós

O projeto é um instrumento de incentivo da demanda pela cultura.

Para a economia, há um efeito multiplicador de renda e de empregos.

A meia entrada promoverá a formação de público interessado em cultura.

Contras

Há uma tendência de aumento nos preços ao consumidor.

As empresas passarão a ter um argumento para tornar a cultura mais cara.

É mais um instrumento pontual, que deixa de lado um programa amplo de formação do mercado cultural.

<A13\_CORPO\_DE\_TEXTO>

Argentina \_ Há subsídios quando o espetáculo é sustentado por recursos públicos

Estados Unidos \_ O país não tem a lógica do subsídio, seja como for, na área cultural

Europa \_ Há outros mecanismos de acesso à cultura, com a utilização de recursos públicos

<A13\_CORPO\_DE\_TEXTO>

Relatora do Estatuto da Juventude, a deputada federal Manuela D'Ávila (PC do B-RS) começou ontem, em Porto Alegre, a tratar, com produtores culturais, da sua regulamentação. E defendeu seu conteúdo.

\_ O jovem passará a ter educação integral (escola e cultura) \_ diz ela.

O presidente da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas (Feneec), Ricardo Difini Leite, estima um aumento nos valores \_ sem a meia entrada, segundo ele, o valor é 30% menor.

\_ Um desconto de 20% para pessoas com até 21 anos seria aceitável \_ sugere.

Outra polêmica é a Copa do Mundo de 2014. A Fifa não quer meia entrada nos jogos. O relator da Lei Geral da Copa, deputado Vicente Cândido (PT-SP), anunciou ontem que tentará um "acordão" com os Estados<sup>164</sup>.

O texto que seria publicado por ZH é exatamente o mesmo que o repórter encaminhara à edição. Não há sequer a inclusão de uma vírgula, o que aponta para uma autonomia do

---

<sup>164</sup> Versão original da matéria produzida pelo repórter de ZH e entregue à edição, por meio digital, que se constitui como documento de pesquisa a partir de cópia solicitada ao próprio repórter, conforme orientação do coordenador de produção da editoria de Geral.

repórter durante a semiose da notícia pouco comum, permitindo ainda, que se suponha que, na condição de operador sógnico que é, seu *common ground* também poderá ter incidido mais no processo. No signo/notícia na página, impressa, como é possível ver nos anexos deste trabalho, a única diferença em relação ao texto original do repórter é a inclusão de um título à matéria, “Ingresso com desconto: os prós e contras da meia-entrada”, e ainda entretítulos nos espaços em que o repórter deixara a orientação, que parece padrão, expressa pelo signo: “<A13\_CORPO\_DE\_TEXTO>”.

Com os elementos gráficos trabalhados por ZH é possível avançar na avaliação de que a condução da semiose proposta ao leitor é para um signo que forma opinião contrária à medida, ainda que se possa notar a incidência de legi-signos da categoria do Jornalismo como sistema de produção, como a convenção de dar voz a opiniões discordantes. Chama a atenção, por fim, o fato de que não é ouvida nenhuma fonte do movimento estudantil, que tem a meia-entrada como demanda histórica – o que entende-se ser, como se verá na seção seguinte, com mais detalhes – uma estratégia de produção de sentido, deliberada ou não, que tem base também no neoliberalismo como ambiente semiótico.

A análise do signo/notícia que representa o protesto do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul, produzido na sexta-feira, dia 14, se justificaria pelo simples fato de o sujeito do objeto ser um movimento social – nesse caso, o sindical. Há outro, porém, ainda mais representativo: o que acaba se sobrepondo como acontecimento representado na condição de objeto na matéria publicada por ZH na página 30 da edição de sábado, 15, na editoria de Economia, como foto principal de capa, inclusive, é o parto realizado por uma mãe em uma ambulância presa no trânsito por causa da manifestação, numa incidência nítida de legi-signos da categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido<sup>165</sup>.

A semiose da notícia, é importante lembrar, começa com a informação sobre o protesto que chega à redação através de uma ligação ao coordenador de produção de Geral, associada a informações que ouve na rádio *Gaúcha*. Imediatamente, ele demanda a pauta ao produtor de Economia. Até aí fora o que pôde ser relatado no capítulo anterior; não foi possível mais observar a execução da matéria: primeiro, por se tratar de uma editoria sobre a qual não se dedicava a mesma atenção da editoria de Geral, o que do ponto de vista físico, inclusive, não seria viável; mas principalmente porque à tarde o exercício de observação se ocuparia do acompanhamento de uma equipe de reportagem durante a apuração de informações no local dos acontecimentos. Ao incluir a edição de sábado no material que

---

<sup>165</sup> Ver ANEXO 29 e ANEXO 30.

resultara da pesquisa de campo, é inegável a surpresa gerada pela informação do parto junto ao signo/notícia que representava o protesto dos mineiros.

No que se refere ao signo/notícia publicado, a compreensão de que do campo problemático que o protesto dos mineiros poderia revelar, como acontecimento, no lugar de objeto, pouco é representado, parece já estar cristalizada. Sobretudo quando há um sujeito tão representativo da luta de classes quanto é um sindicato de trabalhadores, a incidência dos legis-signos da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico é eminente – nesse caso os mineiros reivindicavam a inclusão do carvão na matriz energética de um projeto do governo federal para o Estado para evitar o desemprego na categoria, aproveitando a presença da presidente Dilma Rousseff em Porto Alegre naquele dia. Com o acontecimento paralelo, entretanto, que soma-se ao protesto, age no mesmo nível a categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido: legis-signos que representam como objeto valores-notícia tais quais o inusitado, o extraordinário. Prova disso é a manchete de capa: “Nascida em meio a protesto”, se referindo ao bebê que veio ao mundo na ambulância presa na ponte do Guaíba; o título da matéria, “Parto na estrada: Menina nasce em meio a protesto”; e por fim, um entretítulo que trata da manifestação dos trabalhadores como objeto: “Sindicalista foi recebido por Dilma”, ocupando bem menos espaço.

Não por acaso, fica para o final da análise dos signos/notícia publicados por ZH no período em que ocorrera a pesquisa de campo, acontecimento que envolve o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Até aqui, desde o capítulo anterior, na descrição da observação das rotinas de produção, é a primeira vez que ele é citado, inclusive. E justamente porque a semiose da notícia não compôs a observação. Durante a sexta-feira, quando o signo/notícia foi pelo menos diagramado, não houve nenhuma menção a ele: nem na reunião de pauta acompanhada pela manhã, nem nas conversas informais na editoria de Geral, que responde também pela Polícia, onde seria publicado, na página 45 da edição de sábado, 15. Duas hipóteses são consideradas para tanto. A primeira diz respeito à dinâmica da observação na sexta: como houve, à tarde, o acompanhamento de uma equipe de reportagem em externa, não se pôde participar da reunião de editores, que ocorre, habitualmente, às 14h30min – e mais: neste dia não houve reunião de capa, no final do processo de edição. A segunda hipótese aponta para a possibilidade de ser essa uma matéria de gaveta<sup>166</sup>, reforçada, aliás, pelo fato de que o repórter que a assina como autor prestava serviços à rádio *Gaúcha* no

---

<sup>166</sup> Termo utilizado no Jornalismo para identificar matérias que não dependem de um acontecimento factual, na condição de gancho, para serem publicadas. Normalmente, são produzidas pelo repórter, às vezes até editadas, e guardadas à espera da publicação. Daí, inclusive, a utilização da palavra “gaveta”.

período da pesquisa de campo e fez poucos contatos com a redação por telefone, como se pôde observar.

O signo/notícia representa como objeto uma medida avaliada pelo Governo do Estado, que pretende assentar aproximadamente 20 famílias de sem-terra em parte de uma área no município de Charqueadas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, em que funciona uma Colônia Agrícola Penal. O texto publicado:

MISTÉRIO EM TRÊS PASSOS  
Colônia penal terá assentamento do MST

[nome do repórter]

Um convênio entre as Secretarias de Segurança Pública e Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo pretende transformar parte da Colônia Penal Agrícola, em Charqueadas, na Região Metropolitana, em assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

No local, já estão assentadas cerca de 20 famílias de sem-terra que deverão ser instaladas definitivamente na área.

Conforme o secretário do Desenvolvimento Rural, Ivar Pavan, o projeto em andamento pretende transformar 300 dos 520 hectares em acampamento.

– Tem uma área que, segundo o secretário da Segurança, não está sendo utilizada. Fizemos um acordo com o Movimento Sem Terra que eles ficariam acampados naquele espaço de terra, com o compromisso de transformar, não toda a área, mas parte dela, em assentamento da reforma agrária. Esse é o acordo que temos com o movimento e é isso que pretendemos implementar naquela área – explicou Pavan.

A decisão do governo foi criticada pela Justiça. Para o juiz da Vara de Execuções Criminais (VEC), Sidinei Brzuska, a área, que pertence ao estado, poderia abrigar novos presídios:

– Houve uma sugestão do Poder Judiciário de que nesse local fossem construídas três unidades prisionais. Temos um sério problema em Charqueadas na PEJ (*Penitenciária Estadual do Jacuí*), porque ela está rodeada por uma vila e não tem mais condições de funcionar no local onde se encontra. Eu acho bastante complicado, se é que o governo fez essa opção.

Destinada a presos que cumprem pena em regime semiaberto, a Colônia Penal Agrícola conta com 250 apenados. De acordo com o titular da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe), Gerson Treiesleben, a ideia inicial é de que a colônia penal agrícola continue no local.

[endereço de e-mail do repórter] (ZERO HORA, 2011)<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> Ver ANEXO 31.

Se impõe a necessidade, acima de tudo, de um esclarecimento acerca da cartola que identificaria o tema sobre o qual se referiria o texto, antes do título: “Mistério em Três Passos”. É mais um elemento que aponta para a hipótese de que o signo/notícia que tem o MST como objeto é mesmo uma matéria de gaveta. Durante as discussões na reunião de pauta, na manhã de sexta-feira, o responsável pela Central do Interior menciona entre as matérias que estavam sendo produzidas pelos repórteres correspondentes o caso de uma adolescente, de 14 anos, grávida, que, à época, estava desaparecida há três meses na cidade de Três Passos, no Interior do Rio Grande do Sul, sem que houvesse nenhuma pista do seu paradeiro. Decorre daí, supõe-se, a cartola “Mistério em Três Passos”: de última hora, no processo de edição, o signo/notícia que representava o caso da jovem desaparecida fora substituído por outro, o do assentamento do MST, e, por falha na diagramação, a cartola acabou se mantendo a mesma. Enquanto signo, evidentemente, uma falha que causa prejuízo, confusão, no processo de semiose que se desencadeia no leitor de ZH. Entretanto, não há, como facilmente um militante sem-terra suspeitaria, a ação deliberada de ZH de causar esse prejuízo à representação do movimento. Mais uma vez, inferência que só mesmo a observação empreendida poderia proporcionar à discussão.

Por outro lado, agem na semiose da notícia que representa a proposta de assentamento das famílias do MST categorias de legi-signos que apontam para uma opinião contrária à medida. Embora não se tenha observado o processo de produção, pelo que se pôde apreender das lógicas de ZH é uma dedução razoável. A começar pela editoria em que o signo/notícia é publicado, determinante do rumo da semiose. Não há no objeto representado nenhum crime que indicasse a publicação na editoria de Polícia em detrimento de Geral, por exemplo, Política, já que abarca uma proposta do Governo do Estado, ou até mesmo Rural, editoria que ZH mantém. O que há é uma opção explícita do jornal, enquanto empresa de comunicação, com sua linha editorial, de direcionar mesmo a semiose do leitor. Conclusão que se reforça com a tensão que há entre o Grupo RBS, como complexo empresarial, e o MST, expressa pela decisão formal do movimento, inclusive, de evitar depoimentos aos veículos do Grupo RBS, seja qual for o meio<sup>168</sup>.

---

<sup>168</sup> Miguel Stedile, da direção nacional do MST, em 2008, explica que: “Para o capitalismo, informação não é serviço social, mas mercadoria. Sendo assim, os meios de comunicação são também meios de produção. E, pior, nos últimos anos tem assumido o papel de representação ideológica do sistema, que até então cabia aos partidos. No Rio Grande do Sul, a situação se agrava quando além da concentração dos meios de comunicação, esta se dá profundamente entrelaçada com os interesses de classe da burguesia gaúcha e do capital financeiro internacional, especialmente através do grupo RBS. Daí, não apenas não nutrimos expectativas de que é possível fazer a disputa hegemônica por dentro da grande mídia, como nossa decisão de não falar com os veículos do grupo RBS” (STEDILE, 2008 apud OLIVEIRA, 2008, p. 48).

O próprio Jornalismo como sistema de produção de sentido, os legi-signos que orientam a semiose da notícia, indicariam que fosse ouvida uma fonte dos sem-terra, protagonista da proposta, o beneficiado. Entretanto, por força dos legi-signos das categorias do neoliberalismo como ambiente semiótico e, mais ainda, de ZH como empresa de comunicação, essa é uma convenção do campo profissional ignorada. O legi-signo do Jornalismo respeitado, esse sim, é a tendência a privilegiar as fontes oficiais.

Enfim, todos os legi-signos apontados no signo/notícia ora em análise levam à conclusão de que há, indiscutivelmente, o cerceamento do *poder hermenêutico* (QUÉRÉ, 2005) de que seria dotado o acontecimento “famílias potencialmente assentadas na Colônia Penal de Charqueadas”, capaz de revelar a reforma agrária como campo problemático, na condição de objeto representado. Como ensina Ronaldo Henn (2006), no entanto, as representações que fazem a mídia hegemônica raramente mesmo correspondem à organização semiótica de comunidades marginalizadas ou excluídas.

### 9.3 SILÊNCIO QUE PRODUZ SENTIDO

Ao final deste capítulo, se reserva algumas palavras à discussão sobre os signos/notícia em que se configura o silenciamento dos movimentos sociais, numa semiose que produz sentido justamente a partir do silêncio como signo. E a própria análise que encerrou a seção anterior se prestaria a argumento: ao deixar de ouvir o MST, *Zero Hora* aponta para um caminho provável da semiose no leitor, como pudera se concluir. O signo que representou, no CP, a decisão do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre de aderir à greve nacional da categoria, em que não há uma fonte da entidade ouvida, é outro exemplo.

O que a reflexão intenta agora, contudo, é discutir casos mais sutis, nos quais um leitor menos atento sequer perceberia a ausência desta ou daquela fonte. Da pesquisa de campo no CP, assim como em ZH, fora possível levantar subsídios para tanto. Destaca-se dois, representativos, na medida em que discorrer sobre todos eles seria um exercício por demais dispendioso. Dá-se à luz do debate um em cada jornal: no CP, signo/notícia que representa a redução do número de matrículas na rede pública de ensino; em ZH, a sanção da lei que estabelece que o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa poderá estender-se a até 90 dias, dependendo do tempo de vínculo do empregado com o empregador, quando anteriormente era de 30 dias.

Começemos, então, pelo CP, respeitando a ordem em que ocorrera a observação. Na edição de domingo, dia 25 de setembro, a editoria de Ensino publica, na página 8,

signo/notícia cujo título é “Rede pública reduz alunos”<sup>169</sup>. No texto, representa como objeto a redução no número de estudantes matriculados em escolas públicas no país, conforme dados revelados pelo Ministério da Educação (MEC), que se constitui, ainda que não haja um representante com voz ativa, como principal fonte de informações. Em seguida, no entretítulo “SEC reestrutura o Ensino Médio” – que se refere às ações da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul – o secretário José Clóvis Azevedo é citado como fonte – entretanto, não direta.

Não seria esse um tema sobre o qual a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), que tem seção no Rio Grande do Sul, poderia se manifestar? E mais: não seria o depoimento da entidade representativa dos estudantes, ao avaliar o que mesmo os afasta da escola, um signo que contribuiria à discussão sobre o campo problemático exposto? Sim. Mas a semiose da notícia, lembre-se, é orientada por legi-signos da categoria do Jornalismo como sistema de produção de sentido, com suas convenções na forma de valor-notícia ou mesmo do que seja o fazer jornalístico, que prefere, a rigor, fontes oficiais. E o exemplo de fonte silenciada evocado, aqui, sequer deixa de ter características dessa natureza, na medida em que está se falando de uma entidade representativa. Só que identifica-se, ainda, a incidência de outro legi-signo da mesma categoria: a utilização de informações de agências de notícias editadas apenas pelos editores, sem a intervenção de um repórter. Pois parece ter sido esse o caso. A editoria especial de Ensino no CP é submetida ao núcleo de produção de Geral. Portanto, é de lá que repórteres são demandados para pautas de Ensino. Durante toda a semana, a pauta que se concretizaria na matéria publicada na edição de domingo sequer foi citada, o que indica que, de fato, não houve a intervenção de nenhum repórter.

Em ZH, o signo/notícia sobre o qual recaí a análise é ainda mais representativo. Na edição de quarta-feira, 12 de outubro, a editoria de Economia representa, na página 14, com chamada de capa, a sanção pela presidente Dilma Rousseff da lei que muda as regras do aviso prévio: “Tempo de casa: Aviso prévio chega a até 90 dias”<sup>170</sup>. Trata, no texto, de prováveis dúvidas que empregadores e empregados poderiam ter sobre o tema, do que se depreende a incidência de legi-signos da categoria de ZH como empresa de comunicação, que tem suas lógicas próprias de produção de sentido. Ao longo do exercício etnográfico, pudera se identificar a característica de ZH de trabalhar pautas dessa natureza sob o aspecto do serviço que pode prestar à sociedade, o que se materializa no “Tire suas dúvidas”, que compõe o signo/notícia.

---

<sup>169</sup> Ver ANEXO 32.

<sup>170</sup> Ver ANEXO 33 e ANEXO 34.

Quando a análise parte ao trecho em que é representado o debate político acerca da nova lei como objeto, a relação, imediata, é com a categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico. Legi-signos que preservam o que, no ideário dominante, tem-se como valor máximo, o lucro, orientam a semiose da notícia. São ouvidas fontes da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado (Fecomércio-RS) e da Federação das Indústrias do Estado (Fiergs). Ambas destacam, em seus depoimentos, o aumento do custo que a medida pode gerar. A referência não é explícita ao lucro como valor a ser preservado, mas ao ameaçar um possível repasse desse custo adicional ao consumidor, é isto que estão defendendo. E não é só isso. Para ouvir uma fonte da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), há inclusive um entretítulo: “Custo da demissão impacta novas contratações”.

Na ausência de uma fonte que represente os trabalhadores – o exemplo mais formal que se poderia citar é a Central Única dos Trabalhadores (CUT) –, e na representação, ainda que sutil, de objetos como o aumento de preços ao consumidor e o desemprego, nas falas das entidades representativas dos empregadores como signo, ZH orienta a semiose do leitor a um signo que, naturalmente, manifestará uma opinião contrária à nova lei – ainda que se faça, aqui, a ressalva, servindo às demais passagens do texto em que se argumenta nessas bases, de que a semiose, como define Peirce (1977), é incontrolável e, portanto, dependendo do *common ground* do leitor que opera na condição de interpretante, o resultado pode ser signos das mais variadas matrizes.

## SEMIOSES POSSÍVEIS

O protocolo de uma pesquisa de mestrado prescreve que para o final da dissertação reservam-se as conclusões: o que saiu dos movimentos de debate, investigação, da tentativa de compreensão de um problema identificado no senso comum e trazido à luz da ciência. Certo. E o que foi, então, descoberto na imersão às redações dos jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*? Que do neoliberalismo, desse ambiente semiótico, é que saem os legi-signos que orientam a semiose da notícia, quem sabe? Não. Fosse isso, apenas, e Ignacio Ramonet (2003) já teria resolvido o problema, há quase uma década, pelo menos.

Esse sistema ideológico, esse aparato ideológico global, é o aparato midiático em seu conjunto. Quer dizer, o que a imprensa diz a televisão repete, e não apenas os noticiários, mas também nas ficções, na apresentação de um tipo de modelo de vida que se deve apresentar (RAMONET, 2003, p. 246).

Por que haveria de estar o Jornalismo alheio a esse sistema? Por que representaria os movimentos sociais, os campos problemáticos que eles dão a ver na forma do acontecimento, com fidelidade à sua organização semiótica? A ida ao campo foi capaz de mostrar que uma solução ao problema que se constitui na representação dos movimentos sociais no signo/notícia que estampa as páginas dos jornais está longe de ser solucionado. E nem o próprio Ignacio Ramonet (2003) entende que seja fácil. Militante da causa de outro fazer jornalístico possível, provocador, defende que:

A informação está contaminada essencialmente por uma série de mentiras que podem ser factualmente demonstradas. É preciso descontaminá-la dessas mentiras, é preciso descontaminá-la de uma certa ideologia. Todas as ideias podem ser defendidas; anunciadas, porém, como ideias e não como uma coisa natural (RAMONET, 2003, p. 252).

Aí, sim, está uma premissa a partir da qual se pode começar a avaliar os resultados da pesquisa que ora se conclui: apontar para caminhos que levariam às respostas a um problema que gera tensão; uma tensão que transcende a barreira das discussões científicas. Avança ao Jornalismo como campo profissional e, sobretudo, aos processos sociais que se estabelecem diante da contemporaneidade, marcada pelo pensamento único e pela tese de que o capitalismo é a forma de organização contra a qual não há antítese capaz de tensioná-la a ponto de produzir uma síntese que aponte para uma alternativa viável (GRAMSCI, 1995).

Definitivamente, a intenção não é estabelecer um tratado que vá mudar a forma como os jornalistas produzem sentido nas redações. Entretanto, do exercício etnográfico que se empreendeu, acima de tudo, foi possível identificar que os movimentos sociais, mal ou bem, acessam o estatuto de acontecimento jornalístico. Há uma semiose constante que produz sentido sobre organizações que não alinham-se à perspectiva do neoliberalismo e que precisam, para se manterem vivas na sociedade midiaticizada, acessar um espaço público que tem como arena de acesso o Jornalismo (HENN, 2010). E veja que, desde a proposta deste tema, da metodologia, das teorias que iluminariam a reflexão, esta era uma preocupação: haverá acontecimentos capazes de contribuir à compreensão do problema? Hoje, no final do esforço dialético de cotejar teoria e prática, a resposta é objetiva: sim, houve. A questão é saber se foram bem aproveitados.

Feita a argumentação acerca das bases de ordem mais subjetiva que caracterizam a proposta de novas abordagens acerca da representação dos movimentos sociais pelo Jornalismo, o passo seguinte é sintetizar o que se discutiu até aqui. A começar pelo ambiente semiótico, esse, identificado como neoliberalismo. É verdade que dele saem os legi-signos que orientam a semiose da notícia. Não são, contudo, definitivos. Há um espaço de semiose nas redações que, ora mais, ora menos, permite o desvio, entre a transgressão e a norma. É daí, inclusive, que decorre a ideia de que entre as categorias de legi-signos apontadas como presentes no processo de construção da notícia, o neoliberalismo como ambiente semiótico é o menos potencial, seguido pelo Jornalismo como sistema de produção de sentido, dos jornais como empresas de comunicação, e, a mais importante delas, dos jornalistas como operadores sígnicos. Ao final do trabalho, exemplos não faltam.

O caso da representação do objeto “pressão do funcionalismo contra o governo Tarso Genro no Rio Grande do Sul”, publicada pela editoria de Política do CP na edição de sexta-feira, 23 de setembro de 2011, durante a pesquisa de campo, cuja produção, logicamente transcorreu no dia anterior<sup>171</sup>. Não é uma pauta que surgira da percepção do editor de Política? Os legi-signos da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico não apontariam para a produção de um signo/notícia que estimulasse, ainda mais, o debate sobre os reajustes salariais de categorias do funcionalismo. Tampouco aqueles do Jornalismo como sistema de produção de sentido: embora, de fato, a semana fosse de efervescência no que tange a manifestações de entidades representativas de servidores, não havia, ainda, um clamor social que determinasse tanto valor-notícia na pauta. Não a ponto de torná-la indiscutível. E

---

<sup>171</sup> Ver ANEXO 35.

mesmo os legi-signos da categoria do CP como empresa de comunicação que, a rigor, no primeiro ano de um governo ainda tenta estabelecer relações diplomáticas com vistas a parcerias comerciais mesmo, não aconselhariam a publicação do referido signo/notícia.

Diante desse quadro, a avaliação é de que incidem, mais, os legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sógnicos e o objeto “pressões contra o governo” é representado no signo/notícia cujo título é “Piratini pressionado por reivindicações”, seguido da linha de apoio “Não há dia sem que servidores batam à porta de Tarso pedindo aumento”. Não se descarta, é claro, que na própria constituição desse objeto semiótico ajam, também, legi-signos das outras categorias. É inegável, porém, a ação do *common ground* do editor de Política, entende-se.

Entretanto, nem tudo são flores e a mesma possibilidade que serve a um signo/notícia no CP que, avalia-se, tenha algo de representação de um campo problemático dos movimentos sociais como objeto – a reivindicação de melhores salários e condições de trabalho –, serve também à representação de um objeto como a meia-entrada cultural para estudantes, cujo signo/notícia publicado em ZH na quarta-feira, 12 de outubro, e que fora discutido à exaustão ao longo do trabalho, é calcado em signos que orientam uma semiose que pouco representa este como um campo problemático que interessa ao movimento estudantil debater. O que há de comum em ambos é um objeto que não se constitui em simples acontecimento que irrompe na superfície lisa da história (RODRIGUES, 1993). O que lhes confere o estatuto de objeto capaz de acessar o jornalismo como sistema de produção de sentido é a ação dos jornalistas como operadores da semiose da notícia.

O que interessa, neste contexto, é chamar a atenção às semioses possíveis que permeiam a redação. Postula-se que seja fruto da síntese que vai se constituindo com o final da pesquisa: 1) há, sim, um ideário dominante a partir do qual o Jornalismo produz sentido: as análises que se desenrolaram ao longo do texto dão conta de apontar como esse processo é, no mais das vezes, naturalmente absorvido pelos jornalistas, submetidos às rotinas de produção das redações; 2) nesse cenário, há, também, atores cuja ação destoa da regra e que, de alguma forma, estabelecem estratégias capazes de não se submeter, pelo menos não absolutamente, ao que impõe o ideário dominante. E há, ainda, numa espécie de vácuo, os legi-signos da categoria dos jornais como empresas de comunicação que distinguem *Zero Hora* e *Correio do Povo* e que favorecem a avaliação de que no primeiro, a inferência identificada, acima, pelo número 1 é mais presente e no segundo a inferência mais presente é a de número 2.

Não são respostas ao problema de pesquisa e a pretensão jamais foi de encontrar respostas definitivas. A convicção firmada é a de que são pontos de partida, não de chegada,

para novas investigações que contribuam ao propósito de rever a forma como os movimentos sociais são representados, enquanto objeto semiótico, pelo signo/notícia que o Jornalismo produz diariamente.

### *ENTRE A NORMA E A TRANSGRESSÃO*

Se é verdade que os legi-signos do neoliberalismo como ambiente semiótico, ou ainda aqueles das categorias do Jornalismo como sistema de produção de sentido e dos jornais como empresas, permeiam a semiose da notícia, inevitavelmente, também é verdade que diante deles os jornalistas enquanto operadores sígnicos reagem de formas distintas. A semiose, nunca é demais chamar Peirce (1977) ao debate, é infinita, incontável.

Assim, a reflexão que se encerra não poderia deixar de apontar espaços de semioses alternativas, identificados na pesquisa de campo, nos quais pôde-se ver a ação de repórteres, editores, enfim, dos profissionais envolvidos na construção da notícia. Ações sutis, nada que se contraponha à ordem de maneira mais radical – como haveria de se supor, na medida em que são trabalhadores como outros quaisquer, submetidos, portanto, à lógica da luta de classes –, mas que fazem a diferença na produção do signo/notícia ao proporcionarem uma semiose que toma rumos diferentes em relação àqueles definidos como padrão. Circulam mesmo entre a transgressão e a norma. Estratégias de dar a ver mais dos objetos semióticos representados, uma tentativa de burlar as regras que determinam a semiose da notícia.

E engana-se quem pensa que é esse um projeto muito ousado. Não é o que denota a fala jornalista Eliane Brum (2011), ao lembrar sua experiência como repórter na redação de *Zero Hora*, na década de 1990:

Sempre que era uma matéria muito complicada a gente fazia isso: colocava algo bem sensacionalista no lide, que o cara dizia “Meu deus do céu” e tirava aquilo, mas o que tu querias dizer mesmo estava no parágrafo de baixo e ficava, porque ele já tinha tido o choque. Ele já tinha passado por aquela necessidade de cortar. Já tinha exercido a sua função (informação verbal)<sup>172</sup>.

Marcia Veiga da Silva (2010) bem define o masculino como gênero que orienta os modos de produção da notícia. E a observação na redação de *Zero Hora* corrobora com essa constatação. Seja quando das piadas machistas envolvendo a estudante que denunciara um

---

<sup>172</sup> Anotação do pesquisador durante entrevista pública concedida pela jornalista Eliane Brum à pesquisa "O controle discursivo que toma forma e circula nas práticas jornalísticas", desenvolvida pela professora Beatriz Marocco, no PPGCOM da Unisinos, em 08 de julho de 2011.

agente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), de Porto Alegre, por assédio sexual, seja na homofobia revelada pelo editor de Esportes ao comentar entrevista que fizera com um patinador gaúcho que seria homossexual. A opção, no entanto, é por debruçar-se em outro episódio, na expectativa de elucidar o que seja a intervenção da categoria de análise dos jornalistas como operadores sógnicos para uma semiose menos alinhada com esses valores.

Ainda no primeiro dia da observação em ZH, na segunda-feira, dia 10 de outubro, durante a reunião de pauta da manhã, produtores discutem a composição de um possível signo/notícia que representaria as alterações na organização do Ensino Fundamental, que entrariam em vigor em 2012. Lembremos que entre os procedimentos sugeridos estava o que ZH chama de “grifo”, um artigo de fundo que oferece uma interpretação para além daquela dada pela notícia ao leitor: um profissional da redação com experiência no tema é quem escreve. Nesse caso, a editora de Educação ficaria responsável pela demanda.

É aventada, então, a possibilidade de que o “grifo” seja publicado, como entretítulo da matéria, intitulado “Para as mães lerem”. Pouco pretensioso, o coordenador de produção da editoria de Esportes – cargo ocupado por uma mulher – intervém e sugere que seja, então, “Para os pais lerem”, contemplando pais e mães interessados no assunto. Note que, no signo que se constituiria em “Para as mães lerem” age como objeto de um legi-signo da categoria do neoliberalismo como sistema semiótico o machismo; a ideia de que as mulheres, mães, é que são responsáveis pela educação dos filhos.

Ao propor o signo “Para os pais lerem”, seguido da justificativa que defende, o que faz a profissional, ainda que possa não ter consciência plena disso, é agir na semiose da notícia com base em legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sógnicos. O signo/notícia acabara não sendo publicado nas edições que compuseram a pesquisa de campo, o que causa algum prejuízo à análise. Não impede, por outro lado, a convicção de que houve, sim, uma intervenção que poderia mudar os rumos da semiose da notícia caso fosse efetivamente concretizada.

Convicção que se reafirma quando é observada postura oposta, na própria redação de ZH, na sexta-feira, dia 14, durante a semiose da notícia que redundou no signo que representaria como objeto o martírio da paciente que esperou oito dias por internação na emergência do Hospital Conceição, na Capital, em detrimento dos números do programa de redução da superlotação desenvolvido pelo Grupo Hospitalar e divulgados no mesmo dia, que também compunham o signo. Como foram estes acontecimentos sobre os quais a observação se deu também durante a apuração das informações, no acompanhamento da equipe de reportagem, foi possível perceber que, do que tivera acesso direto ao objeto, na condição de

interpretante, o repórter avaliava que o programa aplicado pela direção do grupo de fato tinha chegado a resultados satisfatórios, o que, mesmo do ponto de vista do Jornalismo como sistema de produção de sentido, se sustentaria enquanto objeto do signo/notícia que seria publicado no dia seguinte, na medida em que a regra é os hospitais superlotados sem perspectiva de melhora. Se agisse com base nos legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sígnicos, seria essa a opção do repórter.

Só que diante de um espaço de semiose que poderia ou não ser ocupado, ele admite, em depoimento espontâneo ao pesquisador, que terá de mediar os objetos, de modo, inclusive, a dar mais destaque ao caso da paciente na fila de espera pelo que tem de extraordinário, sensacional, de desvio à norma: valores-notícia representados por legi-signos do Jornalismo. O signo/notícia publicado na editoria de Geral de ZH, página 38 da edição de sábado, dia 15, tem o seguinte título: “Calvário na saúde: Oito dias de uma espera torturante”<sup>173</sup>. Uma página da qual apenas um terço é dedicado a representar o programa de redução da superlotação como objeto.

O episódio derradeiro é expressivo de como um mesmo objeto, em um mesmo ambiente semiótico, submetido às lógicas do mesmo sistema de produção de sentido e a jornais, enquanto empresas de comunicação, com características distintas, mas matrizes econômicas e ideológicas semelhantes, pode ser representado a partir de semioses diferentes por força da incidência dos legi-signos da categoria dos jornalistas como operadores sígnicos – o que significa dizer, conseqüentemente, que também o signo/notícia produzido será diferente. O objeto é a nova lei que regula o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa, que prevê até 90 dias.

Em ZH, pois, o acontecimento representado pelo signo-notícia enquanto objeto é a sanção da lei pela presidente Dilma Rousseff, publicado na edição de quarta-feira, 12 de outubro, e analisado no capítulo anterior, aliás, na perspectiva do silêncio que produz sentido<sup>174</sup>. Agora, preste bem atenção no signo/notícia publicado pelo CP na edição de segunda-feira, 26 de setembro, na página 7 da editoria de Economia, quando o objeto ainda era o projeto que aguardava por sanção presidencial:

Aviso prévio desagrada Fiergs e CUT

No aguardo da sanção presidencial, o projeto que aumenta de 30 para até 90 dias o aviso prévio do empregador ao empregado demitido não agradou, por

---

<sup>173</sup> Ver ANEXO 36.

<sup>174</sup> Ver ANEXO 34.

motivos diferentes, patrões e empregados. "É matéria inoportuna. Vai encarecer a produção nacional e apenas beneficiará países sem leis trabalhistas que hoje invadem com produtos o mercado brasileiro", criticou o presidente da Fiergs, Heitor José Müller. "Não houve retroatividade. O empregado precisará trabalhar, a partir de agora, 20 anos consecutivos para receber, após esse prazo, remuneração de demissão de apenas 90 dias", lamentou o presidente da CUT/RS, Celso Woyciechowski.

Para o coordenador do Departamento de Direito Público e Social da PUCRS, e advogado trabalhista, Gilberto Stürmer, a nova lei deve ser sancionada pela presidente Dilma. Sua proposta foi regulamentar o inciso 21 do artigo 7 da Constituição. O texto diz que o aviso prévio deve ser de, no mínimo, 30 dias e proporcional ao tempo de serviço. "Acima dos 30 dias, não estava nada regulamentado", diz Stürmer. Neste sentido, houve um avanço, diz ele. Heitor Müller assinala que já existe indenização proporcional por tempo de serviço, via FGTS. Segundo ele, o projeto tira a competitividade do produto brasileiro, além do que, deverá estimular a informalidade.

Conforme Woyciechowski, o projeto prevê três dias a mais de aviso prévio por ano trabalhado, sobre os 30 dias. "Deveriam ser no mínimo dez dias por ano. Além disso, a despedida imotivada, autorizada quando o governo FHC retirou o Brasil de signatário da convenção 158, da OIT, que a proibia, não foi tratada", lembra (CORREIO DO POVO, 2011)<sup>175</sup>.

No título, o signo/notícia do CP já aponta para uma semiose diametralmente oposta àquela identificada em ZH, a partir de signos exclusivamente do neoliberalismo como ambiente semiótico. Aqui, o que há é uma tentativa de justapor as opiniões de uma entidade representativa das empresas, a Fiergs; outra dos trabalhadores, a CUT. Tentativa, aliás, que se revela já no processo de produção da notícia. Retomemos, então, a descrição da observação no CP no domingo, 25. O repórter que executa a pauta do aviso prévio de 90 dias é o profissional que chega à redação por volta das 17 horas. A demanda lhe fora passada, contudo, ainda na sexta-feira, 23, quando não houve tempo hábil de concluí-la. Neste dia, quando entrega a pauta ao repórter, o chefe de reportagem que substitui o titular, em férias, intervém na semiose da notícia de maneira determinante. A orientação que dá é a seguinte: "Vamos ouvir empregados, empregadores e um especialista".

É nítida, ainda que sutil, na fala do chefe de reportagem, a incidência de legi-signos da categoria de análise dos jornalistas como operadores sígnicos. Naturalmente, o signo/notícia preserva, de alguma forma, signos que apontam para uma semiose cujo signo final produzido pelo leitor/interpretante representaria, provavelmente, na média, uma opinião contrária à medida: a foto, por exemplo, é do representante da Fiergs ouvido como fonte; não da CUT. Isso porque na semiose incidem, também, legi-signos do neoliberalismo, sem dúvida. E não

---

<sup>175</sup> Ver ANEXO 37.

se faz, neste momento, nenhum juízo de mérito da medida, até mesmo porque a própria opinião da CUT representada é contrária, ao avaliar que o projeto deveria radicalizar ainda mais o benefício.

Na brecha entre a norma e a transgressão reside, contudo, na simples ação do chefe de reportagem que orienta o repórter a ouvir um representante dos trabalhadores, prova de que um detalhe pode – e na maior parte das vezes o faz – oferecer ao leitor pistas para uma semiose que vá além do padrão proposto pelos jornais, todos os dias. É inegável a tendência à homogeneização. É. Basta ver que um procedimento que o próprio Jornalismo como sistema de produção de sentido indicaria – ouvir todas as partes que um acontecimento representado no signo/notícia “afeta”, como diria Quéré (2005) – acaba se tornando desvio diante de uma semiose da notícia perpassada por valores do neoliberalismo como ambiente semiótico no qual a primazia é a do capital em detrimento de ferramentas de distribuição mais justa da renda ou mesmo de proteção aos trabalhadores<sup>176</sup>.

O desafio imposto aos movimentos sociais, portanto, é o de se constituir como objeto semiótico capaz de representar seus campos problemáticos em signos que ocupem esse espaço alternativo de produção de sentido, seja a greve, a passeata ou a ocupação de terra. Signos que despertem no jornalista uma semiose que preserve sua complexidade semiótica mesmo diante da ação de legi-signos das categorias do neoliberalismo, do Jornalismo como sistema ou dos jornais como empresas de comunicação. O importante é saber que há, sim, outras semioses possíveis no Jornalismo.

---

<sup>176</sup> Em Quéré (2005), a definição de campo problemático é mais ampla do que a que optou-se por fazer ao longo desta dissertação. Estaria nas instâncias de formação mesmo da sociedade. A opção por uma definição menos densa do conceito – com o cuidado de não compromê-lo –, com os exemplos trazidos à luz do debate, deu-se pela impossibilidade formal, diante do tempo exíguo para a conclusão da pesquisa, de se aprofundar a reflexão a respeito. A esta altura, contudo, é possível inferir, pelo menos, que o grande campo problemático que permeia os acontecimentos sobre os quais o Jornalismo produz sentido, aqueles que envolvem os movimentos sociais, é a primazia do capital na sociedade contemporânea em que o neoliberalismo prevalece; a propriedade privada. As demandas mais objetivas dos movimentos sociais – a reforma agrária, melhores salários etc. – seriam, assim, parte dos acontecimentos que revelam, pelo seu poder hermenêutico, alguma coisa desse grande campo problemático, ora mais, ora menos, no signo/notícia.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- ANTUNES, Ricardo. A “terceira via” de “tory” Blair: a outra face do neoliberalismo inglês. **Revista Outubro**. São Paulo, n. 3, p. 31-52, 1999.
- ARRIGHI, Giovanni. **Trabalhadores do Mundo no Final do Século**. São Paulo: Boitempo, 1996.
- BARROS FILHO, Clóvis. Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia. **Revista Contraponto**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 0, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/viewFile/23/22>>. Acesso em: 13 julho 2010.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Orgs). **Jornalismo e Acontecimento**. Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular. 2010. P. 143-164.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BERGER, Christa. O caso Aracruz. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). **Unirevista**. v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Orgs). **Jornalismo e Acontecimento**. Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular. 2010. P. 121-142.
- BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRAGA, José Luiz. **Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação**. In: Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, Compós, XIII Encontro Anual, São Bernardo do Campo, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRITTOS, Valério Cruz. Processos midiáticos, alternativas e direito à comunicação no capitalismo contemporâneo na pesquisa de Paulo Freire. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; HEBERLÊ, Antonio Luiz Oliveira (Orgs.). **A diáspora comunicacional que se fez Escola Latino-Americana: as idéias de Eliseo Verón**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Methodista, 2008. p. 165-176.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIA, João Carlos. **O admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos**. Covilhã: UBI, LabCom, 2011.

COSTA, Sergio. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091997000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300008)>. Acesso em: 22 abr. 2011.

DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica. In: **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 70-97.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

FERRANDO, Manuel Garcia; SANMARTÍN, Ricardo. La observación científica y la obtención de datos sociológicos. In: FERRANDO, M. G.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. (comps). **El análisis de la realidad social: métodos e técnicas de investigación social**. Madrid: Alianza, 1986.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. 2005. 349 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide**. Porto alegre: Tchê, 1986.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOHN, Maria da Glória. Cidadania, Meios de Comunicação de Massas, Associativismo e Movimentos Sociais. In: PERUZZO, Cícilia M. K. Peruzzo, ALMEIDA, Fernando F. **Comunicação para a Cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. RJ/SP: Editora Record, 2007.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Hacker, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALL, Stuart et. all. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993. pp. 224-247.

HENN, Ronaldo. **Pauta e Notícia: Uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

HENN, Ronaldo. **Fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HENN, Ronaldo. **A Semiodiversidade diante da Irreversibilidade do Tempo**. 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18180/1/R1464-1.pdf>>. Acesso em 13 abr. 2011.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. **Revista Fronteiras**. São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 177-184, set./dez. 2006.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (Orgs). **Jornalismo e Acontecimento**. Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular. 2010. P. 77-92.

HERMES, Gilmar Adolfo. **As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte**. 2005. 698 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2005.

LINS, Aline Maria Grego. **A experiência colateral e sua importância para a semiose telejornalística**. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP15\\_linz.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP15_linz.pdf)>. Acesso em: 14 fev 2012.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. México: Grijalbo, 1968.

MELO, Paula Reis. **Tensões entre fonte e campo jornalístico: um estudo sobre o agendamento mediático do MST**. 2008. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 72, p. 115-142, 2007.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 1996.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A comunicação do MST: estratégias de sobrevivência na sociedade midiaticizada**. 2008. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Curso de Comunicação Social. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A notícia exclusiva na lógica de distribuição em conglomerados da mídia brasileira: estudo das rotinas nas agências Estado, Folhapress e O**

*Globo*. 2010. 678 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2010.

PAILLET, Marc. **Jornalismo, o quarto poder**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PICOLOTTO, Everton. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Juiz de Fora, Ano I, Edição 2, p. 156-177, Nov. 2007. Disponível em: < <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/view/358>>. Acesso em 13 abr. 2011.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, 2005. P. 59-76.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMONET, Ignacio. O poder midiático. In: MORAES, Dênis (org). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record. 2003. P. 243-254.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: teorias, questões e histórias**. Lisboa: Vega. 1993. P. 27-33.

SALLES, Cecília Almeida. **Uma criação em processo**: Ignácio de Loyola Brandão, não verás país nenhum. 1990. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1990.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais**: um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Revista Sociedade e Estado, UNB, V. 21, n. 1, 2006, P. 109-130.

SILVA, Márcia Veiga de. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Objectivity as strategic ritual**: An examination of newsmen's notions of objectivity. *American Journal of Sociology*, 77 (4): p. 660-679, 1972.

VIEIRA, Fernando Antônio da Costa; ROEDEL, Hiran. Desafios dos Movimentos sociais em tempos de Globalização. **Revista Outubro**. São Paulo, n. 7, p. 23-36, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa. 2000. P. 34-61.

## LISTA DE ANEXOS

- ANEXO 01:** Pautas distribuídas pelo chefe de reportagem aos repórteres da editoria de Geral do Correio do Povo no dia 18 de novembro de 2010..... **197**
- ANEXO 02:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 19 de novembro de 2010, sobre manifestação de estudantes da PUCRS..... **200**
- ANEXO 03:** Capa da edição de Zero Hora do dia 22 de dezembro de 2010, com chamada para matéria sobre a possibilidade de greve dos aeroviários e aeronautas brasileiros..... **202**
- ANEXO 04:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 22 de dezembro de 2010, sobre a possibilidade de greve dos aeroviários e aeronautas brasileiros..... **204**
- ANEXO 05:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 17 de maio de 2011, sobre as manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul..... **207**
- ANEXO 06:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 18 de maio de 2011, sobre as manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul..... **209**
- ANEXO 07:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 19 de maio de 2011, sobre as manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul..... **211**
- ANEXO 08:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 20 de maio de 2011, sobre as manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul..... **213**
- ANEXO 09:** Matéria publicada pelo jornal Folha de S. Paulo em seu site (www.folhaonline.com.br), no dia 08 de março de 2006, sobre a ocupação da fábrica da Aracruz Celulose S/A no RS por militantes do MMC..... **215**
- ANEXO 10:** Prewiew da edição do Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, produzido pela chefia de reportagem no dia anterior, com as pautas que estavam em execução..... **218**
- ANEXO 11:** Pauta do dia da edição de Zero Hora de 11 de outubro de 2011, com o resultado do que fora discutido na reunião de editores, realizada na tarde do dia anterior..... **220**
- ANEXO 12:** Primeiro Cheiro da edição de Zero Hora do dia 11 de outubro de 2011, com as apostas de capa e contracapa discutidas no dia anterior..... **222**
- ANEXO 13:** Artigos defendendo posições favorável e contrária à meia-entrada para estudantes, publicados por Zero Hora na edição de 11 de outubro de 2011..... **225**
- ANEXO 14:** Capa da edição, seguida por matéria publicada por Zero Hora no dia 14 de outubro de 2011, sobre o anúncio da construção do metrô de Porto Alegre..... **227**
- ANEXO 15:** Série de matérias publicadas por Zero Hora entre os dias 13 e 15 de outubro de 2011, sobre a denúncia de assédio feita por uma estudante contra um agente da EPTC..... **233**
- ANEXO 16:** Série de matérias publicadas por Zero Hora entre os dias 11 e 15 de outubro de 2011, sobre os protestos globais: Indignados e Occupy Wall Street..... **238**
- ANEXO 17:** Contracapa da edição de Zero Hora de 17 de outubro de 2011, com foto das manifestações do movimento Occupy Wall Street em Porto Alegre..... **244**

- ANEXO 18:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 17 de outubro de 2011, sobre as manifestações do movimento Occupy Wall Street pelo mundo e em Porto Alegre..... **246**
- ANEXO 19:** Capa da edição, seguida de matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre manifestação pela paz no trânsito em Viamão (RS)..... **248**
- ANEXO 20:** Capa da edição do Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, com manchete sobre negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e o Governo do Estado..... **251**
- ANEXO 21:** Matéria publicada pelo Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, sobre as negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e o Governo do Estado..... **253**
- ANEXO 22:** Versão original da matéria produzida pelo repórter do Correio do Povo para a edição do dia 20 de setembro de 2011, sobre manifestações radicais durante as negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e Governo do Estado..... **255**
- ANEXO 23:** Pauta entregue ao repórter do Correio do Povo que cobriria o desfile em comemoração à Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, e as manifestações do movimento “Agora Chega!”, durante o mesmo evento, no dia 20 de setembro de 2011..... **257**
- ANEXO 24:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 21 de setembro de 2011, sobre o desfile Farroupilha, em Porto Alegre, e manifestações do movimento “Agora Chega!”..... **259**
- ANEXO 25:** Capa da edição do Correio do Povo do dia 21 de setembro de 2011, com foto do desfile em comemoração à Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, e chamada para matéria..... **261**
- ANEXO 26:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre a decisão do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre de aderir à greve nacional da categoria..... **263**
- ANEXO 27:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 11 de outubro de 2011, sobre supostos prejuízos causados à população pela coincidência de greves nacionais das categorias dos bancários e dos trabalhadores dos Correios..... **265**
- ANEXO 28:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 12 de outubro de 2011, sobre os prejuízos e os benefícios que a meia-entrada para estudantes poderia causar..... **267**
- ANEXO 29:** Capa da edição de Zero Hora do dia 15 de outubro de 2011, com chamada para matéria sobre o nascimento de um bebê dentro de uma ambulância trancada no trânsito, durante manifestação do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul em Porto Alegre..... **269**
- ANEXO 30:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre o nascimento de um bebê dentro de uma ambulância trancada no trânsito, durante manifestação do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul em Porto Alegre..... **271**
- ANEXO 31:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre a possibilidade de assentamento de famílias do MST no local onde funciona a Colônia Penal Agrícola do município de Charqueadas, na Região Metropolitana de Porto Alegre..... **273**
- ANEXO 32:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 25 de setembro de 2011, sobre a redução de alunos na rede pública de ensino no Brasil..... **275**

**ANEXO 33:** Capa da edição de Zero Hora do dia 12 de outubro de 2011, com chamada para matéria sobre a sanção do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias pela presidente Dilma Rousseff..... **277**

**ANEXO 34:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 12 de outubro de 2011, sobre a sanção do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias pela presidente Dilma Rousseff..... **279**

**ANEXO 35:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre a pressão de setores do funcionalismo público ao Governo Tarso (RS) por reajustes salariais..... **281**

**ANEXO 36:** Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre paciente que esperou oito dias por internação no Hospital Conceição, em Porto Alegre, e dados de programa de redução da superlotação no Grupo Hospitalar Conceição..... **283**

**ANEXO 37:** Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 26 de setembro de 2011, sobre a aprovação do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias, que aguardava sanção pela presidente Dilma Rousseff..... **285**

**ANEXOS**

**ANEXO 01**

**Pautas distribuídas pelo chefe de reportagem aos repórteres da editoria de Geral do  
Correio do Povo no dia 18 de novembro de 2010**

## pauta10

(3)

**Dados PNAD (18/11) - 10h**

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) lança, às 10 horas, em Brasília, o Comunicado do Ipea nº 66: PNAD 2009 – Primeiras Análises: Situação da educação brasileira - avanços e problemas. O comunicado é o quinto da série de análises do Instituto sobre os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE). Ver dados do RS.

**Judiciário Federal em greve (18/11) - MANHÃ**

Em assembleia geral realizada hoje à tarde, servidores do Judiciário Federal do RS aprovaram entrar em greve por tempo indeterminado. Eles reivindicam que o presidente do STF, ministro Cezar Peluso, e o presidente Luis Inácio Lula da Silva negociem o orçamento necessário para a aprovação do projeto 6.613/09, que reajusta o Plano de Cargos e Salários da categoria. O Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no RS (Sintrajufe), que engloba as justiças do Trabalho, Federal, Eleitoral e Militar, convoca os servidores a concentrarem-se amanhã pela manhã em frente aos prédios do Judiciário em Porto Alegre

**500- Seminário OAB/RS (18/11) -**

Vamos fazer chamada de seminário que ocorre dia 23/11, na sede da OAB/RS, que aborda o desenvolvimento e a diversidade racial. O coordenador é o Ricardo Breier. Record é parceira no evento (anexo - devolver p/pauta)

**Substâncias tóxicas em casa (18/11) -**

Produtos de limpeza, para reparos caseiros e de higiene pessoal exigem cuidado. Vários deles contêm substâncias tóxicas e prejudiciais à saúde, que na maioria dos casos oferecem risco de alergias, dermatites, irritações de mucosas etc., e podem ser evitados se o uso for feito de forma adequada. Vamos saber substâncias perigosas que temos em casa, cuidados e o que fazer quando em contato. Falar com Centro de Informações Toxicológicas do RS.

**500 - Lojistas lançam promoção (18/11) - 9h30min**

Lojistas lançam promoção estadual para incrementar vendas natalinas. O Natal de Prêmios será apresentado em coletiva prevista para às 9h30min, na sede da FCDL, na rua Dr. Flores, 240 - 2 andar.

**Negros no Mercado de Trabalho (18/11) - 10h**

Nesta quinta-feira, às 10 horas, a coordenação da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PED-RMPA) lançará, na sede da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social- FGTAS (sala de reuniões- 5º andar), um Boletim Especial com o tema: Negros no Mercado de Trabalho. A FGTAS fica na Av. Borges de Medeiros, 521- 6º andar/ Centro.

ASSINATURA

## pauta09

(2)

500 - 18º Festival Mundial de Publicidade (18/11) - 9h

Segue convite para a Coletiva de Imprensa do 18º Festival Mundial de Publicidade de Gramado (De 11 a 13 de maio de 2011). A partir das 09h, no DCS Comunicações - Rua Olavo Barreto Viana, 63. Confirmações/Dúvidas: (51) 3388.6849

Levantamento Dengue (18/11) - 9h

A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) realiza a partir das 9h, no Hotel Continental (largo Vespasiano Veppo, 77) o seminário "Dengue: desafios e estratégias para Porto Alegre". Durante o evento serão apresentados os resultados do levantamento de infestação do *Aedes aegypti*, o mapa de áreas vulneráveis e o Plano de Contingência da Dengue.

BRIGADA MILITAR COMPLETA 173 ANOS (18/11) - 10h

Hoje, a Brigada Militar completa 173 anos de história. Para comemorar esta data, a corporação preparou uma série de eventos militares, culturais, desportivos, religiosos e sociais que irão congrega seu efetivo, além de propiciar ainda mais a aproximação da Brigada militar e da população. Na manhã hoje, no Estádio General Cipriano, no Complexo do Departamento de Ensino (Avenida Aparício Borges, 2001), às 10h, haverá uma Formatura-geral alusiva ao aniversário da corporação, com Entrega de Medalhas e viaturas.

Encontro anual do Prominp (18/11) - 10h

O Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural) realizará o seu 7º Encontro Nacional, de 17 a 19 de novembro, no Hotel Plaza São Rafael, em Porto Alegre. O evento contará com a presença do ministro de Minas e Energia, Marcio Zimmermann, entre outras autoridades. A palestra das 10h trata da visão da indústria sobre a competitividade da cadeia produtiva de óleo e gás. Palestrante é Raul Eduardo de Sanson, vice-presidente da Firjan.

Procon faz fiscalização (18/11) - manhã

As equipes de Fiscalização Localizada da Smic e do Procon Porto Alegre iniciam hoje, as ações fiscais em pontos de revendas ilegais de gás GLP. Verificar quantidade de autuações e irregularidades encontradas.

Epidemia de Cólera no Haiti (18/11) - m

Ouvir Comando Militar do Sul para saber como gaúchos na Força de Paz estão atuando na questão da epidemia de cólera no Haiti, temos médicos, quem está atuando no setor, algum gaúcho?? tbém Ministério da Defesa se está se mobilizando para ajudar o país que está passando por este problema RS.

Termo Ajuris e Paraguai (18/11) - 11h

O modelo de Justiça Restaurativa, que vem ganhando destaque no mundo todo, também faz parte do Centro de Pesquisa da ESM. Esta inovação está sendo "exportada" para o Paraguai. Nesta quinta-feira, às 11h, será firmado um termo de cooperação entre a AJURIS e a Corte Suprema de Justiça daquele país, representada pelo ministro Miguel Oscar Bajac. CONFERIR LOCAL DA ASSINATURA.

**ANEXO 02**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 19 de novembro de 2010, sobre  
manifestação de estudantes da PUCRS**

## Ensino

ensino@correiodopovo.com.br  
 Editora: **Maria José Vasconcelos**

### Inspetores de Ensino elegem diretoria

■ No dia 25/11, a Associação dos Inspetores de Ensino do RS (Aiergs) realizará eleição da Diretoria para o triênio 2010/2013. A escolha da equipe diretiva da Aiergs ocorrerá na 40ª Assembleia Geral Ordinária, na sede do Cpers (av. Alberto Bins, 480/3ª andar/sala 304), em Porto Alegre. No encontro, será também apresentado o Relatório da Diretoria e a prestação de contas (2007 a 2010) e serão tratados assuntos gerais da entidade que reúne inspetores – especialistas em Educação.

### RP da Ulbra promove evento

■ O curso de Comunicação Social da Ulbra, em Canoas, promoverá o "6º RP em Evidência - Ouro da Casa". Será no dia 24/11, a partir das 19h30min, no auditório 14 da Ulbra Canoas. Em apoio ao projeto "Levando Sorrisos", de CDL Canoas e Parceiros Voluntários, o ingresso será a doação de um brinquedo para o Natal de crianças carentes.

# RS reduz analfabetismo

Estado tem o 4º menor índice de analfabetos do país, conforme análise do Ipea, com base na Pnad

O Rio Grande do Sul possui o quarto menor índice de analfabetismo do país, indicando uma taxa de 4,6%. O dado está presente no "comunicado nº 66: Situação da Educação Brasileira – avanços e problemas", organizado e apresentado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A análise é feita a partir das informações coletadas por IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2009.

O documento também mostra que o Estado superou a média nacional de 7,5 anos de estudos, e já alcança 7,8 anos. Dessa forma, a Educação gaúcha ficou mais próxima da escolarização mínima prevista na Constituição, que é de 8 anos. Acima dessa exigência constitucional só estão os

estados de Santa Catarina (8,2), Roraima (8,2), Amapá (8,2), Rio de Janeiro (8,4), São Paulo (8,6) e Distrito Federal (8,8).

A pesquisa do Ipea também demonstrou que, no contexto nacional, existem diferenciais bastante expressivos. Quando se trata da categoria Localização, é possível observar que a população urbana/metropolitana tem, em média, 3,9 anos de estudo a mais que a população rural, atingindo 8,7 anos de estudo. No quesito Cor/raça, a população negra tem menos 1,7 ano de estudo, em média, que a branca. Na análise das diferenças entre populações por faixa de renda, aquelas colocadas na faixa de renda mais baixa têm, em média, 5,5 anos de estudo, enquanto as que estão no patamar superior estudaram

### Dados

- Menores taxas de analfabetismo: Amapá (2,8%), Distrito Federal (3,4%), Rio de Janeiro (4,0%), Rio Grande do Sul (4,6%) e SP (4,7%).
- Maiores taxas: Alagoas (24,6%), Piauí (23,4%), Paraíba (21,6%), Maranhão (19,1%) e Ceará (18,6%).
- A região Sul tem a melhor taxa (19,2%) de alunos (de 18 a 24 anos) em cursos Superiores.

10,7 anos, representando uma diferença de 5,2 anos, entre os mais ricos e os mais pobres.

A região Sul do país também mereceu destaque dentro da análise da taxa de frequência líquida de alunos, na faixa etária de 18 a 24 anos em cursos de nível Superior. Neste quesito, a popula-

ção do Sul do Brasil teve um indicador de 19,2%, frente a uma média nacional de 14,4%, registrando a melhor taxa do país. Isso significa que, mesmo assim, ainda temos um hiato substancial da população nessa faixa etária que não está nas universidades.

Parte dessa situação deriva "dos entraves observados no fluxo escolar dos ensinos Fundamental e Médio, que têm elevada taxa de evasão e baixa taxa média esperada de conclusão". Isso significa que o estudante termina o Ensino Médio após a idade esperada – 17 anos – e ingressa na universidade com atraso.

Pelo estudo do Ipea, considerando taxa de frequência bruta, pode-se notar ainda que 30,3% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam estudando em 2009.

## Enem: sai decisão da nova prova

O presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, desembargador Luiz Alberto Gurgel de Faria, suspendeu, no início da noite de ontem, a decisão da Justiça Federal do Ceará que assegurava a realização de uma nova prova do Enem 2010 para todos os estudantes que se sentiram prejudicados pelos erros ocorridos durante o Exame Nacional do Ensino Médio, realizado nos dias 6 e 7 de novembro.

A Advocacia-Geral da União (AGU) havia protocolado ontem, no TRF/5ª Região, com sede em Recife, recurso para reverter a nova decisão da juíza Karla de Almeida Miranda Maia, da 7ª Vara da Justiça Federal do Ceará, que ampliava aos estudantes deste Enem a opção de fazer outra prova, desde que tivessem se sentido prejudicados por erros na prova amarela ou inversão de cabeçalhos nos cartões de resposta. A juíza também criticou os prazos oferecidos pelo Inep/MEC para ser requerido esse direito. Mas a AGU entendeu que as providências do MEC asseguram os direitos dos alunos prejudicados.

## Gaúchos recebem prêmio de C&T

Três gaúchos e uma instituição de Ensino do Rio Grande do Sul receberam ontem, em Brasília, o Prêmio Jovem Cientista. A disputa nacional, promovida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCT), envolveu 2,1 mil trabalhos inscritos com o tema "Energia e Meio Ambiente – Soluções para o Futuro". Na categoria Graduado, Eunice Maria Viganio, da Ufrgs, ficou com o 3º lugar. E Clóvis Heiden da Cruz, do Centro Tecnológico do Couro Senai, obteve a mesma colocação na categoria Ensino Médio.

O gaúcho melhor colocado foi Cleiton Cristiano Spaniol, da Ufrgs, na categoria Estudante do Ensino

Superior, com a pesquisa "Sistema de Redirecionamento de Água em Aquecedores a Gás de Passagem". E a Ufrgs ficou com o prêmio Mérito Institucional, disputado entre as instituições de Ensino Superior.

Os prêmios em dinheiro e em forma de placa foram entregues pelo ministro interino de Ciência e Tecnologia, Luis Antônio Elias. E o presidente Lula, que deveria fazer a entrega, não pôde participar do evento. Os trabalhos vencedores serão publicados em um livro para divulgação em centros de pesquisa e instituições de Ensino. Esta foi a 24ª edição do prêmio, que foi criado em 1981 com o objetivo de incentivar a pesquisa.

## Reajuste para 2011 gera protesto na PUCRS

■ Em contrariedade ao reajuste de mensalidades da PUCRS para 2011, estimado entre 8% e 9%, a Frente Estudantil realizou protesto, ontem à tarde, junto à entrada da universidade, na Capital. Conforme Celedro Neto, que integra a Frente, "a PUCRS aplica índice acima do praticado por demais instituições privadas de Ensino Superior". Já a Reitoria acadêmica informou que não existe ainda índice de reajuste definido para o próximo exercício.

## Esade oferece graduação Tecnológica

Estudantes interessados no vestibular da Esade têm prazo até hoje para se inscrever à seleção 2011 e disputar vaga em graduações Tecnológicas da faculdade da Capital. São oferecidas 600 vagas para os cursos de Logística, Gestão da Qualidade e Gestão em Recursos Humanos. A inscrição, com taxa de R\$ 20,00, pode ser feita nas duas unidades acadêmicas, por meio do fone (51) 3251-1111; ou ainda por meio do site [www.esade.com.br](http://www.esade.com.br). A prova será aplicada neste domingo (21/11), na unidade Cidade Baixa (rua Luiz Afonso, 84).

A Esade, pelo Programa de Incentivo à Formação Tecnológica, concede 50 bolsas de 30% de desconto (para disciplinas cursadas à noite). E, por meio de parceria com a Laureate International Universities, o estudante tem acesso a possibilidades de estudo no exterior.



Colégio Gensa, de Gravataí, promove campanha contra a violência

## Projeto defende a paz no trânsito

O Colégio Ceneceista Nossa Senhora dos Anjos (Gensa), de Gravataí, lançou nesta semana o projeto "Paz no Trânsito". Ele integra a campanha "Semeando a Cultura da Paz na Escola", e prevê atividades internas e de interação com a comunidade local. Ontem, estudantes e professores distribuíram folhetos com dicas de boa conduta para motoristas, na avenida José Loureiro da Silva; e o Gensa recebeu agentes da Polícia Rodoviária Federal em palestras sobre segurança. "O projeto propõe a constru-

ção solidária, promoção e respeito aos direitos humanos e à diversidade", resume a diretora Eunice Carolina de Oliveira. Segundo ela, as atividades seguem até hoje. "Durante a semana, um carro acidentado, com adesivos de campanhas contra a violência, ficou exposto no pátio do colégio para sensibilizar os estudantes sobre o tema", conta a diretora.

Para a aluna do 1º ano do Ensino Médio, Anna Zeilmann, a iniciativa é importante e deve ser valorizada, em virtude da grande quantidade de vidas perdidas.

PÓS-GRADUAÇÃO EM

## ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

UFRGS

- ESPECIALIZAÇÃO
- MBE (MASTER OF BUSINESS ENGINEERING)  
com créditos aproveitáveis no Mestrado Profissional
- MESTRADO
- DOUTORADO

- 100% Professores Doutores
- Melhor Programa de Pós-graduação do Sul do Brasil (CAPES/MEC)
- Vanguarda em Pesquisa Aplicada

inscrições  
[www.producao.ufrgs.br](http://www.producao.ufrgs.br)

### Agenda do Ensino

- **Fema:** As Faculdades Integradas Machado de Assis oferecem curso de qualificação em Processo de Importação e Exportação. As aulas terão início dia 27/11, em Santa Rosa. Mais informes pelo telefone (55) 3511-3800.
- **UFPEL:** A Universidade Federal de Pelotas oferece vagas aos cargos de Professor Adjunto e Professor Assistente. As inscrições ao concurso público podem ser feitas até 10/12. Detalhes e edital: <http://ces.ufpel.edu.br>.
- **IFRS:** O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RS (IFRS) abriu concurso para professores de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. E oferece ainda vagas para cargos técnico-administrativos de nível Médio e Superior. Inscrições até 3/12, em Bento Gonçalves; ou via [www.ifrs.edu.br/concursos](http://www.ifrs.edu.br/concursos). Contato: (54) 3455-3299.
- **Piscanálise:** De 26 a 27 de novembro, a Sociedade Brasileira de Piscanálise de Porto Alegre promove o I Encontro Brasileiro de Estudos sobre a obra de Sigmund Freud. Maiores informações pelo (51) 3330-3845.
- **Bullying:** A Faced/Ufrgs realizará, no dia 24/11, o VI Seminário de Extensão Piscanálise e Educação. O tema será bullying.
- **Sentidos:** Dias 25 e 26/11, a Faced/Ufrgs realiza o Seminário Especial Educação dos Sentidos. Ver: [www.dif09.blogspot.com](http://www.dif09.blogspot.com).

**ANEXO 03**

**Capa da edição de Zero Hora do dia 22 de dezembro de 2010, com chamada para matéria sobre a possibilidade de greve dos aeroviários e aeronautas brasileiros**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

IMAGENS  
DOS 50 ANOS  
DA UFSM

Vestibular

UM ACERVO  
PARA SER  
OUVIDO

Segundo Caderno

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 22 DE DEZEMBRO DE 2010 - ANO 47 - Nº 16.546 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48

R\$ 2,00

## Deputados aumentam seus salários em 73%

Por 36 votos a 11, Assembleia aprovou reajuste na remuneração, de R\$ 11,5 mil para R\$ 20 mil, equivalente a 75% dos federais. Páginas 4 e 5 e Rosane de Oliveira (12)

➔ Cada vez mais perto



Grêmio e Ronaldinho, que ontem participou de evento no instituto que leva seu nome, já teriam combinado salário. Esportes

## 12 anos depois O operário que iniciou a BR-101

Paulo Moraes recebeu primeira ordem de serviço de rodovia que será inaugurada hoje no Estado.



Páginas 36 e 37

## Parceria Gauchão levará nome de empresa

Federação de Futebol e Coca-Cola assinaram acordo inédito para campeonato de 2011.

## ROTH 2011 Inter confirma técnico para a Libertadores

Esportes

**Natal**  
Carrefour

**Veja as ofertas imperdíveis na página 17.**

A magia do Natal começa aqui.

**Feitas BIG**

Contra o preço ainda mais baixo nesta edição.

### RISCO IMINENTE

## Ameaça de greve pode repetir caos aéreo

Diante de estudo que prevê nova crise, Dilma desiste de criar ministério do setor

➔ O impasse nas negociações

➔ Os direitos dos passageiros

PÁGINAS 26 e 27

**ANEXO 04**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 22 de dezembro de 2010, sobre a possibilidade de greve dos aeroviários e aeronautas brasileiros**

# NATAL NO AEROPORTO

## Sem avanço, aeroaviários prometem parar amanhã

Trabalhadores do setor aéreo têm nova assembleia às 5h de quinta-feira

Com o impasse na rodada de negociações realizada ontem, aeroaviários e aeronautas mantêm a proposta de iniciar greve amanhã, antevéspera de Natal.

Representantes de companhias aéreas e de sindicatos de trabalhadores estiveram reunidos em Brasília em encontro intermediado pelo Ministério Público do Trabalho.

### Painel de atrasos

Situação às 23h de ontem:

Avianca	2%
Azul	12,2%
Gol	27,6%
TAM	31,2%
Webjet	31,9%
Média	26,1%

Fonte: Infraero

Na expectativa de nova proposta, os trabalhadores marcaram assembleia para as 5h de amanhã.

Até agora, as empresas não fizeram nenhuma proposta diferente – disse a presidente do Sindicato Nacional dos Aeroaviários, Selma Balbino, referindo-se à reunião realizada em Brasília.

O Sindicato Nacional das Empresas Aeroaviárias (Snea) informou que foi oferecido no encontro mais 0,5 ponto percentual de reajuste para o salário de dezembro e o 13º, além do reajuste salarial de 6,08%, que já estaria sendo pago às duas categorias, referente à inflação do período medida pelo Índice Nacio-

nal dos Preços ao Consumidor. Mesmo com a proposta rejeitada, a negociação segue aberta, informou no Snea.

Segundo o secretário-geral do Sindicato Nacional dos Aeronautas, Sérgio Dias, a categoria, por decisão votada em assembleia, só irá negociar com as companhias reajuste de no mínimo 15%. Para os aeroaviários, o mínimo reajuste negociável é de 13%.

Isso nem pode ser considerado uma proposta (de 6,08% para 6,58%). Não acreditamos que vá mudar o ânimo dos aeronautas – reagiu Dias.

Conforme o secretário-geral do Sindicato Nacional dos Aeroaviários,

Marcelo Schmidt, a categoria sabe do transtorno que a paralisação causará, mas os trabalhadores estão dispostos a manter o movimento. No entanto, ressaltou, a paralisação não será total: – Vamos operar no nível mínimo.

O sindicato das empresas saiu da reunião confiante de que os trabalhadores não estão articulados o bastante. – Temos convicção de que não vão fazer paralisação na véspera do Natal. Temos confiança no elevado espírito profissional dos aeroaviários – afirmou Odilon Junqueira, consultor do Snea.

De acordo com os sindicalistas, o presidente da Força Sindical, deputado Paulo Pereira (PDT/SP), marcou para hoje reunião com o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, para tentar encontrar uma solução para o impasse.

O Ministério da Defesa ameaça endurecer em caso de greve. O ministro Nelson Jobim determinou que a Agência Nacional de Aviação Civil dobre a fiscalização das companhias aéreas e já avisou que, se houver tumulto nos aeroportos, os sindicatos serão penalizados.

### Problema antigo



Alguns transtornos nos aeroportos nos últimos anos

#### 20 DE AGOSTO DE 2010

**No Aeroporto** Salgado Filho, os passageiros sofreram com a queima de um disjuntor que causou um blecaute por pelo menos uma hora e meia no setor de embarque (foto).

#### 3 DE AGOSTO DE 2010

**Greve de funcionários** da empresa Gol prejudicou usuários em todo o Brasil. A empresa registrou 408 atrasos, 52% do total de seus voos domésticos e quase 70% do total de voos atrasados no país. No Salgado Filho, entre todas as companhias, 19 atrasaram e cinco cancelaram.

#### 31 DE MARÇO DE 2007

**Em um** movimento inédito da história brasileira, quase todos os aeroportos comerciais do país pararam em função de uma greve de controladores aéreos, considerada um motim pela Aeronáutica.

#### 23 DE DEZEMBRO DE 2006

**Na semana** do Natal de 2006, o caos dominou os aeroportos brasileiros. A TAM chegou a ser alvo de uma intervenção branca do governo. O Planalto mandou que a Aeronáutica pusesse seus aviões à disposição da empresa para cumprir a demanda.



**Creme Dental Close Up Triple 90g**

**R\$ 1,18**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Sabonete Dove 90g**

**R\$ 1,18**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Desodorante Roll-on Rexona 50ml**

**R\$ 4,58**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Desodorante Aerosol Rexona 175ml**

**R\$ 6,88**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Shampoo Dove 200ml**

**R\$ 5,08**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades

**Preços baixos para você ter as melhores festas.**

Preços deste anúncio válidos para 22/12/2010.



**Shampoo Clear 200ml**

**R\$ 7,98**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Shampoo Seda 650ml**

**R\$ 5,98**  
**Preço por 350ml nesta embalagem: R\$ 3,22**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Amaciante Fofó 2 litros**

**R\$ 4,28**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Detergente em Pó Surf 1kg**

**R\$ 2,98**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**Detergente em Pó Omo 2kg**

**R\$ 9,96**  
**Preço por kg nesta embalagem: R\$ 4,98**  
(100 unidades) Limite por cliente: 10 unidades



**PROMOÇÃO NATAL HIPERCARD**

Concorra a uma **casa mobiliada** + **1.000 carrinhos de compras**



## Dilma recua por medo de caos aéreo

A presidente eleita, Dilma Rousseff, desistiu de criar imediatamente o Ministério de Portos e Aeroportos para entregar ao PSB por causa de um informe que recebeu do serviço de informação do governo federal.

Esse informe diz que o país está na iminência de enfrentar uma crise "brutal" no setor aéreo, inclusive com a paralisação de serviços e das companhias, o que desaconselha qualquer mudança na estrutura.

Os relatos que chegaram à presidente e que foram repassados ao PSB indicam grave risco de caos aéreo já nos próximos dias e que essa situação deve se prolongar

durante o feriado de Ano-Novo e avançar até o final das férias de verão.

Diante disso, a presidente eleita e o PSB consideraram que é melhor manter a secretaria de Portos tal como funciona hoje e deixar para criar um ministério de Portos e Aeroportos somente depois de superada a crise que se avizinha.

O partido também não quer que o prefeito de Sobral (CE), Leônidas Cristino, ocupe um cargo para quando se prevê o ápice da crise, o dia 1º de janeiro. Nessa data, Cristino tomará posse da secretaria de Portos, em vez de um ministério de Portos e Aeroportos.

### Saiba seus direitos

O que fazer em caso de problemas no embarque:

- **No caso** de overbooking (mais passageiros que lugares no avião), o cliente pode escolher embarcar em outro voo da mesma companhia ou de outra empresa. Se não aceitar, o viajante pode optar pelo reembolso do valor – incluindo tarifa de embarque.
- **Se estiver** em conexão ou escala antes do destino final, o passageiro pode escolher pelo reembolso do trecho não voado e regressar a sua cidade de origem. Também pode optar por permanecer na cidade onde o voo foi interrompido e receber o reembolso pelo trecho não voado.
- **Se estiver** a partir de uma hora, a empresa é obrigada a facilitar a comunicação de passageiros por celular e internet.
- **A partir** de duas horas, deve fornecer alimentação proporcional ao tempo de espera até a hora do embarque.
- **A partir** de quatro horas, a compensação passa a incluir acomodação em local adequado dentro do aeroporto ou hospedagem (se for o caso). Se o passageiro estiver na sua cidade de origem, a companhia aérea deve providenciar o retorno para casa.

Fonte: Anac



RICARDO CHAVES/IB

### As diferenças

Proposta das empresas e pedido dos trabalhadores do setor:



• **Do Sindicato Nacional das Empresas Aeroaviárias (Snea):** aumento de 6,08%

• **Dos aeronautas (pessoal de bordo):** reajuste de 15%

• **Dos aeroviários (pessoal de solo):** reajuste de 13% para a categoria e de 30% para o piso salarial, de R\$ 704,39 (auxiliar de serviços gerais), R\$ 774,12 (auxiliar de manutenção de aeronaves), R\$ 802,96 (agente de proteção) e R\$ 1.126,31 (mecânico de manutenção)

# Preços baixos para você ter as melhores festas.

Válido somente para Porto Alegre e Grande Porto Alegre.



**Refrigerante Kquat 2 litros**  
R\$ **2,09**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Refrigerante Fanta Laranja 2,5 litros**  
R\$ **2,69**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Bebida Aquarius Fresh 1,5 litro**  
R\$ **1,89**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Bebida Kapo Frutas 200ml**  
R\$ **0,99**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Energético Burn 260ml**  
R\$ **3,99**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades

Preços deste anúncio válidos de 22 a 26/12/2010.



**Refrigerante Coca-Cola lata 350ml**  
Leve+Pague 12  
R\$ **16,68**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Refrigerante Coca-Cola 4x2 litros**  
Leve+Pague 12  
R\$ **12,76**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades



**Refrigerante Coca-Cola 3 litros**  
R\$ **3,99**  
(1.200 unidades) Limite por cliente: 24 unidades

Outras opções online [www.big.com.br](http://www.big.com.br)

Central de Relacionamento: 0800.705.50.50  
@ bigevoce@big.com.br

Agora o BIG também tem blog [www.hipermercadoibig.blog.br](http://www.hipermercadoibig.blog.br)

\*\*Produtos e condições de pagamentos diferenciados.

**ANEXO 05**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 17 de maio de 2011, sobre as manifestações da Via  
Campesina no Rio Grande do Sul**

# Rural

rural@correiodopovo.com.br  
 Editora: Carolina Jardine

Soja grão – Bolsa de Chicago – US\$ Bushel			Bovino gordo em pé/kg	
16/5/11	Varição	Fechamento	Semana de 9/5/2011 a 13/5/2011 (*)	
Julho/2011	-0,03	13,26%	Bol	Vaca
Agosto/2011	-0,04	13,22%	RS 3,00	RS 2,70
Setembro/2011	-0,03	13,14%	RS 3,11	RS 2,76
Novembro/2011	-0,04	13,06%	Máximo	RS 3,20
Janeiro/2012	-0,04	13,15	Mínimo	RS 2,90
Março/2012	-0,04	13,17	(*) Média ponderada obtida entre preços consultados	

Fonte: Emater

## Grito da Terra começa hoje

Tem início hoje, em Brasília, o Grito da Terra 2011. Organizado pela Contag, o movimento reunirá milhares de produtores em Brasília até amanhã. A presidente Dilma Rousseff deve receber os pequenos agricultores nesta quarta, às 15h. Entre as prioridades estão o Código Florestal e o endividamento. A comitiva gaúcha terá 400 pessoas.

# Agricultores trancam rodovia por apoio

Para chamar a atenção dos governos estadual e federal para o endividamento rural, 600 pequenos agricultores iniciaram na manhã de ontem, em Tabai, uma marcha rumo à Capital, pelo acostamento da BR 356. Por volta das 11h, os mani-

festantes bloquearam o tráfego no sentido Interior-Capital da rodovia, junto ao trevo de acesso da BR 287. A expectativa é que o grupo chegue a Porto Alegre às 7h de amanhã, quando se unirá a outros 3 mil produtores de diversas regiões do Rio Grande do

Sul. Ontem, os manifestantes passaram a noite em Esteio.

Segundo o coordenador estadual do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Romário Rossetto, 70% dos 450 mil pequenos agricultores gaúchos estão endividados. "As dívidas totalizam R\$ 5 bilhões. No Brasil, chegam a R\$ 30 bilhões." A iniciativa faz parte de uma mobilização nacional, que prossegue até sexta-feira no RS e em outros dez estados. Por inadimplência ou falta de capacidade de pagamento, os agricultores estão impedidos de ter acesso a novos financiamentos, pontua um dos coordenadores nacionais do MPA, Plínio Simas. "Estamos em busca de soluções para um problema que está bloqueando o desenvolvimento econômico e social da agricultura familiar." A pauta de reivindicação inclui a repactuação do saldo devedor e o alongamento do prazo de pagamento para até 15 anos, com carência de 24 meses.



Manifestantes alertam para endividamento em marcha rumo à Capital

## Trigo sinaliza maior rentabilidade

Após três safras no vermelho, os triticultores gaúchos plantarão com um desembolso inferior ao valor de venda do grão, apontando o primeiro levantamento da safra 2011, que a Fecoagro apresenta hoje, no Fórum Nacional do Trigo, em Ijuí. A pesquisa, baseada nos valores de insumos em abril e no atual preço de R\$ 25,00 por saca ao produtor, indica rentabilidade positiva em relação ao custo variável de R\$ 24,60. Já em comparação ao custo total de R\$ 34,34, que inclui depreciação de maquinário entre outros, a defasagem persiste. O estudo, feito junto a cooperativas ligadas à federação, confirma projeções anteriores de que a boa colheita no verão deve impulsionar o plantio neste inverno. A Fecoagro projeta expansão de 10% em relação à safra passada, num total próximo a 900 mil hectares. De acordo com o levantamento, o custo total de produção é hoje de R\$ 1.373,57 por hectare, considerando tecnologia média e produtividade de 40 sacas/ha. Neste cenário, o triticultor necessitará colher 36,4 sacas por hectare para cobrir o custo variável de R\$ 907,00 por hectare, volume tranquilamente factível con-

siderando que, na safra 2010, o Estado fez média de 35,46 sc/ha.

No comparativo com a safra passada, os custos variáveis subiram 4%. E, apesar de o combustível ter aumentado 13% nos últimos 12 meses, os serviços, 7%, o salário mínimo, 6,8% e a inflação, 6,5%, os custos totais tiveram impacto de 3,6%. Isso foi possível porque itens como inseticidas, fungicidas e pesticidas ficaram estáveis, explica o autor do estudo, o economista Tarcísio Minto. Ele alerta, contudo, que o preço mínimo será o mesmo de 2010. No caso do trigo páo, oscilará entre R\$ 23,81 e R\$ 29,97.

O preço do trigo subiu 12% no RS nos últimos 12 meses. Ainda assim, abaixo do aquecimento externo de cotações, de 60%, e inferior aos 15% de reajuste verificado no mercado nacional. Mais um motivo para que o produtor aposte em eficiência. "Produtor que busca competitividade não pode colher menos de 2,6 mil quilos/ha com qualidade", defende Hamilton Jardim, presidente da Comissão de Trigo da Farsul. Ele lembra que, apesar da redução do custo, a Argentina tem um custo de produção de R\$ 350,00 por hectare.

## Arrozeiro espera por ajuda federal

Às vésperas da mobilização dos arrozeiros em Uruguaiana – que deve reunir hoje 5 mil produtores do RS e de SC –, novas medidas de apoio à comercialização do grão foram pleiteadas em Brasília. Segundo o secretário de Agricultura, Luiz Fernando Mainardi, o governo federal prometeu para essa semana a publicação de portarias para novos leilões de PEP (1 milhão de toneladas) e contratos de opções público e privado (500 mil t cada). Entretanto, o Ministério da Fazende-

ria não confirma, limitando-se a informar que a reunião com o secretário-adjunto de Política Econômica, Gilson Bittencourt, serviu apenas para discutir políticas para o grão. Apesar de não precisar datas, o secretário de Política Agrícola do Mapa, Edilson Guimarães, disse que as portarias aguardam parecer jurídico e que devem sair em breve.

Na Conab, Mainardi e o presidente do Irga, Claudio Pereira, acertaram a realização de força-tarefa para agilizar o credencia-

mento de armazéns e, assim, viabilizar o AGF. Autorizado em fevereiro, o mecanismo só escoou 138 mil das 360 mil toneladas.

As promessas não agradam. "O cerne é a competitividade. Não adianta anunciar mecanismos. Sem medidas que impactem na renda, não vai adiantar", avaliou o presidente da Associação dos Arrozeiros de Alegrete, Henrique Dornelles. "Cansamos de discurso, precisamos de ações", disse o presidente do Sindicato de Tapes, Juarez Petry.

## Catanduva volta para a Fenasul



Fábio Gomes

Depois de três anos longe da Fenasul, a Cabanha Catanduva realizará o 2º leilão de Cavalos Crioulos e o 4º Red Concert nos dias 26 e 27, durante a agenda da mostra. O retorno se dá, segundo proprietário da cabanha, Fábio Gomes, porque ele conseguiu reduzir a taxa cobrada pela organização dos leilões. Serão ofertadas 38 matrizes prenhas, doadoras comprovadas e vacas com cria em conjunto com as cabanhas da Maya e Santa Sérgio. O leilão de Crioulos terá oferta de 33 éguas e contará com apoio das cabanhas Miramont e Lessa Jung.

## Mercoláctea 2011

A Mercoláctea 2011 terminou no final de semana, em Chapecó, com prospecção de negócios de R\$ 85 milhões e 26,2 mil visitantes. Segundo o presidente da comissão organizadora, Ricardo Lunardi, a feira foi um sucesso e reuniu toda a cadeia produtiva, ao contrário das anteriores, que tiveram apenas indústrias.

**Sindicato Rural de Mostardas**  
 Parque de Exposições Zé Terra

**AMANHÃ quarta 16h**

**36ª FEIRA DE TERNEIROS**

**600**

Financiamento: **BANCO DO BRASIL**

Realização: **São Simão**

**TERNEIROS E NOVILHAS DE PONTA**

**CADASTRO ANTECIPADO**

(51) 3673.1399 / 3673.1473  
 9319.1180 / 9391.4133 / 9397.0194  
 saolimmaoremateos@hotmail.com

**ALEGRETE**  
 Parque do Sindicato Rural

**DIA 19 - 5ª FEIRA - 18h**

Já confirmados:

**650 BOVINOS**

**DESTAQUE:**  
 250 vacas prenhas ou vazias (tocadas)  
 Cr. Hereford x Nelore  
 Procedência Sr. José Eginio Panciera

32 dias prazo / 2% desc. à vista

**AGENDA** (55) 3422-4664  
 REMATES DE QUALIDADE agendarematas.com.br

**SÃO GABRIEL**  
 AMANHÃ - QUARTA - 14h

**NÚCLEO GABRIELENSE DE CRIADORES DE HEREFORD E DRAFORD**

**800 BOVINOS**

70 Vacas Braford 3/8 com cria  
 30 Vaquilonhas P H - Estância do Bolso

300 Novilhas definidas  
 100 Terneiras definidas  
 300 Terneiros cruzados

FEIRA OFICIAL - FINANCIAMENTO BANCÁRIO  
 55 3232 0204 - 8404 6645

**cambará**  
 Remates de Qualidade  
 www.cambararematas.com.br

**SÃO SEPÉ-RS**  
 HOJE - Terça - 17h

**700 RESES**

**IRÃO À VENDA:**  
 300 VACAS DE INVERNAR E COM CRIAÇÃO PÉ.  
 200 NOVILHOS DE 1,5 E 2,5 ANOS.  
 20 NOVILHAS  
 200 TERNEIRAS E TERNEIROS.

**Cadastro Antecipado**  
 (51) 3233.1127  
 99647359 - 99647357 - 99647358  
 SANTA RITA, REMATES DE TRADIÇÃO E SÉRIEDADE.

**Remate de gado geral**  
 Dia 18/maio (18 horas)

No Parque do Sindicato Rural de Cachoeira do Sul

Em pista: **450 bovinos e 20 ovinos gado de ponta!**

190 reses de uma só marca

Cadastros antecipados com prévia aprovação

Financiamento Banco do Brasil

Informações (51) 3723-0377

9953-6649

www.querenclarurais.com.br 9653-9855

**IX Feira de Terneiros, Terneiras e Vaquilonhas**

26 de maio de 2011 - quinta-feira às 14 horas

**1.000 terneiros, terneiras e vaquilonhas Angus e Cruza Angus**

**Destaque: 100% Angus revisados, terneiros Angus certificados**

Prazo de pagamento: 30/60/90 dias

Promoção: **Associação Brasileira de Micos**, **Farsul**, **Jurubila**

Leilão: **Leilão**

**REMATE ESPECIAL**  
 Cronograma

**26 MAIO**

**Rural de Bagé**  
 Início às 20h

**Cinchador**  
 RES E AMIGOS

**ato** **cambará**  
 Remates de Qualidade

TRANSMISSÃO AO VIVO  
 www.cambararematas.com.br

Informações: 53 3241 3306  
 55 3322 6640

**FEIRA**  
 São Francisco de Assis

**DIA 18 - QUARTA - 18h**

**2700 RESES**  
 1250 TERNEIROS + 600 TERNEIRAS  
 + 450 NOVILHAS + 400 VAQUILHONAS

**DESTAQUE:** 100 FÊMEAS ANGUS PRENHAS E C/ SERVIÇO DA C CACA NA TOLUOLUS FRAM.

Ao vivo

Apelo: **ATRIER UNIAO**, **tecnopec**, **Novo Sertão**

Financiamento: **BANCO DO BRASIL - BARRISUL**

Promoção: **SINDICATO RURAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

Comercialização: **GUARANY REMATES**

Informações: **www.guaranyremates.com - 55.3252.1532**

**ANEXO 06**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 18 de maio de 2011, sobre as  
manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul**

# Rural

rural@correiopovo.com.br  
 Editora: Carolina Jardine

## Soja grão – Bolsa de Chicago – US\$ Bushel

17/5/11	Varição	Fechamento
Julho/2011	+0,14%	13,41
Agosto/2011	+0,13%	13,36%
Setembro/2011	+0,14	13,28%
Novembro/2011	+0,14%	13,20%
Janeiro/2012	+0,15%	13,30%
Março/2012	+0,17	13,34

## Bovino gordo em pé/kg

Semana de 9/5/2011 a 13/5/2011 (\*)

Bol	Vaca
RS 3,00	RS 2,70
RS 3,11	RS 2,76
RS 3,20	RS 2,90

Mínimo  
Médio (\*\*)  
Máximo  
(\*) Média ponderada obtida entre preços consultados  
Fonte: Emater

## GSI produzirá silos no Estado

■ O Grupo GSI voltará a produzir silos, secadores e transportadores de grãos no Brasil. Um ano após o fechamento da unidade de Brusque (SC), a atividade será retomada em Marau, município gaúcho onde a empresa já tem uma fábrica de equipamentos para confinamento de aves, suínos e gado leiteiro. A inauguração será amanhã, às 18h.

# Arrozeiros trancam ponte de Uruguaiiana

Ato pede suspensão de importações do Mercosul e prazo para dívidas

**P**rotagonistas de uma crise de comercialização sem precedentes, orizicultores gaúchos e catarinenses trancaram ontem a ponte internacional que liga Uruguaiiana a Paso de los Libres, na Argentina. Iniciativa do movimento Te Mexe Arrozeiro, o protesto busca sensibilizar os governos estadual e federal para pedidos que têm sido constantemente reiterados nos últimos meses. Entre os pleitos estão o bloqueio às importações de arroz do Mercosul por seis meses e a suspensão das dívidas de custeio e investimento até 31 de outubro. "É um grito de desespero do produtor, que só recebeu promessas e nada de soluções", frisou o representante do movimento Juarez Petry. Conforme a Emater, a saca está em R\$ 18,79, valor 67,9% abaixo do de 2010. "O governo tem que fazer alguma coisa", pediu o presidente da Federarroz, Renato Rocha.



Carreteiro gigante foi preparado às margens da BR 290

Com 3,5 mil participantes, a manifestação teve início pela manhã com concentração no Parque Agrícola e Pastoral de Uruguaiiana. Depois, em carreta, eles se deslocaram para a praça

Barão do Rio Branco, onde participaram de uma audiência pública. À tarde, deram início à interrupção da ponte. Por quatro horas, entre 14h e 18h, o bloqueio foi total. Depois, sob a supervisão da Polícia Rodoviária, os manifestantes concordaram em liberar meia pista, revezando o sentido a cada duas horas para carros de passeio. Até o início da noite, a interrupção continuava e a informação era que 200 ônibus

e caminhões estavam parados, sendo que alguns argentinos já faziam a travessia a pé. Segundo o presidente da Associação dos Arrozeiros de Alegrete, Henrique Dornelles, o fluxo só será normalizado após uma resposta aos pleitos. Durante o ato, ainda foi servido carreteiro aos produtores às margens da BR 290. O preparo demandou 400 quilos de arroz e 350 quilos de carne.

## Grito da Terra à espera de Dilma

Milhares de pequenos produtores esperam para hoje o anúncio da presidente Dilma Rousseff de medidas de apoio à agricultura familiar. Lideranças da Contag devem ser recebidas à tarde para saber o que foi acordado ontem em reunião entre Dilma e seis ministros de pastas relacionadas às demandas apresentadas pelo Grito da Terra Brasil.

O movimento termina hoje. A pauta dos pequenos agricultores tem 21 páginas e 185 itens. Ontem, no primeiro dia do Grito, mais de 5 mil trabalhadores lotaram a Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Hoje, os agricultores devem pressionar pela votação do Novo Código Florestal.

## Principais pleitos

- Verba para reforma agrária e aumento nas desapropriações;
- Fortalecimento do Inca;
- Acesso à assistência técnica;
- R\$ 2 bilhões para o Programa de Garantia de Preço Mínimo para assegurar remuneração 30% superior ao custo;
- Políticas às mulheres rurais;
- R\$ 30 milhões/ano para Feiras da Agricultura Familiar;
- Acesso à habitação;
- Política nacional de pagamento por serviços ambientais;
- Política à juventude rural;
- Verba para licenciamentos ambientais.



Manifestação por ajuda do governo federal reuniu 5 mil pessoas ontem

## Vinho em alta

■ As vinícolas do Wines of Brasil exportaram 544,5 mil dólares no primeiro trimestre, 144% mais do que no mesmo período de 2010. A informação foi revelada na 31ª London International Wine Fair, pela gerente do projeto, Andreia Milan.

## Marcha chega hoje a Porto Alegre

Mais de 3 mil pessoas ligadas à Via Campesina e ao Movimento dos Pequenos Agricultores reúnem-se hoje em Porto Alegre para pedir solução para o endividamento rural. Os manifestantes devem vir em marcha de Canoas e de Eldorado do Sul. Segundo o coordenador do MPA Leandro Noronha, a saída está marcada

para as 7h. Os agricultores se encontrarão no Mercado Público da Capital, onde os coordenadores decidirão o novo destino. Ontem pela manhã, 600 produtores que dormiram no parque Assis Brasil, em Esteio, participaram de ato em frente à AGCO. À tarde, seguiram pela BR 116 até Canoas, onde passaram a noite.

## Fórum Nacional cobra apoio ao trigo

Os setores que integram a cadeia tritícola cobraram uma manifestação imediata do governo federal quanto ao interesse de alcançar a autossuficiência e reduzir a importação do cereal. A posição consta do documento final do 4º Fórum Nacional do Trigo, encerrado ontem na Sociedade Ginástica, em Ijuí. O texto aponta ainda para a urgência de recursos para "implementar os ins-

trumentos de apoio à comercialização e de seguro para produção". A busca pelo mercado internacional seria uma alternativa para o setor tritícola que perdeu espaço no Brasil após a criação do Mercosul. "A base desse acordo precisaria ser revista, pois o trigo é fundamental no sistema agrícola da Região Sul", disse o chefe-geral da Embrapa Trigo, Sérgio Dotto, durante o evento.

**GAÇAPAVA DO SUL**  
 LOCAL: SINDICATO RURAL  
**QUINTA - 19/05 - 15h**  
**450 RESES**  
 Destaque: 300 Vacas  
 CADASTRO ANTECIPADO  
 EDS REMATES 55 3281-2132  
 55 9972-3405

**FEIRA**  
**São Francisco de Assis**  
**HOJE - 18h**  
**2700 RESES**  
 1250 TERNEIROS + 600 TERNEIRAS  
 + 450 NOVILHAS + 400 VAQUILHONAS  
**DESTAQUE** 180 FÊMEAS ANGUS PRENHE E 67 SERVIÇO DA E CACA NA TÓLIDA FAIR.  
 Apoio: Best Beef, Novo Genes  
 Financiamento: BANCO DO BRASIL - BANRISUL  
 Comercialização: SINDICATO RURAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS  
**GUARANY REMATES**  
 Informações: www.guaranyremates.com - 55.3252.1532

**21º REMATE DO ITE 27**  
**21 MAIO DE 2011**  
**SÁBADO - 14h**  
 PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE LAVRAS DO SUL  
**1400 BOVINOS**  
 • 670 VENTRES • 200 NOVILHAS  
 • 400 VENTRES PRENHE  
 • 130 NOVILHOS  
 + OVINOS E CAVALOS CRIOULOS  
 REMATE OFICIALIZADO PELA SECRETARIA DE AGRICULTURA.  
 Apoio: CITE 27  
 www.srlavrasdosul.com.br

**ALEGRETE**  
 Parque do Sindicato Rural  
**AMANHÃ - 5ª FEIRA - 18h**  
**700 BOVINOS**  
 250 vacas vazias  
 250 vacas prenhas  
 20 vacas c/cria  
 80 novilhas 1½ anos  
 100 novilhas 1½ e 2½ anos  
 Destaque: 180 vacas prenhas e 70 vacas cr: Hereford x Nelore  
 32 dias prazo / 2% desc. à vista  
**ARAGENDA** (55)3422-4664  
 REMATES DE QUALIDADE agendaremates.com.br

**SÃO GABRIEL**  
 HOJE - QUARTA - 14h  
 NÚCLEO GABRIELENSE DE CRIADORES DE HEREFORD E BRAFORD  
**800 BOVINOS**  
 70 Vacas Braford 3/8 com cria  
 30 Vaquilhonas P H - Estância do Bolso  
 300 Novilhas definidas  
 100 Terneiras definidas  
 300 Terneiros cruzados  
 FEIRA OFICIAL - FINANCIAMENTO BANCÁRIO  
**55 3232 0204 - 8404 6645**  
**cambará** Remates de Qualidade www.cambararemates.com.br

**Pinheiro Machado**  
 ■ A segunda edição da Feira Oficial de Novilhos e Terneiros de Pinheiro Machado registrou faturamento de R\$ 1,19 milhão com a venda de 68 terneiros e 1.418 novilhos. Os preços médios do quilô vivo variaram, de acordo com a categoria, de R\$ 3,07 a R\$ 3,26. As informações foram divulgadas pelo Sindicato Rural de Pinheiro Machado e pela Pioneiro Remates.  
**GUARANY REMATES**  
 FEIRAS DE TERNEIROS (AS)/MAIO-11  
 Dia 20 - 18h - São Paulo - 600 rezes  
 Destaque: 400 vacas prenhas e novilhas de uma marca.  
 Dia 25 - 18h - São Francisco de Assis  
 800 rezes - 300 vacas vazias + 300 bolts + 200 terneiros da Agropecuária EBA  
 Dia 28 - Santiago  
 Financiamento: BANCO DO BRASIL / BANRISUL  
 Apoio: Best Beef, FINEC, PIONEIRO REMATES, Tecnopet  
 Informações: www.guaranyremates.com - 55.3252.1532

**ANEXO 07**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 19 de maio de 2011, sobre as  
manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul**



**ANEXO 08**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 20 de maio de 2011, sobre as  
manifestações da Via Campesina no Rio Grande do Sul**

## Rural

rural@correiodopovo.com.br  
 Editora: Carolina Jardine

## Soja grão - Bolsa de Chicago - US\$ Bushel

19/5/11	Varição	Fechamento
Julho/2011	0,00	13,79%
Agosto/2011	-0,01	13,71%
Setembro/2011	-0,02%	13,60%
Novembro/2011	-0,03%	13,49%
Janeiro/2012	-0,03%	13,59
Março/2012	-0,04%	13,61

## Bovino gordo em pé/kg

Semana de 16/5/2011 a 20/5/2011 (*)	
Boi	Vaca
R\$ 3,00	R\$ 2,70
R\$ 3,13	R\$ 2,78
Mínimo (*)	
Máximo	R\$ 3,20 R\$ 2,90

(\*) Média ponderada obtida entre prazos consultados  
 Fonte: Emater

## Licença para agrotóxicos

As empresas que têm registro de comercialização de agrotóxicos podem ter mais prazo para obter licenciamento ambiental ou sua renovação. A reedição da portaria 174/2010, que determina prazo até o dia 31, será analisada hoje em reunião entre a Secretaria da Agricultura (Seapa) e a Fundação Estadual de Proteção ao Ambiente (Fepam).

# Tarso promete apoio contra endividamento

Do alto do caminhão de som da Via Campesina, na Praça da Matriz, o governador Tarso Genro garantiu ontem a mais de 3 mil agricultores que dará força política para resolver o endividamento rural. Em audiência com coordenadores do movimento e dirigentes da Fetag e Fetraf-Sul, Tarso se esbaltou ao saber que mais de 60% do endividamento brasileiro corresponde a contratos do Rio Grande do Sul. Segundo o diretor Estadual do MPA, Romário Rossetto, dos R\$ 8 bilhões da dívida vencida ou por vencer, R\$ 5 bilhões são de gaúchos. "Isso demonstra a importância da agricultura familiar do RS para o Brasil. Mas também que há algo errado com o sistema de financiamento", avaliou Tarso. O governador determinou a instalação de um grupo de trabalho para fazer levantamento das soluções necessárias. "Vamos convidar o ministro Gilberto Carvalho a comparecer aqui no Palácio Piratini e esse grupo apresentará a real situação." Carvalho foi incumbido pela presidente Dilma Rousseff de buscar solução ao tema.

Segundo Rossetto, os produtores querem que as dívidas sejam unificadas em contrato de 15 anos, juro zero e dois de carência. Além disso, pedem desconto de R\$ 12 mil por família e bônus adimplência de 30%. A preocupação se justifica, segundo o presidente da Fetag, Elton Weber, porque dos R\$ 16 bilhões disponibilizados pelo governo em 2010/2011, apenas R\$ 11 bilhões foram tomados. "Isso acontece

não porque o produtor não precisa de crédito, mas porque não pode tomar." Conforme levantamento da Fetag, nos últimos quatro anos, na região Sul do Estado houve diminuição de 25 mil contratos exatamente em áreas de plantio de arroz e fumo.

Ontem, produtores ainda participaram de grande expediente na Assembleia Legislativa sobre o endividamento e, no final do dia, deixaram a Capital.



Encampando causa dos agricultores, governador subiu no carro de som



Governo pretende investir na recuperação de câmaras, como a de Caxias

## Cesa interrompe ação em 2 unidades

As unidades frigoríficas da Cesa em Caxias do Sul e Capão do Leão interromperam atividades por tempo indeterminado. O fechamento busca a recuperação das câmaras frias com capacidade para estocar 16 mil toneladas. A desativação exigiu a retirada de produtos por clientes. O aviso de suspensão por 12 meses foi entregue ao Ministério da Agricultura na terça-feira. Desta forma, as unidades asseguram o registro do SIF mesmo sem operar. Segundo o chefe de Serviços de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Mapa/RS, Marco Santos, o ministério não fez nenhuma exigência extraordinária que justificasse a paralisação.

Conforme o presidente da Cesa, Jerônimo Oliveira, a intenção é estancar prejuízos e sanar problemas, se antecipando ao risco de descredenciamento junto ao governo federal devido ao precário estado. Em 2010, o déficit operacional das duas unidades chegou a R\$ 3 milhões. Um dos fatores, segundo o Estado, é que as unidades estão com ocupação média de 11%. O secretário da Agricultura, Luiz Fernando Mainardi, diz que buscará parceiros para elevar a taxa de ocupação. Paulo Rosa, um dos diretores do Sagers, teme que por trás desta interrupção esteja o fechamento definitivo das unidades, prejudicando trabalhadores.

## Área de trigo deve atingir 844 mil ha

O Rio Grande do Sul deve aumentar em 6,13% a área cultivada com trigo na safra 2011/2012, atingindo 844,4 mil hectares, de acordo com o primeiro Levantamento de Intenção de Plantio da Emater, divulgado ontem. No ano passado, foram plantados 795,6 mil ha. A projeção inicial da Emater é de produção de 1,846 milhão de toneladas. Foram analisa-

das informações de 258 municípios, que representam 80% do total a ser cultivado este ano no Rio Grande do Sul.

Segundo o assistente técnico da Emater, Ataides Jacobsen, o cultivo é encarado como forma de garantir cobertura do solo e controlar erosão e invasoras. "O sojeicultor viu no trigo possibilidade de controlar a buva", frisou.

## MDIC descarta bloqueio ao arroz

O ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Alessandro Teixeira, descartou ontem a possibilidade de o governo suspender a importação de arroz do Mercosul, um dos principais pleitos dos agricultores. Em reunião com a bancada gaúcha e entidades, Teixeira disse que o bloqueio contraria as diretrizes da OMC. Passados dois dias do protesto que bloqueou por mais de 20 horas a Ponte Internacional de Uruguaiana, os orizicultores saíram frustrados do encontro, mas prometem insistir. "Hoje, o principal problema é o Mercosul", disse o presidente da Federarroz, Renato Rocha. Farsul, Federarroz e Fetag devem retornar na próxima semana à capital federal para nova audiência com líderes do governo.

## Autorizado leilão de opção pública

Dois meses após ser anunciada, a portaria interministerial que autoriza leilões de opção pública de arroz do RS e SC foi publicada ontem no Diário Oficial da União. Com investimentos de R\$ 300 milhões, a medida vai apoiar a comercialização de até 500 mil toneladas. O primeiro aviso deve ser publicado pela Co-

nab em até uma semana. Produtores ou cooperativas que adquirirem o contrato receberão R\$ 29,00 pela saca de arroz em casa entregue em 30 de novembro. O Mapa ainda informou que está finalizando portaria para opções privadas. Para a comercialização de 500 mil toneladas, a Pasta vai direcionar R\$ 60 milhões.

**AMANHÃ**  
**21º REMATE DO CITE 27**  
**21 MAIO DE 2011**  
**SÁBADO - 14h**  
 PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE LAVRAS DO SUL  
**1400 BOVINOS**  
 • 670 VENTRES • 200 NOVILHAS  
 • 400 VENTRES PRENHES  
 • 130 NOVILHOS  
 + OVINOS E CAVALOS CRIoulos  
 REMATE OFICIALIZADO PELA SECRETARIA DE AGRICULTURA.

www.sriavrasdosul.com.br

**CRUZ ALTA**  
 HOJE - SEXTA - 15h  
**800 BOVINOS**  
 100 Vacas/Novilhas  
 200 Bois 1,5 - 2,5a  
 350 Terneiros  
 150 Terneiras

Destaque  
 100 Bois excepcionais  
 uma só procedência  
 50 Bubalinos

55 3322 6640 - 8404 6640

cambará Remates de Qualidade

**GUARANY REMATES**  
 64 ANOS  
 HOJE - 16h - São Borja - 500 reses  
 Destaque: 100 vacas prenhes + 200 vazias,  
 100 novilhas e 100 ternelões de uma marca.

Mãe 25 - 30h - São Francisco de Assis  
 850 reses - 300 vacas vazias - 300 bois  
 + 250 ternelões (ca) da Agropecuária EBA

Mãe 28 - Santiago

Financiamento: BANCO DO BRASIL / BANRISUL

Best Beef  
 ANIER UNIAO  
 Tecopex

www.guaranyremates.com - 55.3252.1532

**26 a 29 de maio de 2011**  
 Parque Estadual de Exposições Assis Brasil - ESTEIO/RS

**Fena Sul**  
 Feira Nacional de Agronegócios do Sul

A força do Agronegócio está aqui

Realização: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Associação Nacional de Desenvolvimento e Comércio Rural (ANDECRU)

Patrocínio: Barrisul (Quantum Rural) S.A.

**ANEXO 09**

**Matéria publicada pelo jornal Folha de S. Paulo em seu site ([www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)), no dia 08 de março de 2006, sobre a ocupação da fábrica da Aracruz Celulose S/A no RS por militantes do MMC**

08/03/2006 - 21h55

## **MULHERES DEPREDAM FÁBRICA DE CELULOSE NO RS**

**LÉO GERCHMANN**

da **Agência Folha**, em Porto Alegre

Um grupo de 2.000 militantes da Via Campesina, na maioria mulheres, invadiu na manhã de hoje e danificou instalações do horto florestal da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro (56 km de Porto Alegre). A depredação durou meia hora.

O objetivo, segundo manifesto divulgado pela entidade, foi de denunciar as "conseqüências sociais e ambientais do avanço da invasão do deserto verde criado pelo monocultivo de eucaliptos".

A ação foi liderada pelo MMC (Movimento das Mulheres Camponesas) e procurou marcar, além da condenação ao que chama de "latifúndio verde", o Dia Internacional da Mulher.

Em outros sete Estados -- AL, MA, MT, PA, PE, RO e SE -- ocorreram caminhadas e atos públicos de mulheres trabalhadoras rurais para lembrar a data.

De acordo com a gerência da fábrica da Aracruz, em Guaíba, a produção está comprometida. Laboratórios foram destruídos e pesquisas de até 20 anos, sobre cruzamentos genéticos e seleção de espécies, foram perdidas.

O gerente da Aracruz em Guaíba, Renato Rostirola, reclamou dos prejuízos. "Foi atacada uma área onde havia as mudas que já estavam prontas depois de um período de 120 dias. Isso compromete bastante nosso desenvolvimento em pesquisa. O laboratório, onde ficam nossas pesquisas, ficou comprometido porque foram misturados elementos". Ele não fez uma estimativa dos valores do prejuízo.

O viveiro florestal da Aracruz tem capacidade para a produção de 30 milhões de mudas de eucaliptos. Pelo menos 5 milhões de plantas foram destruídas. O plantio que abastece a fábrica da Aracruz em Guaíba (ao lado de Barra do Ribeiro) ficou comprometido pela falta de mudas.

Os invasores chegaram ao local com taquaras (pedaços de bambu) e facas de mesa. Com as taquaras, romperam plásticos e telas das estufas, onde havia clonagens.

Além do uso da terra para reforma agrária em vez do reflorestamento, os manifestantes utilizaram argumentos ambientalistas para justificar a ação.

"Somos contra os desertos verdes, as enormes plantações de eucalipto, acácia e pinus para celulose, que cobrem milhares de hectares no Brasil e na América Latina", afirmaram as mulheres, em manifesto da Via Campesina, organização internacional da qual faz parte o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e outras entidades.

"Onde o deserto verde avança a biodiversidade é destruída, os solos deterioram, os rios secam, sem contar a enorme poluição gerada pelas fábricas de celulose que contaminam o ar, as águas e ameaçam a saúde humana", continua o texto.

'Não conseguimos entender como um governo que quer acabar com a fome patrocina o deserto verde ao invés de investir na Reforma Agrária e na Agricultura Camponesa.'

O manifesto do grupo lembra ainda o Dia Internacional da Mulher: "Neste 8 de março, nos solidarizamos com as mulheres camponesas e com as trabalhadoras urbanas de todo o mundo, que sofrem com as várias formas de violência impostas por esta sociedade capitalista e patriarcal."

### **Rossetto condena**

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, representante das correntes de esquerda do PT no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, condenou a invasão, dizendo que ela "em nada contribui pela busca da reforma agrária".

Entidades empresariais do Rio Grande do Sul divulgaram nota para expressar repúdio à invasão. Segundo as entidades, "esses atos que afrontam a lei e agredem a democracia também destroem as oportunidades sociais e os empregos gerados por esses empreendimentos".

Colaborou **SÍLVIA FREIRE**, da **Agência Folha**.

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados

**URL:** <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u76373.shtml>

**ANEXO 10**

**Preview da edição do Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, produzido pela chefia de reportagem no dia anterior, com as pautas que estavam em execução**

**PRODUÇÃO MANHÃ**  
**ÁLVARO GROHMANN**

- Mais um ataque a bar na Cidade Baixa, em Porto Alegre (Fotos Bruno)
- Novo golpe em caixa eletrônico (telefoto)
- Carro roubado gaúcho achado em Santa Catarina (telefoto)
- Delegacia de Homicídios prende mais 2 da operação Regressus na Restinga (telefoto)
- Acidentes com morte em Porto Alegre (Fotos Arthur) e Getúlio Vargas
- PMs seguem protestando contra baixos salários

**MÔNICA BIDESE**

- RS lidera as contratações temporárias para o Natal na região Sul (tabela)
- Funcionários da Carris pedem transparência nas ações da empresa
- Prefeito de Cachoeirinha defende alternativa de acesso BR-290 para desafogar avenida Flores da Cunha
- Piquete do IGTF promove ação preventiva de combate as doenças do coração (Foto Bruno)

**MARCOS KOBOLDT**

- BR 116 será monitorada por vídeo 24 horas (Fotos Arthur)
- Jovens da Fase expõem trabalhos artísticos no Praia de Belas Shopping (Fotos Arthur)

- Bloqueio da avenida Beira-Rio causou lentidão no trânsito na área central de Porto Alegre (Fotos Arthur)

**MAUREN XAVIER**

- PMs ampliam a mobilização por reajuste salarial (Foto Pedro)
- Moradia em área de risco merece alerta. (Fotos Pedro)

- PMs realizarão ato em frente ao Palácio Piratini. (Telefoto)

**EXTRA**

- Jovem faz 15 anos e pede um presente inusitado: visitar a redação do Cp (Fotos Bruno)

- Smov vai recuperar pavimentação de quatro avenidas da Capital (Fotos Site/Prefeitura)

**LUCIAMEM WINCK**

Chefia de Reportagem

# PRODUÇÃO

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 2011

**Correspondente Ipiranga - 8 horas**

- Região da Restinga, na Capital, registrou o primeiro assassinato após a instalação de ônibus da Brigada Militar.
- Série Modern Family foi a grande vencedora do Emmy, a maior premiação da TV americana. A atração levou cinco prêmios, inclusive de melhor série de comédia.
- Principais bolsas da Europa abriram em baixa hoje na expectativa de solução para a crise da dívida pública da Grécia.
- Presidente Barack Obama anuncia nesta segunda-feira imposto maior para milionários nos Estados Unidos.
- Presidente Dilma Rousseff tem hoje as primeiras reuniões em Nova York. Em seu programa semanal de rádio, Dilma Rousseff afirmou estar orgulhosa por ser a primeira mulher a abrir a Assembleia Geral das Nações Unidas.
- Milhares de pessoas são esperadas nos desfiles que celebram a Revolução Farroupilha hoje e amanhã, em Porto Alegre.
- Bancos, comércio e serviços públicos abrem normalmente hoje. No feriado de amanhã, os supermercados das grandes redes funcionam com horário especial.
- RS foi o último no ranking de investimentos na saúde em 2009.
- Protesto na madrugada em frente à Carris, em Porto Alegre. Trabalhadores colocaram uma faixa reivindicando melhores condições de trabalho e transparência.
- Novo protesto com queima de pneus foi feito na BR-392, em Rio Grande.
- Piloto de supercross morreu durante apresentação em Minas Gerais. Swian Zanoni, de 23 anos, bateu com a moto contra um coqueiro.
- Ladrões roubaram na noite passada mais de R\$ 1 milhão de uma transportadora de valores em São Paulo.
- Três homens assaltaram uma lancheria e agrediram funcionários nesta madrugada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre.
- Será inaugurado hoje o sistema de monitoramento por câmeras na BR 116, entre Porto Alegre e Novo Hamburgo.
- Mortes no trânsito gaúcho no fim de semana já superam o total do feriado de 20 de Setembro do ano passado. Desde a tarde de sexta-feira, são 23 vidas perdidas em acidentes.

## Sugestão de Capa

*RS lidera as contratações temporárias para o Natal na região Sul  
PMs ampliam mobilizações por melhores salários (fotos)  
BR 116 monitorada 24 horas (fotos)  
Desfile temático é hoje (fotos)*

**Correspondente Ipiranga - 12h50min**

- Paraguai confirmou febre aftosa no departamento de São Pedro. Mais de 800 cabeças de gado foram sacrificadas numa propriedade na cidade de Sargento Loma, a 150 quilômetros da fronteira com o Mato Grosso do Sul.
- Justiça militar uruguaia condenou à prisão cinco soldados que abusaram de um jovem haitiano durante a Missão de Paz da ONU.
- No Pará, governo exonerou diretor e 20 agentes de colônia penal onde adolescente foi abusada.
- Funcionário da Petrobras morreu durante combate a incêndio num navio no Rio de Janeiro.
- Cresceu o número de assaltos a lojistas do Sul que viajam para fazer compras em São Paulo. Os ônibus são atacados na divisa de Santa Catarina com o Paraná.
- Polícia recuperou objetos de mais de 20 vítimas de uma quadrilha que agia próximo ao Aeroporto Salgado Filho. Seis integrantes do grupo que furtava veículos foram presos no mês passado.
- Presidente Barack Obama anunciou há pouco o maior corte de gastos da história dos Estados Unidos.
- Consumidor de Porto Alegre já vai encontrar veículo importado mais caro nos próximos dias.
- Aprovado reajuste de 5,2% nas tarifas dos ônibus intermunicipais da Região Metropolitana de Porto Alegre.
- Correios ampliaram o horário de trabalho dos servidores que não aderiram à greve para evitar represamento ainda maior de correspondências.
- Autorizado pagamento de verbas rescisórias trabalhistas aos empregados demitidos da Fugast que prestavam serviço na Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul. O decreto foi publicado hoje no Diário Oficial do Estado.
- Associação de Cabos e Soldados da Brigada Militar se retine à tarde com o governo. Em Porto Alegre, a entidade rejeitou em assembleia nesta manhã a oferta do Piratini.

## Produção Tarde

**PAULO TAVARES**

- Polícia
- PMs vão na casa civil anunciar decisões (fotos)
- Dupla de ciclistas rouba em Sapucaia do Sul (telefoto)
- Policiais civis e agentes penitenciários definem reajuste de salário na Casa Civil (foto)

**---MIRELLA POYASTRO**

- O que vai pela Assembleia?
- Em produção: Santa Catarina tem mais hospitais públicos do governo estadual que RS?
- Equipe de remo percorre rios amazônicos e agora contas as loas (telefoto)
- Médicos da prefa entregam pedido de reajuste
- Filantrópicos se reúnem com vice-governador para negociar recursos
- Câmara aprecia projeto de gratificação servidores da saúde da prefa.
- Fugast: finalmente serão pagos

**---DANTON JÚNIOR**

- O que vai pela Câmara?
- Correio do Povo faz 116 anos
- JANINE SOUZA
- O que vai pelo Judiciário
- Semana de trânsito tem ações
- Aumento de ônibus da região metropolitana autorizado pela Agergs
- Alunas de escola estadual retornam vencedoras de evento esportivo (fotos pedro)
- Grevistas dos correios seguem

**-LUIZ DIBE-**

- Em Férias até dia 03/10

**--- GISIANE ANDRADE**

- O que vai pela prefa?
- O que vai pelo governo do Estado?
- Dia da Árvore é 21: ainda temos alguma?(fotos)
- Sabiá fez ninho num galpão do acampamento farroupilha (fotos)

**- EMA BELMONTE**

- Ensino
- Correio do Povo faz 116 anos de ação

**HERON VIDAL**

- ECONOMIA
- Pauta
- RENATO ARAUJO
- Plantão
- Desfile Farroupilha Noturno (fotos)
- JOSÉLIA SALES
- Pauta
- JUREMA JOSEFA
- Chefia de reportagem

**ANEXO 11**

**Pauta do dia da edição de Zero Hora de 11 de outubro de 2011, com o resultado do que fora discutido na reunião de editores, realizada na tarde do dia anterior**

# ZERO HORA

Pauta para o dia 11/10/2011



## Manchete

- MP cobra ex-prefeitos
- Territórios da Paz



## Para o seu filho ler

- Coisas legais para se fazer no Dia da Criança



## 4 e 5

O movimento Ocupe Wall Street inspira uma centena de cidades americanas onde se reproduz a manifestação. Vamos explicar como nasceu o movimento, como se espalha, uso de Redes Sociais?

Os números do desemprego e da recessão nos EUA, que parecem ser o principal motivo. Podíamos ver análise de especia-



## Fotos do Dia

- Preparativos do Casa&Cia
- Justin Bieber
- Lotéricas lotadas
- Carro vira casa
- Ocupe Wall Street
- Aposentado preso

- BARRA: ilustrações do lotti na série De volta à Escola

## Grifo do dia

Luciano Peres explicar, na política americana, quem ganha/quem perde com Ocupe WS/DC



## Preste atenção

Cobertura de Justin Bieber sai em uma página na Geral (2 edições)



## Dica ZH

- Serviço para o feriado: o que abre e o que fecha

## APOSTAS MULTIMÍDIAS

ZH.com

- **Especial:** Justin Bieber (além do site especial, galeria e vídeo)

- **Vídeo:** De volta à Escola

- **Vídeo + fotos:** pessoas que moram em carros em Porto Alegre

- **Site especial:** Casa & Cia

## OUTRAS PAUTAS

**CERCO AOS MAUS ADMINISTRADORES** - MP e TCE apertam cerco a ex-prefeitos que fizeram uso indevido de dinheiro público. Nos últimos 16 anos, soma é de R\$ 261 milhões (só 17% deles foram devolvidos). Levantamento exclusivo para ZH.

**O FUTURO DA REVOLUÇÃO** - Confrontos internos, a lenta transição para a democracia e divergências com Israel põem em risco avanços no Egito. Número de mortos em confrontos subiu para 25

**SACRIFÍCIO DE MÃE** - Americana morre ao salvar filha cujo carrinho de bebê havia ficado preso em trilhos.

**GREVES x CONSUMIDORES** - A greve dos bancos e dos Correios está se tornando um suplício para quem não usa internet e não consegue pagar as contas. As lotéricas estão cheias. Algumas delas não

aceitam código de barra copiado, por exemplo, dificultando ainda mais a vida das pessoas.

**NOBEL DE ECONOMIA** - Os americanos Thomas J. Sargent e Christopher A. Sims vencem o Nobel de Economia por pesquisa sobre as causas e os efeitos na macroeconomia.

**PRESO AO RECLAMAR** - Aposentado da Capital é preso após fazer reclamação, no Postão do IAPI, por ter ficado quatro meses sem receber salário.

**DE VOLTA À ESCOLA** - No terceiro dia da série, o cartunista lotti retorna ao Cristóvão de Mendoza, em Caxias.

**VAZAMENTO DE GÁS** - Agentes da DP de Proteção ao Meio Ambiente prenderam em flagrante a química responsável de uma empresa de produtos de limpeza em Alvorada, onde funcionários passaram mal com o vazamento de um gás tóxico.

## ALERTA AFOGAMENTOS

- Aproveitamos o calor e o feriado para produzir matéria de alerta, com ajuda de bombeiros, sobre prevenção a afogamentos.

**TERRITÓRIOS DA PAZ** - Balanço da criminalidade nas quatro áreas do projeto Territórios da Paz em Porto Alegre mostra que crimes aumentaram em 3 delas (DG).

**OBRAS DO BEIRA-RIO** - Vice de futebol do Inter admitiu que assinar o contrato do Beira-Rio antes do dia 20, data de escolha das sedes da Copa das Confederações, é "matematicamente impossível". Vamos mostrar bastidores da negociação.

**NA PRANCHETA ZH** - Novo Mundo x Velho Mundo: a 10 rodadas do final, Brasileiro segue em aberto: sete times com chances de chegar ao título. Se isso não chega a ser incomum aqui, é o contrário do que acontece na Europa.

## Cadernos



## CASA&CIA

Mostra Casa & Cia começa nesta quarta-feira, feriado, em condomínio à beira do Guaíba.

## Viagem

**No coração da Bahia:** além de cavernas e cachoeiras, Chapada Diamantina fascina com exuberantes vistas.

## Segundo Caderno

- Sai nova edição dos Contos Completos de Sergio Faraco, com quatro textos inéditos.

- Ospa faz concerto com flautista americano

- Discos: o novo trabalho da banda brasileira Cansei de Ser Sexy

## De quarta-feira

Dia das Crianças: Kleiton & Kledir lançam disco infantil



## SACADA

- **INVASÃO DE CARROS:** Temos três histórias de pessoas que vivem em carros em Porto Alegre. Os três ficam na Avenida Moab Caldas (onde fica o Pacs), onde há um ferro-velho com carros abandonados.



## INFOGRÁFICOS

- Prancheta ZH
- Nobel de Economia
- Vazamento de cloro



## PAUTA LIGHT

**ANEXO 12**

**Primeiro Cheiro da edição de Zero Hora do dia 11 de outubro de 2011, com as apostas de capa e contracapa discutidas no dia anterior**

# ZERO HORA

DE VOLTA  
À ESCOLA - IOTTI  
PÁGINAS XX e XX

PORTO ALEGRE, XXXXXXXX, XX XX XXX DE VCVCV

- ANO 48 - Nº 16.807

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48

R\$ 2,00

## Mp cobra dívida de Ex-prefeitos

Facip eummolor sis aliquam zzriuscipit eu feugue minciliquis num verosto exer siit wis alit am, velit lam velit ut wiscil ut Lad min euis exeraesto wicil xco nsed. **Página xx**

**VBVBVB VBVBVBVB**

**APOSENTADO PRESO  
AO RECLAMAR**

**LOTÉRICAS LOTADAS**

**WALL STREET**

Daddadda daddadd. **Página xx**

**Cartola Afogamentos  
vbv vbv vbvnsenim**

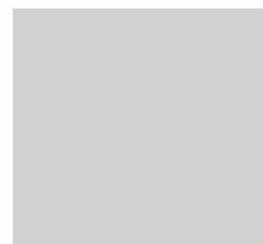
PÁGINA xx

**Cartola Suite do  
pichador ou presídios**

PÁGINA xx

**Cartola**

**Justin Bieber  
adada andada  
ada addadad**



JUSTIN BIEBER

ada adada ada adddsdsdda  
adadda advbvda ad adadna  
adadda adaddda. **Página xx**

**Cartola**

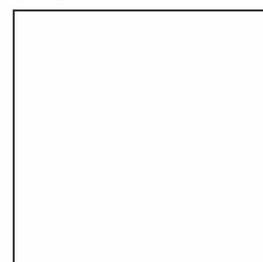
**Onda de  
protestos  
nos EUA**

ada adada ada adddsdsdda  
adada advbvda ad adaddna  
adadda adaddda. **Página xx**

**Brasileirão**

**A 10 rodadas  
do final sete  
times na briga**

Prancheta comparando  
o que acontece aqui e na  
Europa. **Esportes**



# ZH

www.zerohora.com  
XXXXXXX,  
XXXXXXX

HORÁRIO DE  
FECHAMENTO  
DESTA EDIÇÃO **22:30**

Porto Alegre (RS)  
Av. Ipiranga, 1075.  
CEP 90169-900

**HOJE EM ZH**

dadad ada

**PARA FALAR  
COM ZH**

**ASSINATURAS**  
www.zerohora.com/  
assinaturas

**ATENDIMENTO  
AO ASSINANTE:**  
Para ligações de Porto  
Alegre e de celular:  
**(51) 3218-8200**  
Demais cidades:  
**0800 6428200**  
assinantes@zerohora.com.br

**PARA ASSINAR:**  
**0800 6428222**  
Atendimento ao  
Ponto de Venda:  
**0800 6424088**

**RBS PUBLICAÇÕES**  
www.rbspublicacoes.com.br  
**0800.051.33.23**

**REDAÇÃO**  
**(51) 3218-4300**  
leitor@zerohora.com.br

**ANÚNCIOS**  
www.zh.rbs.com.br  
**TELEANÚNCIOS:**  
**32.139.139**  
teleanuncios@zerohora.com.br  
Loja virtual para classificados:  
www.zhclassificados.com.br

**COMERCIAL:**  
**(51) 3218-4900**  
comercial@zerohora.com.br



### CARTOLA

**Serviço para o  
feriado, o que  
abre e o que  
fecha**

Ullamcon venit  
ioioioioioioioioioioi  
codolum  
ioioioioioioi incil  
utet, co ibm. **PÁG XX**

### ZEROHORA.COM

**Duis nonsequi blamet  
aliquam adadadada**

### EM DESTAQUE NA RBS TV

**Duis nonsequi blamet  
aliquam**

Ullamcon  
vet ioioio  
ioioioioioi  
codolum  
ioioioium  
ioioioi i incit,  
co ioioio ioiim.

**Agenda**

### TEMPO DE HOJE

**da adada  
aadad  
adadada**

Ullamcon venit  
ioioioioioioioioioi  
codolum incil utet

### AMANHÃ

Ullamcon venit codolum  
incil utet, corebmt, co  
ibm. **PÁG XX**

### EDITORIAIS

adadadadadadadadad. **PÁG.**

# JUSTIN BIEBER



## OU CASA&CIA

## OU P58

**U**llamcon venit ioioioioioioioioioi codolum incil uodolum incil uodolum incil usdsdsdtdet, co ioioioioioioioioioioioioioioioi codolum incil utet, co ioioioioioioioioioioioioioioioi cdodolum incil utet, co ioioioioioioioioioioioioioioioi codolum incioioioioioioioi sdioioioioi oioioio rsdebm. **PÁGINA XX**

### COLONISTAS DE ZH

#### COLONISTA

**Duis nonsequi  
blametaliquam**

Ullamcon venit  
ioioioioioioi ioio ioioioi  
rebdadadadm.

**PÁGINA XX**

#### COLONISTA

**Duis nonsequi  
blametaliquam**

Ullamcon venit  
ioioioioioioi ioio ioioioi  
rebdadadadm.

**PÁGINA XX**

#### COLONISTA

**Duis nonsequi  
blametaliquam**

Ullamcon venit  
ioioioioioioi ioio ioioioi  
rebdadadadm.

**PÁGINA XX**

**ANEXO 13**

**Artigos defendendo posições favorável e contrária à meia-entrada para estudantes,  
publicados por Zero Hora na edição de 11 de outubro de 2011**

## Meia-entrada e uma verdade inteira

MANUELA D'ÁVILA\*

A aprovação do Estatuto da Juventude na Câmara e, particularmente, do artigo que versa sobre meia-entrada tem gerado algumas críticas que, por estarem baseadas em meias verdades, geram uma percepção errada da lei e das suas consequências. Para esclarecer a questão da meia-entrada, é preciso tratar da verdade inteira sobre o projeto.

Em primeiro lugar, a lei estabelece meia-entrada não somente para os jovens estudantes até 29 anos, e não para todos os jovens, como muitos editoriais de imprensa fazem parecer ser. Cerca de 88% dos jovens que frequentam a escola em algum nível pertencem às classes C, D e E. Em segundo lugar, o projeto simplesmente regulamenta uma lei que já existe nos 11 Estados que são os maiores centros de consumo cultural do Brasil e, mais do que isso, sem limite de idade. Ou seja, esse direito já existe e a economia brasileira já o subsidia. O estatuto simplesmente regulamenta nacionalmente a lei, estabelecendo, inclusive, um limite de idade. Na prática, a lei não implica nenhuma "conta a mais" para o consumidor, mas o inverso. A cultura é um direito básico e um bem que tem de ser acessível a todos, a eles também.

Esclarecido que não há "nenhuma conta extra a pagar", o mais importante é o mérito do projeto. Os países mais avançados, não por acaso, são os que mantêm mais tempo os seus jovens na escola e nas universidades. Fazer isso no Brasil e praticar a educação integral

significa não só manter o estudante dentro do espaço físico das escolas, mas, também, construir – num país ainda pobre – um conjunto de incentivos e facilitadores para que o estudante conclua todo o ciclo de estudos. Por isso, existem a meia-passageira estudantil e as bolsas de Ensino Médio, de graduação e pós-graduação (vejam o exitoso programa Universidade para Todos – ProUni). Por isso, também, o Bolsa-Família é vinculado à permanência das crianças na escola.

O acesso à cultura – inclusive aos espetáculos de excelência que têm preços inacessíveis para quem estuda – é um desses incentivos. Ver ao vivo João Gilberto ou Fernanda Montenegro não pode ser um privilégio de elite. Eles são patrimônio da cultura brasileira e devem, por isso, ser acessíveis a todos. Como garantimos isso? Através de subsídio do Estado (evitando que espetáculos financiados através de incentivo fiscal tenham preços inacessíveis) ou do sistema de cotas (estipulando um limite de meias-entradas nos espetáculos). Estas saídas estamos construindo para tirar a conta do consumidor direto de cultura!

Outro aspecto importante: o estatuto – que regulamenta inúmeros direitos importantes para a juventude – não é obra de uma única deputada. Foi aprovado pela unanimidade do Congresso, produzindo, inclusive, consensos entre a bancada evangélica e os defensores dos direitos homoafetivos. Uma lei que nasce de um processo assim não pode ser caricaturizada como produto da pressão de "claques estudantis". Pelo contrário, ela é exemplo de diálogo no melhor espírito republicano, sem envolver barganhas, cargos ou emendas. Tanto que o projeto foi consensual justamente por ter sido aquele com maior participação popular da história da Câmara.

\*Deputada federal (PC do B-RS)

## Os sem-meia-entrada

RICARDO DIFINI LEITE\*

Peço permissão à colunista Carolina Bahia para apropriar-me do excelente título do artigo da página 13 de Zero Hora de 7 de outubro passado, "Os sem-meia-entrada", para opinar a respeito da concessão de meia-entrada para estudantes de até 29 anos de idade, em eventos culturais e esportivos, como preconiza o recém-aprovado Estatuto da Juventude, na Câmara dos Deputados.

**As leis de meia-entrada afastam uma parcela significativa de cidadãos dos cinemas, shows...**

A aprovação do referido Estatuto cria, indiretamente, um segmento minoritário da sociedade, intitulado pela articulista como os sem-meia-entrada, cidadãos da faixa etária de 30 a 59 anos de idade. Este segmento minoritário e discriminado da sociedade, além de não possuir o direito a pagar metade dos ingressos em cinemas, shows, teatros e eventos esportivos, subsidia o ingresso para estudantes de até 29 anos e cidadãos com mais de 59 anos de idade, pagando um valor bastante superior ao que poderia pagar, no intuito de patrocinar o desconto de 50% no valor dos ingressos desses eventos culturais e esportivos.

Infelizmente, as leis de meia-entrada de nosso país

afastam uma parcela significativa de cidadãos dos cinemas, shows e teatros, devido ao valor do ingresso, que certamente seria significativamente inferior se não houvesse a obrigatoriedade da meia-entrada, que, na sua maioria, beneficia jovens e idosos das classes média e alta da população, que são os maiores frequentadores dos meios culturais.

Se os EUA copiassem nossa lei, o jovem milionário americano Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, com seus 27 anos, teria direito ao desconto de 50% no valor dos ingressos, bastando, para isto, apenas estar cursando uma pós-graduação, mestrado ou doutorado. Não é à toa que a Fifa não quer saber de ingressos pela metade dos preços nos jogos da Copa do Mundo no Brasil, único país do mundo que obriga à concessão de desconto de 50% nos ingressos para estudantes e idosos.

Na realidade, atrás do direito à meia-entrada, esconde-se um milionário comércio de venda de carteiras estudantis, arrecadado por diversas entidades estudantis que também, com essa significativa receita, patrocinam diversos partidos políticos.

Urge que essa minoria silenciosa da população, os sem-meia-entrada, cidadãos da faixa etária de 30 a 59 anos, proteste e não aceite passivamente ser a patrocinadora da farra da meia-entrada, caridade feita com chapéu alheio, ou melhor, com o seu chapéu. Ou alguém ainda acredita em lanche de graça?

\*Presidente da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas (Fenecc)

## IOTTI



iotti@zerohora.com.br

## BRASÍLIA

Carolina Bahia

carolina.bahia@gruporbs.com.br



Com Kelly Matos

## Contra a parede

A proliferação de greves desafia o governo e expõe a falta de intimidade da presidente Dilma Rousseff com as centrais sindicais. Funcionários dos Correios e bancários reclamam reajustes salariais que, se fossem concedidos, teriam reflexos na inflação. Esse é o temor do governo e é por isso que Dilma determinou o jogo duro nas negociações. O Ministério da Fazenda e os bancos privados fazem dobradinha para segurar o índice de aumento da categoria. Já os servidores dos Correios esticaram a corda ao máximo, mas desde 1997 não tinham o ponto cortado. O governo se manteve irredutível. E ainda há o jogo político de partidos que vão do PT ao PSTU. A luta pelo aumento salarial é legítima. Na prática, porém, quem mais perde são contribuintes que ficaram aliados de serviços que, em muitos casos, já não são um primor de qualidade.

### Ensaio

A equipe da presidente Dilma Rousseff desembarca hoje no Estado para começar os preparativos da cerimônia de lançamento do metrô, prevista para a próxima sexta-feira.

### Prazeres

Ao confessar que a sua real vocação é a literatura, o presidente do Senado, José Sarney, revelou que está reescrevendo suas memórias. Ele ainda avisou que pretende visitar o Estado, embora não tenha data: – Estou devendo uma visita ao amigo Paulo Brossard, que me convidou para degustar um cordeiro mamão.

### Subsídio

O Ministério da Cultura pretende ficar bem longe da polêmica da meia-entrada para espetáculos e eventos esportivos. O secretário executivo, Vítor Ortiz (foto), está envolvido em outra empreitada: a aprovação do vale-cultura na Câmara ainda neste ano. A proposta prevê benefício de R\$ 50 a trabalhadores que recebam até cinco salários mínimos. O dinheiro poderá ser usado para a compra de livros ou para assistir a filmes, peças de teatro e espetáculos de dança.



### Devolve!

Após a debandada de lideranças nacionais do partido para o PSD, o DEM gaúcho entrou na Justiça para resgatar os mandatos perdidos. A sigla ingressou ontem com uma ação no TRE para retomar as prefeituras de Ciriaco e Três Forquilhas. Os dirigentes também pretendem reaver as cadeiras de vereadores em Charqueadas, Santana do Livramento e Três Forquilhas.



### RECORTE E COBRE

#### Na real

Na cúpula nacional do PMDB, ninguém acredita que o partido terá candidatura própria à prefeitura de Porto Alegre. Um líder mais sincero comentou que a legenda não vai querer abrir mão dos cargos que ocupa atualmente na prefeitura da Capital para se aventurar em uma campanha.

**ANEXO 14**

**Capa da edição, seguida por matéria publicada por Zero Hora no dia 14 de outubro de 2011, sobre o anúncio da construção do metrô de Porto Alegre**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

UM RESTAURANTE  
QUE SE CONFUNDE  
COM A CAPITAL  
**Gastronomia**

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 2011 - ANO 48 - Nº 16.810 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## O METRÔ MAIS PRÓXIMO

37 anos depois da inauguração da primeira linha subterrânea do Brasil, Dilma confirma hoje obra aguardada pelos gaúchos



➤ Os marcos viários da capital gaúcha

➤ Como será a primeira rota construída

➤ Como o metrô modificou metrópoles

PÁGINAS 4 a 11 e Editorial (22)

### Decisão tardia

## Morte faz Samu mudar socorro

Atendimento por telefone será desburocratizado após episódio que vitimou estudante de Enfermagem. **Pág. 40**



### Dinheiro público

## Quanto as 496 Câmaras do RS gastam em diárias

Levantamento do MP mostra que vereadores usaram no ano passado R\$ 13,8 milhões em viagens. **Página 14**

## Os 50 gaúchos do Pan 2011



Enviados Especiais da RBS a Guadalajara

JOSÉ ALBERTO ANDRADE e ANDRÉ SILVA

Cerimônia de abertura da competição no México é hoje.

ESPORTES

### Impasse punido

## Porto Alegre fica fora da Copa das Confederações

Paralisação da obra faz Fifa tirar Beira-Rio do torneio. **Página 61**

## Mutirão de prefeitos ataca roubo de carros

Onze municípios se unem em projeto para vigiar circulação de criminosos. **Página 50**

## Reportagem Especial



# 1863

Primeiro metrô do mundo: *Londres*

# 1913

Primeiro metrô da América do Sul: *Buenos Aires*

# 1974

Primeiro metrô do Brasil: *São Paulo*

# 2017

Metrô gaúcho: *Porto Alegre*

---

# NOS TRILHOS, ENFIM

# O dia do SIM

# para o metrô

Presidente Dilma Rousseff anuncia hoje obra de transporte sonhada há décadas pelos gaúchos

**A**s 14h30min de hoje, no Palácio Piratini, começa uma nova Porto Alegre. Uma Porto Alegre com metrô.

O imponente Salão Negrinho do Pastoreio será o palco onde a presidente Dilma Rousseff, diante das principais autoridades da cidade e do Estado, protagonizará uma cena que os gaúchos, escaldados por décadas de frustrações, já começavam a duvidar que fosse possível. Ela dirá sim ao sonho.

Dilma anunciará oficialmente que o metrô vai sair. Que agora é para valer. Que o Rio Grande do Sul entrará em um novo patamar. Que Porto Alegre, uma cidade que tanto cresceu para cima e para os lados nos últimos dois séculos, agora vai se desenvolver também para baixo.

O futuro que será anunciado nesta tarde tem, para quem olha de 2011, contornos quase mágicos. Daqui a seis anos, qualquer um de nós poderá ir da Fiegs, no populoso Extremo Norte da cidade, até a Rua da Praia, onde começou a história do vilarejo que virou metrópole, em apenas 26 minutos – metade do tempo que os ônibus levam hoje em horários de pico. E a viagem ocorrerá em quase toda a extensão sob o solo – com Porto Alegre como teto.

De uma ponta a outra, o metrô terá 14 quilômetros e 880 metros. Cada metro vai custar cerca de R\$ 160 mil. No total, o investimento chegará a R\$ 2,4 bilhões. É algo como nunca se viu na cidade, uma obra que supera mesmo as intervenções urbanas que mais transformaram a silhueta da Capital ao longo da história, como a travessia Getúlio Vargas (uma revolução na ligação com o sul do Estado, por meio da Ponte do Guaíba), a abertura da Borges de Medeiros (que rasgou

um morro ao meio em pleno Centro) e a Terceira Perimetral (a via que atravessa a cidade de uma extremidade à outra e que, de tão necessária, já estava saturada quase na data da inauguração).

O metrô será sob a terra – onde circularão 25 trens elétricos de última geração, sem emissão de poluentes –, mas a principal mudança ocorrerá na superfície. E esse impacto não será representado apenas pelas 13 estações que vão aflorar ao ritmo de quase uma por quilômetro. A obra do metrô produzirá seus maiores frutos longe dos canteiros de obra, ao parir uma cidade com menos ônibus, menos poluição, menos congestionamentos. E com mais espaço para as pessoas.

## 300 mil pessoas sob o solo todos os dias

Será o ingresso de Porto Alegre, ainda que tardio, em um clube de elite, do qual Londres foi o primeiro sócio. A capital inglesa inaugurou seu metrô em 1863, como antídoto para ruas abarrotadas de carroças e carruagens. Como ainda não havia energia elétrica, os trens operavam movidos a vapor. Hoje são 11 linhas, 270 estações e 400 quilômetros de trilhos em operação. A cidade tornou-se inimaginável sem seu “tube”.

Em Porto Alegre, ainda que em chave mais modesta, será a mesma coisa. O metrô gaúcho poderá transportar 300 mil pessoas por dia – o equivalente a um em cada cinco moradores da cidade hoje. Ele estará inserido em uma ampla teia de conexões – incluindo a linha do trensurb e os ônibus de rápida circulação (BRTs).

Não espanta que uma iniciativa tão transformadora – eleita um dos Projetos para o Rio

Grande pelos leitores de Zero Hora, com 25,1 mil votos – tenha conseguido apagar as diferenças que tantas vezes emperraram o desenvolvimento do Estado. O metrô saiu porque adversários políticos resolveram trabalhar juntos.

Os projetos estavam lá, havia anos, à espera de que isso acontecesse, quase uma peça de museu. Mas em 2009, com a Copa de 2014 no horizonte, a mobilização ganhou solidez e apelo popular. Mesmo assim, os avanços e recuos prosseguiram. Em setembro, quando a ideia finalmente parecia ter entrado nos trilhos, veio um banho de água fria. Devido a cortes no orçamento, o Ministério do Planejamento exigiu que a arquitetura financeira da proposta fosse refeita. Em três dias.

Prefeitura e Estado não aceitaram perder a oportunidade. Foram à luta. Se endividaram. Mas garantiram o necessário para que, nesta tarde, rodeada de obras de Aldo Locatelli, Dilma Rousseff anuncie que o metrô ganhou vaga na concorrida lista das obras beneficiadas pelo PAC da Mobilidade Urbana.

O valor repassado por Brasília será de R\$ 1 bilhão – R\$ 600 milhões abaixo do previsto. A diferença será financiada pela Caixa Econômica Federal. O restante será obtido por meio de isenções fiscais, da iniciativa privada e de verbas do município. A intenção é que a licitação seja aberta em 2012 e que a obra se inicie em 2013. Não serão necessárias desapropriações, já que os trilhos funcionarão sob corredores de ônibus. Embora ainda inexista um plano de obras, a expectativa é que sejam construídos, em média, 3,5 quilômetros ao ano, sem trégua. Em 2017, se tudo der certo, a rotina dos porto-alegrenses ganhará um novo elemento: o burburinho de trens e passageiros nas entranhas da Capital.

## Porto Alegre, 14/10/2011

## O anúncio da obra



CONHEÇA O PROJETO DO METRÔ NA PÁGINA 6

Reportagem Especial

# Um tíquete para o futuro

Seis anos antes da data prevista para a inauguração, faça uma viagem imaginária pelos 14,88 quilômetros do sistema de metrô de Porto Alegre, que ligará a Rua da Praia às imediações da freeway, no norte da cidade:

**EXTENSÃO**

14,88 quilômetros

**ESTAÇÕES**

Serão 13 (Fiergs, Bernardino Silveira Amorim, Sarandi, Dona Alzira, Triângulo, Cristo Redentor, Obirici, Bourbon, Cairu, Félix da Cunha, Ramiro Barcelos, Conceição, Rua da Praia)



**Localização do futuro estacionamento subterrâneo**

**ESTACIONAMENTOS**

Haverá um estacionamento subterrâneo junto ao Mercado Público e estão previstos bicicletários gratuitos em todas as estações.

**INTEGRAÇÃO**

● Funcionará em rede com os sistemas de BRTs (Bus Rapid Transit) e com a linha da Trensurb.



● As estações Fiergs, Triângulo e Cairu serão grandes terminais de integração, que receberão ônibus vindos de cinco municípios da Região Metropolitana (Gravatá, Cachoeirinha, Alvorada, Eldorado do Sul e Guaiíba).

● A conexão com a linha da Trensurb se dará por meio de um túnel, entre a Estação Rua da Praia e a atual Estação Mercado.

**OBRAS**

Início: 2013

Duração: de 4 a 5 anos

Dois possibilidades de execução:



● Via sistema cut and cover (cortar e cobrir) ou vala comum a céu aberto, com escavações rentes à superfície (em túnel raso), em trechos curtos por vez, para diminuir o impacto no trânsito (acima, um exemplo)

● Via máquina shield (conhecida como tatuazo ou tuneladora), que perfurará um buraco logo abaixo da linha do solo, sem interferência na superfície.

**VEÍCULOS**

Número: 25 trens (cada composição terá 4 ou 6 vagões)

Velocidade: média de 35 km/h

Alimentação: elétrica

Capacidade: 1.080 passageiros

Previsão: 300 mil passageiros/dia

Frequência: intervalos de três minutos, dois minutos e um minuto e meio.

TEMPO

Percurso do Centro à Fiergs e vice-versa:

Trem: 26 minutos

Ônibus: 50 a 60 minutos no horário de pico

**TECNOLOGIA**

● Deve ser de metrô leve, isto é, com veículos de menor raio de giro, mais leves e mais silenciosos do que os tradicionais, mais fáceis de evacuar em caso de emergência e em geral mais baratos.



● Por ser elétrico, não emite gases poluentes.

**Cairu**



**CUSTOS**

R\$ 2,4 bilhões

**DIVISÃO DOS CUSTOS**

Repasso da União: R\$ 1 bilhão

Investimento da prefeitura: R\$ 600 milhões (metade financiada pela CEF)

Investimento do governo do Estado: R\$ 300 milhões (financiados pela CEF)

Isonções fiscais municipais e estaduais: R\$ 265 milhões

Investimento privado: R\$ 323 milhões



**A TARIFA**

● Será integrada e terá valor semelhante ao cobrado nos ônibus, atualmente em R\$ 2,70.

● A intenção é que o passageiro pague apenas uma passagem, mesmo que use ônibus e metrô para chegar ao destino.



**OS TRILHOS**

Subterrâneos na maior parte do percurso (com possibilidade de elevação no trecho entre as estações Dona Alzira e Fiergs)

**SUBTERRÂNEO**

**NÍVEL DO SOLO**



# OLHO NO FUTURO

## Como o metrô muda uma cidade

Em locais onde foi instalado, construção alterou trânsito, ambiente e hábitos dos cidadãos



**JULIANA BUBLITZ**

Os exemplos estão espalhados pelo mundo: na Europa, na Ásia, nas Américas. On-

de quer que tenha sido implantado, o metrô alterou cidades, hábitos e estilos de vida, em maior ou menor medida.

Em Porto Alegre, especialistas acreditam que não será diferente – desde que certas medidas sejam adotadas. E perseguidas.

– Será um avanço importantíssimo para a Capital, mas é bom que fique claro que, sozinho, o metrô não resolve todos os problemas. Para fazer diferença, ele precisa estar integrado a uma rede mais ampla, conectada a outros modais, de forma eficaz e atraente para a população – ressalta o professor João Fortini Albano, da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Foi exatamente esse o caminho trilhado nos centros urbanos notabilizados por suas linhas subterrâneas, responsáveis por modernizar as cidades e transformar suas feições – reduzindo índices de poluição e de acidentes de trânsito e liberando ruas para a circulação de pedestres. Londres e Paris, para citar apenas

dois casos, desencadearam verdadeiras revoluções quando implantaram suas primeiras estações no subsolo – em 1863 e 1900, respectivamente – e passaram a investir, ano a ano, na expansão contínua dos trilhos e também na malha de ônibus, trens de superfície e tudo mais que contribuiu para evitar a dependência dos automóveis.

Os casos europeus tornaram-se modelos de metrô apropriados para o sucesso do sistema. Na capital francesa, por exemplo, as estações chegam a ter a “cara” dos parisienses, com obras de arte, cores e design diferenciados.

No Brasil, o metrô de maior sucesso, eleito o melhor das Américas em 2010, é o de São Paulo – que também é o maior e mais antigo

do país. Um dos responsáveis pela implantação, o engenheiro e consultor Peter Alouche, lembra que já na inauguração, em 1974, a novidade causou estardalhaço.

– Trouxemos o que havia de mais moderno. Fomos os primeiros a operar em automático, o que chamou muito a atenção. Todos queriam andar de metrô – lembra Alouche, membro da União Internacional dos Transportes.

Dos sete quilômetros iniciais, o sistema passou a 74. Apesar disso, quem circula por São Paulo reclama que os trens são lotados e que os congestionamentos seguem aparentemente incólumes. É por isso, segundo Alouche, que as ampliações e melhorias são uma preocupação constante da companhia responsável. A mais recente é a moderna linha 4, cujos trens já não precisam de condutores.

O desafio que Porto Alegre passa a encarar agora, na opinião do PhD em Transportes Luiz Afonso Senna, da UFRGS e ex-diretor da Agência Nacional de Transportes e da Empresa Pública de Transporte e Circulação, é justamente esse: executar o projeto aprovado e fazer as conexões necessárias, mas não esquecer de olhar para o futuro.

juliana.bublitz@zerohora.com.br

### Os principais benefícios

- **Redução de veículos** em circulação (principalmente carros e ônibus)
- **Diminuição** da emissão de poluentes
- **Redução** dos acidentes de trânsito
- **Menos** congestionamentos
- **Tempos** de viagem mais curtos
- **Redução** dos níveis de ruído e poluição visual e atmosférica

### Obras que já mudaram a Capital

A construção do metrô entrará para a história como um dos marcos que modificaram os contornos da metrópole. Confira alguns:

#### VIADUTO OTÁVIO ROCHA

• Foi aberto ao trânsito de veículos e pedestres em 1932, na Avenida Borges de Medeiros, no Centro. Até então, os bondes eram obrigados a contornar o morro para chegar ao outro lado. O morro foi implodido para dar lugar à estrutura, motivo de admiração.



GOV. EST. RS/REDAÇÃO JORNALISMO/ARQUIVOS

#### CORREDORES DE ÔNIBUS

• Começaram a ser implantados na década de 1970, durante o mandato do prefeito Guilherme Socias Villela. Exclusivas para ônibus, as pistas passaram a cortar a cidade e a agilizar o transporte coletivo, facilitando os deslocamentos em vias como Farrapos, Assis Brasil e João Pessoa.



REDAÇÃO JORNALISMO/ARQUIVOS

#### AVENIDA FARRAPOS

• Inaugurada em 14 de novembro de 1940 pelo então presidente Getúlio Vargas, a Avenida Farrapos foi a primeira via pavimentada com concreto na Capital. Era o que havia de mais belo e moderno na cidade e resultou de 326 desapropriações.



REDAÇÃO JORNALISMO/ARQUIVOS

#### TRENSURB

• Começou a operar em março de 1985 e foi chamado de “trem do futuro”. Na época, entrou em funcionamento apenas uma parte da linha, entre Porto Alegre e Sapucaia do Sul. A novidade foi considerada a solução para o já conturbado trânsito da região.



REDAÇÃO JORNALISMO/ARQUIVOS

## Uma tensa negociação

Brasília

KELLY MATOS

Em 20 de maio, depois de visitar o Projeto Integrado Socioambiental (Pisa), a ministra do Planejamento, Miriam Belchior, dirigiu-se ao prefeito José Fortunati:

– Um bilhão e meio não vai dar. Não tem como atender o metrô desse jeito.

A ministra se referia ao pedido de R\$ 1,58 bilhão da prefeitura para tornar realidade o projeto. O recado do Planalto se traduzia em números: o governo havia reservado R\$ 6 bilhões para distribuir às obras de metrô pelo país. Os projetos apresentados alcançaram R\$ 26 bilhões. A necessidade de ajustar o pedido à realidade do orçamento resultou na criação de uma força-tarefa. Nos primeiros encontros, a necessidade de empréstimo ficou óbvia.

– A cidade já estava até o limite de financiamentos – preocupou-se Fortunati.

Se, por um lado, o impasse preocupava, por outro a simpatia da presidente Dilma Rousseff pelo projeto nutria esperanças. Emissários de Dilma já haviam transmitido aos prefeitos de Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte a intenção de apoiar as obras locais. No aviso, a informação de que os valores seriam parecidos, para evitar controvérsias políticas.

No dia 6 de setembro, Fortunati e o secretário de Planejamento, João Motta, foram a Brasília. Ouviram as orientações do coordenador do PAC, Maurício Muniz:

– Vocês vão ter de fazer. Não temos como bancar esses valores.

O secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin, surgiu na conversa por telefone.

– Fiquem tranquilos. Temos como resolver com financiamento – anunciou.

O novo plano reduzia o pedido para R\$ 1 bilhão, enquanto os quase R\$ 600 milhões que faltavam saíam de financiamento junto à Caixa Econômica Federal. Na semana seguinte, a proposta foi encaminhada por e-mail a Muniz. Começava então a busca de apoio. Motta e o presidente da Câmara, Marco Maia, intercederam junto a Miriam Belchior. Fortunati ligou para a chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. O presidente da Assembleia, Adão Villaverde, telefonou para o chefe de gabinete de Dilma, Giles Azevedo, e remeteu ao Planalto um documento assinado por todos os deputados. Ao governador Tarso Genro coube apelar à própria Dilma. Mas seria preciso esperar mais uma semana para que a angústia se transformasse em alívio. Por telefone, Maurício Muniz, disse: – Está contemplado. A presidente mandou fechar.

kelly.matos@gruporbs.com.br



O metrô de Porto Alegre foi um dos três Projetos para o Rio Grande, eleito com 25,1 mil votos pelos leitores de Zero Hora. Os outros vencedores foram a duplicação do trecho Tabai-Estrela da BR-386 e a ponte sobre o Rio Uruguai, entre a região noroeste do Estado e a Argentina.

**ANEXO 15**

**Série de matérias publicadas por Zero Hora entre os dias 13 e 15 de outubro de 2011,  
sobre a denúncia de assédio feita por uma estudante contra um agente da EPTC**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

**BLACKBERRY  
DEIXA MILHÕES  
SEM E-MAIL**  
PÁGINA 18

**ALERTA ROSA  
ÀS MULHERES**  
PÁGINA 37

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 2011 - ANO 48 - Nº 16.809 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48

R\$ 2,00

# Internet arrasta às ruas do país um basta contra a corrupção

Protestos em todo o Brasil mostram a força da mobilização via redes sociais, e nova rodada de manifestações está prevista para sábado em Porto Alegre. **Página 6**

## A HIDROVIA EM TESTE



Até o dia 28, quando a rota será inaugurada oficialmente, barco Carlos Nobre realizará travessia duas vezes por dia. **Págs. 4 e 5**

## Relatório dos EUA favorece soja brasileira

Estimativa de redução da safra americana gera alta no preço do grão na Bolsa de Chicago. **Página 24**

### Vexame

**Grêmio passa a viver 2012**



Time de Celso Roth levou 3 a 1 do Figueirense em casa

**Inter 2011**  
**Faltou um gol, de novo**

ESPORTES

**Multa e SMS**  
**Depois da blitz, mulher leva cantada**

Universitária queixou-se de azulzinho da Capital à EPTC. **Página 41**

**1 MILHÃO DE LEITORES VENDO O SEU PRODUTO?**

ENTÃO APROVEITE ESTA PROMOÇÃO:

ANÚNCIO DE LINHA EM ZR DOMINICAL + R\$ 25	ANÚNCIO COM FUNDO AMARELO E BORDA
---	-----------------------------------

**32.139.139** em todo o país em apenas 10 segundos

ZH Classificados  
WWW.ZHCLASSIFICADOS.COM.BR

# QUEIXA INSÓLITA Universitária recebe cantada depois de blitz

Sindicância aberta pela EPTC investiga atuação de azulzinho, que teria enviado torpedos à jovem

CARLOS WAGNER

Uma sindicância aberta pela Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) na terça-feira apura uma queixa insólita.

Na madrugada de domingo, na zona sul de Porto Alegre, depois de ser parada na barreira de trânsito e ter sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH) apreendida por se recusar a fazer o teste do bafômetro na Avenida Wenceslau Escobar, a universitária Wanessa da Silva, 25 anos, disse ter recebido um torpedão de um dos agentes que participava da blitz. O azulzinho afirmou que desconhece o número que mandou a mensagem e se propôs a abrir o seu sigilo telefônico.

A mensagem do azulzinho propunha uma aproximação pessoal com a estudante.

“Wanessa peguei o número do enquanto vc disse pro colega qd ele pediu teu endereço. So quero que digas se posso saber teu MSN, facebook, Orkut algo do tipo p/ conversarmos melhor. Me dá um retorno se possível, sou o rapaz quem fez os testes do bafômetro em vcs!”

A indignação da estudante de Administração reside na suspeita de que um fiscal de trânsito, que se identificou como Fernando, teria usado informações pessoais dela, prestadas na blitz, para tentar se aproximar. Wanessa enviou o texto do torpedão para a direção da empresa pedindo providências. O diretor de trânsito da EPTC, Carlos

Pires, diz que apura o episódio:

– Confirmamos que participou daquela barreira um funcionário que se chama Fernando. Não vamos detalhar a identificação dele até esclarecermos o assunto.

Pires disse que, imediatamente após o recebimento da denúncia, ocorrido na tarde de terça-feira, o fiscal foi chamado e ouvido no processo administrativo aberto para esclarecer o caso.

O agente de trânsito negou ter enviado o torpedão. afirmou que o número do celular utilizado para o envio da mensagem não lhe pertence. E colocou à disposição da EPTC a quebra do seu sigilo telefônico.

– Amanhã (hoje) vamos encaminhar à operadora o número do celular usado para enviar a mensagem para podermos identificar o dono – afirmou Pires.

Pela informações coletadas no processo administrativo, o funcionário não teria registros de falhas na empresa. Pires disse que ainda não tem data marcada para ouvir Wanessa. Pela recusa em fazer o bafômetro, a universitária está sem a habilitação e terá de pagar uma multa de R\$ 957,70.

Zero Hora ligou 10 vezes para o telefone que enviou o torpedão para a universitária e enviou uma mensagem para o celular. Não houve resposta. Por intermédio do Sindicato dos Agentes de Trânsito, a reportagem consultou se o agente iria se manifestar, e ele informou que só falaria na investigação oficial.

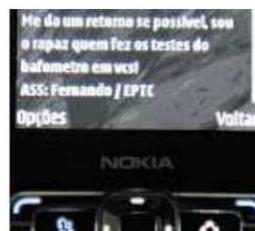
carlos.wagner@zerohora.com.br



LUBIANE OLIVEIRA/SOLDA



Ao receber a mensagem, Wanessa inicialmente pensou ser brincadeira de uma colega de festa



## ENTREVISTA Wanessa da Silva, estudante

### “A situação é um absurdo”

**Zero Hora – O que ocorreu?**

**Wanessa da Silva** – Na madrugada de domingo, eu e minhas amigas saímos de uma festa e fomos até o McDonald's da Avenida Wenceslau Escobar. Havia uma barreira. Fui parada e pediram que fizesse o teste do bafômetro. Exercí o meu direito de não fazer o exame, e a minha carteira foi recolhida. Uma colega que não havia bebido pegou a direção do carro.

**ZH – Você notou algum procedimento inadequado dos agentes de trânsito?**

**Wanessa** – O agente que preencheu o documento da retirada da minha carteira se comportou de maneira exemplar. O outro, um baixinho, ficou o tempo todo olhando para o meu decote. Pensei em reclamar, mas poderia

ser interpretado como desacato. Resolvemos voltar para a festa.

**ZH – O que aconteceu na festa?**

**Wanessa** – Saí da barreira à 1h30min. Por volta das 2h23min, eu estava olhando a mensagem de uma amiga no celular quando entrou uma do Fernando, da EPTC. Achei que era brincadeira de um colega da festa. Mas depois de ler atentamente o texto, vi que a situação é um absurdo.

**ZH – Qual parte lhe indignou?**

**Wanessa** – A primeira coisa que agrediu foi o uso indevido de informações a meu respeito. Uma coisa é a EPTC entrar em contato comigo, outra é um funcionário utilizar os dados que usei para preencher um formulário para tentar uma relação pessoal.

## MITO DESFEITO

### Receitas caseiras não afastam o Aedes

Receitas caseiras de repelente, com citronela, andiroba e outras substâncias, não são um meio eficaz de afastar o mosquito da dengue.

No máximo, garantem picadas em uma pele cheirosa. A constatação é de pesquisadores da Unesp de Botucatu, que testaram as principais receitas caseiras para afastar o *Aedes aegypti*. Os resultados foram divulgados pela revista Unesp Ciência.

Com a chegada do verão, época em que os casos de dengue disparam, as fórmulas mágicas e “naturais” proliferam quase tão rápido quanto o mosquito que transmite a doença, ganhando espaço em correntes de e-mail, redes sociais e até na TV.

Os pesquisadores criaram em laboratório um berçário de *Aedes aegypti* livres de contaminação com a dengue ou qualquer outra doença. Eles então selecionaram fêmeas (só elas nos picam) adultas e estéreis. Para aumentar o apetite dos insetos, eles foram privados de alimentação por 24 horas. Os mosquitos, depois, foram colocados em uma espécie de gaiola circular, só com uma abertura para o braço.

Um grupo voluntário de estudantes de Medicina topou, literalmente, dar o sangue para pesquisa e enfiar os braços na gaiola para testar o grau de repelência. Primeiro, os voluntários colocavam os braços sem qualquer substância. Depois, passavam algo.

Essa operação foi repetida várias vezes e, ao final, os cientistas compararam a quantidade de picadas de cada situação. O desempenho dos produtos testados também foi comparado com uma substância-padrão, cuja repelência já é bem conhecida.

13 de outubro,  
Dia do Fisioterapeuta e do Terapeuta Ocupacional.  
Uma homenagem àqueles que mantêm a vida em movimento.

**Crefito5** Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
A vida é o que nos move.

# TORPEDO APÓS BLITZ

## Explicações na Câmara para suposta cantada de azulzinho

Vereadores querem ouvir EPTC sobre SMS que teria sido enviado por agente de trânsito a estudante

CARLOS WAGNER

Os vereadores de Porto Alegre convocaram o diretor-presidente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), Vanderlei Cappellari, para explicar a suposta cantada feita por um agente de trânsito à universitária Wanessa da Silva, 25 anos, durante uma blitz da Balada Segura, na madrugada de domingo, na zona sul de Porto Alegre.

O assédio teria ocorrido por meio de um torpedão enviado pelo azulzinho.

Ele teria usado as informações prestadas pela estudante durante o preenchimento do documento de recolhimento da sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Na terça-feira, a EPTC abriu uma sindicância, sem prazo para ser concluída, para investigar o caso.

A proposta da convocação de Cappellari foi feita, na tarde de ontem, pelo vereador Pedro Ruas (PSOL) e aceita pela mesa diretora da Câmara. Segundo Ruas, Cappellari deverá

receber a convocação para comparecer perante os vereadores na quarta-feira, às 14h. A assessoria da EPTC informou que o diretor-presidente está nos Estados Unidos e tem o retorno previsto para a próxima sexta-feira, dia 21. Será designado um representante da direção da empresa para falar com os parlamentares.

— Nós precisamos passar este episódio a limpo. Ele contém temas, como assédio sexual e o uso de informações que estavam sob responsabilidades da EPTC, que pode causar danos à imagem da operação Balada Segura, uma iniciativa que salva dezenas de vidas — afirmou Ruas.

### Sindicância da EPTC tenta descobrir dono de celular

A convocação dos vereadores deverá chegar à EPTC hoje ou no início da semana. Enquanto isso, a sindicância continua em andamento, informa o responsável, Carlos Pires, diretor de Trânsito da empresa. O torpedão da cantada foi assinado por Fernando. Pires confirmou que, durante a blitz, havia um funcionário chamado Fernando. Ouvido, ele negou a cantada e

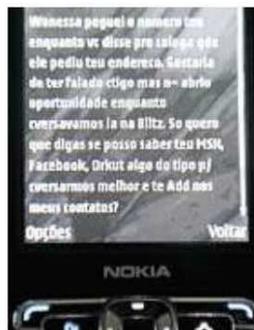
que fosse dono do celular usado para enviar a mensagem.

O aparelho utilizado para enviar a mensagem para a Wanessa continua não atendendo às ligações. Na quarta-feira, quando ZH ligou 10 vezes para o número, a caixa postal estava funcionando e foi deixado recado pedindo retorno. Ontem, ZH fez cinco ligações, mas a caixa postal não estava funcionando. Ouvia-se apenas uma mensagem que o aparelho não estava programado para esse tipo de ligação. Ontem, Pires enviou correspondência para a operadora solicitando que o proprietário do número fosse identificado.

O azulzinho suspeito de ter passado a cantada continua recusando-se a falar sobre o caso, que está sendo acompanhado pelo Sindicato dos Agentes de Fiscalização de Trânsito de Porto Alegre (Sintran).

— Pelas informações que temos, nós acreditamos na inocência do agente. Vamos esperar o resultado da sindicância para agirmos — informou Carlos Silveira, presidente do sindicato.

carlos.wagner@zerohora.com.br



Universitária recebeu mensagem de homem identificado como agente de trânsito chamado Fernando



### Bola de fogo no polo petroquímico chama a atenção



Um problema operacional obrigou a Braskem a reduzir a produção no polo petroquímico de Triunfo, na Região Metropolitana, na noite de ontem. Para garantir a segurança da operação, gases foram desviados para a tocha, elevando o fogo a ponto de chamar a atenção até de moradores de Porto Alegre.

A falha — uma queda do compressor de uma das plantas — ocorreu por volta de 19h e foi rapidamente sanada, mas como a produção é grande, o incidente obrigou a reduzir a operação nas duas plantas da unidade de insumos básicos, a antiga Copesul.

Conforme Ruy Freire, gerente de relações institucionais da

Braskem, a tocha é um equipamento destinado exatamente a ser utilizado em situações de anormalidade, como a de ontem. Ao queimar os gases usados no processo de fabricação de insumos para a indústria de plástico, a tocha garante a segurança das instalações até que o processo de produção se normalize.

### ÁCIDO NA EX-MULHER

#### Homem é punido por agressão a promotora

Doze anos e oito meses de prisão foi a pena definida pelo Tribunal do Júri ao homem que jogou ácido na ex-companheira, no ano passado, em Porto Alegre.

Alvo de Marco Aurélio Souza Moreira, 43 anos, a promotora de vendas Sílvia Paloma da Silva, 27 anos, teve 57% do corpo coberto com queimaduras de segundo e terceiro graus. Perdeu a visão do olho direito, parte do lábio, língua e foi atingida nas partes íntimas.

### SEU BOLSO

#### Autorizado aumento de 5,7% em tarifa

O Conselho de Tráfego do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) aprovou o aumento de 5,7% nas tarifas do transporte intermunicipal.

Para entrar em vigor, a tarifa terá de ser homologada pela Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Delegados do Estado (Agergs). Para o cálculo do reajuste, foram feitas pesquisas de preços, observando-se variações de preços para pessoal, óleo de pneus e óleo, entre outros itens.

### PORTO ALEGRE-GUAÍBA

## Suspensa travessia gratuita em hidrovias

A Metroplan suspendeu os passeios gratuitos que ocorreriam ontem e hoje na travessia de catamarã entre Porto Alegre e Guaíba.

A medida foi adotada para que sejam feitas vistorias na parte de acessibilidade e de obras hidrovias realizadas pela Catsul, empresa que ficará responsável pelas viagens.

O serviço, que tem o aval da Marinha para a utilização da rota, operou na quarta-feira. Mas é necessária autorização da Secretaria de Obras Públicas, Irrigação e Desenvolvimento Urbano para que a empresa, escolhida em licitação, possa realizar o transporte de passageiros, mesmo que de forma gratuita.

— A determinação chegou hoje (ontem) pela manhã. O pessoal da Metroplan entrou em contato conosco porque teria uma vitória a ser realizada nas hidrovias — disse Carlos Augusto Bernaud, diretor de operações da Catsul.

Uma solenidade de inauguração da travessia está prevista para o dia 27, às 14h30min. No dia seguinte começam as viagens regulares.

— A iniciativa de fazer esses passeios foi da empresa. Mas como nós temos a responsabilidade sobre o transporte de passageiros, foi determinada a suspensão até que seja realizada a fiscalização e avaliação do barco. Se eles quiserem usar a rota, tudo bem. Mas só poderão transportar passageiros depois da inauguração — explicou o secretário de Obras, Luiz Carlos Busato.

### A travessia

- **O catamarã** que fará a travessia de 15 quilômetros tem capacidade para 120 lugares
- **Cada viagem** leva, em média, 20 minutos
- **Haverá partidas** de hora em hora durante o dia
- **O modelo** oferece poltronas estofadas, TVs de LCD e ambiente climatizado
- **Haverá pontos** de embarque e desembarque no Cais do Porto da Capital, defronte ao Armazém B-3, próximo ao Mercado Público, e junto à rodoviária de Guaíba
- **De segundas** a sextas-feiras, por pelo menos um mês, será cobrada uma tarifa promocional de R\$ 6 de segunda a sexta-feira e de R\$ 7 nos finais de semana
- **Na primeira** etapa, a operação se dará com duas embarcações e a projeção é atender 2 mil passageiros.

## FIM DA APREENSÃO

## Renovado contrato para obra na BR-386

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) aprovou ontem a renovação do termo de cooperação com a Universidade Federal de Santa

Catarina (UFSC), responsável pela gestão ambiental da duplicação da BR-386 entre Tabai e Canoas. Sem a assinatura do contrato, a obra corria o risco de parar.

ESCALA

Grupo **RBS**

**Você vai ficar muito mais seguro se anunciar.**

Anuncie no Guia da Segurança e aproveite o tema para vender seus produtos e serviços. Encartado na quarta-feira, 9/11, em Zero Hora.

Fechamento comercial: 19 de outubro. Informações com o Dep. Comercial: (51) 32.139.139 e (51) 3218.4900.

**ZERO HORA**



## PUBLICAÇÕES LEGAIS

**SindppdRS** Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados no RS

Filiado à **CSP** Categorias

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA**

O Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados no Estado do Rio Grande do Sul - SINDPPD/RS, por sua Diretora Coordenadora, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, convoca a categoria e em especial os trabalhadores da DATAPREV - Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social, para ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, a ser realizada no dia 19 de outubro de 2011, quarta-feira, às 14h em primeira convocação e, não havendo o quórum mínimo, será realizada em segunda convocação às 14h 30min com qualquer número de presentes à Rua General Câmara nº. 365, 3º andar (auditório) em Porto Alegre, para discussão e deliberação da seguinte ordem do dia:

- 1) Relatório e avaliação sobre as negociações da Campanha Salarial 2011/2012;
- 2) Discutir e deliberar sobre formas de mobilização, inclusive paralisações e possibilidade de greve por tempo indeterminado;
- 3) Deliberar sobre manutenção da assembleia em caráter permanente;
- 4) Assuntos gerais.

Porto Alegre, 15 de outubro de 2011

Vera Justina Guasso.  
Secretária Geral.

**ENTIDADES DE CLASSES E SINDICATOS MERECEM DESTAQUE.**

**ANUNCIE 3218 4924.**

**ZERO HORA**

# CANTADA APÓS BLITZ

## Azulzinho que assediou universitária é demitido

Agente teria usado informações obtidas em barreira para enviar torpedos

CARLOS WAGNER

O agente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) que teria enviado um torpedos dando uma cantada em uma universitária após uma blitz foi demitido.

O azulzinho teria utilizado informações prestadas pela estudante Wanessa da Silva, 25 anos, para o preenchimento de documentos solicitados em uma barreira, na madrugada de domingo, na zona sul de Porto Alegre, para se aproximar.

A demissão foi comunicada no site da EPTC ontem. Mas a decisão foi tomada na quinta-feira, em uma reunião a portas fechadas da direção da empresa. No final da tarde daquele dia, Wanessa foi até a sede da EPTC para relatar aos responsáveis pela sindicância que apurava o episódio o que tinha acontecido. Até então, somente o agente, identificado como Fernando o torpedos -, havia sido ouvido. Na ocasião, ele negou que tivesse enviado o torpedos e afirmou que o celular usado não lhe pertencia.

Para esclarecer o caso, o responsável pela sindicância, Carlos Pires, diretor de Trânsito da empresa, enviou correspondência à operadora do celular para saber quem é o dono do aparelho. A resposta ainda não foi dada.

- A minha conversa com os responsáveis pela EPTC durou uns 30 minutos. Foi muito objetiva: mostrei o torpedos e o número do celular que havia enviado. Descrevi como tudo aconteceu. Disse que eu não estava atrás de reparação econômica pelo

que houve. Mas queria acompanhar a apuração do fato - disse Wanessa.

Uma hora depois de Wanessa ser ouvida, o azulzinho foi chamado novamente para conversar com os membros da sindicância. No final, ele teria admitido ser o autor do torpedos - perguntado por ZH se o fiscal havia admitido ser o autor da mensagem e se era o dono do celular usado, Pires informou apenas que as informações eram sigilosas.

### Episódio será debatido na Câmara de Vereadores

Duas questões tiveram pesos significativos na decisão de demiti-lo: o fato de ele não ter admitido o erro no seu primeiro depoimento e o uso de informações confidenciais prestadas por Wanessa durante a blitz. Procurado por Zero Hora, o agente disse que não falaria.

- A punição foi muito severa. A direção da EPTC agiu para agradar à imprensa. Vamos discutir com nossos advogados que rumo iremos tomar na questão - disse o presidente do do Sindicato dos Agentes de Fiscalização de Trânsito de Porto Alegre (Sintran), Carlos Silveira.

Detalhes do que aconteceu serão relatados para os vereadores na quarta-feira, quando um representante da direção da EPTC deverá comparecer à Câmara. A convocação foi feita pelo vereador Pedro Ruas (PSOL). Ontem, Ruas disse que a demissão é um problema interno da EPTC. O que interessa para os parlamentares é examinar os mecanismos de controle de informações pessoais sob guarda da empresa e como está sendo feita a formação dos agentes de trânsito.

carlos.wagner@zerohora.com.br

### Relembre o caso



- **Depois de ser** parada em uma barreira de trânsito e ter sua carteira apreendida por se recusar a fazer o teste do bafômetro, a universitária Wanessa da Silva, 25 anos, afirmou ter recebido um torpedos de um dos agentes que participara da blitz.
- **A mensagem** (acima) propunha uma aproximação com a jovem.

### SAIBA MAIS

Algumas diferenças entre a demissão de celetista (CLT) e a exoneração de funcionário público.

**1** Os funcionários da EPTC são regidos pelo regime jurídico celetista (CLT). Por prestarem concurso, eles têm direito ao processo de sindicância, ou processo administrativo, para apuração dos fatos. Em caso de demissão sem justa causa, os direitos rescisórios são os garantidos pela CLT - como férias proporcionais, aviso prévio e multa de 40% do FGTS.

**2** Os funcionários públicos (municipais, estaduais e federais) são regidos por legislação própria. Para serem exonerados, ele têm que responder a processo de sindicância ou processo administrativo.

## CONFUSÃO NO VALE DO SINOS

### Assistente social é presa por desacato

São Leopoldo

ALISSON COELHO

Uma discussão entre um guarda municipal e uma assistente social foi parar na 1ª Delegacia da Polícia Civil São Leopoldo.

Lisiane Queiroz Dornelles foi presa por desacato, mas afirma que foi vítima do que classificou como "truculência" de um guarda. O fato aconteceu na segunda-feira, e está sendo investigado pela Polícia Civil.

A assistente social de 28 anos é voluntária na ONG Apoio Solidária e Prevenção à Aids (Aspa).

Como em todas as segundas-feiras, ela e o colega André Urban Kist, 24 anos, foram, por volta das 18h30min, para o Centro de Referência à População Adulta de Rua (Crepar). A confusão começou quando um morador de rua foi impedido de entrar na casa. Lisiane afirma que o monitor do local teria proibido o usuário do Crepar de entrar por ter desrespeitado alguma das regras do local em uma passagem anterior. Já o secretário de Assistência, Cidadania e Inclusão Social, Charles Roberto Pranke, afirma que o morador de rua foi impedido de entrar na casa por estar alcoolizado.

- Depois da recusa em ser recebido, ele ficou alterado. Ameaçou chutar a porta e entrar - diz Pranke.

A Guarda Municipal foi chamada. De acordo com a assistente social, um dos agentes desceu do carro com um cassete e partiu para cima do morador de rua, que foi derrubado. Ela teria se colocado na frente do guarda, e os dois iniciaram uma discussão que terminou com a prisão de Lisiane.

Com marcas nos pulsos e no antebraço esquerdo, a jovem prestou queixa por abuso de autoridade e lesão corporal. A Secretaria de Segurança Pública afirma que o caso é isolado, e que abriu uma investigação na Corregedoria da Guarda Municipal.

- Já tomamos providências - diz a titular da pasta, Eliene Amorim.

alissson.coelho@zerohora.com.br

**ANEXO 16**

**Série de matérias publicadas por Zero Hora entre os dias 11 e 15 de outubro de 2011,  
sobre os protestos globais: Indignados e Occupy Wall Street**

www.zerohora.com

# ZERO HORA

*De volta à escola*

O chargista Iotti retorna ao Cristóvão de Mendoza, em Caxias do Sul, no terceiro dia da série. **PÁGINAS 30 e 31**

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 2011 - ANO 48 - Nº 16.807 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## Presídio de Caxias expõe “fracasso” do sistema, diz Tarso

Ao afirmar que mudará “radicalmente” prisão onde foi flagrado tribunal da morte, governador critica a política penitenciária nacional. **Página 42 e Rosane de Oliveira (10)**

## Ídolo teen interage com os fãs



No Beira-Rio, Justin Bieber cantou com menina e orientou o público a se comportar. **Página 35**

## Fúria contra a burocracia

Desesperado ao não se livrar de desconto indevido, o aposentado João Silveira acabou indiciado pela Polícia Federal por desacato

**Páginas 28 e 29**

## Brasileirão Disputa em 2011 é mais equilibrada

Ao comparar os últimos cinco anos, Prancheta mostra a menor distância do primeiro ao sétimo, a 10 rodadas da final. **Esportes**

### Boa notícia

## Força-tarefa cobra conta de ex-gestores públicos

Página 6

### Outono americano

## A onda de protestos que sacode os EUA

Páginas 4 e 5

É amanhã.

**Casa&Cia**  
O CINEMA COMO INSPIRAÇÃO

## Reportagem Especial

## VOZES NAS RUAS

## O protesto que cruza o planeta

MARTA SFREDO

Os ventos da Primavera Árabe sacudiram o outono americano e prometem agitar o 15 de outubro nas duas estações. A sucessão de protestos que derrubou ditadores no Oriente Médio acampou em Wall Street – coração financeiro do Ocidente – e ambiciona se espalhar por praças de todo o planeta. É movida pela insatisfação com o poder político e econômico e alimentada por redes sociais.

Em comum, os movimentos Ocupar Wall Street e Indignados, de vários países da Europa, têm a crise econômica como cenário e os cortes em orçamentos públicos, que afetam a vida dos cidadãos, como estopim.

– Até 2008, as crises surgiam na periferia, na América Latina, na Ásia, não no coração do sistema. Agora, o desemprego nos EUA está perto de 10%, mais do que o dobro do que há cinco anos. Da classe média para baixo, todos estão endividados – explica Marcelo Paixão, economista e doutor em sociologia, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Nos EUA, tudo começou em meados de setembro, com um acampamento no Park Zuccotti, praça perto de Wall Street, a rua que simboliza o poder financeiro. O Ocupar Wall Street ganhou versões em dezenas de cidades americanas. Só um tipo de manifestante é barrado: o de partidos políticos.

– Isso reflete uma séria crise de legitimidade dos partidos tradicionais, que tanto pode suscitar aperfeiçoamento do sistema político quanto se transformar em via para soluções autoritárias – condiciona Paixão, que admite “simpatia”, por enquanto.

Falta de inserção política e incerto alcance social podem limitar o movimento, avalia o historiador Marco Antônio Villa.

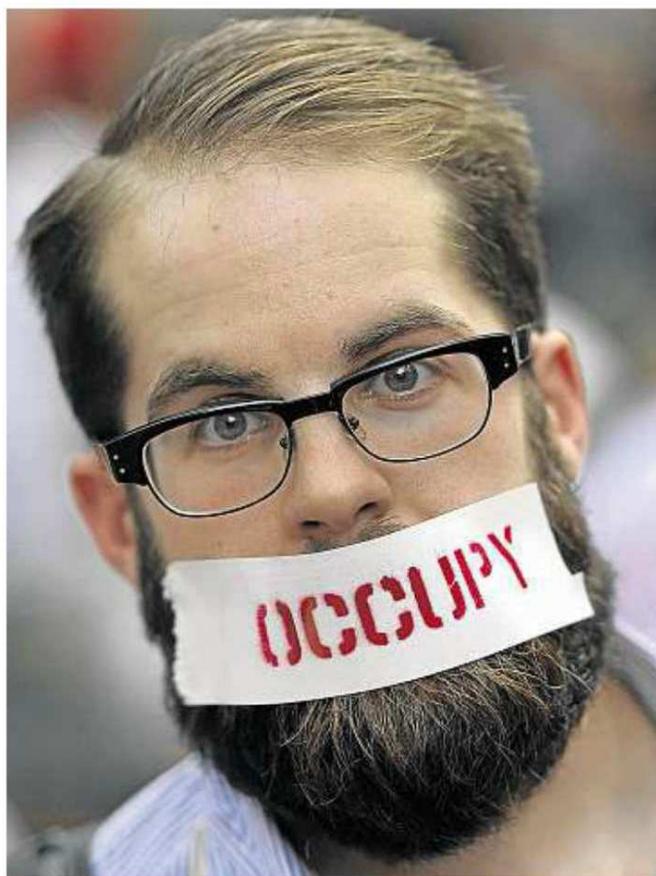
– É um momento de absoluta incerteza na Europa e nos EUA. Mas é certo que China e Índia continuarão a crescer. Não é uma crise, mas pode ser um reordenamento do capitalismo.

Cidades gaúchas como Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Passo Fundo participam do dia mundial de protestos no próximo sábado. Raquel Matos, ligada ao diretório de estudantes da UFRGS, é uma das pessoas que difundem o ato na Capital.

– Como nos conectamos pelas redes sociais, é até difícil dizer quem organiza. Em geral, são jovens que se identificam contra todas as formas de opressão – descreve.

marta.sfredo@zerohora.com.br

Inspirada na Primavera Árabe, mobilização ganha as ruas de dezenas de cidades nos Estados Unidos em oposição ao poder econômico e político. Os protestos devem se repetir em todo o mundo no próximo sábado, inclusive no Estado



TIMOTHY ALBERT/AP

## Quem são e o que querem

O Ocupar Wall Street reúne diferentes ativistas. São desempregados, estudantes, sindicalistas, ambientalistas, funcionários públicos e militantes de direitos humanos. Descrevem-se como “resistência com organização horizontal” que abriga todas as “cores, gêneros e crenças”.

A inspiração na Primavera Árabe é citada no manifesto do movimento. O principal objetivo declarado é “restaurar a democracia” nos EUA. Para alcançá-lo, dizem que não podem permitir que “a ganância corporativa e a política corrupta” definam os rumos do país.

## Reeleição ameaçada

LUCIANO PERES  
Editor de Mundo

Na campanha presidencial de 1992 nos EUA, uma frase cunhada pelo estrategista de campanha de Bill Clinton, James Carville, ficou famosa e acabou se tornando uma espécie de símbolo daquela disputa: *It's the economy, stupid!* (É a economia, estúpido). O que Carville queria dizer é que, mesmo com todos os inegáveis louros na política externa do adversário de Clinton, o presidente George Bush (o pai) – incluindo as vitórias dos EUA na Guerra do Golfo e na Guerra Fria –, os eleitores estavam preocupados mesmo é com o próprio bolso. Ele estava certo: Clinton venceu a eleição.

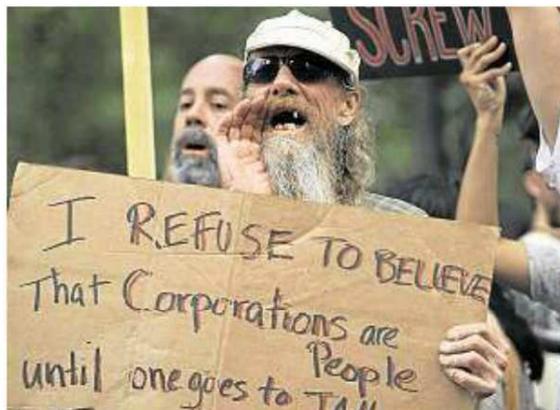
O presidente Barack Obama claramente não é o alvo principal dos manifestantes do Occupy Wall Street e dos movimentos filhotes que se espalharam pelo território americano. Pelo contrário, boa parte, se não quase todos, deve ser eleitor de Obama. Mesmo assim, pode acabar sendo o mais prejudicado pelos protestos, à medida que a ocupação de praças e as passeatas expõem ainda mais os graves problemas econômicos dos EUA – e a incapacidade da Casa Branca de solucioná-los. Ironicamente, a oposição republicana, muito mais ligada a Wall Street, pode ser a principal beneficiada.

Muitos analistas políticos americanos já começam a se referir a Obama como “one-term president”, ou seja, presidente de um mandato, como Bush pai. Nos EUA, a regra, o considerado “normal”, é a reeleição para um segundo mandato. Claro, ainda falta mais de um ano para as eleições de 6 de novembro de 2012, uma eternidade em política, mas a pesquisa mais recente, do instituto Rasmussen, dá uma vantagem de seis pontos percentuais para o candidato republicano – seja ele quem for – frente a Obama (47% a 41%).

luciano.peres@zerohora.com.br



Sem organizadores formais, movimento abriga de jovens sem perspectivas a idosos decepcionados e só barra indivíduos identificados a partidos



## Redes sociais unem causas

CLÁUDIO RABIN

Como se tornou recorrente na Primavera Árabe, as redes sociais mostraram eficiência para agregar causas políticas comuns. No movimento que agora se espalha pelos EUA não foi diferente. Ocupar Wall Street tem página no Facebook, conta no microblog Twitter e quatro blogs atualizados diretamente do Park Zuccotti, onde ativistas estão acampando.

Há internet, o lixo é recolhido e circula até uma revista do movimento. Ainda há dezenas de contas independentes nas redes sociais criadas por simpatizantes. Manuela Falcão, gaúcha que está em Nova York, passou pelo sul de Manhattan e classificou a estrutura do acampamento de uma "bagunça bem-organizada". A pluralidade foi o que mais chamou a atenção:

— Boa parte das pessoas que estão protestando é de classe média e foi diretamente afetada pela crise. Mas tem de tudo, muitos idosos e até grupos anarquistas.

A similaridade com protestos no Oriente Médio é reconhecida por todos. Segundo o jornal online americano The Huffington Post, o ativista egípcio Mohammed Ezzeldin discursou na praça, ressaltando a semelhança com o movimento que derrubou o ditador Hosni Mubarak. A fundação de origem canadense Adbusters é considerada o embrião do Ocupar Wall Street, que começou em 17 de setembro pelo Facebook e pela lista de e-mails do grupo.

## PALAVRAS QUE SE ESPALHAM NOS EUA

O que gritam os manifestantes:

“

Nós somos os 99%, (para diferenciá-los dos americanos mais ricos, 1% da população).

Vocês viram a Primavera Árabe, venham conhecer o Outono Americano.

Se eu tivesse um emprego, não estaria aqui.

Algumas das principais cidades com protestos:



O cineasta Michael Moore (E) e o ator Tim Robbins (D) estão entre as celebridades que estiveram no Park Zuccotti dando apoio ao movimento

## Sem líderes, com famosos

Um dos pontos que identificam o Ocupar Wall Street com os Indignados europeus é a ausência de líderes. As decisões são tomadas em assembleias com participação de todos. Existe até um manual de como se manifestar a favor (agitando as mãos) ou contra as propostas (cruzando os braços no ar). Num movimento que se preocupa em não destacar integrantes, o papel de estrelas das manifestações ficou com as celebridades que apoiam suas teses.

O cineasta Michael Moore, ácido crítico das grandes companhias dos Estados Unidos e de algumas políticas de governo, é um dos famosos que já esteve nas manifestações. Seu documentário *Tiros em Columbine*, de 2002, já ganhou um Oscar.

Ao menos uma vez, Moore dividiu os holofotes das ruas com outro nome ligado ao cinema, o do ator e diretor Tim Robbins, também oscarizado por sua atuação em *Sobre Meninos e Lobos*, filme de 2003 dirigido por Clint Eastwood.

A atriz Susan Sarandon, que formou com Robbins até 2009 um dos casais mais engajados de Hollywood, também ajudou a dar visibilidade ao Ocupar Wall Street. Fora do universo cinematográfico, nomes com respeito intelectual circularam pelo Park Zuccotti, quartel-general do movimento, como o linguista Noam Chomsky e o economista premiado com o Nobel Joseph Stiglitz.

Tecnologia Inverter: gás ecológico e até 40% de economia em energia elétrica.



6X no cartão

Parceiros em rede: Electrolux, SAMSUNG, Consul, Carrier, Inverter, FUJITSU

Venha conhecer esta tecnologia na Frigelar, líder de vendas em Inverter em todo o Brasil.

Aparelhos das melhores marcas, projetos, instalação e o melhor pós-venda, num só lugar? Conte com os 45 anos de tradição da Frigelar.

**FRIGELAR**  
junto a você

51 3314.8977

Av. Pernambuco, 2285  
www.frigelar.com.br

## APELO GLOBAL

# “Indignados” farão protestos em 71 países

Com apoio de redes sociais, grupos convocam cidadãos para manifestações contra crise amanhã

Diante dos problemas ligados à crise e ao poder do sistema financeiro, os “indignados” vão se manifestar amanhã no mundo inteiro, na esperança de dar dimensão internacional ao protesto iniciado na Espanha em 15 de maio.

Manifestações foram convocadas em 719 cidades de 71 países – inclusive o Brasil –, segundo o site 15october.net, apoiadas em uma ampla difusão através das redes sociais.

Cinco meses depois do nascimento do movimento, os “indignados” e outros grupos querem fazer do dia 15 de outubro uma jornada simbólica, ocupando lugares emblemáticos das finanças como Wall Street, em Nova York, o coração financeiro de Londres e o Banco Central Europeu, em Frankfurt. Em Madri, desde distantes bairros da

periferia e seus arredores, os manifestantes voltaram a marchar em direção à Porta do Sol, a praça central que foi ocupada durante um mês, onde devem passar a noite de sábado para domingo. No país, afetado por um desemprego recorde de 20,89%, os manifestantes conquistaram amplo apoio popular e impediram o despejo de dezenas de proprietários endividados.

Na Europa, os “indignados” também ocuparam as ruas de Lisboa, onde o movimento Geração Precária se apresentou como a líder da mobilização. Manifestantes também devem desfilar pelas ruas de Bruxelas, Zurique, Genebra e Basileia, onde o poder dos bancos será o centro das atenções.

– É um fenômeno que busca renovar profundamente a forma de participação dos cidadãos na política – analisa o economista francês Thomas Coutrot, copresidente do movimento Attac.



Em Manhattan (Nova York), manifestantes estão acampados no Zuccotti Park há quase um mês

## Em Wall Street, ordem de limpeza

Participantes do movimento Occupy Wall Street (Ocupe Wall Street), em Nova York, receberam ontem a ordem de desalojar temporariamente a praça que ocupam no centro financeiro de Manhattan. A determinação foi feita por agentes da limpeza de parques acompanhados por policiais.

Nos Estados Unidos, o movimento chamou a atenção da população para uma manifestação no sábado na Times Square, em Nova York, e desde então se alastrou para outras cidades, como Washington, Los Angeles e San Francisco. Os protestos contra as injustiças

do sistema financeiro americano, que entraram na quarta semana, ganharam até a adesão de celebridades como o músico Kanye West, o diretor de cinema Michael Moore, os atores Tim Robbins, Susan Sarandon, Mark Ruffalo, Alec Baldwin e Jane Fond.

### BEM-VINDO AO MUNDO 4X4.

Imagens ilustrativas.

Agora uma nova  
Concessionária Mitsubishi  
mais perto de você.  
**Scapini Passo Fundo.**

OFICINA  
**4x4**  
MITSUBISHI

**GARANTA A ORIGINALIDADE DE SEU MITSUBISHI.**  
PROFISSIONAIS TREINADOS PELA FÁBRICA,  
PEÇAS ORIGINAIS, FUNILARIA E PINTURA.

**PASSO FUNDO**  
RST 153 . Km 03/4250  
Fone 54 **2103.1600**

**Scapini**  
Realizando sonhos

**Respeite a sinalização de trânsito.**



Da esquerda para a direita, os cartazes virtuais de Rússia, Japão, Espanha, Itália e Brasil chamando para a mobilização de hoje

# RUAS OCUPADAS

## Dia de protesto globalizado

Com organização pulverizada, mobilizações devem alcançar 82 países e quase mil cidades em todo o mundo neste sábado

De Tóquio a Pelotas, de estudantes a líderes de entidades tradicionais, uma multidão de inconformados vai às ruas e praças hoje em 82 países, segundo os organizadores informais.

No Rio Grande do Sul, ao menos quatro cidades estão entre as 951 mapeadas para o dia de pedir mudanças globais – de econômicas a políticas, de ambientais a sociais.

A ausência de líderes, convocações pela internet e diversidade de manifestantes são algumas das marcas como vem ocorrendo desde o início do ano com as revoltas da chamada Primavera Árabe. As mesmas características identificam os Indignados na Europa, que foram levados às ruas pela crise no continente, e os que pretendem Ocupar Wall Street e dezenas de cidades dos Estados Unidos.

No Brasil, ao menos sete grupos convocam para concentrações, caminhadas e acampamentos: dos intrigantes Anonymous – grupo de hackers que rejeita o rótulo e usa máscaras iguais à do protagonista do filme *V de Vingança* – a representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

– Estarei lá – avisa o presidente da seccional gaúcha da OAB, Claudio La-

machia, sobre a caminhada do Parque da Redenção à Praça da Matriz, assegurando que o protesto será pacífico.

Se a OAB leva sua pauta de combate à corrupção e fim da impunidade, outros grupos têm agendas diferentes, mas a democracia é alvo.

– É um dia de protesto contra a política dominada pelos corruptos e pelos ricos. Defendemos que o povo participe das decisões políticas e econômicas – explica Rodolfo Mohr, do diretório acadêmico da UFRGS.

Na Capital, a EPTC vai acompanhar o protesto. Se for necessário, avisa o gerente de fiscalização, Tarciso Kasper, até com interrupção total do trânsito.

Em um dos principais sites que convocam para o movimento, o 15 de Outubro – Unidos por Mudança Global, o apelo é por um protesto não violento.

No entanto, num dos pontos nevrálgicos da mobilização, o Zuccotti Park, vizinho de Wall Street, em Nova York, ontem foi um dia tenso. No início da manhã, a polícia cercou os acampados, com ordem de limpar a praça. Houve um início de confronto, mas a ordem de despejo foi suspensa. Nos EUA, ao menos 30 pessoas foram presas em choque com a polícia.

LEIA MAIS SOBRE OS PROTESTOS NO CULTURA



Com diferentes símbolos da paz, manifestantes resistiram à ordem de retirada em Nova York



Galera combina pela internet e vai pra rua

✓ Jovens do mundo inteiro estão se organizando para fazer protestos hoje.

✓ Eles se inspiraram em revoltas em países distantes, na região chamada de Oriente Médio, que chegaram a derrubar ditadores.

✓ Depois, esses movimentos se tornaram comuns na Europa, porque lá existe uma crise que provocou redução de salários e de outros benefícios que os governos costumavam dar.

✓ Nas últimas semanas, os protestos se espalharam em várias cidades dos Estados Unidos.



✓ Por lá, começaram em uma praça de Nova York, perto de uma rua chamada Wall Street, que é símbolo do poder econômico no país.

✓ Tem gente de todo tipo nesses atos, de estudantes a aposentados. Eles dizem que querem mudar o mundo, porque não concordam com a situação atual.

✓ Esse dia mundial de ocupar ruas e praças foi combinado pela internet, em sites e em redes sociais, e também vai ocorrer no Brasil, em várias cidades do Estado, como Porto Alegre.



### Gaúchos organizados

#### NORTE

• **Em Passo Fundo**, a manifestação contra o poder econômico e a corrupção terá debates. Os organizadores querem atrair a comunidade para o movimento com foco na situação da cidade. Os manifestantes vão se reunir na Praça Marechal Floriano, no Centro, das 10h às 18h. Associações, movimentos sociais e sindicatos participam.

#### CENTRO

• **Em Santa Maria**, movimentos estudantis e sociais farão vigília na Praça Saldanha Marinho, das 14h às 19h, no protesto Democracia Real Já.

Também haverá mateada e oficinas culturais. Os manifestantes fizeram reivindicações locais, como mais investimentos em moradias na cidade e melhora no transporte coletivo.

#### SUL

• **Em Pelotas**, a mobilização está marcada para as 11h, com panfletagem no calçadão da Andrade Neves. Às 14h, o grupo segue em caminhada até a Praça Coronel Pedro Osório, onde montará acampamento até domingo. Estão previstos debates e projeção de filmes sobre democracia. O movimento é liderado por estudantes, em parceria com sindicatos.

**ANEXO 17**

**Contracapa da edição de Zero Hora de 17 de outubro de 2011, com foto das manifestações do movimento Occupy Wall Street em Porto Alegre**

**ZH**www.zerohora.com  
**SEGUNDA-FEIRA,**  
17 DE OUTUBRO DE 2011HORÁRIO DE  
FECHAMENTO  
DESTA EDIÇÃO **00:30**Porto Alegre (RS)  
Av. Ipiranga, 1075.  
CEP 90169-900**HOJE EM ZH**

Primeiro caderno	36 páginas
Caderno de Esportes	12 páginas
Nosso Mundo	
Sustentável	8 páginas
Segundo Caderno	12 páginas
Meu Filho	4 páginas
Total da Edição	72 páginas

Do Leitor	2
Informe Especial	3
Reportagem Especial	4 e 5
Política	6 a 10
Economia	14 a 19
Indicadores	17
Mundo	20 e 21
Geral	22 a 30
Tempo	28
Polícia	31
Almanaque Gaúcho	34
Memória	35
Paulo Sant'Ana	35
Encartes (circulação parcial):	
Elevato, Iesa, Tumelero, Dell	
Computadores	

**PARA FALAR COM ZH****ASSINATURAS**www.zerohora.com/  
assinaturas**ATENDIMENTO****AO ASSINANTE:**Para ligações de Porto  
Alegre e de celular:  
**(51) 3218-8200**

Demais cidades:

**0800 6428200**

assinantes@zerohora.com.br

**PARA ASSINAR:****0800 6428222**

Atendimento ao

Ponto de Venda:

**0800 6424088**

RBS PUBLICAÇÕES

www.rbspublicacoes.com.br

**0800.051.33.23****REDAÇÃO****(51) 3218-4300**

leitor@zerohora.com.br

**ANÚNCIOS**

www.zh.rbs.com.br

**TELEANÚNCIOS:****32.139.139**

teleanuncios@zerohora.com.br

Loja virtual para classificados:  
www.zhclassificados.com.br**COMERCIAL:****(51) 3218-4900**

comercial@zerohora.com.br

**PERTO DO FIM**  
**Greve em bancos privados deve acabar hoje**

Em todo o país, assembleias de bancários avaliam encerramento da paralisação que já dura 21 dias.

**PÁGINA 14****ZEROHORA.COM****Em fotos, veja ambientes que são destaque na Mostra Casa&Cia 2011****EM DESTAQUE NA RBS TV****Rodrigo descobre que é pai de Júlia**Personagem de Rafael Cardoso em *A Vida da Gente* vai ser expulso de casa por querer assumir a filha.**Agenda****TEMPO DE HOJE****Céu claro em todo o Estado**

Depois de amanhecer com temperatura amena, tarde será quente.

**AMANHÃ**

Capital deve ter tempo seco e máxima de 22°C.

**PÁGINA 28****EDITORIAIS***Racionalização necessária* defende menos ministérios e *Primeiro, a vida* trata de caso relacionado ao Samu. **PÁGINA 12****PROTESTOS CHEGAM AO ESTADO****N**a esteira da onda de manifestações contra a ganância do sistema financeiro que atinge mais de 80 países, grupos de manifestantes organizados via redes sociais acamparam neste final de semana na Praça da Matriz, na Capital, para cobrar mudanças políticas e econômicas. **PÁGINA 14****COLONISTAS DE ZH****J. A. PINHEIRO MACHADO/INTERINO****Não digam a minha mãe que sou jornalista**

Nas férias de Verissimo, Pinheiro Machado escreve sobre o papel da imprensa.

**PÁGINA 2****LETÍCIA DUARTE/INTERINA****A quentinha da presidente**

Antes de retornar a Brasília, Dilma recebeu, no Salgado Filho, seu jantar pedido por teletregra.

**PÁGINA 10****CLÁUDIO BRITO****Desfaçatez contra a desfaçatez**

Em artigo, jornalista defende uma resposta forte para absurdos como a importação de lixo hospitalar.

**PÁGINA 13**

**ANEXO 18**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 17 de outubro de 2011, sobre as manifestações do movimento Occupy Wall Street pelo mundo e em Porto Alegre**

# PROTESTO GLOBAL

## Ocupar as ruas, e depois?

Com adesões em todo o planeta, mobilização ainda não oferece resposta sobre o que esperar no futuro

Contra a crise, as finanças globais e as falhas da democracia, dezenas de milhares de pessoas foram às ruas no fim de semana, dando dimensão planetária aos protestos.

Mas depois das réplicas, uma dúvida se impõe: como esse descontentamento será canalizado?

Em quase todas as grandes cidades, as manifestações foram pacíficas, com uma exceção: em Roma, houve incêndio de carros e depredação de lojas. Os confrontos com a polícia deixaram 70 feridos, três em estado grave. Doze pessoas foram detidas.

As maiores mobilizações ocorreram na Espanha e em Portugal. Em Nova York, uma multidão ocupou Times Square, onde a concentração de espetáculos e megalojas atrai turistas do mundo todo. Por lá, também houve dezenas de detenções.

Com slogans como "Povos do mundo, levantem-se" e "Sair à rua cria um novo mundo", os atos se espalharam por 951 cidades de 82 países, segundo o site *15october.net*. "Evidentemente, existe agora um movimento internacional", constatou o editorialista do jornal italiano Repubblica, Eugenio Scalfari.

Depois do protesto globalizado, seguem interrogações, desde sobre o que querem os manifestantes – não há reivindicações formais – até a respeito de como os movimentos vão evoluir.

O que surpreendeu foi a origem de algumas manifestações de apoio. O italiano Mario Draghi, que em novembro assume a presidência do Banco Central Europeu (BCE), afirmou:

– Os jovens têm razão de estar indignados. Estão irados contra o mundo das finanças. Eu os compreendo.

### Uma noite na Praça da Matriz

Só na manhã de ontem foi desmontado o acampamento na Praça da Matriz, em Porto Alegre, instalado no final da tarde de sábado depois de caminhada a partir do Parque da Redenção. A marcha foi pacífica e pedia mudanças globais, políticas e econômicas, com dezenas de movimentos, entidades civis e pessoas sem vínculos ideológicos, convocadas pelas redes sociais.

Solidários com o ato global do Movimento 15 de Outubro – Unidos por Mudança Global, que questiona a elite financeira, a desigualdade econômica e o socorro aos bancos em detrimento das populações dos países endividados, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, os gaúchos festejaram por colocar Porto Alegre novamente no mapa das reivindicações mundiais.



Mascarados marcaram protestos, como em frente à sede do Banco Central Europeu, em Frankfurt



Capital assistiu no sábado à caminhada da Redenção até a Praça da Matriz



Em Londres, manifestantes ainda estavam na Catedral St. Paul ontem pela manhã

### ENTREVISTA Marco Antonio Villa, historiador

## Tendência é se esgotar rápido

CAIO CIGANA

Historiador com formação em Sociologia e História Social, Marco Antonio Villa considera equivocado

comparar o protesto globalizado nas ruas a outros momentos históricos de participação popular. Veja os principais trechos da entrevista:

caio.cigana@zerohora.com.br

**Zero Hora – Qual sua avaliação dos protestos do fim de semana?**

Marco Antonio Villa – São reflexos dos problemas econômicos de cada país. Nos EUA, a gestão Obama não tem sido eficaz porque não consegue aumentar o emprego, e o país está estagnado. Os protestos têm pequena proporção frente a outros movimentos de décadas recentes. Na Europa, prin-



cipalmente na Itália, está vinculada à política local, à rejeição a (*primeiro ministro Silvio*) Berlusconi, é mais contra ele do que contra o sistema financeiro internacional ou o capitalismo.

**ZH – O que virá agora?**

Villa – A tendência é de se esgotar rapidamente, especialmente na Europa, quando surgir uma solução para a Grécia. A única saída é uma moratória, com perdão de parte da dívida.

**ZH – E no Brasil?**

Villa – São descabidas, fora do lugar. Aqui não há grande especulação na bolsa, não há problemas como os da Europa Ocidental e dos EUA.

**ZH – Há paralelo com outros episódios?**

Villa – Acho equivocada a comparação com 1968 e com movimentos pacifistas. É uma tentativa de pequenos grupos anticapitalistas sem representatividade. Achar que tem significação maior, que leve à ruptura da ordem ou a uma nova forma de fazer política, é um exagero.

### DIA DE DECISÃO

## Greve deve acabar em bancos privados

Bancários de todo o país realizam hoje assembleias para avaliar o fim da paralisação que já dura 21 dias.

A tendência é de fim da greve, ao menos nos bancos privados.

Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), Caixa e Banco do Brasil (BB) apresentaram novas propostas na sexta-feira, e a orientação do comando nacional de greve é de que os termos sejam aceitos.

No Estado, a posição das entidades que representam os bancários é de rejeição da oferta apresentada por Caixa e BB. No caso do Banrisul, a categoria considera as negociações paralisadas. No banco gaúcho, portanto, há mais possibilidade de o movimento continuar.

– A tendência é de fim da greve nos bancos privados. BB e Caixa podem avançar na sua proposta em algumas questões específicas, mas a decisão é das assembleias. O Banrisul encerrou as negociações e corre o risco de ser o único banco a continuar parado no país – diz o presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre e Região (Sind-Bancários), Mauro Salles.

Arnoni Hanke, diretor da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Instituições Financeiras no Rio Grande do Sul (Fetrafi-RS), explica que a principal discordância em relação aos bancos federais está no reajuste do piso. Enquanto as instituições privadas admitiram conceder reajuste de 12%, o BB e a Caixa ofereceram 9%.

Procurado, o Banrisul informou que aguarda o resultado da assembleia e, durante as negociações, buscou atender, dentro do possível, as reivindicações dos bancários.

### As propostas

#### BANCOS PRIVADOS

- **Aumento salarial** de 9%, equivalente a um ganho real de 1,5%, e reajuste do piso para R\$ 1,4 mil, o que significaria um acréscimo real de 4,3%

#### CAIXA

- **Além do** reajuste de 9%, o piso salarial dos novos concursados, após os 90 dias do contrato de experiência, passaria de R\$ 1.673 para R\$ 1.826. Compromisso de contratar 5 mil novos funcionários até o final de 2012.

#### BANCO DO BRASIL

- **Reajuste de 9%**, enquanto o piso passa para R\$ 1.760, o que significa ganho real de 2,43%

**ANEXO 19**

**Capa da edição, seguida de matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre manifestação pela paz no trânsito em Viamão (RS)**

Saúde » Filantrópicos avaliam proposta e ameaçam com paralisação » Página 27



ANO 116 | Nº 358

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 2011

SC, PR - R\$ 2,00 | RS - R\$ 1,50

# CORREIO DO POVO.com.br

## Open Graph

### A new class of app

Zuckerberg  
anuncia  
revolução  
no Facebook



Página 10



3º MARCHA PELA PAZ NO TRÂNSITO - 2011  
JUNTOS PODEMOS SALVAR  
MILHÕES DE VIDAS

Estudantes vão às ruas  
e pedem paz no trânsito

Página 25



Obras da  
Rodovia do  
Parque estão  
ameaçadas

Página 24

# Governo tenta segurar forte avanço do dólar

Moeda americana chegou a R\$ 1,95, mas fechou em R\$ 1,91. Bolsa despenca quase 5%. Páginas 8 e 16

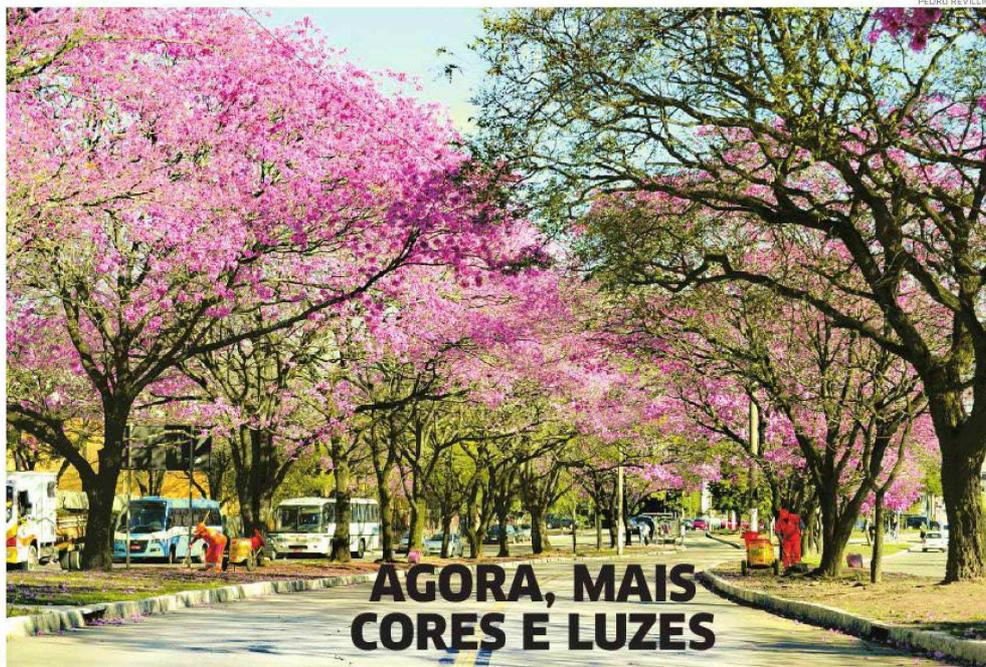
## Brasileirão

### Loco Abreu derruba Grêmio no Olímpico

FABIANO DO AMARAL



Douglas não se impôs. ÚLTIMA PÁGINA



## AGORA, MAIS CORES E LUZES

Depois de um dos mais rigorosos invernos dos últimos anos, a primavera chega com nova expectativa, mas ainda com frio PÁGINAS 23 E 28

## Dia de horror

### Tiros e morte na escola

Um estudante de 10 anos atirou contra uma professora dentro da sala de aula em São Caetano do Sul, no ABC paulista. No momento do disparo, havia 25 alunos no local. Depois do ocorrido, o aluno se retirou da sala e atirou na própria cabeça. Atendido, ele não resistiu: sofreu duas paradas cardíacas e morreu. PÁGINA 29

## Viagens aéreas

### Pressão pela pontualidade

Rigor nos aeroportos: a Anac vai exigir das empresas mais pontualidade. PÁGINA 9

## Brigada Militar

### Projeto vai à Assembleia

Cabos e soldados da Brigada Militar aceitaram ontem proposta de reajuste de 23,5% oferecida pelo governo. Os sargentos, subtenentes e tenentes, porém, não aceitaram o percentual oferecido, que vai de 11% a 18%. Mesmo assim, o projeto do governo vai para a Assembleia, mas há a promessa de continuidade das negociações. PÁGINA 22

## Geral

## Gases do efeito estufa diminuiram

Investimentos e políticas públicas que melhorem o transporte coletivo podem ser a saída para reduzir a liberação de gases que provocam o efeito estufa junto à frota brasileira. A avaliação está em comunicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), lançado ontem, durante o Dia Mundial sem Carro. O estudo destaca avanços na redução do nível de emissão de poluentes por meio do Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (Proconve).

## Transporte coletivo reduz poluição

O estudo do Ipea diz que um usuário de automóvel emite quase oito vezes mais CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono) que um usuário de ônibus, e 36 vezes mais que um usuário de metrô. Em razão disso, o relatório defende a aplicação de iniciativas de restrição e incentivo, com foco na melhoria do sistema público de transporte. Mesmo que os ônibus emitam mais gases que os automóveis, a quantidade de emissões é compensada pelo número de passageiros transportados.

# Marcha pede paz no trânsito em Viamão

Ato comemora redução dos índices de acidentes desde o primeiro evento

A 13ª Marcha pela Paz no Trânsito foi realizada na manhã de ontem, em Viamão, com a participação de dezenas de pessoas, sobretudo alunos das escolas municipais, estaduais e particulares do município. Inserida na programação da Semana Nacional do Trânsito, a caminhada foi promovida pela prefeitura de Viamão e teve

apoio do 18º Batalhão de Polícia Militar (18ª BPM) e do Comando Rodoviário da Brigada Militar, além de representativas entidades e sindicatos locais.

O ato começou na área central da cidade e teve seu encerramento no ginásio municipal, no bairro Açores. O prefeito de Viamão, Alex Sander Boscaini, participou da manifestação,

acompanhado de seu secretário. Ele destacou a redução nos índices de acidentes e uma maior conscientização dos motoristas e pedestres, desde a realização do primeiro evento.

A Marcha pela Paz no Trânsito é realizada desde 1999. O objetivo é mobilizar a sociedade para uma reflexão sobre a necessidade de respeitar as regras de convivência no trânsito, bem como estimular principalmente a prevenção de acidentes. A iniciativa surgiu a partir das dificuldades enfrentadas pelos estudantes das escolas localizadas às margens da ERS 040, no perímetro urbano do município, para atravessar a rodovia com segurança.

Um levantamento realizado naquele ano de 1999 apontava a RS 040 como a segunda rodovia estadual com maior número de acidentes no perímetro urbano. Com o resultado positivo da Marcha pela Paz no Trânsito, que reduziu a zero o número de acidentes em 2000, o movimento recebe cada vez mais apoio. Parte da RS 118 também cruza Viamão.



Manifestação contou com alunos, autoridades e representantes de entidades

## Porto Alegre ganha nova ciclovia

Um passeio ciclístico marcou ontem o Dia Mundial Sem Meu Carro e o lançamento da nova ciclovia de Porto Alegre. Uniformizados, o prefeito José



Prefeito e ciclistas no lançamento da obra

Fortunati, secretários e ciclistas deixaram a sede da EPTC, na rua João Neves da Fontoura, e seguiram pela avenida Ipiranga até a rua Santa Cecília, onde houve a assinatura do contrato e o lançamento da obra – que terá 9,4 quilômetros de extensão.

Segundo o prefeito, este é um momento importante porque representa o estímulo à mudança de comportamento dos porto-alegrenses. Ele lembrou que mais do que um espaço para os ciclistas, a ciclovia é uma maneira de abrir o debate sobre a importância de os motoristas respeitarem o trânsito.

A ciclovia vai ligar a avenida Edvaldo Pereira Paiva, conhecida como Beira-Rio, até a Antônio de Carvalho, no bairro Jardim do Salso. A construção faz parte do Plano Diretor Cicloviário, que prevê a instalação de 200 metros de ciclovia para cada cem vagas de estacionamento em empreendimentos privados. O trajeto será feito pelas margens do arroio Dilúvio, com duplo sentido de circulação.

## Motociclistas são tema de seminário

Os motociclistas representam 24% das vítimas fatais no primeiro semestre deste ano no trânsito gaúcho. Para mudar esta realidade, foi realizado na manhã de ontem – Dia Mundial Sem Carro – o seminário Motociclistas em Debate, na Assembleia Legislativa. O evento integra a programação da Semana Nacional de Trânsito.

Coordenador do Comitê Estadual de Mobilização pela Segurança no Trânsito, o governador em exercício Beto Grill ressaltou que apenas dialogando será possível mudar a realidade do trânsito no país e no RS.

O presidente do Detran-RS, Alessandro Barcellos, destacou o lançamento do "Guia do Motociclista – Pilotagem Consciente", em parceria com o Sindicato dos Motociclistas Profissionais do RS (Sindimoto). A cartilha contém legislação específica da área e dicas sobre pilotagem defensiva.



Barcellos apresentou cartilha com dicas

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAQUI - RS**  
**EXTRATO DE EDITAL**  
**TOMADA DE PREÇO Nº 019/2011 – Aquisição de materiais odontológicos.** A partir do dia 23/09/2011, estará a disposição no site [www.itaqui.rs.gov.br](http://www.itaqui.rs.gov.br), a íntegra do edital que terá sua sessão realizada no dia 11/10/2011 às 9 horas. Maiores informações poderão ser obtidas pelo fone (55) 3433-2323 ramal 226 ou ramal 215. **Comissão de Licitações.**

**Prefeitura Municipal de Porto Alegre**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE SELEÇÃO E INGRESSO**  
**EDITAL 113**  
**PROCESSO SELETIVO 03/2011 – OPERAÇÃO INVERNO – PARA PROVIMENTO DE CARGOS EM REGIME TEMPORÁRIO**

A Secretaria Municipal de Administração, através da Coordenação de Seleção e Ingresso, torna público a convocação dos candidatos abaixo listados, que deverão comparecer junto a Coordenação de Seleção e Ingresso – Rua Siqueira Campos, 1300, 9º andar, sala 916 – dentro do horário das 9hrs às 11hrs e 30 min ou das 13hrs e 30 min às 17hrs - a fim de tratarem de suas admissões e da assinatura do Termo de Aceitação para Admissão Temporária, conforme estipulado no subitem 9.3, do Edital 53, de 18/04/2011, portando os seguintes documentos originais:

- Documento de Identidade;
- Carteira Profissional (COREN, para Enfermeiros e Técnicos em Enfermagem);
- Certificado (diploma) que comprove a formação exigida;
- CPF;
- PIS/PASEP (se possuir);
- Título de Eleitor, acompanhada dos comprovantes de votação referentes à última eleição (2 turnos) ou comprovante de quitação das obrigações eleitorais, emitido pelo Tribunal Regional Eleitoral – TRE;
- Comprovante de quitação das obrigações militares (candidatos do sexo masculino);
- Conta corrente na Caixa Econômica Federal (se possuir);
- Comprovante de residência atualizado;

Os candidatos têm o prazo de 1 (um) dia útil a contar da data de entrega da correspondência para comparecimento.

Informamos que a carga horária máxima admitida para prestação de serviço no Município, já considerando as hipóteses de acumulação de cargos, empregos e funções públicas, é de 60 horas semanais, nos termos do art. 44 da Lei municipal 6.309/88, observando-se, ainda, a compatibilidade de horários.

No momento da admissão será realizada consulta no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), do Ministério da Saúde, quanto a outro vínculo público que o candidato possa ter. Se a carga horária nesse vínculo for maior que 30 horas semanais o candidato deverá comprovar a redução para a carga horária citada ou o desligamento do vínculo informado pelo CNES.

O não comparecimento do candidato convocado será entendido como desistência à admissão na referida função.

**TÉCNICO EM ENFERMAGEM - Rede de Atenção Básica em Saúde**  
 68º Lugar - ALEXANDRE LEMOS NUNES  
 69º Lugar - ELIANA BROCARDI DE CASTRO

**TÉCNICO EM ENFERMAGEM – Pronto-Atendimento e HMIPV**  
 163º Lugar - EDIANE ROSA DOS SANTOS  
 164º Lugar - ELCI TEREZINHA OLBERMANN

Porto Alegre, 21 de setembro de 2011.

**SONIA VAZ PINTO,**  
 Secretária Municipal de Administração.

**SUZANA REIS COELHO,**  
 Supervisora de Recursos Humanos.

**CRISTIANE JUNQUEIRA DA ROSA SANTOS,**  
 Coordenadora de Seleção e Ingresso.

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE**

Ministério da Educação

**GOVERNO FEDERAL**  
**BRASIL**  
 PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**  
**COORDENAÇÃO DE LICITAÇÕES**  
**AVISO DE LICITAÇÃO**  
**Concorrência n.º 06/2011**

A Comissão Permanente de Licitações do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE, torna público para o conhecimento de quem possa interessar que às 9h do dia 26/10/2011, na sala de reuniões, localizada na Praça José Bonifácio, n.º 01, Centro, em Pelotas/RS, estará reunida para recebimento dos envelopes relativos à Concorrência n.º 06/2011, tipo menor preço global, cujo objeto é a contratação de pessoa jurídica para construção do Bloco Salas de Aula do Campus Pelotas-Visconde da Graça do Instituto Federal Sul-rio-grandense, na cidade de Pelotas/RS. Os interessados poderão obter o Edital através do site [www.comprasnet.gov.br](http://www.comprasnet.gov.br). O Projeto Básico e as Plantas estarão disponíveis no site [www.ifsul.edu.br](http://www.ifsul.edu.br). Mais informações poderão ser obtidas através dos telefones (53) 3026.7228 ou 3026.7227.

**FABIANE REDISS**  
 Presidente da Comissão Permanente de Licitações

**ANEXO 20**

**Capa da edição do Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, com manchete sobre negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e o Governo do Estado**



ANO 116 | Nº 355

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 2011

SC, PR - R\$ 2,00 | RS - R\$ 1,50



# CORREIO DO POVO.com.br



**Polícia reforça ação na Cidade Baixa**  
Página 24



**BR 116 terá vigilância rigorosa até NH**  
Página 19



**Dilma defende nova política global para remédios**  
Página 4

## Reajuste para a Brigada terá definição amanhã

Servidores pressionam por oferta igual a todos e realizam assembleia geral em Porto Alegre **Página 19**



**História gaúcha contada na avenida**

### Lei da Copa

#### Onda de feriados em dias de jogos

Governo federal, estados e municípios poderão decretar feriados em dias de jogos da Copa de 2014 no Brasil. A Lei Geral da Copa foi enviada ontem pelo governo ao Congresso. **PÁGINA 25**

### Aftosa no Paraguai

#### Estado decide triplicar fiscalização

O governo do Paraguai comunicou ontem à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) a existência de foco de febre aftosa na província de San Pedro, centro do país, a 130 km da fronteira com o Brasil. A doença foi confirmada em 13 bovinos de uma propriedade na região de Sargento Loma, onde serão abatidos 819 animais suscetíveis à doença. O Brasil já adotou medidas preventivas. No Rio Grande do Sul, a fiscalização será triplicada. **PÁGINA 14**

### Desfile com chuva

#### Noite de espetáculo farroupilha

“Nossas Raízes” foi o tema do desfile temático farroupilha, que contou sobre a formação do povo rio-grandense, ontem à noite, na avenida Beira-Rio. As cores da bandeira, criada durante a guerra de 10 anos, o verde, o vermelho e o amarelo, coloriram a noite, mesmo que a chuva tenha causado transtornos. Cerca de 1,1 mil tradicionalistas partiram de local próximo ao estádio Beira-Rio e, divididos em alas, representaram momentos da história gaúcha. **PÁGINA 21**

**ANEXO 21**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo do dia 20 de setembro de 2011, sobre as negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e o Governo do Estado**

**Geral**

geral@correiodopovo.com.br  
 Editor: Paulo Mendes  
 Editora assistente: Vera Nunes



**Protestos continuam no RS**

Dois novos protestos em prol da melhoria salarial dos brigadianos foram registrados. Pneus foram queimados na BR 392, em Rio Grande, ontem. Um boneco com farda foi pendurado num viaduto em Cachoeirinha no domingo. O chefe da Casa Civil, Carlos Pestana, diz que se trata de um vandalismo incomprensível.

**Proposta é confiável**

Tarso Genro disse ontem esperar que a proposta do governo seja aceita. O salário dos PMs não será o pior do país, disse. Para ele a proposta é séria e demonstra o respeito que o governo tem pela categoria.

**BM aumenta pressão contra o governo**

Insatisfeitos com a proposta apresentada pelo governo do Estado para a reposição salarial, os servidores da Brigada Militar devem ampliar a pressão contra o Executivo. Uma assembleia realizada pela Associação Beneficente Antônio Mendes Filho dos Servidores de Nível Médio da BM (Abamf/BM) discutiu o assunto e decidiu que só aceitará a proposta caso ela seja linear – ou seja, igual para todos, o que inclui de soldados até tenentes. No entanto, ainda estão sendo realizadas assembleias em algumas regiões para que haja uma posição única da categoria, evitando assim rupturas.

reivindicação é “contra a manobra” do governo em querer dividir a categoria, promovendo reajustes diferenciados.

A última proposta apresentada pelo Estado prevê a substituição da concessão de abono por reajuste, no valor de R\$ 91,00 sobre o vencimento básico da categoria, dividido em duas etapas – em outubro de 2011 e abril de 2012. No caso do soldado, o reajuste acumulado será de 23,5%, e no caso do 1º tenente, de 10,5%. As funções intermedeárias receberão aumentos proporcionais entre esses dois índices.

Amanhã, a federação que reúne as 22 associações independentes da Brigada Militar fará uma



Leonel Lucas, da Abamf, defende aumento linear

mobilização em frente ao Palácio Piratini, a partir das 10h. Segundo o presidente da entidade, João Carlos Duarte Domingues, a intenção é reivindicar do governo a apresentação de uma proposta justa de reajuste salarial à categoria.

**Policiais civis avaliam proposta**

O governo do Estado ofereceu aos policiais civis e agentes penitenciários a mesma proposta feita aos brigadianos: R\$ 91,00 a ser incorporado no básico. O valor será pago em duas parcelas: em outubro deste ano e em abril de 2012. Segundo Isaac Ortiz, presidente da Ugeirm, uma reunião do Conselho discutirá o assunto. “No entanto, a paralisação de 28 e 29 deste mês, em princípio, está mantida”, disse.

O presidente do sindicato dos penitenciários (Amapers/Sindicato), Luiz Fernando Rocha, disse que a entidade fará cálculos para ver o real aumento. Amanhã será decidido a data da assembleia da categoria. O chefe da Casa Civil, Carlos Pestana, disse que a Polícia Civil está tendo o mesmo tratamento da BM, o que era reivindicação dos policiais. “Chegamos ao limite de nossa capacidade financeira. Não há como avançar”, adiantou.

**Aumento de tarifa**

A Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Delegados (Agers) aprovou ontem um reajuste de 5,2% nas tarifas de ônibus intermunicipais da região Metropolitana. A decisão deve ser publicada amanhã no Diário Oficial do Estado e poderá ser aplicada 72 horas após a publicação. Para o aumento, foram levados em consideração o preço de insumos como combustíveis e gastos variáveis, como os salários dos motoristas.

**BR 116 será monitorada 24 horas**

A Polícia Rodoviária Federal inaugurou ontem o sistema de monitoramento por câmeras da BR 116 no trecho entre Porto Alegre e Novo Hamburgo. No total, 24 câmeras captarão imagens em 36 quilômetros. Os dados podem ser armazenados por 30 dias. O investimento total foi de R\$ 2 milhões. Com a tecnologia, a PRF espera atenuar os problemas na via que concentra 30% das ocorrências de acidentes nas estradas gaúchas e é a terceira rodovia mais movimentada do Brasil (cerca de 100 mil veículos/dia). A distância máxima entre os equipamentos é de 2 quilômetros. Nos trechos de maior fluxo, a distância é menor. “Esperamos que o tempo de atendimento nas ocorrências seja reduzido em 50%”, declarou o superintendente da PRF no RS, José Altair Benites.



Um total de 49 câmeras capta imagens num trecho de 36 quilômetros

**COMUNICADO**

A Oi informa que, por razões de ordem técnica, ocorreu a interrupção do tráfego telefônico local e/ou interurbano da localidade: Escadinhas – das 10h11min às 12h49min do dia 16/09/2011. Sistema normalizado após ações de manutenção. A Oi informa que, por razões de ordem técnica, ocorreu interrupção do tráfego celular e/ou serviço 3G nas localidades: Rondinha – das 02h37min às 04h42min do dia 16/09/2011; Glorinha – das 09h27min às 09h30min do dia 17/09/2011; Barra do Quaraí – das 09h23min às 12h54min do dia 17/09/2011; Maximiliano de Almeida – das 18h03min às 19h46min do dia 17/09/2011; Santo Ângelo – das 09h40min às 21h16min do dia 18/09/2011. Sistema normalizado após ações de manutenção. A Oi informa que, por razões de emergência, devido a acidente, ocorreu interrupção do tráfego celular e/ou serviço 3G na localidade: Balneário Pinhal – das 11h21min às 19h40min do dia 17/09/2011. Sistema normalizado após ações de manutenção. Para todos os casos não houve meios alternativos para minimizar as consequências advindas da interrupção. A Oi agradece a compreensão de seus clientes e comunica que as localidades já se encontram com seus serviços plenamente restabelecidos. **ERRATA:** A Oi informa que, por razões de ordem técnica, ocorreu interrupção do tráfego telefônico local e/ou interurbano da localidade: Pedro Osório – das 19h33min às 22h53min do dia 11/05/2011, e não das localidades Carrito e Pedro Osório, como publicado em 14/05/2011. A Oi agradece a compreensão de seus clientes e comunica que as localidades já se encontram com seus serviços plenamente restabelecidos.

**SPERINDE IMÓVEIS**

---

**VENDAS**

**2 SUÍTE DORM. Churr/Vaga**

**RIO BRANCO**

- Amplio living c/ churrasq.
- Salão de festas
- 2 elevadores
- 1 ou 2 vagas

ENTREGA SET/2012

---

<p><b>SANTA CECLÍLIA</b>  <b>1 DORM C/GARAGEM</b>                  Apto a 100m da Prátissio Alves/Super Nacional, ideal p/universitários c/condom. feita p/UFRGS/PUC desoc. sol manhã, 40m² priv. garagem. Ed. c/ port 24h, elev. churr. Apenas R\$ 160 mil comb.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 160 mil</b></p>	<p><b>PASSO D'AREIA</b>  <b>1 DORM C/GARAGEM</b>                  Exc. apto desc. 1º and. fr. na av. Grécia junto a todos os recursos c/41m² priv. 1 dorm. amplo, living 2 amb. banho soc. lavand. gar. coberta. Ed. esquina/gradil e segurança. Com garagem esculturada. <b>BARBADA!</b></p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 165 mil</b></p>
<p><b>RIO BRANCO</b>  <b>APTO 2 DORM</b>                  Impecável apto de 2 dorm. 94 m² privativos, liv. 2 ambientes gabinete ou dep completa, coz. mobiliada, dorm com armários, tudo de excelente qualidade, elev. garagem.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 260 mil</b></p>	<p><b>MONT SERRAT</b>  <b>APTO 2 DORM COM SUÍTE</b>                  Maravilhoso apto, semi novo, 2 dorm, c/ suite, living 2 amb, piso porcelanato, coz. americana c/ bancada de granito, sol Norte, rua calma e plana, próx. de super, etc. 1 vaga.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 310 mil</b></p>
<p><b>PETRÓPOLIS</b>  <b>APTO 2 DORM COM SUÍTE</b>                  ótimo apto de 2 dorm com 82 m² privativos na rua Faria Sant'ana, 1 suite liv. com sacada copa cozinha, apto em estado de neve. Prédio com 12 anos de construção e linda área de lazer.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 318 mil</b></p>	<p><b>HIGIENÓPOLIS</b>  <b>APTO 2 DORM</b>                  Na melhor rua do bairro, amplo apto com 1 suite, sacadas, copa cozinha dependência completa, liv 3 ambientes, 1 vaga edifício com salão de festas e lindos jardins.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 320 mil</b></p>
<p><b>RIO BRANCO</b>  <b>2 DORM COM SUÍTE</b>                  Novos apartamentos altos do IPA aptos. c/81 m² priv., suite, banho soc. living c/28m² porcelanato, coz. amer.c/ churr, 2 gar., ed. c/ elev. Com exc. cond. de pagto. Plantaio local: Vasco da Gama, 1240.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 330 mil</b></p>	<p><b>BOM FIM</b>  <b>APTO 3 DORM</b>                  Excelente apto, junto ao Hosp. Clínicas, frente a fundos, 124m² priv, sacada, , lavabo, estar íntimo, salão festas, ótima orientação solar, 1 vaga.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 340 mil</b></p>
<p><b>BELA VISTA</b>  <b>APTO 3 DORM COM SUÍTE</b>                  Lindo apto, junto a praça da Encol, 110 priv, 3dorm,suite, living 2 amb, sacada, belo terraço, dependência, área serv, 2 vgs, gradil, port. 24 hs, piscina, sl. de festas.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 390 mil</b></p>	<p><b>MOINHOS DE VENTO</b>  <b>APTO 3 DORM COM SUÍTE</b>                  Excelente apto construção 2005, 3dorm, 1 suite, living 3 ambientes com sacadão e churr, piso de porcelanato, web space, copa coz, prédio fachada de granito, muito sol e vista. 2 vagas.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 440 mil</b></p>
<p><b>PETRÓPOLIS</b>  <b>APTO 3 DORM COM SUÍTE</b>                  Apto novo, 120m² privativos, living com lareira e churr, coz. americana, suite com espaço para closet, 5º andar, 3 vagas. Prédio com zelador 24h, salão de festas.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 510 mil</b></p>	<p><b>BOA VISTA</b>  <b>CASA COMERCIAL</b>                  Negócio Impedível! Exclusiva casa resid/coml junto ao Zaffari/Hig. na R. Alcides Gonzaga, 250 totalmente reformada, área c/360m² priv. c/4 gar.+3 estac. Exc. cond. de pagto.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 800 mil</b></p>
<p><b>MOINHOS DE VENTO</b>  <b>COBERTURA JUNTO AO PARCÃO</b>                  Cobertura duplex c/310m² priv. 200m do Parcão c/suite churr. copa/coz. mobil. dep. emp. living 4 amb. c/clar churr. terraço c/deck pisc. 3 gar.indiv., ed. c/ port. 24h, CFV/sl. de festas, sauna e piscina.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 980 mil</b></p>	<p><b>BELA VISTA</b>  <b>3 SUÍTES C/4 GARAGENS</b>                  Alto padrão novo projeto p/monar 200m da Pça Encol 1 apto p/and. 183m² priv. 7º and. sol e privac. lavabo, living 75m² c/lareira, porcelanato, sac c/ churr. dep. emp. 4 gar indiv., port. 24h, s. festas, fitness, elev.</p> <p style="text-align: right;"><b>R\$ 1.300 mil</b></p>

Rua Liberdade, 227

**51 3208.4040**

**www.sperinde.com**

**ANEXO 22**

**Versão original da matéria produzida pelo repórter do Correio do Povo para a edição do dia 20 de setembro de 2011, sobre manifestações radicais durante as negociações entre trabalhadores da Brigada Militar do RS e Governo do Estado**

[CORREIO\_DO\_POVO-GERAL-MATERIAS ... 20/09/11]  
 Name:19MANHA\_PROTESTO Format:N\_ab\_4-5

Author:LWINCK

Date:19/09/11

Time:11:17

# Novos protestos

**D**ois novos protestos em prol da melhoria salarial dos brigadianos foram registrados no Estado. Uma das manifestações ocorreu no município de Rio Grande. Segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), vários pneus foram queimados no km 20,7 da BR 392, ao amanhecer de ontem. Bombeiros foram acionados para apagar o fo-

go, sendo depois liberada a rodovia. Além dos pneus queimados, o protesto contou com uma faixa, que tinha os seguintes dizeres: "Sr. Governador Tarso: salário digno, migalha não! Os protestos vão começar".

Já na noite de domingo, um boneco vestido com a farda da Brigada Militar foi encontrado pendurado em um viaduto no km

83 da freeway, na entrada de Cachoeirinha. Uma faixa também foi encontrada no local e tinha a palavra de ordem: "BM, verticalidade já ou greve".

No sábado, dois protestos por melhores salários para os policiais militares ocorreram em Gravataí e Novo Hamburgo. Em um outdoor apareceu uma mensagem com os dizeres "O povo gaú-

cho tem a melhor Polícia Militar do Brasil, mas com o pior salário", na avenida Centenário. Já a outra manifestação foi em Novo Hamburgo, onde um boneco fardado, com um falso explosivo, foi deixado na avenida 1º de Março. O mesmo foi recolhido pelos policiais militares do 3º BPM. Mais de 70 manifestações deste tipo já foram registradas no RS.

19MANHA\_PROTESTO.D

24P0 x 66.426m

**ANEXO 23**

**Pauta entregue ao repórter do Correio do Povo que cobriria o desfile em comemoração à Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, e as manifestações do movimento “Agora Chega!”, durante o mesmo evento, no dia 20 de setembro de 2011**

### 1. DESFILE E PASSEATA DE PROTESTO (20/09) - 8h30min

Hoje temos o desfile de 20 de Setembro a partir das 8h30min na avenida Beira-Rio com a revista de tropas pelo governador Tarso Genro.

**Atenção:** As entidades que apóiam o movimento Agora Chega, juntamente com os diversos movimentos sociais, e os jovens "Caras Pintadas" – reunidos por meio das redes sociais – estarão, novamente, realizando uma passeata contra a corrupção e a favor da ética na administração pública, reeditando a manifestação do dia 07 de setembro. Os manifestantes vão se reunir, **a partir das 10h**, em frente ao Parque Gigante (Avenida Edvaldo Pereira Paiva, atrás do Estádio Beira Rio). A marcha acontecerá logo após o Desfile Farroupilha, seguindo até a Usina do Gasômetro. Departamento de Comunicação Social da OAB/RS 51.32871821/ 51.81707599

Desfile

**ANEXO 24**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 21 de setembro de 2011, sobre o desfile Farroupilha, em Porto Alegre, e manifestações do movimento “Agora Chega!”**

Geral

**Extinta a chama Crioula**

■ A extinção da chama Crioula, na tarde de ontem, marcou o encerramento dos festejos Farrroupilha. A comitiva de cavalariáneos da 1ª Região Tradicionalista do MTG apagou a chama do Palácio Piratini, Assembleia Legislativa, Prefeitura, monumentos Bento Gonçalves, maçons e no Parque da Harmonia.

**Centelha volta a Piratini**

■ Antes da extinção da chama, o presidente do MTG, Erival Bertolini, retirou uma centelha para ser levada pela Ordem de Cavaleiros até Piratini, onde o fogo farrroupilha permanecerá aceso. Outra ficará acesa no Piquete Lanceiros Negros até novembro, quando se comemora o Dia da Consciência Negra.

# Celebração foi debaixo de chuva

Entidades tradicionalistas mostraram a história do Rio Grande do Sul, ontem, no Desfile de 20 de Setembro, em Porto Alegre

A chuva fina não impediu ontem que os tradicionalistas lotassem a avenida Edvaldo Pereira Paiva, em Porto Alegre, para o tradicional Desfile de 20 de Setembro. Mesmo com a presença de um público pequeno, os participantes mostraram o amor pela história do Rio Grande do Sul, por meio dos trajes, dos gestos e de algumas manifestações desenvolvidas para reverter a plateia durante o trajeto. A cada grupo que passava, as pessoas saudavam os participantes com aplausos e gritos.

Na abertura do desfile, houve a revista da tropa pelo governador Tarso Genro, que seguiu depois de carro ao palanque. Conduzidos pelo som da banda musical da Brigada Militar, integrantes da Polícia Civil, do Colégio Militar Tiradentes, da Brigada Militar e demais efetivos da Secretaria de Segurança Pública do Estado atravessaram a avenida com a mesma disciplina e alegria de sempre. Em alguns grupos, como o da Polícia Civil, houve pessoas vestidas de palhaços e alguns integrantes segurando balões nas cores preta e branca com a mensagem de paz.

Um grupo formado por mulheres apresentou a avenida com flores. As crianças também foram destaque, pois praticamente toda a frota automotiva da corporação esteve composta pelos pequeninos.



Cavaleiros mostraram garbo e garra na avenida para demonstrar o respeito pela tradição e pela cultura do Estado

De acordo com o comandante-geral da Brigada Militar, Sérgio Abreu, mais de cem pessoas ligadas à corporação participaram do evento. "O público veio prestigiar, a Brigada veio com toda a sua força e seus serviços como Bombeiros, Polícia Ambiental e Polícia Rodoviária Estadual. Então, por tudo que envolve este

ato, fizemos o nosso trabalho na parte de segurança que este ano não apresentou ocorrências graves". Segundo Abreu, desde o início das festividades, a BM constatou baixa incidência de criminalidade no Estado. "Isso mostra que o gaúcho está festejando com muita paz e solidariedade", explicou. Por volta das 10h, chegou a

cavalo o presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, Erival Bertolini, seguido da passagem da Chama Crioula, anunciando o início do Desfile Farrroupilha. Cerca de 115 piquetes prestigiaram o evento. Os cavaleiros realizaram exibições criativas para marcar a data. Um deles aproveitou a ocasião para dançar a chula, o

que chamou à atenção do público. "Conseguimos cumprir com o nosso papel e prestigiar essa data tão importante para os gaúchos", declarou Bertolini. Para ele, a chuva trouxe problemas aos participantes que não puderam trazer seus animais para o desfile. "São ajustes que devemos corrigir", avaliou.

Para a dona de casa Neuza Pereira, moradora das proximidades do estádio Beira-Rio, os animais são as atrações mais importantes. "Venho há dez anos e o que mais gosto são os cavalos. Eles são bonitos e bem cuidados, dão charme e beleza aos cavaleiros", considerou dona Neuza. Antes de se ausentar, o governador destacou que o evento significa o espírito de agregação republicana representado pelos gaúchos. "O desfile é um ato maravilhoso", afirmou Tarso Genro. O evento na avenida contou ainda com a presença do prefeito José Fortunati, do presidente da Assembleia Legislativa, Adão Villaverde, e demais autoridades.

Vários movimentos sociais e de trabalhadores aproveitaram o desfile de 20 de Setembro para manifestar insatisfação: a falta de recursos na saúde foi lembrada na faixa "Saúde e Povo na UTT". Já servidores da segurança e dos Correios participaram como plateia, portando cartazes, nenhum ofensivo.

## No final, um ato contra a corrupção

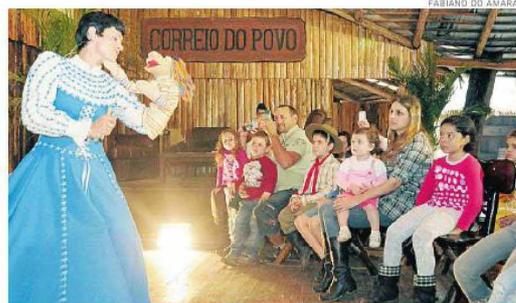
O Desfile Farrroupilha em Porto Alegre terminou ontem com um grande ato de manifestação contra a corrupção e a favor da ética na administração pública. Manifestantes ligados a entidades que apoiam o movimento "Agora Chega", instituído pelo Conselho Federal, em conjunto com a Ordem dos Advogados do Brasil no

RS (OAB/RS) e diversos movimentos sociais, levaram faixas, bandeiras e sinalizadores com as cores da Bandeira do Brasil à avenida Edvaldo Pereira Paiva. Os participantes chegaram cantando o Hino Rio-grandense e, em seguida, iniciaram o protesto.

A ação envolveu dezenas de pessoas e chamou a atenção do

público presente. Segundo o presidente em exercício da OAB/RS, Jorge Fernando Estevão Maciel, o ato é uma reedição da manifestação realizada no feriado de 7 de Setembro e serve para mostrar à população que a sociedade não está mais disposta a assistir passivamente a escândalos envolvendo políticos e atos de desvios de dinheiro público. "Nossa intenção é trazer a sociedade civil organizada para esta discussão", justificou. Para Maciel, a situação é preocupante, já que a todo momento casos de corrupção são deflagrados no país. "Por meio de ações públicas e de links na Internet, podemos impedir que esses atos fiquem impunes. A população pode e deve se manifestar", declarou o presidente em exercício da OAB/RS.

Entre os temas do movimento, estão a aplicação das disposições da Lei da Ficha Limpa em todos os níveis da administração pública, o fim da extensão do foro privilegiado e a aprovação da PEC 50/2006, que prevê o fim do voto secreto no Congresso Nacional. O governador Tarso Genro e as demais autoridades não chegaram a presenciar o ato.



Tia Verinha ganhou a medalha Farrroupilha pelo teatro de fantoches

## Brasil vê tradição pela Record RS

A movimentação da manhã do 20 de Setembro em Porto Alegre foi transmitida ao vivo pelo programa "Hoje em Dia", da TV Record, direto do Galpão do Correi do Povo/Record RS, para todo o país. Além de flashes do desfile cívico militar Farrroupilha, a Record apresentou o show da invernada artística adulta do Grupo de Tradições Gaúchas (GTG) Ponche Verde, de Cachoeirinha. Os 25 integrantes bailaram danças e cantigas populares do RS.

O projeto "Gaúchinhos" do Galpão do CP/Record RS recebeu a medalha do 1º Centenário

Farrroupilha, conferida pelo Piquete da Harmonia, pela contribuição à valorização da tradição e cultura gaúcha. Por meio de teatro de fantoches com canções típicas do folclore gaúcho, desenvolvido por Tia Verinha, o "Gaúchinhos" encantaram mais de 5 mil crianças de escolas públicas e privadas, além de visitantes do Acampamento Farrroupilha. "Cultura e tradição requerem conhecimento, respeito e amor ao próximo", afirmou a professora.

As atividades do Grupo Record RS tiveram a parceria de Lojas Colombo e Targifor C.



Cartazes e faixas pediram ética na administração pública

**ANEXO 25**

**Capa da edição do Correio do Povo do dia 21 de setembro de 2011, com foto do desfile em comemoração à Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, e chamada para matéria**

**Michel Temer** » Presidente em exercício supervisiona ação militar no RS » Páginas 5 e 21



ANO 116 | Nº 356

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 2011

SC, PR - R\$ 2,00 | RS - R\$ 1,50



# CORREIO DO POVO.com.br



**Dilma e Obama  
lançam projeto  
que promove  
transparência  
de governos**

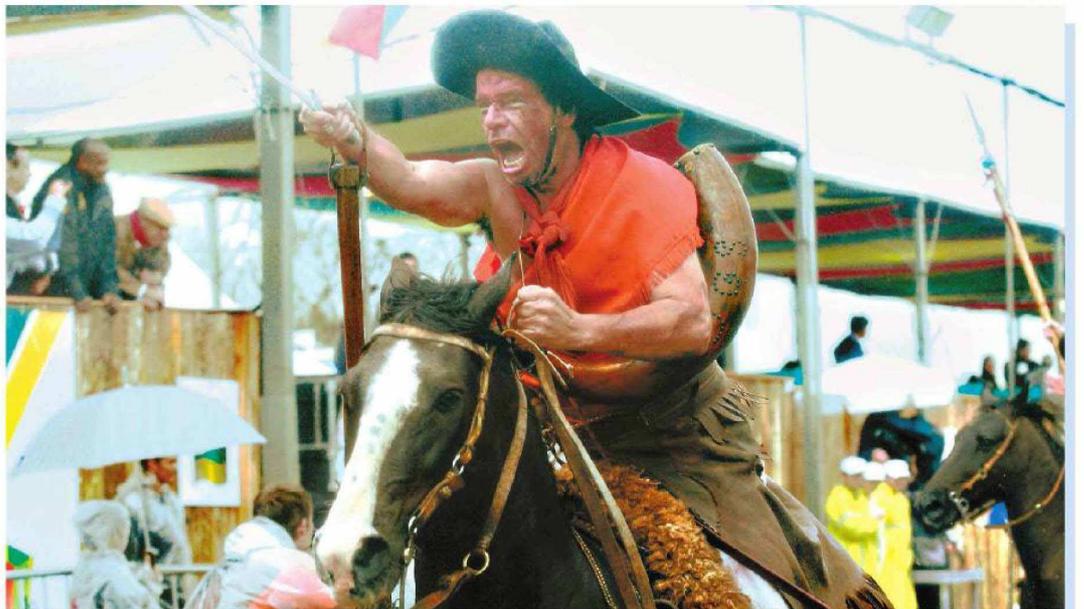
Página 4

## Médicos fazem greve hoje contra planos de saúde

Posição é para exigir reajuste das operadoras. Ação será em 23 estados e DF e afeta 35 milhões de clientes

**O**s médicos de planos de saúde realizam hoje o Dia de Paralisação Nacional em 23 estados e no Distrito Federal. Eles vão interromper o atendimento a clientes para cobrar reajuste nos valores pagos pelas operadoras. Dos mais de 46 milhões de usuários, a categoria estima que os planos afetados pela paralisação somam de 25 milhões a 35 milhões de clientes. No RS, 18 mil médicos atendem a pacientes conveniados.

No Estado, os médicos de planos de saúde suspenderão procedimentos não urgentes e as agendas de consultórios. O diretor de Relações Associativas e Culturais da Associação Médica do RS, Jorge Guimarães Silveira, explica que uma das principais reivindicações é o reajuste no valor das consultas e serviços pagos pelas operadoras. A negociação no RS deve partir do valor mínimo de R\$ 80 por consulta. Outra reclamação é a interferência das empresas no trabalho dos profissionais. Silveira reiterou que a morosidade na liberação de exames e internações prejudica os pacientes. Os procedimentos pelo IPE e pela Unimed não devem ser afetados, uma vez que as negociações com as duas operadoras já foram realizadas. **PÁGINA 16**



Desfile na avenida Edvaldo Pereira Paiva revelou a força das tradições gaúchas. Mesmo com público pequeno por causa da chuva, houve muita emoção

LEONARDO DA ROSA / FEEVALE / CP

### José Carreras O grande show do tenor espanhol

O espetáculo "Passion" com o tenor espanhol José Carreras e a Orquestra Filarmônica da PU-CRS abriu ontem à noite o Teatro Feevale em Novo Hamburgo. Foi um show impressionante que emocionou 1,8 mil convidados e espectadores. **PÁGINA 15**



O show "Passion" de Carreras abriu o teatro da Feevale em Novo Hamburgo

### 20 de Setembro Desfile mostra o amor gaúcho

O desfile tradicionalista de 20 de Setembro foi abaixo de uma chuva fina. Mesmo com a presença de um público pequeno, os participantes mostraram o amor pela história do Rio Grande do Sul. As pessoas saudaram os participantes com aplausos e gritos. **PÁGINA 18**

**Hoje tem  
classificados.**

classificados  
CORREIO DO POVO  
O Jornal que vai direto ao ponto.

**ANEXO 26**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre a decisão do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre de aderir à greve nacional da categoria**

## Geral

## Protestos usam bonecos 'Judas' no Rio

■ Dois bonecos "Judas" foram presos em postes, em frente à sede dos Correios, no Centro do Rio, na madrugada de ontem, representando o ministro das comunicações, Paulo Bernardo, e o presidente dos Correios, Wagner Pinheiro. Os bonecos tinham cartazes com os escritos "ministro Paulo Bernardo Janjão X9" e "Wagner Pinheiro pres. dos Correios". Cerca de 8 mil dos 14 mil trabalhadores dos Correios no estado do RJ aderiram à greve da estatal, iniciada no último dia 14.

## Direção quer reabrir as negociações

■ A direção dos Correios propôs que os trabalhadores suspendam o movimento para retomar as negociações sobre reajuste salarial. A empresa reapresentou a proposta oferecida antes da greve, que prevê reajuste de 6,87%, aumento real de R\$ 50 e abono de R\$ 800. "A continuidade da paralisação prejudica quem está trabalhando, pela sobrecarga de trabalho; a população, que não é atendida; e os grevistas, que perdem os dias parados", diz nota divulgada pela empresa.

## Mutirão nos Correios atualizará entregas

Concursados foram convocados para desafogar as correspondências

Em regime emergencial, 35 aprovados em concurso público dos Correios começaram a trabalhar ontem. A maioria foi convocada para atuar no complexo operacional na avenida Sertório, em Porto Alegre. O objetivo é desafogar objetos postais (correspondências,

Sedex, boletos) acumulados devido à greve dos funcionários instaurada no último dia 21. O estoque chega a 2 milhões de objetos postais. Neste final de semana, haverá um grande mutirão na Capital para atualizar as entregas.

Até o dia 25 de outubro, devem ser admitidos 539 novos fun-

cionários aprovados em concurso. Conforme a Assessoria de Imprensa dos Correios/RS, 378 atuarão como carteiros e os demais irão para as áreas de atendimento e triagem.

De acordo com a diretoria-geral dos Correios/RS, a greve no Rio Grande do Sul paralisou 1,4 mil funcionários, ou 18% dos 7,8 mil empregados da estatal. Dos grevistas, cerca de 1,2 mil são carteiros. "Todos os dias parados serão descontados, e as negociações somente vão ser retomadas quando a greve acabar", comunicou a Assessoria.

Em relação aos boletos, tipo documentos e contas, os Correios orientam a população a recorrer à Internet caso a correspondência não chegue até, por exemplo, um dia antes da data do vencimento. A alternativa, para quem tiver essa opção, é fazer cópia da fatura para pagamento bancário. Não há prazo para a normalização dos serviços enquanto perdurar a greve.



## Arroio preocupa moradores de vila

Dezenas de famílias que residem no bairro Glória, em Porto Alegre, enfrentam problemas e dificuldades em função do Arroio Cascatinha. Os moradores mais prejudicados são os da vila 1ª de Maio que, sem a infraestrutura adequada, convivem com esgoto a céu aberto, forte odor e constantes transbordamentos. Além de colocar em risco a saúde, há receio de que as casas construídas perto do arroio possam desabar devido às infiltrações.

Moradora há 40 anos da rua Francisco Martins, a dona de casa Maria de Lourdes Nunes Figueiredo conta que a situação ficou mais dramática nas duas últi-

mas décadas, com o aumento do número de moradores na região. "Os governos deveriam ter previsto que isso aconteceria e ter construído a infraestrutura necessária para que não vivêssemos nessa situação", desabafou. Segundo ela, no inverno o principal problema é transbordamento do arroio. "A água invade a casa", contou. Já no verão, a situação muda, mas não para melhor. "O sol faz com que o cheiro do esgoto fique ainda mais forte. É insuportável", disse. O morador Rogério da Silva, reclama que nada mudou, apesar das reclamações. "Moro aqui há 22 anos e nunca vi nada melhorar", afirmou.



Com a greve, cerca de 2 milhões de objetos postais estão acumulados

**CECOM-RS**  
Central de Compras

Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos

**Rio Grande do Sul**  
Governo do Estado

**AVISOS DE LICITAÇÕES**

**OBJETO:** Registro de Preços para aquisição de leite, para fornecimento no município de Dom Pedro/RS, conforme especificação do Edital, e cuja sessão do Pregão Presencial ocorrerá no plenário da Câmara Municipal de Vereadores de Dom Pedro/RS, situada na Rua Bernardino Angelo, nº975 – no município de Dom Pedro/RS.

**ABERTURA:** 05/10/2011 **HORÁRIO:** 10 horas

**PROCESSO:** 005639-24.00/11-7 **EDITAL:** 048/11

A Central de Compras localiza-se na Av. Borges de Medeiros, nº1501, 2º andar – Porto Alegre – RS.

**INFORMAÇÕES:** os dados necessários da referida licitação estão disponíveis na página inicial do site [WWW.COMPRAS.RS.GOV.BR](http://WWW.COMPRAS.RS.GOV.BR) e no site [WWW.CECOM.RS.GOV.BR](http://WWW.CECOM.RS.GOV.BR).

Publique-se  
Nizani Rita Palha Bonamigo Marquez Torres, Diretora-Superintendente.

## DEP considera área de difícil acesso

Conforme os moradores, frequentemente o arroio fica entupido por móveis. Na maioria das vezes que isso ocorre, os próprios moradores tomam a iniciativa e limpam o arroio para que os problemas não sejam maiores. Segundo o Departamento Municipal de Esgotos Pluviais (DEP), a área é considerada de difícil acesso e as residências estão localizadas em zonas impróprias. Mesmo assim, uma

equipe irá ao local para fazer a limpeza do trecho. Com a dificuldade de acesso, será utilizado um equipamento que libera fortes jatos de água. Já segundo o Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE), o ideal é que seja construída uma galeria, mas, para viabilizá-la, é preciso demolir as casas no entorno, e a obra deve ser aprovada no Orçamento Participativo, que destinaria recursos.

**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO - SEMAD**  
**AVISO DE SUSPENSÃO DE EDITAL**

O Município de São Luiz Gonzaga, Poder Executivo, torna público que SUSPENDEU o edital de licitação nº 05/2009, modalidade Concorrência, Proc. Adm. nº 1.109/2009, que visava a outorga de concessão para prestação do serviço público municipal de abastecimento de água e saneamento sanitário, em 22 de setembro de 2011, de acordo com o que consta no Processo Judicial nº 034/111.000610-1.

Gabinete do Prefeito, São Luiz Gonzaga RS, 22 de setembro de 2011.  
VICENTE DEL - Prefeito Municipal

## Bancários fazem greve na terça

Os bancários aprovaram ontem a realização de greve na próxima terça-feira, dia 27 de setembro. A decisão foi tomada na assembleia realizada na sede do Sindicato dos Bancários, onde também foi avaliada a proposta da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban). Na rodada de negociação ocorrida da última terça-feira, os bancos ofereceram reajuste de 7,8% nos salários. A categoria considerou insuficiente o índice, por não apresentar aumento real e por não contemplar as reivindicações. Mesmo com a greve já aprovada, os bancários têm na segunda-feira nova assembleia. Neste encontro, será analisado o resultado da negociação que deve ser realizada hoje entre os bancários e a Fenaban. Entre as reivindicações dos bancários estão índice de reajuste equivalente à inflação do período, mais 5% de aumento real e um plano de participação nos resultados de três salários mais R\$ 4,5 mil.

**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA BONITA DO SUL**  
**EDITAL Nº 003/2011**  
**CONVOCA PARA AUDIÊNCIA PÚBLICA**

José Valdemar Santana Filho, Prefeito Municipal de Lagoa Bonita do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas prerrogativas legais concedidas pela Lei Orgânica do Município, através do inciso XXIV do artigo 57 e atendendo o disposto no artigo 48, parágrafo único da Lei Complementar 101, de 04 de maio de 2000, torna público que estará realizando **Audiência Pública**, para apreciação e discussão das metas e prioridades do projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), para o exercício de 2012, no dia 29 de Setembro de 2011, às 11h, na Sala de Reuniões da Prefeitura de Lagoa Bonita do Sul.

Gabinete do Prefeito Municipal de Lagoa Bonita do Sul, aos 25 dias do mês de agosto de 2011.  
**JOSÉ VALDEMAR SANTANA FILHO**  
Prefeito Municipal

**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA BONITA DO SUL**  
**EDITAL Nº. 004/2011**  
**CONVOCA PARA AUDIÊNCIA PÚBLICA**

José Valdemar Santana Filho, Prefeito Municipal de Lagoa Bonita do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas prerrogativas legais concedidas pela Lei Orgânica do Município, através do inciso XXIV do Art. 57 e atendendo o disposto no artigo 9º, § 4ª da Lei Complementar 101, de 04 de Maio de 2000, torna público que estará realizando **Audiência Pública**, para demonstração e avaliação das metas fiscais do segundo trimestre de 2011, no dia 29 de setembro de 2011, às 10 horas, na Sala de Reunião da Prefeitura.

Gabinete do Prefeito Municipal de Lagoa Bonita do Sul, aos 29 dias do mês de agosto de 2011.  
**JOSÉ VALDEMAR SANTANA FILHO**  
Prefeito Municipal

**EDITAL DE CONVOCAÇÃO**

A Comissão Executiva do Partido Democrático Trabalhista – PDT convoca todos os filiados até 17/09/2011 para a **CONVENÇÃO** que se realizará dia 02 de outubro entre 08h e 17 horas, com duração mínima de 3 horas, nos locais a seguir, com a seguinte:

**ORDEM DO DIA**

1. Eleição dos membros titulares e suplentes dos Diretórios das Zonas;
2. Eleição dos membros titulares e suplentes do Conselho Fiscal e da Comissão de Ética;
3. Reunião do Diretório eleito, para tomar posse e eleger a Comissão Executiva;
4. Escolha dos Delegados que representarão a Zonal na convenção Estadual.

001ª Zonal	Câmara Municipal de Porto Alegre	Av. Loureiro da Silva, 265 – 9 as 13h
002ª Zonal	Associação Hebraica	Rua João Teles, 508 – 9 as 15h
111ª Zonal	Sede Leonel Brizola do PDT	Rua Felix da Cunha, 311 – 9 as 15h
112ª Zonal	Futebol Clube Lourenço	Rua Souza Lobo, 759 – 9 as 15h
113ª Zonal	Parthenon Tênis Clube	Av. Bento Gonçalves, 2018 – 13 as 17h
114ª Zonal	Sede do Nonoi Tênis Clube	Av. Nonoi, 557 – 10 as 15h
158ª Zonal	Sede da Ass. Moradores do Bairro Sarandi	Rua Francisco P. da Fontoura, 464 – 9 as 15h
159ª Zonal	Vidaçana São Pedro	Est. João de O. Remião, 4677-P.11 – 9 as 16h
160ª Zonal	Sede do Esporte Clube Bandeirantes	Rua Landel de Moura, 847 – 9 as 15h
161ª Zonal	Sede da ASALA	Av. Econ. Nilo Wulff, 5000-9 as 17h

Porto Alegre, 23 de setembro de 2011.

**ROMILDO BOLZAN JUNIOR**  
Presidente PDT RS

**NEURE D'AVILA**  
Presidente PDT Porto Alegre

**ANEXO 27**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 11 de outubro de 2011, sobre supostos prejuízos causados à população pela coincidência de greves nacionais das categorias dos bancários e dos trabalhadores dos Correios**



Em uma agência que não aderiu à paralisação dos bancários, na Capital, mais de cem pessoas aguardavam atendimento ontem à tarde

## SERVIÇOS PARADOS

# Combinação de greves complica pagamentos

Paralisação em bancos e Correios faz consumidor buscar alternativas para obter faturas e quitar contas

JOANA COLUSSI

Com parcelas de empréstimos vencidas, o porteiro Antônio Franz, 62 anos, não recebeu uma das cobranças, em razão da greve dos Correios.

Para pagar o crédito, sem multa, teve de enfrentar ontem uma fila com mais de cem pessoas do lado de fora de uma agência bancária – uma das poucas em funcionamento no Centro da Capital.

Uma combinação das greves dos bancários, que entra no 15º dia hoje, e dos trabalhadores dos Correios, iniciada há quase um mês, tem exigido tempo e paciência de quem precisa pagar contas ou sacar benefícios. Sem receber correspondências, é preciso correr atrás de segundas vias de boletos, na internet ou em lotéricas.

– Tentei imprimir a conta do cartão pela internet, mas não saía o código de barras – disse a estudante Camila Rita, 22 anos, que teve de se ausentar em um dos empregos para quitar o boleto em uma agência que estava aberta.



Franz

Por volta das 15h, mais de cem pessoas formavam uma fila na agência do banco privado, na Rua Coronel Vicente, no Centro, onde foram distribuídas senhas depois das 16h. Na espera, nenhuma preferência para idosos ou gestantes.

### Em lotéricas, movimento para apostas fica menor

Conforme a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Instituições Financeiras do Rio Grande do Sul, 899 unidades bancárias gaúchas haviam aderido à greve – quase 70%.

– Faço todos os pagamentos na boca do caixa, prefiro assim. Mas desta vez não teve jeito – contou o aposentado Jorge Ademar da Silva, 66 anos, que recebeu a ajuda de uma estagiária para efetuar os pagamentos no caixa eletrônico.

As lotéricas também são alternativas para pagamentos, saques ou recebimentos de benefícios. Ontem, foi um dos dias com maior movimento nas 708 lotéricas do Estado.

– As pessoas acabam deixando de apostar para não ter de entrar em filas – diz Paulo Michelin, presidente do Sindicato dos Agentes Lotéricos do Rio Grande do Sul.

joana.colussi@zerohora.com.br

### Como driblar a greve

#### CASAS LOTÉRICAS



- Contas de Água, telefone, com ou sem fatura
- Tributos
- Bloquetes – dinheiro ou cheque se o convênio permitir
- Prestação de Habitação
- INSS/GPS
- FGTS-GRF/GRRF/GRDE (com código de barras).
- Contribuição Sindical – em dinheiro

#### CAIXAS ELETRÔNICAS E SALAS DE AUTOATENDIMENTO



- Saques
- Depósitos em dinheiro ou cheque
- Consulta e retirada de saldo/extrato
- Transferências

- Retirada de folha de cheque
- Pagamento de contas (não vencidas)
- Agendamento de pagamentos e DOC
- Pagamento de cartão de crédito
- Bloqueio de cartão
- Saques de benefícios sociais (INSS, PIS/sbono salarial, FGTS, bolsa-escola, bolsa-alimentação, auxílio-gás etc.), com o cartão magnético
- Empréstimo pessoal (CDC)
- Penhor (renovação e pagamento de cautela)
- Resgate de investimento



#### INTERNET

- Mediante senha pessoal, o cliente pode pagar contas, fazer transferências e consultar saldos por meio de home banking, entre outros

## Fracassa tentativa com Correios

Terminou sem acordo na noite de ontem a última tentativa de encerrar a greve nos Correios antes do julgamento da questão no Tribunal Superior do Trabalho (TST). A greve agora será julgada às 16h de hoje no próprio TST. Serão analisadas as

questões do reajuste econômico, o desconto dos dias parados e também a abusividade da paralisação.

Os trabalhadores se recusaram a aceitar o desconto de uma parte dos dias parados – ponto em que os Correios não abrem mão.

### JURO NO CRÉDITO

#### Taxas caem para o menor nível

As taxas de juros das operações de crédito voltaram a cair em setembro, de acordo com pesquisa da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). Para pessoa física, a taxa de juros média passou de 6,75% ao mês em agosto para 6,69% em setembro, registrando o menor patamar da série histórica do levantamento, iniciada em 1995.

### Compare

#### Taxas mensais para pessoa física em setembro:

Comércio	5,54%
Cartão de crédito	10,69%
Cheque especial	8,23%
CDC (bancos)	2,24%
Empréstimo pessoal (bancos)	4,47%
Empréstimo pessoal (financeiras)	8,94%
Média	6,69%

Fonte: Anefac

### EFEITO AQUI

#### Ritmo chinês preocupa Mantega

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, se mostrou mais pessimista com a crise financeira e afirmou que o Brasil poderá ser afetado pela crise europeia caso a China sofra uma desaceleração maior na economia.

Conforme Mantega, o governo se preocupa porque o país asiático é o principal parceiro comercial brasileiro. Como a China importa muita matéria-prima brasileira, um menor ritmo do gigante asiático, provocado pela queda nas compras de bens produzidos naquele país, pode reduzir o dinamismo da economia nacional.



GUIDO MANTEGA  
ministro da Fazenda

“

*Temos de torcer para que a economia chinesa não tenha uma desaceleração, porque aí, sim, nos afeta.*

### VACINA ANTICRISE

#### China intervém e fortalece bancos

O governo chinês anunciou ontem a compra de ações dos quatro maiores bancos do país. A medida, para estancar a tendência de queda nas bolsas locais, é a primeira ação do tipo adotada pelo país desde setembro de 2008, quando estourou a crise mundial.

Os quatro bancos envolvidos já têm controle acionário estatal. Não foram informados os valores.

**ANEXO 28**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 12 de outubro de 2011, sobre os prejuízos e os benefícios que a meia-entrada para estudantes poderia causar**

## Geral

# INGRESSO COM DESCONTO

## Os prós e contras da meia-entrada

Especialistas ouvidos por ZH sugerem criação de órgão para regular concessão do benefício e fiscalizar aumento de preços

LÉO GERCHMANN

**Aprovado na Câmara e enviado ao Senado, o Estatuto da Juventude, que estabelece a meia-entrada para os estudantes entre 15 e 29 anos em todo o país, também instaura a polêmica. Muita polêmica.**

**Analistas ouvidos ontem por ZH, além de sugerirem que a idade-limite de 29 anos seja reduzida, defendem algum ente regulador para monitorar aumentos nos preços dos ingressos para eventos culturais.**

O que se discute é: vale o custo-benefício? Se alguém deixa de pagar metade do ingresso, outro cobrirá a despesa – é a máxima segundo a qual “não existe almoço grátis”. Os especialistas que se debruçam sobre o texto tendem a pedir aperfeiçoamentos.

Um deles é o professor Leandro Valiatti, da pós-graduação em Economia da Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

– Uma regulamentação seria interessante. Há duas forças que interagem nesse processo. O cinema, por exemplo: se você estabelece a meia-entrada, as empresas vão compensar a diminuição da receita. As pessoas que não têm o benefício pagarão ingresso maior para custear o subsídio. O

outro efeito é: tem de se ponderar em que medida vai se ter um aumento de demanda com o ingresso de mais pessoas pelo subsídio – explica.

Por que, então, seria recomendável uma regulamentação? Porque há um novo mercado que surgirá e que poderá ajudar a compensar a criação do subsídio.

– As empresas precisam ser fiscalizadas. Será que o aumento de demanda não compensa, já que hoje a demanda é pequena? Será que vai ser necessário aumentar preços? – questiona o professor.

O economista Darcy Francisco Carvalho dos Santos, especializado em finanças públicas, vai direto ao ponto: devem ser feitas alterações – entre elas, a redução da idade dos beneficiários, para 25 anos, no máximo:

– Sempre alguém vai pagar a conta.

Santos explica que “preço e quantidade são funções inversas”.

– Se os que pagarem menos forem os mais pobres, pode haver benefício. Mas a lei só contempla a idade.

Acostumado a estimar receitas e despesas públicas, Santos não se arrisca a prever custos de benefícios da meia-entrada. Entre outras variáveis, questiona: se a juventude for mais a espetáculos, o que será entretenimento e o que será, mesmo, cultura?

leo.gerchmann@zerohora.com.br

### “Acordão” para ingressos na Copa

Relatora do Estatuto da Juventude, a deputada Manuela D’Ávila (PC do BR) começou ontem a tratar, com produtores culturais, da sua regulamentação. E defendeu seu conteúdo.

– O jovem passará a ter educação integral (na escola e cultural) – diz ela.

O presidente da Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cine-

matográficas (Feneec), Ricardo Difini Leite, estima um aumento nos valores – sem a meia-entrada, segundo ele, o valor é 30% menor.

Outra polêmica é a Copa de 2014. A Fifa não quer meia-entrada nos jogos. O relator da Lei Geral da Copa, deputado Vicente Cândido (PT-SP), disse que tentará um “acordão” com os Estados.

### Os argumentos



#### A FAVOR

O projeto é um instrumento de incentivo da **demandada pela cultura**. Atualmente, a demanda é pequena, e há um mercado a ser explorado nesse setor.

Para a economia, há um **efeito multiplicador de renda e de empregos**. Com o aumento da demanda, poderá haver novas casas culturais, havendo mais rendimentos e mais vagas.

A meia-entrada promoverá a **formação de público** interessado em cultura. Pessoas que são alheias a eventos culturais passarão a se interessar, aumentando sua instrução.



#### CONTRA

Há uma tendência de **aumento nos preços** ao consumidor. Em um primeiro momento, é provável que os preços cobrados ao consumidor aumentem.

As empresas passarão a ter um argumento para tornar a **cultura mais cara**. Mesmo que aumente a demanda, a redução do preço de parte dos ingressos justificará a majoração das entradas.

É mais um instrumento que deixa de lado um programa amplo de **formação do mercado cultural**. O ideal, segundo especialistas, seria o incentivo à cultura ocorrer de outras maneiras, como o cinema na periferia.

### OS PRÓXIMOS PASSOS

• **O estabelecimento** da meia-entrada está incluído no Estatuto da Juventude, cuja relatora na Câmara foi a deputada Manuela D’Ávila.

• **Depois de ser aprovado** também pelo Senado, o projeto irá a

sanção presidencial e ainda terá de ser regulamentado.

• **Atualmente, 11 Estados** adotaram a meia-entrada. A partir da entrada em vigor da norma nacional, haverá um critério nacional, único.

• **Em Porto Alegre**, desde 2006, a meia-entrada para eventos culturais e esportivos existe durante a semana para estudantes matriculados no ensino regular e jovens até 15 anos. De sexta a domingo, o desconto é de 10%.

### COMO É NO EXTERIOR

#### ARGENTINA



• **Há subsídios** quando o espetáculo é sustentado por recursos públicos

#### ESTADOS UNIDOS



• **O país** não adota a lógica do subsídio, seja como for, na área cultural

#### EUROPA



• **Há outros** mecanismos de acesso à cultura, com a utilização de recursos públicos

12  
outubro

Dia do Corretor de Seguros

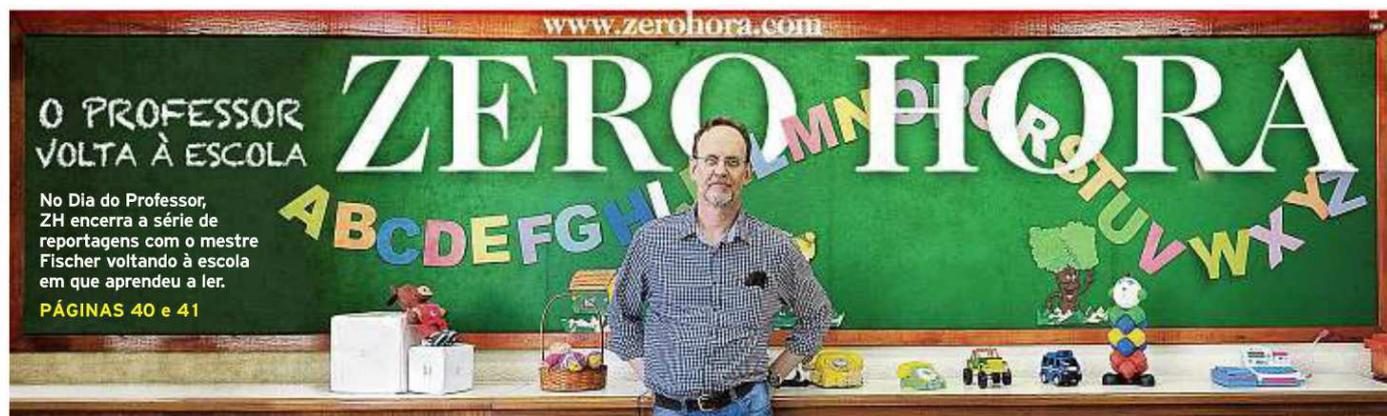


Uma homenagem aos parceiros que nos ajudam a proteger o patrimônio dos brasileiros



**ANEXO 29**

**Capa da edição de Zero Hora do dia 15 de outubro de 2011, com chamada para matéria sobre o nascimento de um bebê dentro de uma ambulância trancada no trânsito, durante manifestação do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul em Porto Alegre**



PORTO ALEGRE, SÁBADO, 15 DE OUTUBRO DE 2011 - ANO 48 - Nº 16.811 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00



Dilma e Tarso no plano contra miséria

# Dilma: “Voltarei para anunciar a Ponte do Guaíba”

Ao confirmar metrô, presidente prometeu a execução de outro sonho gaúcho

- **Metrô reduzirá ônibus no Centro**
- **O projeto contra a pobreza no RS**
- **A Porto Alegre dos sonhos**

PÁGINAS 4 a 16, Rosane de Oliveira (20) e Editorial (24)

## Triste socorro

### Motorista de ambulância encontra seu filho morto

Socorrista entrou em desespero ao reconhecer corpo de jovem em rodovia da Serra. **Página 37**

## Cirurgia

### Mendes vai retirar tumor

Ministro da Agricultura se opera hoje em São Paulo. **Página 16**



## ATAQUE A PRÉDIO

### Assaltantes se passam por oficiais de Justiça

Adolescente e seu pai foram amarrados. **Página 45**

## NASCIDA EM MEIO A PROTESTO



Thauany nasceu em engarrafamento na BR-290 causado por manifestação contra desemprego no setor carbonífero. **Página 30**

**ANEXO 30**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre o nascimento de um bebê dentro de uma ambulância trancada no trânsito, durante manifestação do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul em Porto Alegre**



Auxiliada por duas enfermeiras, Thuane deu à luz a pequena Thauany dentro de uma ambulância

## PARTO NA ESTRADA

# Menina nasce em meio a protesto

A BR-290 foi interditada ontem devido a uma manifestação de mineiros

Impedida de chegar a um hospital de Porto Alegre por um protesto de mineiros próximo à ponte do Guaíba, a dona de casa Thuane Maciel Lourenço dos Santos, 20 anos, deu à luz uma menina no congestionamento na BR-290 ontem.

Thauany Mariah nasceu às 10h45min, enquanto manifestantes tentavam chamar a atenção para o risco de perda de milhares de empregos no setor carbonífero, aproveitando a passagem da presidente Dilma Rousseff pela Capital.

Com 3,42 quilos e 48 centímetros, Thauany nasceu saudável dentro de uma ambulância da prefeitura de Eldorado do Sul, ajudada por duas

### ZEROHORA.COM

Assista ao vídeo com depoimentos da família sobre o nascimento de Thauany Mariah em uma ambulância. Acesse [www.zerohora.com](http://www.zerohora.com)

enfermeiras do município, enquanto o veículo tentava avançar pelo acostamento, escoltado por duas viaturas da Polícia Rodoviária Federal.

Moradora de Guaíba – onde a única maternidade está interditada –, Thuane estava com 39 semanas de gravidez. As primeiras dores do parto foram sentidas por volta das 6h45min. Depois de reunir algumas roupas e o enxoval do bebê, ela conseguiu uma carona com um amigo e partiu para o Hospital Femina, na Capital.

Ao se aproximar de Eldorado do Sul, no entanto, deparou com o congestionamento, que chegou a até 10 quilômetros. O marido de Thuane, Jonatas Caiam Lucas dos Santos, 21 anos, conseguiu parar uma viatura da Polícia Rodoviária Federal.

Como Eldorado do Sul não tem hospital, a jovem foi levada até um posto de saúde, onde foi avaliada, enquanto policiais rodoviários tentavam obter um helicóptero. Como não conseguiram, e a avaliação médica foi de que o trabalho de parto ainda levaria algumas horas, a opção foi tentar passar pelo protesto com a ajuda da polícia rodoviária.

– Estava preocupada porque não tinha doutor comigo – contou Thuane ontem à tarde, já no Hospital Femina, em Porto Alegre.

## Sindicalista foi recebido por Dilma

Apesar de ter conturbado o nascimento de Thauany, a manifestação dos mineiros alcançou seu objetivo. O protesto era contra a exclusão de usinas a carvão do leilão de energia marcado para dezembro pelo governo federal e a possibilidade do fim da Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), que subsidia térmicas antigas.

Depois a manifestação, o presidente do Sindicato dos Mineiros do Rio Grande do Sul, Oniro Camilo, foi recebido pela presidente Dilma Rousseff, que ordenou a formação de um grupo de trabalho para ouvir as reivindicações. Segundo Camilo, com o fim da CDE, poderão ser extintos milhares de empregos no Estado.



Congestionamento se estendeu por 10 quilômetros da rodovia

## FIM DE SEMANA

# Lazer e decoração à beira do Guaíba

Na zona sul da Capital, a Mostra Casa&Cia ganha ares de programa de fim de semana.

O evento vai além dos 53 ambientes idealizados com o tema cinema.



Na área de 12,8 mil metros quadrados, estão três residências preparadas por 80 profissionais de arquitetura, design, decoração e paisagismo, além de restaurantes, bistrô, carros, motos e o belo pôr do sol.

Artistas, personagens clássicos, trilhas sonoras e filmes inesquecíveis serviram de inspiração aos autores dos espaços, assim como para o consultor gastronômico Marcelo Jacobi e o chef Daniel Menezes, responsáveis pelo cardápio do Bistrô do Rio.

As margens do Guaíba, o restaurante tem projeto do escritório Livia Bortoncello Arquitetura e funciona nos mesmos dias e horários da expo-

sição, com pratos da cozinha mediterrânea, risoto, carnes e salgados.

– Com previsão de tempo bom para este fim de semana, quem passar pela Mostra será contemplado com um passeio agradável, em um ambiente arborizado à beira do rio, com recantos à sombra. Quem chegar à tardinha ainda terá a chance de presenciar um lindo pôr do sol – diz a arquiteta Cynthia Garcia, do escritório BG Arquitetura, responsável pelo projeto arquitetônico da exposição.

No passeio à Mostra, localizada no empreendimento da Clave Incorporações e Construções, na Avenida Coronel Marcos, além de conhecer as tendências em arquitetura, decoração, design e paisagismo e se deliciar com os quitutes do bistrô, o visitante tem oportunidade de aproveitar as áreas de lazer próximas à orla – como jardins ao ar livre e chocolateria – e conhecer os lançamentos da Kia Sun Motors. Dois exemplares de motos Harley-Davidson podem ser vistos pelos frequentadores da Mostra.



Mostra apresenta 53 ambientes projetados por 80 profissionais

### Como é a exposição

- **O que:** Mostra Casa&Cia 2011, com a temática de cinema em 53 ambientes
- **Quando:** até 4 de dezembro, de terças a domingos, visitação das 10h às 22h, com bilheteria aberta até as 21h
- **Onde:** condomínio Las Rocas, na Avenida Coronel Marcos, 1.645, bairro Ipanema, zona sul de Porto Alegre
- **Quanto:** R\$ 15 e R\$ 7,50 (estudantes e pessoas acima de 60 anos). Titular e acompanhante do Clube do Assinante ZH pagam R\$ 10 cada
- **Manobrista:** R\$ 8, Safe Park
- **Realização:** jornal Zero Hora
- **Projeto arquitetônico:** BG Arquitetura
- **Patrocinadores:** Clave Incorporações e Construções, Kia Sun Motors e GVT
- **Apoiador:** Expresso do Oriente,
- **Wivar Sleep Center e Sternac Grupo Geradores**
- **Restaurante:** Bistrô do Rio, com gastronomia do consultor Marcelo Jacobi com o chef Daniel Menezes
- **Informações:** (51) 3217-8020, (51) 3217-8084 e (51) 3217-8094, em horário comercial
- **COMO CHEGAR**
- **A Mostra Casa&Cia 2011** está localizada na Av. Coronel Marcos, entre a Travessa Pedra Redonda e a Avenida Artlindo Pasqualini.
- **Quatro linhas** de lotação e cinco de ônibus passam em frente ao local do evento, nos sentidos Centro-Bairro e Bairro-Centro. Todas têm terminal na Rua Marechal Floriano, no centro da Capital.
- **Das linhas** de ônibus, três têm terminal na Av. Senador Salgado Filho, uma na Rua Uruguai e uma na Av. Loureiro da Silva, em frente à Receita Federal.

**ANEXO 31**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre a possibilidade de assentamento de famílias do MST no local onde funciona a Colônia Penal Agrícola do município de Charqueadas, na Região Metropolitana de Porto Alegre**

## Polícia



Policiais procuravam pistas para descobrir como criminosos entraram no imóvel na Nilo Peçanha

# ATAQUE A PRÉDIO

## Assaltantes se passam por oficiais de Justiça

Dupla armada rendeu garota e seu pai em apartamento à procura de cofre

LETÍCIA BARBIERI

Ao abrir a porta para dois homens que se apresentaram como oficiais de Justiça, uma adolescente de 12 anos virou refém, com o seu pai, na tarde de ontem, em um edifício residencial na movimentada Avenida Nilo Peçanha, em Porto Alegre.

Vestindo calça jeans e camisa social, eles eram, na verdade, criminosos. Da pasta, tiraram um revólver. Queriam cofre, mas não havia. Saíram minutos depois com alguns pertences.

Até as 22h de ontem, eles não haviam sido localizados – foram descritos como homens brancos, de aproximadamente 1m75cm, cabelos curtos, com cerca de 40 anos. Um deles seria loiro.

A Polícia Civil ainda não sabe como os criminosos entraram no prédio, às 14h30min de ontem. Mas de-

pois de conseguir entrar no edifício, eles se dirigiram até o quinto andar, onde mora um casal e dois filhos. O menino de nove anos dormia e não viu nada. O pai, um administrador de empresas de 34 anos, e a filha foram rendidos. A mulher do proprietário não estava em casa no momento do ataque porque passava por uma pequena cirurgia.

Amarrados, pai e filha tiveram de se ajoelhar na sala e estiveram na mira de um revólver enquanto os assaltantes pediam pelo cofre. O administrador ofereceu joias, que foram refutadas pelos criminosos. Desconfiaram que fossem bijuterias.

No apartamento, eles recolheram dois relógios, um celular e um notebook. Eles fugiram deixando as vítimas amarradas.

O administrador conseguiu pedir socorro via mensagem de texto a um amigo, que trabalha na equipe de segurança de um shopping próximo.

A Brigada Militar e a equipe volante da Polícia Civil foram comunicadas

do caso. Peritos tentaram recolher digitais deixadas pela casa.

– Eles se arriscaram e não se deram bem – disse o inspetor Fabrício Becker, da equipe volante da Polícia Civil, ao avaliar que os criminosos não conseguiram encontrar um cofre na residência.

Policiais encontraram o administrador em estado de choque. Moradores e vizinhos do prédio de cinco pavimentos, com um apartamento por andar, comentavam que o prédio é visado por criminosos.

– Ficamos fragilizados e expostos. Hoje, os assaltantes estão mais espertos do que nós – lamentou uma moradora.

Logo após a chegada da polícia, o administrador foi ao encontro da mulher no hospital e não deu informações mais detalhadas do assalto. Conforme a Polícia Civil, ele deve prestar depoimento apenas na segunda-feira.

leticia.barbieri@diariogaucha.com.br

## Edifício não tem câmeras nem porteiro

Policiais civis recolheram possíveis digitais deixadas pelos criminosos no apartamento e depoimentos das vítimas para reconhecer os ladrões por eventuais fotos e câmeras de estabelecimentos comerciais próximos. O prédio não conta com sistema de videomonitoramento, nem porteiro.

O zelador teria saído no momento do ataque.

– Se tivessem câmeras, talvez os assaltantes não tivessem se arriscado tanto. Eles vão onde o alvo é mais fácil – destacou o inspetor Fabrício Becker.

Agentes eliminaram a hipótese

de os criminosos terem entrado no prédio com chaves obtidas na imobiliária que tenta alugar um apartamento no edifício.

No entanto, a locadora garante que o acesso de interessados só é feito mediante autorização do proprietário, que não teria ocorrido.

## MISTÉRIO EM TRÊS PASSOS

### Colônia penal terá assentamento do MST

CARLOS ETCHICHURY

Um convênio entre as secretarias da Segurança Pública e de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo pretende transformar parte da Colônia Penal Agrícola, em Charqueadas, na Região Metropolitana, em assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No local, já estão acampadas cerca de 20 famílias de sem-terra que deverão ser instaladas definitivamente na área.

Conforme o secretário do Desenvolvimento Rural, Ivan Pavan, o projeto em andamento pretende transformar 300 dos 520 hectares em assentamento.

– Tem uma área que, segundo o secretário da Segurança, não está sendo utilizada. Fizemos um acordo com o Movimento Sem Terra que eles ficariam acampados naquele espaço de terra, com o compromisso de transformar, não toda a área, mas parte dela, em assentamento da reforma agrária. Esse é o acordo

que temos com o movimento e é isso que pretendemos implementar naquela área – explicou Pavan.

A decisão do governo foi criticada pela Justiça. Para o juiz da Vara de Execuções Criminais (VEC), Síldinei Brzuska, a área, que pertence ao estado, poderia abrigar novos presídios:

– Houve uma sugestão do Poder Judiciário de que nesse local fossem construídas três unidades prisionais. Temos um sério problema em Charqueadas na PEJ (Penitenciária Estadual do Jacuí), porque ela está rodeada por uma vila e não tem mais condições de funcionar no local onde se encontra. Eu acho bastante complicado, se é que o governo fez essa opção.

Destinada a presos que cumprem pena em regime semiaberto, a Colônia Penal Agrícola conta com 250 apenados. De acordo com o titular da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Suspepe), Gelson Treisleben, a ideia inicial é de que a colônia penal agrícola continue funcionando no local.

carlos.etchichury@zerohora.com.br

## OCORRÊNCIAS SIMULTÂNEAS

### Dois casos de cárcere em Novo Hamburgo

Com o mesmo tempo de duração, foram registrados dois casos de cárcere privado entre quinta-feira e ontem em Novo Hamburgo.

As duas ocorrências aconteceram na casa das vítimas, e em ambas o crime foi cometido pelo companheiro.

No bairro Santo Afonso, um grupo liderado por um rapaz de 18 anos fez Paula Amélia dos Santos, 16 anos, e um bebê de três meses reféns. O crime teria sido cometido porque Cristiano Ramos de Lima não se conformava com o fim do relacionamento. O cárcere começou por volta das 21h de quinta e só terminou às 7h de ontem. Lima teria sido ajudado por Douglas Gagstetter, 20 anos, Felipe dos Anjos, 18 anos, e Patrick Rodrigues da Silva, 18 anos.

Durante as 10 horas em que o bebê e a mãe ficaram na mira de um revólver calibre 38, familiares da adolescente foram intimidados.

– Eles ameaçavam afirmando que matariam a mulher e a criança se a polícia fosse chamada – disse o delegado Enivaldo Plentz.

Com a chegada da BM, os quatro jovens fugiram, mas acabaram presos no final da manhã. Eles foram encaminhados à Penitenciária Modulada de Montenegro.

Também às 21h, no bairro Canudos, Pedrinho Pereira, 31 anos, passou a manter trancados na casa onde vive com Maria Cleonice Martins, 38 anos, e o filho do casal, de 10 anos. Ele só permitiu que os dois deixassem a residência por volta das 7h para que o menino fosse à escola. Presso em flagrante, ele foi levado para a penitenciária de Montenegro.

## ROUBO DE CARRO

### Homem é baleado em assalto no Petrópolis

Um homem foi baleado após ter o carro roubado no início da noite de ontem em Porto Alegre. Identificado pela Polícia Civil como Paulo Geovani Nunes, 32 anos, ele foi atingido no abdômen ao ser abordado na Avenida Pirapó, bairro Petrópolis, pouco depois

das 18h. O Peugeot 207 em que estava foi levado. Até as 21h, não havia confirmação do número de assaltantes envolvidos no ataque. Nunes foi encaminhado ao Hospital Cristo Redentor, onde permanecia internado no bloco cirúrgico em estado grave às 22h.

**ANEXO 32**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 25 de setembro de 2011, sobre a redução de alunos na rede pública de ensino no Brasil**

## Ensino

ensino@correiodopovo.com.br  
 Editora: **Maria José Vasconcelos**  
 Editora assistente: **Simone S. Lopes**

### Carga horária escolar pode aumentar

Os dados do Censo Inep/MEC orientam a distribuição de recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). A recente pesquisa divulgada pelo MEC ocorre neste período, em que o país avalia a possibilidade de ampliar dias letivos, de 200 para 220, visando melhorar o Ensino. Para o ministro da Educação, Fernando Haddad, a carga horária anual no Brasil é baixa.

### Ensino Superior diminui demanda

Estudo divulgado pelo Observatório EAD revelou que o número de matrículas no Ensino Superior brasileiro caiu 11,6%, entre 2008 e 2009. A pesquisa considera cursos de graduação presenciais e à distância (EAD). Conforme o levantamento, EAD teve alta expressiva até 2008; mas, em 2009, reduziu (28%). Hoje, dos 24 milhões de habitantes de 18 a 24 anos, só 13% estão no Ensino Superior.



<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/faixabonus>

## Rogério Mendelski

rogerio@radioguiba.com.br



### Pardais alvejados

O assunto sobre os "pardais", conhecidos tecnicamente como controladores de velocidade, é tema recorrente desta coluna. Os leitores são testemunhas de que desde 29/11/2009 a questão dos "pardais" tem ocupado este espaço, com vários artigos sobre a questão, novamente em pauta. Cobrávamos do Daer explicações sobre uma concorrência para a instalação de controladores eletrônicos cujo valor estabelecido era de R\$ 25 milhões (sempre com números arredondados). A empresa paulista Engebrás apresentou uma proposta de R\$ 23 milhões e a gaúcha Kopp Engenharia, R\$ 14 milhões. A Engebrás venceu e os contribuintes do RS deixaram de economizar R\$ 8 milhões. Houve recurso, mas a Kopp sempre era eliminada em questões subjetivas. O Daer deu sua resposta com argumentos que não convenceram. De lá até os dias de hoje, muitos fatos se agregaram ao caso e, agora, o Estado resolveu ingressar com ação contra a Engebrás por possíveis irregularidades nos equipamentos instalados pela empresa em rodovias gaúchas.

A Engebrás nega a utilização de equipamentos usados nos seus pardais, mas admite que um componente de verificação de velocidade foi reutilizado, o que mede a velocidade dos veículos. Como assim? Pois é, "o coração do pardal" poderia não estar com suas sístoles e diástoles sincronizadas. Ou seja, o principal item do controlador de velocidade não era zero-quilômetro. Acredite se quiser, mas os pardais da Kopp, por serem fabricados e montados no município de Vera Cruz, jamais apresentaram qualquer irregularidade em suas verificações de velocidade.

Uma comissão processante da Procuradoria-Geral do Estado já redigiu um relatório preliminar impondo uma multa de R\$ 3 milhões à Engebrás, além de pedir o impedimento da empresa paulista em licitações públicas no RS. A pergunta que fica no ar: a Kopp, se tivesse vencido os editais de concorrências, não teria prestado um serviço mais eficiente ao Estado, especialmente no controle de velocidade de nossas rodovias, e quem sabe lá quantas vidas não estariam mais bem protegidas?

ARTE: JOAD LUIS XAVIER / CP



### DAER NA INVESTIGAÇÃO

A Procuradoria-Geral do Estado também está investigando o Daer, por sua atuação nas licitações, e os servidores que poderiam ter qualquer envolvimento na instalação dos controladores eletrônicos. A PGE garante que até o final do ano todo o seu trabalho processante estará concluído.

### A DEFESA

A Engebrás, que terá amplo direito de defesa, alega que todas as denúncias contra ela partem de concorrentes. Seus equipamentos montados nos pardais são novos e apenas 1% foi reaproveitado, afirmou a empresa. Quem lê editais de licitação pública sabe que o poder público, quando compra qualquer objeto ou equipamento, não imagina estar adquirindo produtos seminovos. Tudo deve ser 100% novo.

### ASSUNTO GRAVE

Consta no relatório preliminar da PGE que o edital 066/2005 teria sido direcionado com vistas a um possível favorecimento. Tal direcionamento pode ter proporcionado um faturamento de R\$ 47 milhões para Engebrás, afastadas as outras concorrentes. Uma proposta que só poderá ser aberta por medida judicial seria de um valor 40% inferior ao da Engebrás.

### MULTAS E PONTOS

E se a Justiça aceitar o relatório final da PGE que vai mostrar a utilização de equipamentos seminovos? Não surgirá um direito para todos os motoristas multados e punidos com perda de pontos em suas carteiras de habilitação? Não poderão recorrer pedindo anulação das infrações e a respectiva recuperação dos pontos? E, sem dúvida alguma, o ressarcimento das multas já recolhidas.

### ENQUANTO ISSO...

Pardais em rodovias gaúchas estão desligados e a velocidade não é respeitada pelos motoristas que sabem onde estão os equipamentos inoperantes.

O que pode fazer o secretário Beto Albuquerque para evitar que a impunidade continue causando vítimas em nossas rodovias?

# Rede pública reduz alunos

País tem queda de matrículas no Ensino Básico

Diminuiu no país o número de matrículas em Pré-Escola, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Ensino Médio das redes estaduais e municipais – urbanas e rurais – entre 2009 e 2011. Conforme os dados do Ministério da Educação (MEC), o levantamento no período revela que o recuo menos expressivo ocorreu no Ensino Médio. O estudo preliminar não considerou as matrículas da Educação Especial (os percentuais constam no quadro acima).

As matrículas de Creches, no entanto, tiveram movimento contrário, aumentando de 1,24 milhão para 1,46 milhão (+17,13%). De acordo com o Instituto de Pesquisa do MEC (Inep), os números ainda podem ser corrigidos ou complementados. As instituições têm prazo de 30 dias para ratificar ou alterar alguma informação. Assim, o sistema de da-

### Dados 2009/2011

- **Pré-Escola:** de 3,71 milhões de escolares (2009), para 3,52 milhões (2011); queda de 5,1%.
- **Ensino Fundamental:** Anos Iniciais (do 1º ao 5º), de 14,94 milhões de alunos, para 13,73 milhões (-8,1%). Anos Finais (do 6º ao 9º), de 12,66 milhões para 12,06 milhões (-4,73%).
- **Ensino Médio:** de 7,25 milhões para 7,16 milhões (-1,29%).

dos ficará aberto até 21/10/2011. Analisados separadamente, os módulos de tempo integral cresceram no número de matrículas, enquanto os de tempo parcial diminuíram, da Pré-Escola ao Ensino Médio. As informações do Censo do MEC servem para mapear o sistema de Educação Básica e orientar a execução de programas e a definição de políticas públicas do governo federal.

## SEC reestrutura o Ensino Médio

A Secretaria Estadual da Educação (SEC) prepara, para o começo de 2012, a reestruturação do currículo do Ensino Médio. A proposta contempla qualificação, aproximação com o mundo do trabalho e práticas produtivas. A ideia se constitui em um Ensino Médio politécnico, com articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias; e com os eixos de cultura, ciência, tecnologia e trabalho como princípio educativo (nível presente em 793 escolas).

Segundo o secretário da Educação, Jose Clovis de Azevedo, as mudanças buscam superar a defasagem idade-série, de 30%; o índice de abandono, 13%, sobretudo no 1º ano; e a reprovação, de 21,7%. Outro desafio escolar é atrair para o Ensino Médio 84 mil jovens que estão fora da sala de aula. O novo currículo deverá ser desenvolvido em três anos, podendo a carga horária totalizar, neste período, 3 mil horas. Mais dados: [site.ww.eduacao.rs.gov.br](http://site.ww.eduacao.rs.gov.br).

### Agenda do Ensino

- **Saúde Mental:** O seminário "Situação de Rua e Saúde Mental" terá início dia 26/9 (17h), na Sogipa (rua Barão de Cotegipe, 415/Capital). A atividade visa promover debate sobre políticas de enfrentamento à situação de rua com ênfase nas questões da saúde mental. Inscrições: fone 156/opção 9 (Central de Atendimentos ao Cidadão). Mais dados: (51) 3289-6663.
- **Transgressão:** A Sala Redenção, da Ufrgs, apresenta o ciclo "Cinema francês: desejo e transgressão", de 26 a 30/9, no Campus Central, na Capital. Entrada franca. Programação: [sites.ww.difusaocultural.ufrgs.br](http://sites.ww.difusaocultural.ufrgs.br); [www.salaredencao.com](http://www.salaredencao.com); ou (51) 3308-3933.
- **Dança:** O espetáculo "Isso é coisa de gente grande", inspirado em obra da coreógrafa Pina Bausch, será apresentado nos dias 27 e 28/9, às 20h no teatro Bruno Kieffer da CCMQ (Andradas, 736/PoA).
- **Prolinfantil:** Professores de Educação Infantil podem ser inscritos, por sua secretaria de Educação, até 30/9, no Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil (Prolinfantil). O curso de Nível Médio, à distância, é voltado à educadores sem a formação exigida pela LDB. Para inscrever, o gestor deve acessar o Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle (Simec). Dúvidas: fone 0800-616161/opção 6.
- **Literatura Infantil:** O projeto "Literatura Infantil e Medicina Pediátrica", do Hospital São Lucas da PUCRS, na Capital, receberá o Prêmio Top Cidadania 2011, da ABRH/RS. Alunos bolsistas de iniciação científica, graduandos em Letras e voluntários narram histórias a crianças internadas na Pediatria do HSL. A premiação será dia 28/9 (20h), no União (GNU).

**ANEXO 33**

**Capa da edição de Zero Hora do dia 12 de outubro de 2011, com chamada para matéria sobre a sanção do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias pela presidente Dilma Rousseff**

www.zerohora.com

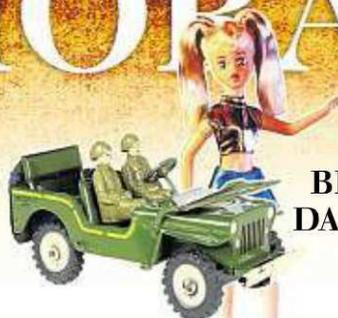
# ZERO HORA



Para  
o seu  
filho ler

**DIVERSÃO NO  
DIA DA CRIANÇA**

PÁGINA 24



**BRINQUEDOS  
DA ÉPOCA DOS  
SEUS PAIS**

PÁGINA 38

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 2011 - ANO 48 - Nº 16.808 - 2ª EDIÇÃO

SC/PR - R\$ 2,50/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 3,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,00

## EUA abortam ataques do terror a embaixadas

Autoridades americanas dizem ter desbaratado plano contra embaixadas de Israel e da Arábia Saudita em Washington, que incluiria matar diplomata saudita. **Página 21**

**Tempo de casa  
Dilma sanciona  
aviso prévio  
de até 90 dias**

Benefício garante indenização mínima de 30 dias e mais três a cada ano trabalhado. **Página 14**

**Virada em  
4 minutos**



Com gols de Ronaldinho e Marcelo, Brasil venceu o México em Torreón. **Esportes**

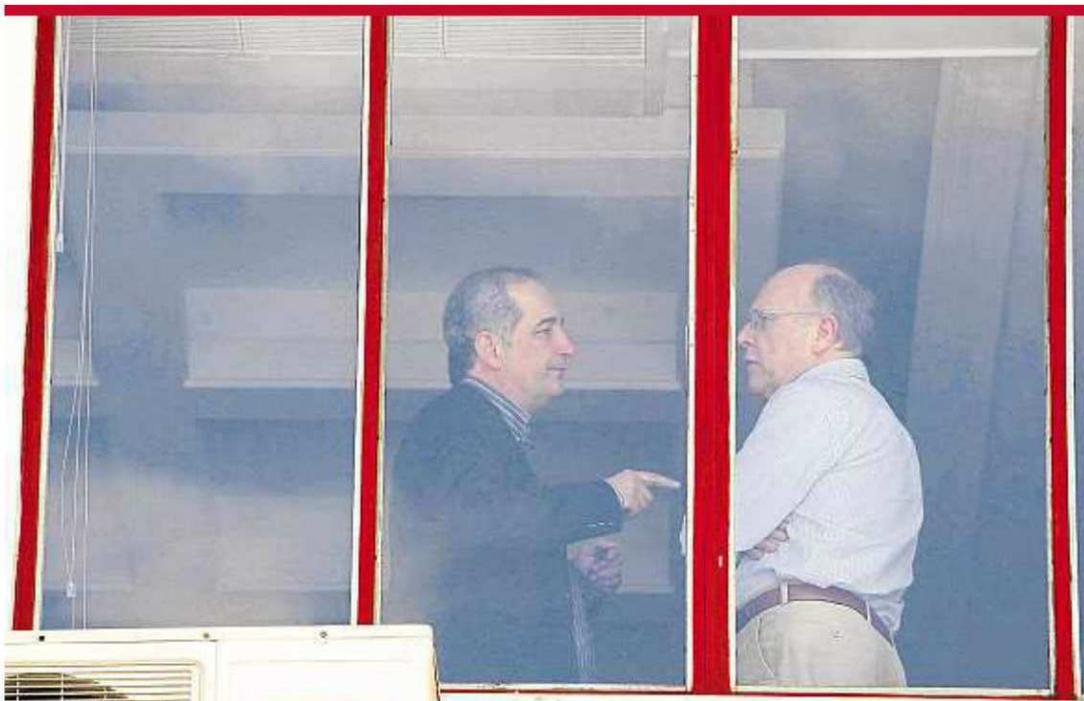
**DEPOIS DO FERIADO**

**Justiça ordena fim da greve dos Correios**



Funcionários têm de se apresentar amanhã. **Pág. 17**

**CONTRA A PAREDE**



Presidente do Inter, Giovanni Luigi (à esquerda na foto com dirigente da comissão de Obras), deve aceitar as três exigências da construtora que ainda afastam Porto Alegre da Copa das Confederações e do Mundial. **Páginas 4 e 5**

**Insegurança na estrada**

**Motorista salta de cabine para fugir de ladrão**

Caminhoneiro que se atirou de veículo em movimento foi internado em estado grave. **Pág. 30**

Começa hoje.

**Casa&Cia**

O CINEMA COMO INSPIRAÇÃO

**ANEXO 34**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 12 de outubro de 2011, sobre a sanção do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias pela presidente Dilma Rousseff**

## Economia

# TEMPO DE CASA

# Aviso prévio chega a até 90 dias

Sancionado pela presidente, benefício que deve vigorar amanhã garante três dias adicionais para cada ano na mesma empresa

Entidades empresariais temem o efeito da entrada em vigor do aviso prévio de até 90 dias para o trabalhador.

Previsto pela Constituição de 1988, mas sem regulamentação do Congresso até este ano, o benefício garante aumento da indenização para funcionários demitidos, e deve elevar o custo do emprego.

Sancionado pela presidente Dilma Rousseff ontem, o texto tem publicação no Diário Oficial da União prevista para amanhã. Com a regulamentação, os trabalhadores passam a ter direito ao mínimo de 30 dias de aviso prévio e mais três dias a cada ano trabalhado na mesma empresa, com limite de 90 dias. O texto, que havia sido aprovado no Senado, mas estava parado na Câmara desde 1995, só voltou à pauta, em regime de urgência, após ameaça do Supremo Tribunal Federal de regulamentar a matéria, caso o Congresso não o fizesse.

Se a maior indenização dá segurança ao trabalhador, o custo para demissão provocará novos gastos com mão de obra, impactando salários e preços que chegarão ao consumidor, projeta Zildo de Marchi, presidente da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado (Fecomércio).

Coordenador de relações de trabalho da Federação das Indústrias do Estado (Fiegs), César Codorniz diz que o aumento no gasto com empre-

go prejudica a geração de vagas e, fora do país, tira a competitividade da indústria brasileira.

A regulamentação traz outras preocupações: o risco da criação da indústria do aviso prévio, da mesma forma que existe com o seguro-desemprego, diz o presidente da Federasul, José Paulo Dornelles Cairolí.

— Hoje, manter um trabalhador já custa 103% do salário pago. Em vez de aumentar os encargos sobre as contratações, o governo deveria garantir a economia aquecida com a oferta de emprego — diz Cairolí.

### Custo da demissão impacta novas contratações

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) estima que o pagamento de aviso prévio terá custo adicional próximo a R\$ 1,9 bilhão ao ano, considerando dados de 2010.

Para o advogado trabalhista Eduardo Raupp, o aviso prévio não incomodava trabalhadores e empregados. O aumento do custo da demissão, diz Raupp, deve impactar nas novas contratações, com processos seletivos mais criteriosos e opção por contratos temporários e terceirizados.

A avaliação de sindicatos de trabalhadores é que a ampliação do pagamento do aviso prévio servirá para diminuir a rotatividade de empregados, comum em alguns segmentos, e desestimulará a demissão por parte das empresas.

## Tire suas dúvidas

### O que muda?

O aviso prévio mínimo permanece sendo de um mês. Para funcionários com mais de um ano de empresa, serão somados três dias de aviso prévio a cada ano trabalhado. O período máximo será de 90 dias.

### Quem será afetado?

Todos os trabalhadores sob regime da CLT que forem demitidos.

### E se a empresa demitir o funcionário e não quiser que ele cumpra o aviso prévio?

O trabalhador terá direito a ser indenizado, com salário correspondente aos dias que for dispensado de trabalhar. A conta será proporcional aos rendimentos de um mês, mais os dias extras proporcionais aos anos de empresa.

### Como fica se o trabalhador pedir demissão e não quiser cumprir o aviso prévio?

O empregado permanece com a obrigação de indenizar a empresa, mas com o máximo de 30 dias de trabalho. Isso ocorre



porque a regulamentação trata apenas de direitos, e não de deveres dos trabalhadores. Hoje, alguns acordos coletivos de trabalho preveem que a empresa dispense o trabalhador do pagamento, caso ele tenha uma nova proposta de trabalho em mãos.

### O trabalhador e o empregado podem desistir da demissão durante o aviso prévio?

Sim. Para a desistência, as duas partes devem concordar com a revogação do fim do contrato de trabalho.

### E se uma funcionária engravidar durante o aviso prévio?

Não há decisão unânime sobre o assunto. Um dos entendimentos é de que a empresa deve recontratar a funcionária, já que as grávidas são protegidas pela garantia de emprego. O segundo argumento aponta que a estabilidade profissional só se aplica a contratos de tempo indeterminado, e quando o aviso prévio é assinado, o contrato de trabalho passa a ter prazo de término, como temporários.

### E se o funcionário sofrer um acidente de trabalho enquanto cumpre o aviso prévio?

Nesse caso, enquanto o trabalhador estiver em licença médica, fica suspenso o prazo de aviso prévio. Após a recuperação, o tempo volta a correr com os dias que restavam para o fim do prazo.

### Para trabalhadores que estão cumprindo aviso prévio, a sanção da presidente vai mudar o prazo de término do contrato?

Isso vai depender da redação final da regulamentação. Com o texto que foi aprovado pelo Congresso, não é possível precisar a validade e exclusão de casos anteriores. Ainda assim, é provável que haja espaço para discussões de empregados demitidos anteriormente.

### Quando entra em vigor a nova medida?

A partir da publicação no Diário Oficial da União, prevista para amanhã.



A P-58 está atracada no Porto de Rio Grande, que antes abrigava só navios mercantes e pesqueiros

## SELO GAÚCHO

# Chegada do casco da P-58 movimentada indústria naval

Rio Grande/Casa Zero Hora

RAFAEL DIVERIO e ROBERTO WITTER

Atracado desde ontem no cais do Porto de Rio Grande, o casco da P-58 — segundo das plataformas de petróleo produzidas com selo gaúcho a chegar ao Rio Grande do Sul — é um marco físico do desenvolvimento da indústria naval do Estado.

Os investimentos em plataformas, estaleiros e cascos para exploração de petróleo passam dos R\$ 16 bilhões, que projetam mais de 100 mil empregos, diretos e indiretos.

Na área portuária que antes abrigava apenas navios mercantes e barcos pesqueiros, foi preciso ganhar espaços. O sucesso na construção da P-53 avalizou a montagem da P-63, P-55 e P-58 e mais oito cascos, todos para a Petrobras. Com três plataformas sen-

### As plataformas

- **P-53:** primeira plataforma de petróleo montada no Estado
- **P-58:** o casco atracou ontem
- **P-63:** terá módulos montados em solo gaúcho
- **P-55:** equipamentos da parte superior são montados em Rio Grande

do construídas, o único estaleiro de Rio Grande tornou-se insuficiente.

Responsável pela construção dos oito cascos, a Ecovix, braço de construções oceânicas da Engevix e proprietária do Estaleiro Rio Grande (ERG) está capitaneando a construção do segundo, o ERG 2, a ser instalado ao lado do primeiro. O Grupo Wilson, Sons, que já opera o Terminal de Contêineres, também investirá no setor. A empresa recebeu a liberação da Fepam para construir seu estaleiro.

**ANEXO 35**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 23 de setembro de 2011, sobre a pressão de setores do funcionalismo público ao Governo Tarso (RS) por reajustes salariais**

## Política

## Assessor diz que situações foram testes

■ Definir os avanços, retrocessos e percalços nas negociações com os servidores públicos como derrotas ou vitórias não fazem parte da avaliação política de Flávio Koutzii, assessor Superior do Governador. Ele, que prefere a utilização de outros termos, admite que as negociações estão exigindo habilidade do governo Tarso como em nenhum outro momento. "Isso nos testou politicamente. Sobre como enfrentar esses momentos. Mostramos preparo, serenidade e propostas", disse.

## Destaque para o reajuste do magistério

■ Um dos atos mais relevantes do governo Tarso, assegura Flávio Koutzii, foi a concessão, em março, de reajuste de 10,91% ao magistério, mesmo que o Cpers não se mostre satisfeito. "No terceiro mês de governo fizemos uma recuperação salarial expressiva", avaliou. Ele rebate as críticas do Cpers. "Nós demos a nossa resposta e a categoria maciçamente deve ter considerado um passo razoável. Caso contrário, teria se mobilizado junto com a direção do Cpers", disse.

# Piratini pressionado por reivindicações

Não há dia sem que servidores batam à porta de Tarso pedindo aumento

Lideranças do funcionalismo estadual criticaram ontem o Piratini, que está analisando, segundo eles, com lentidão as reivindicações salariais. Em pouco mais de seis meses de gestão, as expectativas por reajustes, dizem, esbarraram em alegadas dificuldades financeiras e se tornaram uma dificuldade na relação com Executivo estadual. No início de agosto, brigadianos começaram a queimar pneus em rodovias para protestar. Outras categorias, entre elas

a Polícia Civil, a Procergs, o Detran, a Fessergs e o Sintergs, também passaram a pressionar o Piratini em busca de reajuste salarial. O Cpers, por sua vez, mantém um crescente atrito com o governo Tarso Genro.

Lideranças do funcionalismo afirmam que esperavam mais do Piratini. "Evidentemente que a chegada do governo Tarso provocou expectativa muito grande. Isso ocorreu principalmente pelo discurso de campanha, que falava em qualificação e era contrá-

rio às práticas do governo anterior (Yeda Crusius)", afirmou o presidente da Federação Sindical dos Servidores do RS (Fessergs), Sérgio Arnoud. O próprio currículo de Tarso incentivou determinadas áreas do funcionalismo a ter esperanças. "Nós, da segurança, sabemos que o governador, ainda que ministro da Justiça, valorizou os policiais federais. Pesamos que isso ocorreria aqui também. Se criou muita expectativa", afirmou ontem Leonel Lucas, presidente da Abamf.



Margrid Sauer, Veríssimo de Jesus e Jefferson Jaques assinaram contrato

## Correio e Methodus renovam parceria

O vice-presidente do Grupo Record RS, Veríssimo de Jesus, e os diretores de Projetos e Comercial do Instituto Methodus, respectivamente Margrid Sauer e Jefferson Jaques, assinaram ontem o contrato que assegura a continuidade da já tradicional parceria para a realização de pesquisas de intenção de voto, desta vez com foco nas eleições municipais de 2012.

A primeira das pesquisas contratadas será publicada pelo Correio do Povo no mês de outubro, quando faltará um ano para o primeiro turno das eleições. Neste primeiro momento, as sonda-

gens serão focadas na avaliação do cenário eleitoral de Porto Alegre. As pesquisas serão intensificadas em 2012, com a publicação de monitoramentos periódicos a partir do mês de março.

Além dos levantamentos eleitorais, as pesquisas contemplarão os diversos temas e assuntos que envolvem a administração da cidade e do Estado e as opiniões da população sobre os governos. As pesquisas Correio do Povo/Instituto Methodus se notabilizaram pela precisão conseguida nos resultados, superior à obtida localmente por alguns institutos nacionais.

## Koutzii: 'Não prometemos mundos'

O assessor superior do governador, Flávio Koutzii, conselheiro do governador Tarso Genro, faz ponderações quanto aos motivos alegados para a criação de expectativa pelos servidores por melhorias significativas nas carreiras. "Não consta em nenhuma linha de intervenção nossa, seja na campanha ou depois da eleição, a promessa de mundos e fundos. Sempre dissemos que os avanços seriam

graduais", comentou.

Contudo, Koutzii reconheceu que o discurso de campanha motivou o crescimento das esperanças dos servidores estaduais. "É natural que as categorias se movimentem. Não porque prometemos o paraíso, mas porque prometemos nos preocupar seriamente com essas questões. Isso naturalmente produz um estímulo nas pessoas", afirmou Koutzii.

# FEIRAÃO

# GUAIABAÇAR

## Guaibacar

A gente faz muito **MAIS** por você.

**VOCÊ NÃO PODE ABRIR MÃO DE OFERTAS TÃO ESPECIAIS.**

<b>PORTO ALEGRE</b> Av. Sertório, 2499 51 3027.2000	<b>CACHOEIRINHA</b> Av. Flores da Cunha, 3086 51 3041.8100	<b>VIAMÃO</b> Av. Senador Salgado Filho, 1884 51 3492.6100	<b>OSÓRIO</b> RS-389, 1515 (Próx. ao Maquinae) 51 3663.4500
<p><b>GOL G4 2012</b> (5W1JL4) a partir de <b>R\$ 24.290,00</b></p> <p><b>Entrada + 60x de R\$ 599,00</b></p>		<p><b>NOVO GOL 1.0 2012 COMPLETO</b> (5U11C4) De R\$ 37.470,00 por <b>R\$ 34.390,00</b></p> <p><b>Desconto de R\$ 3.080,00</b> + taxa de 1,29% a.m.</p>	
		<p><b>NOVO VOYAGE 1.0 2012</b> (5U21C4) De R\$ 32.570,00 por <b>R\$ 30.490,00</b></p> <p><b>Desconto de R\$ 2.080,00</b> + taxa de 1,29% a.m.</p>	

Promoção válida até 24/09/2011, ou enquanto durarem os estoques nas concessionárias Guaibacar. Os valores anunciados são para veículos com pintura básica e custo de frete inclusos. Gol G4 2012 (5W1JL4) básico, à vista a partir de R\$ 24.290,00 ou entrada de R\$ 2.429,00 + 60 parcelas de R\$ 599,00. Taxa de 1,15% a.m. e 19,70% a.a. Novo Gol 1.0 2012 completo (5U11C4) à vista a partir de R\$ 37.470,00 por R\$ 34.390,00. Taxa de 1,29% a.m. Novo Voyage 1.0 2012 (5U21C4) básica à vista a partir de R\$ 32.570,00 por R\$ 30.490,00. Taxa de 1,29% a.m. Consulte outros planos, IOF, cadastro e despesas de gravame inclusos na operação e no CET. Despesas de registro eletrônica das operações não inclusas no cálculo da prestação e do CET. Para mais informações, fale com um consultor de vendas Guaibacar. Crédito sujeito a aprovação.

CINTO DE SEGURANÇA PODE SALVAR VIDAS.

**ANEXO 36**

**Matéria publicada por Zero Hora no dia 15 de outubro de 2011, sobre paciente que esperou oito dias por internação no Hospital Conceição, em Porto Alegre, e dados de programa de redução da superlotação no Grupo Hospitalar Conceição**

# CALVÁRIO NA SAÚDE

## Oito dias de uma espera torturante

Debitada, advogada aguarda por internação em cadeira, na reprise de um drama que atormenta quem precisa de um leito

HUMBERTO TREZZI

A advogada gaúcha Daniela Carvalho Nunes, 25 anos, amargou os últimos oito dias sentada numa cadeira no Hospital Conceição, em Porto Alegre.

Superlotado, o estabelecimento não tinha vaga para interná-la. Sem internação, ela não está autorizada a fazer exames que poderão lhe dar aquilo que mais quer na vida: o diagnóstico para a doença que a atormenta há três meses e que provoca uma diarreia contínua, torturante.

Daniela (ela pediu para não ser fotografada) só conseguiu vaga na tarde de ontem, mas seu drama não terminou. E fica como exemplo do ponto a que chegou a busca por vaga nos hospitais brasileiros. A primeira vez que a advogada buscou auxílio no Conceição foi em 4 de julho, após uma grave crise de diarreia com sangue. O noivo dela, Rafael da Luz Troleis, diz que ambos tomaram a decisão de seguir a cartilha recomendada e, assim que teve uma primeira melhora, Daniela procurou evitar a sobrecarga do hospital. Nas recaídas da disenteria, optou por buscar auxílio em postos de saúde. Foi mais de 10 vezes ao posto da Vila São Borja, mas continuou sem diagnóstico. Os servidores disseram que teria de esperar por agendamento com especialista, que demora muito.

No dia 6 passado, não aguentando mais de dor, Daniela voltou ao Conceição, onde foi atendida na Emergência. E ali ficou por oito dias e noites, sentada numa cadeira reclinável.

— Ela ia de meia em meia hora no banheiro, que é o único para mais de cem mulheres, tem um só vaso — diz Troleis.

### Uma longa busca para saber quando seria internação

No desespero para ver a noiva atendida, Troleis conversou com uma médica plantonista, buscando previsão para a internação. Foi aconselhado a procurar a Central de Leitos do hospital. Chegando lá, foi atendido cordialmente por um estagiário, que sugeriu a ele procurar o setor de informações da emergência, para ver a posição de Daniela na fila. Ali foi recebido por outra estagiária, que o repassou para um funcionário veterano, que tentou buscar a informação com a enfermeira responsável pela área verde (a mesma onde estava Daniela), que disse que a decisão cabia apenas ao médico.

— Acabei chegando ao mesmo lugar do início — desabafa o noivo.

Troleis ressalta que foi “bem atendido”, mas acha que isso não redime o sistema da lacuna que significa procurar atendimento e não conseguir.



Pacientes, alguns até com soro, aguardam por internação sentados na emergência do Conceição, que ontem novamente estava lotada



Troleis diz que noiva procura um diagnóstico há mais de três meses

## Risco define prioridade

O Hospital Conceição procurou identificar as causas na demora da internação de Daniela. A primeira e mais óbvia é que o estabelecimento, o maior do Estado, está sempre superlotado — e tem tradição de não mandar ninguém embora sem atendimento. O segundo ponto é que Daniela é jovem e não corria risco de vida.

— As pessoas não são atendidas por ordem de chegada, mas pelo tamanho do risco que correm. Primeiro, os casos mais graves. Depois, os idosos, que

precisam de mais cuidados. Fazemos uma nova triagem do risco do paciente a cada 12 horas. Pelo que fui informado, a Daniela esteve sempre sob atenção, embora sem leito. Mesmo assim, casos de espera durante dias não devem acontecer, são exceção — diz o gerente da Unidade de Internações do Conceição, Paulo Bobek, que conseguiu ontem vaga para a advogada.

A desconfiança dos médicos, ontem, era de que Daniela possa ter uma inflamação crônica.

## Mudanças conseguem atenuar superlotação

Para um lugar que enfrenta quadro histórico de superlotação, até que a situação do Hospital Conceição melhorou bastante. Um ambicioso plano de gestão denominado 100 dias + 1 no Lugar Certo resultou, nos últimos dois meses, em substancial redução do número de pacientes à espera por leito. O balanço foi anunciado ontem pela direção do grupo hospitalar.

Alguns procedimentos adotados reduziram a espera por vagas de emergência:

— Reclassificação do risco: com verificação do risco do paciente a cada 12 horas, doentes menos graves foram liberados para atendimento em outras áreas.

— Mais especialistas: um neurologista e um cirurgião vascular percorrem a Emergência, verificando casos que possam resultar em risco de vida (AVC) ou amputação (no caso de diabetes). Isso reduziu a mortalidade em 36%.

— Exames mais perto: a coleta de exames diversos agora é feita na própria Emergência e não em setores longínquos.

— Menos tempo para limpeza: a

higienização do leitos era feita em uma hora e 44 minutos. Agora é feita em 49 minutos. Isso libera o leito mais rápido e cria mais vagas.

Diferentemente do que muitos imaginam, a superlotação do Conceição não é sazonal. Longe vai o tempo em que o estabelecimento só lotava com doenças respiratórias de inverno. Agora a procura é permanente, por ser o maior hospital gaúcho, atendendo 100% pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

— Até por isso, só conseguimos mais leitos melhorando os processos de gestão.

Os médicos estão otimistas. Até 26 de agosto, a média diária de pacientes aguardando leito para internação era de 154. Agora é de 128. Mesmo assim, a situação está longe de ser confortável. Só existem 50 leitos na Emergência, o que significa que, no mínimo, ainda existe uma fila duas vezes maior do que o número de vagas, à espera de leito. A meta é chegar à capacidade em cem dias. Para isso, seria necessário remover um paciente por dia para os lugares de internação convencional, até zerar o déficit de leitos.

**ANEXO 37**

**Matéria publicada pelo Correio do Povo no dia 26 de setembro de 2011, sobre a aprovação do projeto de lei que estende o aviso prévio em caso de demissão sem justa causa ao período de até 90 dias, que aguardava sanção pela presidente Dilma Rousseff**

Indicadores

Poupança 26/9	0,6329%	INCC-M agosto/2011	0,16%
27/9	0,6160%	UPF-RS 2011	R\$ 12.191,3
28/9	0,6056%	Salário mínimo regional	
IFCA (IBGE) agosto/2011	-0,37%	Menor	R\$ 6.100,00
IFCA (sem 12 meses)	-7,23%	Maior	R\$ 6.634,40
INPC (IBGE) agosto/2011	-0,42%	Correção do IRPF (Setembro)	4,99%
INPC (em 12 meses)	-7,40%	ICP-DI agosto/2011	0,61%
ICP-M (FCV) agosto/2011	-0,44%	TBF 22/9 a 22/10	0,8954%
ICP-M (12 meses)	-8%	TR 22/9 a 22/10	0,1066%
IPC (Fipe) agosto/2011	-0,39%	T.J.P setembro/2011	0,6%
IPC (Ipepe) agosto/2011	-0,14%		

Taxa Selic	12,0%/ano
Bovespa (fechamento)	-0,09% (53.230)
Curvo (BMF)	-7,55% (R\$ 96.000)
Nova Iorque	
Dow Jones	+0,35% (10.771)
Nasdaq	+1,12% (2.265,5)
Dólar turismo (compra)	R\$ 1.807,0
(venda)	R\$ 2.433,0
Dólar comercial *	
(compra)	R\$ 1.840,0
(venda)	R\$ 1.842,0

Dólar comercial**	
(compra)	R\$ 1.872,7
(venda)	R\$ 1.873,5
Dólar paralelo (compra)	R\$ 1,89
(venda)	R\$ 2,04
Euro (compra)	R\$ 2,4330
(venda)	R\$ 2,6900

\*Taxa média no fechamento (mezzado)  
\*\*Taxa média das cotações (PIX-BC)

Zurique ganha distinção

O aeroporto de Zurique, na Suíça, foi eleito o melhor do mundo pelos especialistas do World Travel Award. Segundo os técnicos da publicação, o aeroporto tem alto padrão de qualidade e facilidade na utilização dos serviços. O terminal é considerado porta de entrada da Europa.

Economia

# Dívida preocupa bancos

**S**ão Paulo – Os bancos estão preocupados com a sua conta do cartão de crédito. Nas principais instituições do país, os olhos estão voltados para a nova regra que aumentará o pagamento mínimo de 15% para 20% da fatura a partir de dezembro. A novidade vai apertar o orçamento dos que empurram a maior parte da dívida para o mês seguinte. O temor é com janeiro de 2012, quando o cartão trará as compras do fim do ano.

“Será um momento delicado porque o cliente terá de pagar mais numa fatura grande pelas compras de dezembro. Além disso, o orçamento já é normalmente apertado com os gastos do início do ano. Alguns terão proble-



A partir de dezembro, percentual do pagamento mínimo passará para 20%

ma”, diz um diretor de um grande banco de varejo. Em maio, quando entrou em vigor o primei-

ro aumento do pagamento mínimo – de 10% para 15% –, o comprometimento da renda familiar

com dívidas aumentou rapidamente de 19,9% em maio para 21% em junho, o maior nível da história, conforme a nova metodologia de cálculo adotada pelo Banco Central. Antes disso, o indicador permaneceu na casa dos 19% por mais de dois anos.

Muitos bancos já se preparam para oferecer “boias de resgate” para esses clientes. Após observar a migração dos 10% para os 15% no meio do ano, o mercado percebeu que a maioria dos clientes usou o especial para pagar a conta do cartão. A partir de dezembro, deve ocorrer o mesmo. Algumas instituições, no entanto, estão se preparando para oferecer boias mais baratas que o cheque, como crédito pessoal.

## Supermercados promovem feira

A 11ª Expo Supermercados de Passo Fundo será aberta amanhã. Segundo o Centro de Treinamento e Desenvolvimento Empresarial (CTDE), o evento será realizado em um supermercado modelo implantado no Igaí Eventos (avenida Presidente Vargas, 1121) até quarta-feira. A entrada é gratuita e dá direito a palestras, cursos práticos e visitação aos estandes das 50 empresas que exporão seus produtos e equipamentos.

A previsão é que mais de 40% de supermercadistas da região visitem o espaço. Inscrições e reservas podem ser feitas no fone (51) 3333-3272 ou e-mail etde@ctde.com.br.

## Aumenta uso do cheque especial

**B**rasília – Os brasileiros estão ficando mais pendurados no cheque especial. Nos últimos meses, enquanto a crise econômica dava sinais cada vez piores, aumentou o número de clientes que permanecem com a conta corrente no vermelho. Em julho, 4,9% dos

clientes estavam usando o limite da conta entre 15 e 90 dias. Esse grupo de brasileiros tinha, somado, R\$ 984,8 milhões negativos em conta. Em maio, 3,5% das contas estavam no vermelho entre duas semanas e três meses.

Mas os ares mudaram completamente em junho, quando o percentual das contas penduradas por esse período aumentou para 4,4%. A reviravolta coincide com a entrada em vigor da primeira fase do esforço do governo em elevar o pagamento mínimo no cartão de crédito. Desde 1º de junho, toda conta de cartão

que chega à casa do cliente deve, obrigatoriamente, ser paga em, pelo menos, 15%. Até 31 de maio, o pagamento mínimo era de 10%. Em julho, a trajetória continuou e o índice se aproximou de 5%. Com essa guinada, o universo das contas correntes que permanecem entre duas semanas e 90 dias com saldo negativo aumentou R\$ 271,2 milhões.

“Os números mostram que o Banco Central conseguiu fazer com que fosse revertido um movimento perigoso. Finalmente, o brasileiro começou a trocar a dívida do cartão pelo cheque especial”, diz o professor de finanças do Insper, Ricardo José de Almeida. A troca significa economia: enquanto o juro do cartão de crédito chega a 240% ao ano, o cheque está em 188%. Rocha reconhece que nenhuma das duas linhas é barata. “Mas, pelo menos, há migração para uma opção menos cara”, disse.



RICARDO GIUSTI / CP MEMÓRIA

Brasileiro está trocando a dívida do cartão pelo cheque

## Aviso prévio desagrada Fiergs e CUT

No aguardo da sanção presidencial, o projeto que aumenta de 30 para até 90 dias o aviso prévio do empregador ao empregado demitido não agradou, por motivos diferentes, patrões e empregados. “É matéria inoportuna. Vai encarecer a produção nacional e apenas beneficiará países sem leis trabalhistas que hoje invadem com produtos o mercado brasileiro”, criticou o presidente da Fiergs, Heitor José Müller. “Não houve retroatividade. O empregado precisará trabalhar, a partir de agora, 20 anos consecutivos para receber, após esse prazo, remuneração de demissão de apenas 90 dias”, lamentou o presidente da CUT/RS, Celso Woyciechowski.



DUJDU LEAL / ESPECIAL / CP MEMÓRIA

Heitor Müller: ‘Matéria inoportuna’

lei deve ser sancionada pela presidente Dilma. Sua proposta foi regulamentar o inciso 21 do artigo 7º da Constituição. O texto

diz que o aviso prévio deve ser de, no mínimo, 30 dias e proporcional ao tempo de serviço. “Acima dos 30 dias, não estava nada regulamentado”, diz Stürmer. Neste sentido, houve um avanço, diz ele. Heitor Müller assinala que já existe indenização proporcional por tempo de serviço, via FGTS. Segundo ele, o projeto tira a competitividade do produto brasileiro, além do que, deverá estimular a informalidade.

Conforme Woyciechowski, o projeto prevê três dias a mais de aviso prévio por ano trabalhado, sobre os 30 dias. “Deveriam ser no mínimo dez dias por ano. Além disso, a despedida inmotivada, autorizada quando o governo FHC retirou o Brasil de signatário da convenção 158, da OIT, que a proíbe, não foi tratada”, lembra.

Edição N° 007

# Trilegal TCHÊ!

Resultado do dia 25/09 para o Interior/RS, exceto para Região Metropolitana e Litoral.

## 3° SORTEIO 1 CASA

46 34 22 43 57 56 20 07 09 41  
18 54 16 68 06 40 38 93 05 29  
52 36 24 39 12 15 30 08 03 93  
53 49 37 10 27 17 59 53 48

SIVILNE CARLOS B. FERREIRA  
Título: 0065215  
Cidade: CACHOEIRA DO SUL  
Vendedor: EVELISE MORALES

Do Valor Líquido de R\$ 40.000,00

## NOVO UNO 2° SORTEIO

VANDERLEI CARDOZO DA ROCHA  
Título: 0073149  
Cidade: SANTA CRUZ DO SUL  
Vendedor: VALMOR

MEURER E SOARES  
Título: 0076418  
Cidade: SANTA CRUZ DO SUL  
Vendedor: POSTO SGM SUCESSO

Uma Novos Uno 1.2 Eco Flex Plus 0km ou Valor Líquido de R\$ 30.000,00

45 19 09 49 34 06 26 39 02 05 18  
28 23 24 54 58 41 29 32 15 50 56  
59 03 23 45 01 13 10 47 37 53 09  
40 53 31 12 21 30 16 51

## 1° SORTEIO 10 MIL REAIS

23 09 56 23 10 03 27 39 35 17  
38 34 24 11 29 60 07 06 55 28  
53 32 40 04 31 51 15 45 43 92  
21 20 13 54 25 52 48 19 41 37

JORGE LEANDRO MARQUARDT  
Título: 0073761  
Cidade: SANTA CRUZ DO SUL  
Vendedor: BAR DO ROQUE

Valor Líquido de R\$ 10.000,00

## RODADA ESPECIAL 10 SORTEIOS DE R\$ 1.000,00

Prêmio em valor de R\$ 1.000,00 (quatro de dez mil reais).

1º prêmio - Título n° 30434  
CELIA PORTO DUTRA  
Cidade: PELOTAS  
Vend: ODILON DOMINGUES

2º prêmio - Título n° 81915  
SERGIO MILTON MUNIZ LEAL  
Cidade: PELOTAS  
Vend: BAR COSTA

3º prêmio - Título n° 55897  
VANDERSON SOUZA MACHADO  
Cidade: CAXIAS DO SUL  
Vend: BANCA AMERICA

4º prêmio - Título n° 124203  
ROSANE MACHADO  
Cidade: SANTA CRUZ DO SUL  
Vend: PADARIA STA DEUCIA

5º prêmio - Título n° 66785  
RUDIMAR DOS SANTOS LINHARES  
Cidade: RIO PARDO  
Vend: DOUCIMARA

6º prêmio - Título n° 22385  
FABIANA CABRAL  
Cidade: PANAMBI  
Vend: VALDIR

7º prêmio - Título n° 121324  
JOÃO MIGUEL ARAUJO  
Cidade: SANTA CRUZ DO SUL  
Vend: EXTREMME BAR

8º prêmio - Título n° 79796  
LEONIDINA M. RODRIGUES  
Cidade: TELITONIA  
Vend: COML TENN PASS

9º prêmio - Título n° 3701  
IVONE AICE PONCIO  
Cidade: SANTA MARIA  
Vend: ELIANE DOS SANTOS

10º prêmio - Título n° 48852  
EDSON LUIS DOS SANTOS  
Cidade: CAXIAS DO SUL  
Vend: VENCESLAU - FOZZOBON

O PRÓXIMO NOME VENCEDOR PODE SER O SEU! COMPRE LOGO SEU TÍTULO

ECO APLUS CAPITALIZAÇÃO